

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: CULTURA, CIDADANIA E TECNOLOGIAS DA
COMUNICAÇÃO
NÍVEL: MESTRADO

TIAGO SEGABINAZZI

FACADA NEWS:

**percorrendo a pós-verdade, a desordem informativa e as notícias falsas no Twitter sobre
a facada em Bolsonaro**

São Leopoldo

2020/1

TIAGO SEGABINAZZI

FACADA NEWS:

percorrendo a pós-verdade, a desordem informativa e as notícias falsas no Twitter sobre a facada em Bolsonaro

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof. Dra. Adriana da Rosa Amaral.

São Leopoldo

2020/1

S454f Segabinazzi, Tiago.

Facada news : percorrendo a pós-verdade, a desordem informativa e as notícias falsas no twitter sobre a facada em Bolsonaro / Tiago Segabinazzi. – 2020.

191 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2020.

“Orientadora: Prof. Dra. Adriana da Rosa Amaral”.

1. Fake news. 2. Veracidade e falsidade. 3. Bolsonaro, Jair, 1955-. 4. Twitter (Rede social on-line). I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

TIAGO SEGABINAZZI

FACADA NEWS:
percorrendo a pós-verdade, a desordem informativa e as notícias falsas no Twitter sobre a
facada em Bolsonaro

Dissertação ou Tese apresentada como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Comunicação, pelo
Programa de Pós-Graduação em Ciências da
Comunicação da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em () () ()

BANCA EXAMINADORA

Dra. Adriana da Rosa Amaral – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
(orientadora)

Dr. Ronaldo César Henn – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Dr. Felipe Moura de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Se as palavras nunca serão as coisas às quais se referem, nada que eu escrever aqui poderá substituir os momentos em que não pude estar junto das pessoas que me são importantes: especialmente meu pai, Dilvo, a quem me refiro, a quem dedico este *trabalho* – a palavra que tanto representou sua vida.

RESUMO

Em setembro de 2018, Adélio Bispo de Oliveira deu uma facada no então candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro e logo depois confessou o que fez. As narrativas de que o crime não foi um ato isolado surgiram prontamente e em diversas mídias, seja pelas tradicionais notícias falsas, seja por memes, comentários, *hashtags* ou mensagens sugestivas, como encontro nos *tweets*. Percorri, a partir dos termos “facada bolsonaro”, em dias específicos, as menções que, se não traziam explicitamente *fake news*, ajudavam a promover ou reforçar a desordem informativa. Foi possível perceber não apenas que as narrativas falsas sobre a facada continuam, mesmo com as informações oficiais e com o arquivamento do processo, como principalmente de que forma é que elas são reforçadas. Com esta experimentação errante, tive contato com um ambiente de pós-verdade e pude trabalhar com conceitos que são utilizados nas pesquisas sobre notícias falsas, como câmaras de eco, discursos de ódio, filtro-bolha e polarização – além de propor possibilidades teórico-metodológicas que buscam superar a ideia de divisão. Como intercessores teóricos, uso principalmente Walter Benjamin, Vilém Flusser, e Gilles Deleuze & Félix Guattari. O trabalho, nesta experimentação, foi estruturado como uma constelação que se propõe um mapa, uma forma de entendimento sobre o fenômeno pesquisado – notícias falsas e pós-verdade: estes termos foram tratados e tensionados a partir do que pedia o objeto de estudo; tal abordagem permitiu, ainda, questionamentos epistemológicos e propostas sobre método de pesquisa em comunicação, marcados pela observação distante.

Palavras-chave: Fake news. Pós-verdade. Facada. Bolsonaro. Twitter.

ABSTRACT

In September 2018, Adélio Bispo de Oliveira stabbed, at the time, candidate for President of the Republic Jair Bolsonaro and soon after confessed what he did. The narratives that the crime was not an isolated act emerged promptly and in several media, whether through traditional fake news, memes, comments, hashtags or suggestive messages, such as I found in tweets. I went through the terms “facada bolsonaro”, in specific days, to mention that, if they did not explicitly bring fake news, they helped to promote or reinforce the information disorder. It was possible to perceive not only that the fake narratives about the stab continue, even with the official information and with the filing of the process, but mainly in how they are reinforced. With this wandering experimentation, I had contact with a post-truth environment and was able to work with concepts that are used in research on fake news, such as echo-chambers, hate speech, filter-bubble and polarization – in addition to proposing theoretical and methodological possibilities that seek to overcome the idea of division. As theoretical intercessors, I mainly use Walter Benjamin, Vilém Flusser, and Gilles Deleuze & Félix Guattari. The work, in this experimentation, was structured as a constellation that proposes a map, a way of understanding about the researched phenomenon – fake news and post-truth: these terms were treated and tensioned from what the object of study asked for; such an approach also allowed epistemological questions and proposals on research methods in communication, marked by distant observation.

Key-words: Fake news. Post-truth. Stab. Bolsonaro. Twitter.

SUMÁRIO

1	Introdução	9
2	CARTOGRAFIA, COLETA, COLEÇÃO, CONSTELAÇÃO	16
	[...] produção de dados	23
	[...] um axolote dentro do aquário	26
	[...] <i>scanning</i>	28
	[...] imagens metafóricas	35
3	CAPÍTULO 8, VERSÍCULO 32: O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO	39
	[...] isso aí é <i>fake news</i>	57
	[...] apenas um velho boato?	60
	[...] /SE: gosta_de_caetano = esquerda	74
	[...] algumas considerações	87
4	VARREDURA, EXPERIMENTAÇÃO, ERRÂNCIA	98
06 de setembro de 2018		99
	[...] estocada: primeira entrada no rizoma	100
	[...] relação mapa-território	106
	[...] é só uma brincadeira, pô	110
	[...] absurdo	121
	[...] a mídia	126
	[...] identidade e polarização	133
28 de setembro de 2018: Polícia Federal conclui que Adélio agiu sozinho		146
02 de outubro de 2018: Adélio é denunciado por ataque		153
14 de junho de 2019: Adélio é absolvido pela facada e internado		160
16 de julho de 2019: Bolsonaro não recorre da decisão de absolvição de Adélio		162
08 e 09 de dezembro de 2019: nada de novo no <i>front</i>		168
5	CONSTELAÇÕES FINAIS	175
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	179

1 Introdução

Pós-verdade e *fake news*: o primeiro termo foi eleito a palavra do ano em 2016 pelo dicionário *Oxford*; o segundo recebeu o mesmo prêmio pelo dicionário *Collins* em 2017. Dois eventos, respectivamente, contribuíram consideravelmente com isso: as campanhas marcadas pelo espalhamento de notícias falsas para o plebiscito referente à saída do Reino Unido da União Europeia – o *Brexit* –, e as declarações, com seus fatos alternativos¹, e acusações do presidente norte-americano Donald Trump contra a imprensa – “*you are fake news*”.

A crescente utilização dos neologismos não justificaria sua popularização até nós se a problemática em que se inserem não fosse, também, algo que tem se espalhado tematicamente – como a descrença sobre governos, sobre a ciência² – e geograficamente – chegando ao universo político brasileiro: como pensar a campanha eleitoral à presidência em 2018 descolada dos *tweets* com acusações falsas, dos memes com sugestões questionáveis no *Facebook* e das mensagens duvidosas no *WhatsApp*?

Desde a campanha para as eleições de 2014 havia a percepção de uma dita polarização político-partidária – PT X anti-PT – ou ideológica – esquerda X direita – no Brasil. Um aparente binarismo que formaria “bolhas” discursivas – com concordância entre os participantes – e embates acalorados – com discussões entre amigos, familiares e contatos que não comungam da mesma verdade³. O resultado da eleição daquele ano, ainda, sugeria que o país estava dividido ao meio: Dilma Rousseff foi eleita com 51,64% dos votos contra 48,36% de Aécio Neves. A vitória no pleito, apertada, não encerrou o processo de contestação.

¹ Após a posse de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, seu secretário de imprensa, Sean Spicer, afirmou que a ocasião havia tido a maior audiência da história – declaração que foi questionada pela mídia norte-americana, com a divulgação de fotos que mostravam um público maior no primeiro mandato de Barack Obama, em 2009. Spicer disse que havia maior número de passageiros no metrô em 2017 do que na posse de Obama – o que não foi confirmado pelos dados das autoridades de trânsito. A estranha conta foi resolvida pela assessora do governo republicano Kellyanne Conway com a alegação de estar trazendo “fatos alternativos” àqueles que a “mídia desonesta” divulga contra o presidente para deslegitimá-lo. Durante a campanha para a Casa Branca, Trump também dizia que Barack Obama era muçulmano e fundador do Estado Islâmico.

² O aquecimento global é questionado como uma farsa de alguns governos e da ciência; crescem movimentos de resistência às vacinas. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/movimento-antivacina-incluido-na-lista-de-dez-maiores-ameacas-saude-em-2019-23413227>>. Acesso em 26 jun. 2019.

³ Segundo o Datafolha, para evitar brigas com a família ou com amigos, mais da metade dos brasileiros desistiu de publicar algo ou comentar em redes sociais em 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/12/para-evitar-brigas-51-desistiram-de-comentario-de-politica-no-whatsapp-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em 7 jan. 2020.

Desde 2010 o mundo ensaiava formas de mobilização política com base nas mídias sociais, que tiveram força considerável – a ponto de derrubar governantes e ditadores, como na Primavera Árabe. No Brasil, as mobilizações culminaram nas marchas de junho de 2013, quando emergiu também a potência de formas alternativas de comunicação, mais independentes da tradicional imprensa. Após este evento, seguiram reivindicações, danças coletivas e protestos organizados que antecederam e perpassaram as eleições de 2014. As ruas e as redes se faziam ouvir e passaram a pautar a discussão política.

A pouca diferença de votos e a crise econômica por que passava o Brasil manteve o ambiente de confronto e de descrédito sobre a presidente eleita. Em 2016, o impedimento de Dilma Roussef foi fruto dos protestos feitos nas ruas e organizados nas redes. Para o governo de transição assumiu seu vice, Michel Temer, já sob vaias – pois anunciava rompimento com o PT e com o projeto de governo que o elegeu – e até pedidos de renúncia – após ser acusado de “comprar o silêncio” de Eduardo Cunha⁴, um dos maiores responsáveis pela articulação para derrubar Dilma.

Nesse cenário de tensão se desenhou e se ampliou um confronto informacional que extrapolou o mero desentendimento entre as pessoas a partir de uma discordância interpretativa da realidade – visões de mundo antagônicas – para chegar ao ponto de invalidação da opinião do outro e da criação de “artifícios de argumentação”: boatos, rumores, mentiras. O processo pode até não ser novo, mas a circulação e a capacidade de registro das redes sociais deixam evidente e permitem captar e problematizar este fenômeno comunicacional acionado ao contexto político.

As informações falsas, ou duvidosas, nesta conjuntura, vêm acompanhadas de contornos que complexificam a simples conceituação verdade-ou-mentira: discursos podem ser acreditados ou desacreditados conforme as preferências pessoais ou conforme o pertencimento a determinado grupo. O compartilhamento de informações em rede permite que haja agrupamento de pontos de vista em comum e que circulem por ali “verdades” alinhadas ao seu sistema de valores – e, assim, conteúdos podem alcançar a condição de críveis não por sua suposta verdade, mas pela crença neles depositada.

⁴ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39956084>>. Acesso em 28 jun. 2019.

Nesta problemática está intimamente imbricado o campo que lida com “fatos”, aquilo que não seria passível de interpretação: o jornalismo. Se já houve confiança social suficiente nos meios de comunicação para lhes delegar a tarefa de nos apresentar a realidade, percebemos que a imprensa sofre críticas por publicar informações que talvez não *satisfaçam* seu público. Mesmo que busque um ponto de vista “imparcial”, “distante” e “objetivo”, ao trazer notícias desagradáveis “a mídia” vira também inimiga de quem tem uma grande convicção, uma verdade a defender. Já se as notícias corresponderem às expectativas, seu portador passa para o campo aliado: posições dinâmicas e contraditórias que revelam a forma binária de tratar a questão.

A confiança, tão cara à imprensa, vai sendo testada conforme aquilo que publica – mas mais do que isso, conforme a aceitação do público a este conteúdo. É colocada em xeque a confiança nesta instituição que se propõe a trazer os fatos desinteressadamente, a imprensa, quando há “verdades” a defender e certezas a lhes suportar. Num contexto político-partidário, tudo isso é amplificado pelo confronto: pela tentativa de confirmação daquilo que se acredita e de invalidação do argumento contrário.

Os sintomas desta tensão política brasileira dos últimos anos puderam ser sentidos nas redes sociais, mas não estiveram ali restritos: ao ponto de se temer pela alteridade e pela democracia – sentimento expressado, por exemplo, durante a campanha eleitoral, quando o então candidato Jair Bolsonaro, no Acre, afirmou querer “fuzilar a petralhada”⁵ e “botar esses picaretas pra correr”, e que, três dias depois, em Minas Gerais, levaria uma facada em seu abdômen enquanto era carregado por seus apoiadores durante um desfile – um mês antes do primeiro turno da eleição presidencial brasileira de 2018.

Este episódio foi escolhido para pesquisa: nesta dissertação busco compreender como as notícias falsas sobre – e ao redor de – a facada em Bolsonaro persistem e ganham força no Twitter. Este recorte, ou rasgo, foi escolhido por supor reunir alta propagação de notícias falsas e pela tensão psicológico-emocional imbricada: o que já indica a forma de se considerar a comunicação como um fenômeno de racionalidade limitada – e isso pode trazer contornos que devem ser explorados.

⁵ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>>. Acesso em 28 jun. 2019.

Pode parecer ultrapassado invocar ou mesmo problematizar “verdade” atualmente, mas este é, talvez, o horizonte incontornável para uma área do conhecimento que tem como meta trazer os “fatos” e como fundamento a objetividade e a imparcialidade na apuração da realidade: o jornalismo – que, enquanto profissão, se encontra relativizado, desacreditado e até atacado como mentiroso. Seria mais fácil se se pudesse agarrar na ciência e em seu método, mas esta época não parece depositar muito mais confiança e autoridade no relato de um cientista do que nas notícias de um jornalista.

Por ter iniciado num momento em que interpretações absurdas e decorrentes propostas condenáveis⁶ eram acreditados como fatos, é importante dizer que o projeto se desenhou numa amálgama de perplexidade e melancolia, ceticismo e curiosidade. A sensação de pós-verdade causou um acento demasiadamente teórico, perceptível na questão “como a mentira se passa por verdade?”. Sendo a verdade fugidia, a mentira poderia, havendo crença e compartilhamento suficientes, se tornar verdade. Qualquer que fosse?

Durante as eleições de 2018 se compartilhou que as urnas eletrônicas foram programadas para o PT vencer a eleição, pois seu código de acesso havia sido entregue a venezuelanos⁷; que, se Bolsonaro fosse eleito, seu vice Hamilton Mourão confiscaria a poupança⁸; que foi distribuída uma mamadeira erótica nas creches pelo candidato, derrotado no segundo turno, Fernando Haddad⁹.

Parece fácil considerar tudo isto como *fake news*, como *mentiras* – porque não são enunciados *factuais*. Mas o contexto sugere que o momento político-psicológico-epistemológico “pós-verdade” borra esta diferenciação, ou ao menos complexifica a questão e qualquer resposta. Este acento teórico é importante para perceber como a questão da verdade

⁶ Por exemplo, os protestos contra a filósofa Judith Butler, em sua passagem pelo Brasil, em que os manifestantes acusavam-na de “ideologia de gênero” e queriam *queimar a bruxa*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1933437-manifestantes-pro-e-contra-judith-butler-protestam-no-sesc-pompeia.shtml>>. Acesso em 18 jun. 2019.

⁷ Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/hotsites/esclarecimentos-informacoes-falsas-eleicoes-2018/codigos-de-urnas-eletronicas-brasileiras-foram-entregues-a-venezuelanos.html>>. Acesso em 26 jun. 2019.

⁸ Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/general-mourao-nao-propos-confiscar-poupanca/>>. Acesso em 26 jun. 2019.

⁹ Disponível em: <<http://www.e-farsas.com/e-verdade-que-o-pt-de-haddad-distribui-mamadeira-erotica-nas-escolas.html>>. Acesso em 26 jun. 2019.

não é tão simples de ser colocada, como incomoda, como é fugidio invocá-la, mas também de que terrenos devemos escapar para tentar formar a pergunta.

Disso, algumas questões surgem, como a metafísica: “é possível que interpretações como estas – questionáveis, duvidosas, inverificáveis e até mesmo falsas – se sobreponham à verdade?”. Esta pergunta é duplamente metafísica: 1) porque lança um problema pouco verificável e que se propõe como universal, eterno e 2) porque invoca a dita “verdade”. Assim, de forma genérica seria possível de se perguntar: como a pós-verdade se estabelece, como ocorre uma desordem informativa? Esta pergunta vai se diluindo para tentar perceber como é que esta pós-verdade se estabelece na superfície do Twitter, a partir de uma pesquisa pelos termos “facada” e “Bolsonaro” no Twitter, em dias específicos. Que estratégias são usadas para que isso aconteça – ao supor que há *intencionalidade* na divulgação de *fake news*? Como o conteúdo falso acaba, na circulação, se passando por verdadeiro – supondo que também isso possa ocorrer ao *acaso*?

Busco compreender o fenômeno das notícias falsas e seu modo de funcionamento ao tentar entender que lógicas são acionadas para que circulem e persistam conteúdos inverídicos – ou que podem ser considerados inverificáveis, absurdos ou ilógicos. Atualmente, pensar em notícias falsas é estar atento ao uso deste artifício como arma político-partidária – e isso por si só dá seus contornos singulares; interessa, porém, lançar a reflexão sobre o comunicacional para além desta forma circunstancial, de modo a não deixar a reflexão sucumbir a outro processo social.

É tentador trazer resoluções para o problema das *fake news* e da desordem informativa a partir de termos da psicologia e da sociologia. *A vontade de que algo seja como se acredita que é faz com que se acredite em algo* – verdadeiro ou não: esta é uma abordagem psicológica que é a conclusão para a pergunta: “por que acreditamos nisso?”. A explicação já se estabelece ao se ligar *fake news* com o conceito de pós-verdade do dicionário Oxford: interpretações emocionais e subjetivas têm mais relevância do que os fatos. A resposta estaria pronta.

A justificativa de ação política é outra grande resolução, trazida desta vez em termos sociológicos, para a problemática – e não exatamente se descola da primeira. *O conteúdo falso é inventado e disseminado como tática de uma guerra político-partidária ou até mesmo moral-cultural*. É a resposta para a pergunta: “por que estas mentiras são criadas?”. São conclusões pertinentes para perguntas necessárias.

As duas abordagens, a psicológica e a sociológica, têm importância e devem ser levadas em conta – e até acabarão se cruzando com as perguntas deste projeto. Entretanto, o saber comunicacional pouco pode contribuir nestas trincheiras epistemológicas. Assim, é interessante levar para outro campo com a seguinte pergunta – ainda ampla, mas delineante: *como as fakes* podem ser impulsionadas e acreditadas e que condições contribuem com isso? Desta forma é possível escapar das perguntas que buscam explicar a origem e os fins deste fenômeno.

Na perspectiva cartográfica, que será logo mais explicada, é possível de se trabalhar sem um problema de pesquisa *exatamente* definido: ao desfazer as fronteiras que delimitam objetos e essências, o que resta é fluxo para acompanhar; o que espero com isso é não submeter a observação dos fenômenos e a produção de conhecimento ao reconhecimento do que uma meta, um problema clássico, já pode pressupor em sua formulação – e que poderia ofuscar o porvir; o convite do cartógrafo é para acompanhar a problematização tal como ela surge. Vamos ao Twitter.

O objetivo geral deste trabalho é trabalhar a temática da pós-verdade e da desordem informativa a partir da persistência das narrativas falsas no Twitter sobre a facada em Jair Bolsonaro em 2018, a partir de uma pesquisa *superficial* com os termos “facada” e “Bolsonaro” em momentos específicos escolhidos. Busco 1) identificar, de um modo amplo, a emergência do fenômeno comunicacional *fake news* enquanto processo social em sua relação com a pós-verdade e com a desordem informativa; 2) explorar de que forma a narrativa sobre Adélio não ter agido sozinho persiste e se desdobra; 3) examinar o relampejo de imagens aparentemente díspares sobre a facada em Bolsonaro.

Os dias escolhidos para pesquisa foram motivados pelos desdobramentos do inquérito sobre a facada e sobre o autor do crime: 06 de setembro de 2018, dia da facada; 28 de setembro de 2018, a Polícia Federal conclui que Adélio agiu sozinho; 02 de outubro de 2018, quando ele foi denunciado formalmente pelo ataque; 14 de junho de 2019, quando Adélio foi absolvido pela facada; 16 de julho de 2019, quando a defesa de Jair Bolsonaro não recorreu da decisão; dia 09 de dezembro, quando não “deveria” haver nada.

Para isso, será usado o método da Cartografia das diferenças: para produzir dados empíricos, para organizar e apresentar o trabalho, e para perceber os fenômenos em sua intercessão aos processos sociais que pedem tensionamento. Para explorar as circunstâncias que chamarem atenção, será apropriado o *scanning*, a varredura da superfície das imagens de

Flusser (2011), de modo a perceber o que ocorre entre as situações recolhidas em pesquisas no Twitter sobre a facada em Jair Bolsonaro.

Entre os capítulos, há reticências indicativas do caminho que percorremos: algumas ideias que não se pode dizer que iniciaram ali nem que ali se encerram... para poder falar, muita coisa foi dita antes, e com o que é dito, muita coisa ainda pode ser dita depois... as reticências são sempre o que está no meio, não essências identificáveis e divisíveis, mas momentos que não têm início ou fim... linhas sem bordas, que já cruzaram outros lugares... nós de fios não isolados – portanto, em curto-circuito: cada reticência é um relampejo emergente. Não assumo que sejam platôs, como dizem Deleuze e Guattari, pois estas reticências têm alguma linearidade que deve ser seguida para facilitar o entendimento... mas que, ainda assim, se sustentam e se fortalecem nas idas e vindas, na trama.

2 CARTOGRAFIA, COLETA, COLEÇÃO, CONSTELAÇÃO

Como – neste tempo em que qualquer autoridade é não apenas questionada, mas selecionada conforme o que diz – é possível de se dizer alguma coisa, sabendo que tudo é suspeito, interessado e falho? A cartografia não foge dessa discussão e se coloca como uma experimentação – e no campo da comunicação talvez este caráter seja reafirmado, afinal, as contribuições são advindas de outras áreas de conhecimento, principalmente da psicologia.

Neste capítulo busco uma aproximação entre estas práticas que permitem pensar numa inversão da perspectiva tradicional do método e em uma coleta torta que não tem pretensão de verdade, afinal, o resultado é somente uma organização possível – tal qual a nomeação de um conjunto de estrelas.

“As ideias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas”, disse Walter Benjamin nas “Questões introdutórias de crítica do conhecimento”, de sua tese “Origem do drama barroco alemão” (OTTE; VOLPE, 2002). Esta frase diz muito sobre a forma de pesquisa, de organização textual, escrita, coleta e análise de dados, e ainda sobre a relação da verdade e da pós-verdade: é um aperitivo para se pensar em *fake news* como a aproximação de elementos que nos *aparecem* – conforme aparecerá mais adiante.

O termo *konstellation* já traz diversas possíveis traduções para o português que Benjamin usa, como *consideração, conjunto de estrelas, configuração* (OTTO; VOLPE, 2002). Ao invés da linearidade, que prevê início-meio-fim, são privilegiadas idas e vindas, um afastar e contemplar para ver as conexões intertextuais. E formar as constelações: o observador de estrelas percebe quais elementos se destacam e que ligações poderiam ser estabelecidas entre eles.

As constelações não são formações naturais, mas imagens culturais, que variam conforme as épocas e as civilizações. Por isso o olhar constelar do pesquisador é um *possível*: não a *relação necessária*, a explicação de causa-e-efeito entre os elementos, mas uma possibilidade de entendimento de um fenômeno ao se relacionar elementos que o compõem. “Nunca ideias justas, justo uma ideia”, conforme dizia Godard (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48).

É tentador, neste momento, invocar a figura do *flâneur* para indicar o “rumo” da pesquisa: o conhecido personagem alegórico de Benjamin que vagueia meio

descompromissado pela metrópole – descrevendo o que vê, mas principalmente se fascinando, se deixando tocar e sendo levado a caminhos não planejados – pode ser alçado, diz Silveira (2002), à condição de etnógrafo de ambientes urbanos.

O “método” de se perder no meio urbano pode ser usado como metáfora para o “se deixar levar” num ambiente digital, como o Twitter, a partir do que se está pesquisando – no caso, a facada em Bolsonaro. Importa valorizar a errância do processo como uma prática que desconhece seu destino. Errar sem um objetivo, apenas com intenção, como diz Jacques (2012, p. 29): “a questão dos errantes está nas práticas e nos usos lisos dos espaços estriados e luminosos da cidade”.

Se faz necessária uma transferência desta forma de percepção do urbano para uma pesquisa em comunicação que se pratica em rastros digitais. Acredito neste potencial mais do que metafórico para se fazer uso na perspectiva cartográfica, algo valorizado também por Costa (2014, p. 71): “A cartografia se ocupa dos caminhos errantes, estando suscetível a contaminações e variações produzidas durante o próprio processo de pesquisa”.

Esta abertura ao não-pensado é parte fundamental na coleta que privilegia uma seleção não-teleológica de Walter Benjamin e também na forma rizomática de Deleuze e Guattari; estas perspectivas se conversam na inversão etimológica – e prática – do método – de *metá-hódos* para *hódos-metá* – sugerida pela cartografia, conforme Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 10-11):

A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*.

Esta reversão-inversão aposta na experimentação do pensamento e afirma este método não como caminho a ser aplicado, mas como uma atitude a ser assumida. O rigor de uma pesquisa não é deixado de lado a partir desta perspectiva – tampouco a perspectiva de construção do conhecimento é abandonada: Feyerabend (1977) se preocupava com o seguir estrito de um método que conduz a pesquisa, quando, afinal, a história mostra que há violações não acidentais dos princípios científicos que levam ao progresso; deste modo, vê estas transgressões como necessárias ao avanço da ciência.

Nas mídias sociais há um misto de *intenção* e de *se perder*: um espaço estriado pelos algoritmos e pela arquitetura digital, mas que também pode ser percorrido de uma forma um pouco mais livre, não linear: circular – tal qual a superfície de uma imagem, conforme Flusser (2013). Nesta observação de situações ali encontradas, se privilegiará a deambulação, o nomadismo: algumas formas de pesquisa irregulares que podem ser aproximadas da imagem do *flâneur* de Benjamin e de seu método de coleta-coleção.

A errância não é processo novo. Em seu livro *Elogio aos errantes*, Jacques (2012) aponta para três grandes momentos na história do urbanismo em que esta experiência se configura em distintas formas: a primeira é a *flânerie*, descrita por Walter Benjamin, que marcou o final do século XIX e o início do século XX; depois, nos anos 1910-1930, vieram as *deambulações* das vanguardas artísticas modernas e; após o pós-guerra, de 1950 a 1970, a *deriva* psicogeográfica de Debord (1958; 1997). Segundo a autora, se tratam de três experiências erráticas diferentes, que, entretanto, confluem num mesmo processo de apreensão e de compreensão dos ambientes urbanos a partir do deixar-se levar.

A valorização do aleatório em Debord (1958), por exemplo, se materializa num andar-sem-rumo, com a ideia de gerar um estranhamento: assumir um comportamento labiríntico e entregar-se à desorientação, ao que o terreno e o que for ali encontrado solicitarem. Esta também é uma forma de apreensão da realidade. Para isso, é interessante reunir fenômenos observáveis em variadas dimensões para entender o acoplamento não exatamente isolável de sujeitos, culturas, processos e objetos, conforme a complexidade de Morin (2011): as coisas são causadas e causantes e sua existência não é neutra.

Em teses sobre fenômenos sociais em pleno acontecimento ou em evolução o método, acredita Eco (2008), precisa ser inventado e é preciso que seja mais do que aferição numérica: estatísticas e quantificações não ajudam na compreensão dos fenômenos e servem ao sistema teórico-metodológico escolhido. Na “tentativa-e-erro”, tão importante ao processo heurístico (BRAGA, 2018), é possível de se encontrar um arranjo que sirva satisfatoriamente para *desenhar* os fenômenos pesquisados.

Galileu não descreveu a fórmula da queda livre, mas a inventou: foi experimentando uma fórmula atrás da outra até que o assunto da queda dos corpos graves se enquadrasse. Portanto, a geometria teórica (e a mecânica teórica) é um design ao qual submetemos os fenômenos para poder tê-los sob controle (FLUSSER, 2013, p. 190).

A errância também permite lançar o olhar àquilo que não é hegemônico, que passaria despercebido, que só no passo-de-formiga se torna visível. É ali que se encontram os desvios e as minoridades – que não é possível de se dizer que apenas por serem menos frequentes não sejam também potentes para se destacar numa pesquisa. Para isso, é pertinente que se forme o conhecimento a partir destes encontros inesperados – inesperados a ponto de conceitos não os poderem prever e os desenhar.

As teorias e conceitos, assim, servem menos como explicação do que como provocação a estas problematizações e a estas perguntas, de modo que o conhecimento decorra do que for encontrado – daí a importância deste aspecto numa pesquisa, conforme Braga (2011, p. 6): “Trata-se mesmo de enfrentar a resistência da realidade, cercá-la com nossa problematização e ser capaz de perceber alguma coisa ali que, por mais modesta e singular, antes não era claramente percebida”.

Vale uma metáfora. O aparelho acadêmico-intelectual, tal como o fotográfico, tem em sua imaginação inscritas as possibilidades do que se pode fotografar: tudo o que é fotografável. Há regiões exploradas, que, por mais que se produzam novas imagens, serão estas redundantes; entretanto, diz Flusser (2011, p. 53), há regiões que merecem mais desbravamento e possibilitam novidades: “O fotógrafo caça, a fim de descobrir visões até então jamais percebidas. E quer descobri-las no interior do aparelho”.

Por mais rigorosa que seja a pesquisa, não há a pretensão de verdade na construção do conhecimento, afinal – este é o problema da indução para Popper (2013, p. 28) –, as inferências advindas de casos particulares não podem ser regras para enunciados universais – por mais numerosos que sejam os cisnes brancos no mundo, não é possível dizer que todos o sejam, diz: “[...] está claro que a descrição de uma experiência – de uma observação ou do resultado de um experimento – só pode ser um enunciado singular e não um enunciado universal”.

Além disso, é preciso atenção ao se buscar uma construção de conhecimento que se pretende *pura* por meio da observação empírica, afinal, não há imediatez naquilo que se observa: a própria linguagem é uma forma de abstração da realidade, conforme Gumbrecht (2010) e as teorias são uma condição de observação dos fatos, conforme Feyerabend (1977, p. 87): “[...] as teorias não podem *defluir dos fatos*. A exigência de tão-somente admitir teorias que decorram dos fatos deixa-nos sem teoria alguma”.

Conceitos e teorias são como óculos que fazem com que se enxergue tal como esta ótica propõe – e também *permite* conceitualmente. Assim, diz Feyerabend (1977, p. 263), se vê que o aprendizado, ao invés de se desenvolver da observação para a teoria, envolve os dois elementos: “a experiência aparece acompanhada de pressupostos teóricos e não antes deles; e a experiência sem teoria é tão incompreensível quanto (supostamente) a teoria sem experiência”. É preciso de percepção externa para emprestar sentido às teorias e de interpretação adequada para se construir conhecimento a partir da experiência. O que importa é a *relação*.

Da coleta torta que proponho, podemos pensar que o conhecimento defluente não seja verdadeiro, mas seja apenas válido: um *design* – conforme Flusser (2013) – possível. Diante do risco da sociometria, também não se pode simplesmente, diz Eco (2008), fazer um trabalho com assertivas teóricas – que seria também pouco produtora. Uma construção tentativa: não um processo pronto que se estabelece repentinamente e teria validade a-histórica, mas, como lembra Braga (2018), que busca explicitar os processos sociais de interação que fazem com que a lógica percebida venha a funcionar em determinado momento, sempre por meio de um *arranjo*.

Estar atento ao arranjo é também reafirmar a forma constelação. O pesquisador, nesta abordagem benjaminiana, é um observador, mas também é um coletor-colecionador: torto, irregular, que recolhe coisas conforme elas lhe aparecem sem aparentemente haver um propósito – é uma exclusão da teleologia, da meta. É interessante assumir esta perspectiva, afinal, o que é a escolha e a construção do objeto de estudo se não a latência de nossos próprios escombros, dos resíduos – teóricos, empíricos, abstratos e físicos – absorvidos pelo corpo do pesquisador ao longo do tempo, a confluir numa pesquisa?

O pesquisador-cartógrafo, ao se deixar perder, é entornado diante de inúmeros elementos e possibilidades que colocam o dilema da importância de cada um deles. Aqui, é possível de se deixar afetar por elas não pela recorrência ou abundância de determinada lógica, mas pelo grau de interesse que desperta, conforme Costa (2014, p. 73): “a condição para selecionar o que fará parte de sua pesquisa é a força do encontro gerado”.

Aquilo que chamar atenção é guardado sem um sentido prévio – esta é uma crítica à teleologia da história – no sentido marxista ortodoxo, segundo Otto e Volpe (2002) –, que subordina o passado à imperfeição e o presente ao “ainda-não”, por não serem idênticos à meta, ao *telos* – o futuro perfeito concebido por quem rejeita o passado e o presente. Desta forma se

perderia as ruínas, os fragmentos da história, se rejeitaria sua aparição, sua relação, seu relampejo. Aceitar recolher os elementos que formarão uma coleção – e, depois, uma constelação – é possível a partir de um olhar que busca suspender o conceito e, principalmente, que prescinde de um método e de uma meta para se permitir afetar pelo que os elementos aparentemente isolados e dispersos da realidade – ou até mesmo da teoria – possam sugerir.

Se recusar submeter a coleta empírica a pressupostos teóricos é recusar uma meta como condição de percepção do fenômeno, por isso é que, de sua forma, Feyerabend (1977) aposta na consciente transgressão, na racionalidade aleatória e até na *irracionalidade* como condições para fornecer progresso científico. Também Morin (2011) entende que as lógicas que perpassam os fenômenos estão ligadas ao acaso e sujeitos à mistura de ordem e desordem – e por isso mesmo podem ser considerados aleatórios. O trabalho de pesquisa, ao tentar explorá-los, pode também ser resultado do acidental – se se estiver disposto a acolhê-lo.

[...]

Curiosidade é atitude cara à cartografia, que aposta nas perguntas advindas do imbricar-se ao processo de pesquisa, conforme Costa (2014, p. 73): “cartografia dirá que as nossas questões não vêm simplesmente das nossas cabeças, mas que nós nos questionamos na medida em que estabelecemos relações com aquilo que nos faz questionar” – poderia ser confundido com um empirismo, não fosse o reconhecimento da teoria como condição de percepção da realidade. Para isso, é preciso de uma atenção leve – nem excessivamente atento nem distraído demais, ou se ignoraria as coisas que estão à volta, por uma ou outra maneira.

A aproximação desta atitude com a constelação benjaminiana é desejável, já que a prática cartográfica é o acompanhamento de processos: estudá-los acompanhando seus movimentos, mais do que apreendendo estruturas e estados de coisas. Uma decisão metodológica, uma atitude de pesquisa. “Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 10).

O rizoma se opõe à ideia de árvore, que ordena, centraliza: os pontos, heterogêneos, de um rizoma podem e devem ser conectados uns com os outros. Não há um único sentido para a experimentação ancorada no real, nem uma única entrada. É um procedimento semelhante ao de se criar uma constelação. A sustentação dos pontos que se conectam é a constelação formada;

a conexão sustenta o rizoma – que pode ser retomado em qualquer ponto a partir de qualquer entrada, conforme Deleuze e Guattari (2011, p. 43):

[...] o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não signos. [...] ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda.

O princípio de conexão e a atitude não-teleológica permitem valorizar o sutil, os processos pequenos, insignificantes, minoritários. Conforme Costa (2014, p. 72), “tudo é passível de gerar um encontro cartográfico. As coisas aparentemente mais insignificantes e imprevisíveis podem ser extremamente potentes”. Ao contar uma história, mesmo levando em conta que há grandes acontecimentos, relatar também os pequenos é uma forma de não assumir um ponto de vista hegemônico, ou absoluto, pretensioso, sobre o que se relata.

O colecionador de Benjamin (2012, p. 242), portanto, não se prende a contar a história dos vitoriosos: “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. É o errante, que coleta sem saber direito o que está fazendo, já que as figuras de sua coleção não possuem um significado próprio; desta forma, ao não saber de antemão o lugar que estas ruínas poderão ocupar algum dia, se diminui o otimismo da visão teleológica que só se interessa pelos elementos que fazem sentido – o que é pré-definido pelo *telos* – e que exclui corpos estranhos ao sentido estabelecido. Logo se percebe que o que parecia subjetivo torna-se uma forma de evitar o falso distanciamento, interessado em seus objetivos e procedimentos duros.

O cartógrafo, conforme Filho e Teti (2013), se apropria de tudo que encontra pelo caminho, sem preconceito; não é o colonizador que traz mapas e valores preestabelecidos, da mesma forma que o colecionador benjaminiano recusa colocar a meta na frente de sua coleta. O cronista-colecionador, por não saber que rumo sua história irá tomar, não tem como impor uma lógica aos seus fragmentos *a priori*. Portanto, narrar os fatos e descrever seus detalhes, incluindo os pequenos é uma forma de se deixar contaminar pelo devir sem a necessidade de dar explicações ou estabelecer nexos causais *prévios*.

Entretanto, ainda assim é possível – e interessante para que a pesquisa não se torne apenas uma descrição de detalhes isolados – esperar algo destes fragmentos coletados: juntá-

los, intercambiá-los e perceber as ligações possíveis: “Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo”, conforme Deleuze e Guattari (2011, p. 22). Como coisas se comunicam umas com as outras dentro do rizoma, que intensidades surgem e que permitem estabelecer relações harmoniosas e tensões provocantes? – esta é a forma como *platôs* se espalham por este rizoma e o sustentam (p. 44): “Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs [...] uma região contínua de intensidades vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior”.

Com isso, o que se pretende é formar um mapa sobre o que se pesquisa: não uma representação *fidel* à realidade, mas *uma forma* de entendimento sobre o assunto; não um roteiro ideal, mas um caminho possível. Pode parecer uma desculpa para a falta de rigidez na pesquisa, mas é o reconhecimento da própria falibilidade e limitação: cognitiva, científica, linguística – exacerbar esta condição, inerente a qualquer pesquisa, é algo com que trabalho. Com entradas diversas e ligações possíveis ao se examinar um fenômeno, o resultado se torna menos uma verdade *necessária* do que uma narrativa em potencial entre outras à espera de atualização.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza [...] Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30).

[...] produção de dados

Estas considerações se colocam a serviço da cartografia na medida em que esta se propõe como uma prática que não *coleta* dados, mas que os *produz* (KASTRUP, 2007): isso quer dizer que os dados empíricos não estão, de fato, *dados*, mas que se conservam enquanto possibilidades – uma potência que cabe ao pesquisador atualizar: a partir da força do encontro gerado; é fundamental, nesse caso, buscar suspender inclinações e expectativas que operariam uma seleção prévia e inibiriam a “esperada surpresa”.

Neste caso, e em pesquisas qualitativas de ciências humanas, não é necessário ter hipóteses que guiem o processo, afinal, o que se busca é fazer aparecer o inesperado. Entretanto, conforme Braga (2011, p. 12) “[...] se não precisamos de hipóteses, difícil é não tê-las; mais difícil ainda seria se livrar das que nos surgem tão logo começamos a prefigurar um projeto de

pesquisa”. Sua sugestão é usá-las como *insight* e assumi-las como processo da própria criação do desenho metodológico – que se daria “em fazendo”.

O próprio problema, na perspectiva cartográfica, pode ser – e será – desenhado durante a pesquisa. Afinal, como poder capturar um objeto que tem como estável apenas seu fluxo? Esta é a pergunta de Fonseca e Costa (2013), que sugerem escapar a uma nomeação essencialista que estabilizaria o objeto numa identidade; a saída é um arranjo objeto-problema que permita percebê-lo em acontecimento e recriação conforme a problematização proposta e exigida. O problema não *é*, o problema *está*.

Neste sentido, vale lembrar a posição de Feyerabend (1977, p. 402), que revê a de Popper – para quem a investigação científica tem início com a formulação de um problema e seu avanço se dá com a resolução deste: pensa o anarquista que um problema pode ser mal formulado, de modo que ao invés de *resolvido*, o problema seja *dissolvido*, em face a posteriores observações. “Alterações ontológicas [...] acompanham-se, frequentemente, de *alterações conceptuais*”. Assim, um avanço científico é acompanhado de revisões de observação e de interpretações.

Aqui, a cartografia reafirma esta tarefa de autocrítica e questiona outra posição cara à Popper (2013): da possibilidade de verificação como condição para validação de uma pesquisa – a falseabilidade. Não, a perspectiva cartográfica não busca isolar-se no metafísico, no inverificável, para não permitir qualquer crítica sobre seu trabalho: o que é questionado é a possibilidade de reprodutibilidade de um processo que não se assume como a *representação* de um fenômeno. A validação de uma pesquisa cartográfica, na visão de Passos e Kastrup (2013), se dá, além da avaliação pelos pares e pelos participantes da pesquisa, quando existirem, pelo próprio pesquisador: seu olhar do processo durante o que faz, e não somente ao final, é parte fundamental de sua pesquisa. Cartografar não é desdobrar a dobra, “tirar o véu da aparência”: é redobrá-la, pontua Costa (2014) – um problema-objeto que pede uma contínua avaliação.

Se vai trabalhando com hipóteses; se não é muito produtivo apenas confirmá-las – afinal, se chegamos até elas sem uma pesquisa, de que vale a pesquisa? – não quer dizer que estas não sirvam. O trabalho, assim, é o de melhorar hipóteses – afiná-las, torná-las mais complexas ou melhor formuladas, diz Braga (2011), que considera o trabalho uma constante invenção. Sua sugestão – que se afasta de uma visão dura de ciência – é que ao invés de

“recorte” se use o termo “eixo de pesquisa”: o que permite articular relações menos isoláveis e possibilita juntar elementos e conceitos possíveis e colocá-los em órbita deste eixo.

Não se procura causa e efeito, mas relações entre os elementos em sua disparidade guiadas pela intensidade – ao invés de uma aferição empírica e a criação de categorias que privilegiam a repetição, a intensidade do encontro permite se deixar afetar pelas minoridades, pelas diferenças. Uma atitude menos estratégica e mais tática que tem por objetivo encontrar o que possivelmente não se conhecia, mas “já estava ali” *em potência* (KASTRUP, 2007). Já dizia o enxadrista Savielly Tartakower: “os erros estão todos no tabuleiro, esperando para serem cometidos”. Esta é a potência da errância.

Inúmeras e também imperceptíveis potências restarão apenas virtuais, possibilidades não atualizadas; portanto a “coleta” (este termo agora parece até não fazer sentido) pode até ter a pretensão de esgotar as possibilidades de um objeto, mas deve ter também consciência de que esta tarefa não é realizável – e, assim, reconhecer que o discurso que produzirá será possível, não *único, necessário*. Fazer um mapa, não um decalque, conforme Deleuze e Guattari (2011).

O conhecimento, assim, reconhece sua incompletude e limitação. A percepção da complexidade dos fenômenos passa, conforme Morin (2011, p. 6) por uma atitude que “integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e finalmente ofuscantes de uma simplificação”. A complexidade, assim, está não apenas em buscar uma profundidade ou exaustão de análise, mas no reconhecimento da limitação deste esforço e de outros como algo não universalizável.

Também a perspectiva rizomática não esgota um fenômeno; a partir de duas considerações articuladas, é uma recusa a essências isoláveis e identificáveis, conforme Deleuze e Guattari (2011, p. 48): “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’”. Opor a construção de um rizoma ao “sistema arbóreo” quer dizer que o fenômeno é percebido em suas diversas relações possíveis: não numa dita unidade que o definiria, mas em seu transbordamento; se tira o acento do conhecimento – marcado pelo verbo *ser* – que cria uma verdade necessária ao dizer *isto é assim* para permitir a conjunção *E*; conforme Deleuze (1992, p. 60), “[...] existem tantas relações quantos *E*”.

Por isso é que Kastrup (2007) considera a cartografia não uma metodologia, mas uma performance cognitiva. É uma prática que privilegia a *experimentação* – processo distinto de *experiência*, a imagem tradicional da prática científica que permitiria isolar fenômenos e, principalmente, reproduzir as reações num ambiente isolado como forma de falseabilidade. Um dos problemas da reprodutibilidade desta experimentação está na imbricação do pesquisador ao processo que realiza: para repetir uma cartografia seria necessário, entre outras coisas, passar pelo mesmo processo, perceber as mesmas relações, ser afetado da mesma forma pelas mesmas circunstâncias sócio-históricas quando o processo que já aconteceu se repetir nas mesmas condições anteriores na marcha do tempo.

[...] um axolote dentro do aquário

Por mais problematizada que já tenha sido – e problemática que seja –, é a possibilidade da observação neutra que entra, novamente, em questão: a tensão sujeito-objeto, a objetividade e a distância – tão caras à comunicação e ao espírito científico. Diante deste debate, a cartografia se posiciona como uma pesquisa-intervenção. Invenção-intervenção; inferência-interferência.

A ilusão da observação científica pode ser ilustrada com o conto de Júlio Cortazar (2016, p. 184) sobre sua contemplação dos axolotles – um tipo de salamandra – num aquário: “Foi sua quietude o que me fez inclinar-me fascinado na primeira vez que vi os axolotles. Senti obscuramente que entendia a sua vontade secreta, abolir o espaço e o tempo com uma imobilidade indiferente”. Os axolotles estão para Cortazar como os fenômenos estão para o pesquisador – na iminência de serem transformados em objetos.

Vê-los pelo vidro de um aquário é o delírio da ciência objetivista: testemunhar e capturar a realidade – a água e os seres que a habitam – com toda limpidez, o mais próximo possível mas sem dela participar; um véu de vidro protege o observador e o separa do que é observado; dá a impressão de uma realidade chapada, reta e recortável; a transparência do vidro é a ilusão de transparência da lente teórico-metodológica que mostraria as coisas sem distorção; a limitação do vidro sobre o observador dá a impressão de não interferência sobre a realidade observada.

O fenômeno-axolote, entretanto, percebe a presença do observador, faz do aquário um palco e dança gargalhando como se esta fosse sua natureza a ser descoberta. “O senhor os come

com os olhos’, me dizia rindo o guarda, que devia me achar um pouco desequilibrado. Não percebia que eram eles que me devoraram lentamente pelos olhos, num canibalismo de ouro” (CORTÁZAR, 2016, p. 186). O observador também é afetado – e deve ser – pelo que observa. Nem a realidade resta intocável, nem o observador, conforme Passos e Eirado (2009, p. 129): “Para realizar sua tarefa [o cartógrafo] não pode estar localizado na posição de observador distante, nem pode localizar seu objeto como coisa idêntica a si mesma. O cartógrafo lança-se na experiência, não estando imune a ela”.

No conto, Cortazar (2016, p. 187) inicia falando *dele*, o axolotle, vai descrevendo-o com a impressão de que pode conhecê-lo por completo e de que tem os instrumentos para tanto; logo percebe, entretanto, que a condição de ambos não é muito diferente e ao invés de falar *dele*, fala em *nós*, percebendo em comum a realidade inseparável: “Eu olhava bem de perto a cara de um axolotle imóvel junto ao vidro. Sem transição, sem surpresa, vi minha cara contra o vidro, vi-a fora do aquário, do outro lado do vidro. Então minha cara se afastou e eu compreendi”.

A produção de conhecimento e a produção de realidade são inseparáveis. Estamos implicados na produção de conhecimento e isso questiona a dita neutralidade desejada para a objetividade científica, para a separação entre teoria e prática, sujeito e objeto e até mesmo de conhecimento e política. Uma pesquisa-intervenção causa alteração nos padrões comunicacionais de uma dada realidade; ao *produzir dados*, há uma intervenção sobre a realidade e em sua *abertura*, no que se deixa vir à tona, diz Passos e Eirado (2009, p. 114-115):

É em reação ao ideal de inteligibilidade que mantém os limites estritos do campo científico que assistimos à revolta institucionalista. Coloca-se em questão o olhar de cima da ciência e a ação judicativa de quem avalia o objeto do conhecimento com a distância da neutralidade.

A proposição da cartografia é a dissolução do ponto de vista do observador – o que não quer dizer o fim da observação, mas sim do olhar que separa o objetivo do subjetivo. Ao abandonar um ponto de vista mais absoluto – percebendo a diversidade deles sem alçar algum à condição de mais verdadeiro do que outro – se dissolve o ponto de vista do observador sem anular a observação, conforme Costa (2014, p. 71):

O pesquisador-cartógrafo é também parte da geografia a qual se ocupa – não se pode, em uma pesquisa cartográfica, situar o campo de pesquisa como algo que estaria ‘lá’ e o pesquisador ‘aqui’. [...] O cartógrafo, ao estar implicado no seu próprio procedimento de pesquisa, não consegue (e não deseja) manter-se neutro e distante [...]. Ele se mistura com o que pesquisa, e isto faz parte de sua cartografia.

Com isso, ensaio uma alternativa para um modelo de pensamento histórico que esbarra no problema “realismo-idealismo”: o que vem antes, o objeto ou o sujeito? “Tal modelo pressupõe que poderia haver sujeito sem objeto qualquer e objeto sem sujeito qualquer, e que estes podem encontrar-se, como podem não se encontrar” (FLUSSER; BEC, 2011, p. 66). Neste caso, o conhecimento seria o resultado do encontro entre um conhecedor e um “a-ser-conhecido”. Ao evitar este modelo que prevê o encontro do “eu” com o “mundo”, de um sujeito “transcendente”, uma mente, com objetos, como diz Flusser¹⁰, a “realidade” do objeto também é desnaturalizada; ao percebermos a “coemergência sujeito/mundo” (PASSOS; EIRADO, 2009).

Sendo a existência este “estar-no-mundo”, o sujeito se relaciona com objetos e estes com o sujeito – a realidade, assim, é este *relacionamento*, conforme Flusser e Bec (2011, p. 66): “Admitido isso, torna-se óbvio que toda modificação do objeto implica modificação do sujeito e vice-versa, porque toda modificação é na ‘realidade’ modificação do relacionamento. Modificação que se espelha, ‘secundariamente’, tanto no sujeito quanto no objeto”.

Este trabalho-em-acontecimento – o provisório produto das interafetações pesquisador-conhecimento-realidade – é o desenrolar de um mapa: um mapa que é produzido pelo traço, que produz e reproduz o caminho que seguí até então e que também sugere um horizonte para continuar. Se “as ideias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas” é porque se trata de uma organização possível – e somente possível – do real que nos aparece: civilizações diferentes organizaram constelações distintas para fins variados ao olhar para as mesmas estrelas no céu. A verdade sugerida pelo mapa pode aparecer, ser desenhada e apagada num piscar de olhos, num franzir de cenho, numa alteração de postura.

[...] *scanning*

O *scanning* como o gesto complementar à postura cartográfica: esta busca penetrar situações e aquele irá examiná-las – estendendo a atitude de deambulação e deriva. Uma *situação*, diz Flusser (2011, p. 5-6), é uma “cena onde são significativas as relações-entre-as-

¹⁰ Refiro-me apenas a Flusser ao parafrasear o conteúdo do livro *Vampyrotheutis infernalis*, que é assinado também por Louis Bec – responsável somente pelas ilustrações do trabalho; pelo padrão de citação, os trechos entre aspas levarão os nomes de ambos, conforme consta nas referências bibliográficas.

coisas e não as coisas-mesmas” e *scanning* é o “movimento de varredura que decifra uma situação”. O interessante para esta pesquisa é, com o olhar que “vagueia pela superfície da imagem”, perceber relações entre os elementos que a compõem. Por certo, o que pesquiso não se trata efetivamente de imagem, mas de situação. Por isso, a varredura será usada como *método* e como *metáfora*.

Como método, no que diz respeito ao vaguear pela superfície, que permite ao olhar estabelecer relações temporais entre os elementos da imagem, pois um é visto após o outro. Este vaguear é circular, pois contempla elementos já vistos e a tendência é o retorno do olhar para elementos preferenciais, que passam a ser centrais e portar significados. É o olhar que estabelece as relações significativas entre os elementos. Quando o olhar é *circular*, as relações estabelecidas são da ordem da *magia*, ao contrário do *linear*, que estabelece relações *causais* entre os eventos, conforme Flusser (2013, p. 23): “No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo”. Se é possível usar teorias diversas das ciências humanas a favor de nossos objetos de pesquisa – que diferem dos objetos que deram origem àquelas teorias – é necessário, para isso, fazer “transferências” que tensionem e ajustem as perspectivas adotadas para a pesquisa, assevera Braga (2019).

Metáfora, etimologicamente, é, justamente, *transferência*. Busco vaguear pela superfície de uma situação *tal qual* a varredura o faz na superfície de uma imagem: com um olhar circular. Da varredura resulta o significado que é síntese das intencionalidades do emissor e do receptor, diz Flusser (2013, p. 22). “Imagens não são conjuntos de símbolos com significados inequívocos, como o são as cifras: não são ‘denotativas’. Imagens oferecem aos seus receptores um espaço interpretativo: símbolos ‘conotativos’”. Quão conotativo pode ser um acontecimento como a facada em Bolsonaro?



Leonardo Attuch
@AttuchLeonardo

Quimio cura facada?

[Translate Tweet](#)



Cantanhêde diz que Bolsonaro tomou “última dose de quimioterapia”
Em comentário feito em um programa do jornal O Estado de S. Paulo na rádio Eldorado FM, a jornalista Eliane Cantanhêde disse que o presidente Jair Bolsonaro ...
[brasil247.com](#)

Fevereiro de 2019 (Twitter)¹¹

Este *tweet* do dia 13 de fevereiro de 2019, de Leonardo Attuch – jornalista, editor do site Brasil 247 e da TV 247 – é, por exemplo, uma situação para se poder vaguear: a jornalista Eliane Cantanhêde, do jornal *O Estado de São Paulo*, disse na rádio Eldorado que Bolsonaro tomaria sua última dose de quimioterapia – informação *equivocada*; entretanto, este erro serviu para que se (re)circulasse o boato de que Bolsonaro teria câncer e que a facada foi inventada pois o então candidato não poderia comparecer aos debates.

Há uma amálgama de elementos nesta situação para serem percorridos (a lista não é exaustiva): 1) o *tweet*; 2) a matéria que é divulgada; 3) uma informação errada (o engano de Eliane Cantanhêde) vinda de uma jornalista de prestígio e com áudio que comprova o erro; 4)

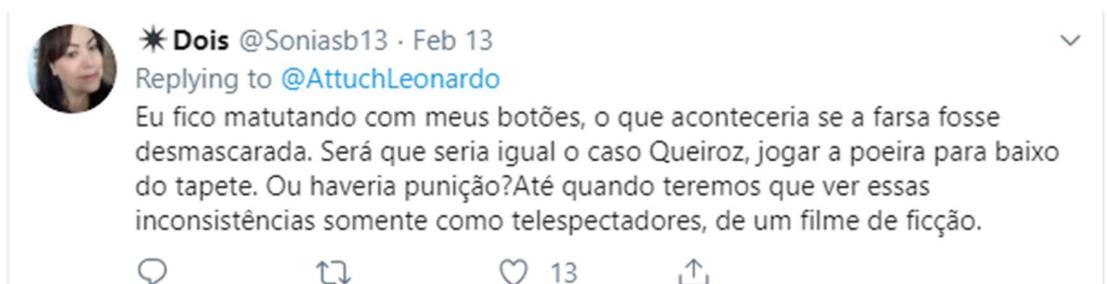
¹¹ Disponível em: <<https://twitter.com/AttuchLeonardo/status/1095817732396859392>>. Acesso em 15 jul 2019.

a “suspeita” de que a facada em Bolsonaro não existiu; 5) a teoria derivativa de que ele teria câncer; 6) os comentários ao *tweet* de Leonardo Attuch, como os que seguem.



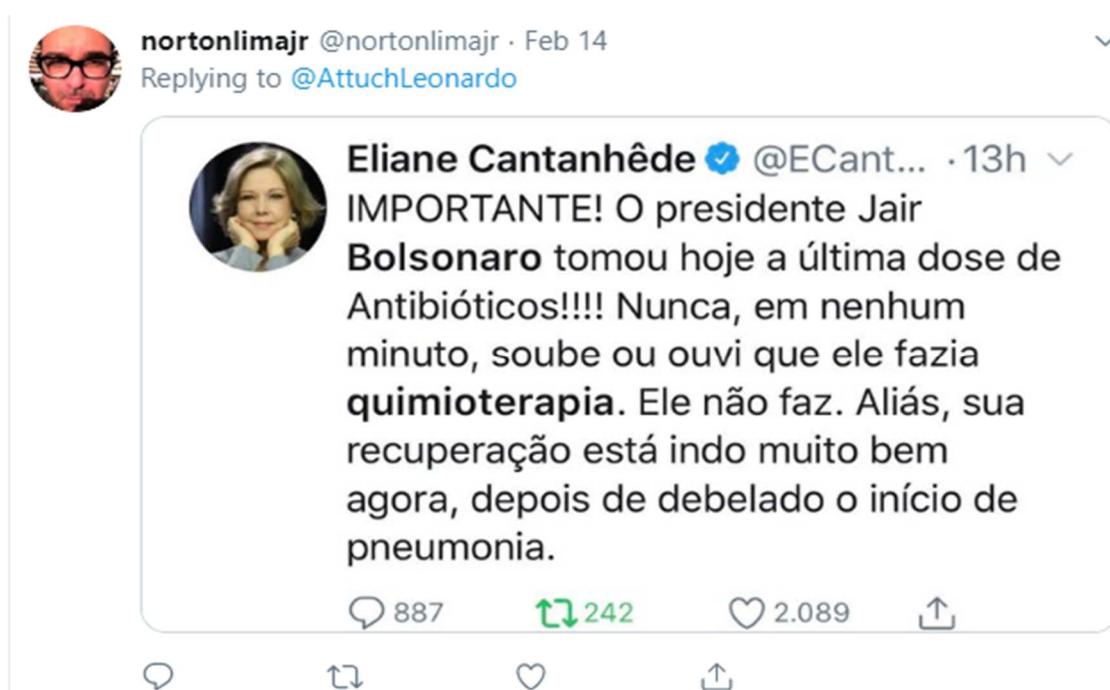
Fevereiro de 2019 (Twitter).

O comentário acima sugere que só num país pequeno e atrasado como o Brasil (*Brasilzeco*) isso poderia ser verdade – e que quem acredita é “carneira” (possivelmente quis escrever “carneirada”); além disso, já traz uma imagem de uma plantação de laranjas – aludindo ao caso de Queiroz, que envolve Bolsonaro – e o Ministro da Justiça Sérgio Moro. São vários elementos que não estavam ali, mas que foram acionados para compor a narrativa, coisas que vão sendo reforçadas em outros *tweets*.



Fevereiro de 2019 (Twitter).

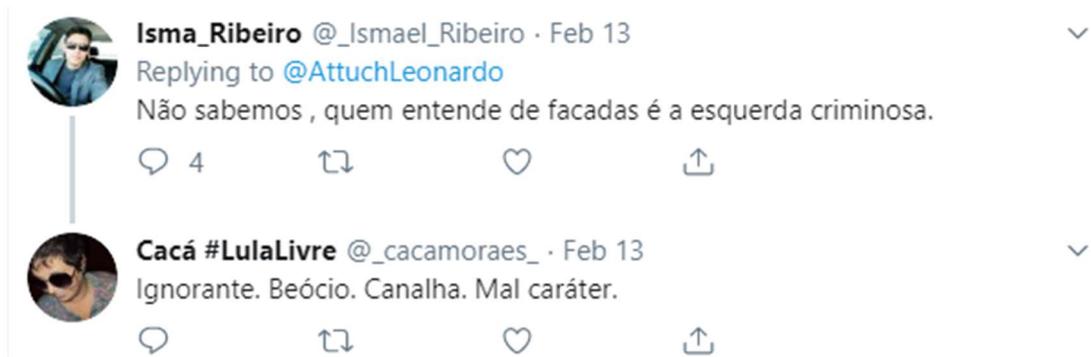
É possível de se atentar para alguns elementos e voltar para outros, como a matéria do site *Brasil 247*, do dia 13 de fevereiro de 2019 e atualizada dia 17 de maio de 2019, que diz¹²: “A jornalista não voltou atrás sobre a informação, nem foi corrigida sobre ela. O destaque foi feito pelo DCM, que publicou o áudio. Ouça aqui”. O áudio, de fato, é de Eliane Cantanhêde para a rádio Eldorado. A jornalista, porém, reconheceu o erro e se desculpou no Twitter pelo *engano* – e um usuário até respondeu ao *tweet* com esta informação.



Fevereiro de 2019 (Twitter).

É possível de se levar este *tweet* em conta, este elemento, ou ignorá-lo, caso esta narrativa não agrade ao que se acredita.

¹² Disponível em: <<https://www.brasil247.com/midia/cantanhede-diz-que-bolsonaro-tomou-ultima-dose-de-quimioterapia>>. Acesso em 16 jul. 2019.



Fevereiro de 2019 (Twitter).

Com isso, se pode perceber o caminho *mágico* que o olhar pode percorrer em cada situação ao relacionar elementos de forma circular; este processo difere de uma leitura linear que busca causa e efeito e relações necessárias na leitura. Linearidade, de situações como essa, aliás, é o que menos se pode esperar. Apesar das tentativas acontecerem.



Fevereiro de 2019 (Twitter).

Esta resposta é significativa: busca ligar uma coisa – *Dilma teve câncer* – com outra – *a suspeita de que outro presidente tenha* – a partir de uma lógica de oposição – *Dilma não escondeu que teve câncer, logo, se o câncer de Bolsonaro não aparece oficialmente é porque ele está o escondendo*. “Tirem as próprias conclusões”.

As conclusões, justamente, são inúmeras, pois se tratam de *leituras possíveis* e não de um *resultado necessário* da soma dos elementos ali colocados. Ao contrário: se há algo que se pode dizer a partir do que este *tweet* sugere – “A Dilma teve câncer e não escondeu de ninguém, tirem suas próprias conclusões” – é que ou conclusão alguma pode ser feita a partir disso ou que toda sorte de conclusão é possível.

- Você viu? Deve ter entendido que esse caso também confirma a minha história.
- Que diabo tem uma coisa com a outra?
- Que diabo ainda não sei, mas que deve ter, deve. Tudo tem sempre a ver com tudo, quando a gente sabe ler os sinais. Só me dê tempo (ECO, 2017, p. 144).

O olhar circular, além de relacionar os elementos de uma situação de modo a decifrar a forma como um conteúdo falso pode se passar por verdadeiro, reafirma o olhar circular a percorrer os elementos para ver o que mais surge numa cena de pós-verdade. Estes termos colocados – situação de pós-verdade, situação – são imprecisos, provisórios, tentativos, provocativos... tal como é o uso do *scanning* como método e metáfora para esta proposta.

Esta varredura se trata de uma tentativa de reproduzir a própria experiência de um usuário em meio às *fake news* sobre a facada: uma narrativa lhe ordena algo, a arquitetura midiática o conduz para alguns elementos, o engajamento do conteúdo também; mas, mesmo enredado, há um espaço para liberdade no olhar que vagueia os elementos de uma situação. A experiência do usuário permite, ainda, subverter lógicas de produção e reafirmar o consumo como etapa não desprezível do processo de comunicação.

O *scanning* como gesto analítico permite ainda tensionar duas lógicas que poderiam remeter aos “espaços lisos” e “espaços estriados” trabalhados por Deleuze e Guattari: a “condução” que a algoritmia impõe ao usuário e sua liberdade para decidir entre os elementos disponíveis; acredito que um olhar circular que permite o movimento entre estes espaços é também uma discussão singela sobre a possibilidade de liberdade.

Se o nosso comportamento fosse tão profundamente condicionado como certos filósofos desejaram que fosse, nunca seríamos capazes de realizar esse pequeno milagre. Por outras palavras, a nossa capacidade para mentir – mas não necessariamente a nossa capacidade para dizer a verdade – faz parte dos dados manifestos e demonstráveis que confirmam a existência da liberdade humana (ARENDETT, 1995, p. 20).

Se ousar falar em *liberdade*, devo mencionar também *responsabilidade humana*: mesmo sem condenar o compartilhamento de notícias falsas como algo necessariamente intencionado, é preciso reconhecer que não se trata de um processo mecanicamente inevitável – como se a mentira fosse o sorriso da Medusa a nos ativar um comportamento robótico. Uma simples pesquisa no Google, uma pequena desconfiança e o mínimo de pensamento crítico são procedimentos desta dissertação feitos atrás da tela facilmente acessível de um computador que podem ser repetidos sem acompanhamento de um profissional. Não se trata de equações obscuras ou de experiências herméticas feitas num laboratório indisponível para visita de um amador – o que implicaria fazer acreditar no que está escrito por afastamento da possibilidade de contestação à tradução do especialista –, mas de um convite à experimentação da arte das ciências humanas: o elemento é a inquietação, este “estar na superfície” é a

provocação; aos ousados resta a reflexão. “[...] liberdade é jogar contra o aparelho. E isto é possível” (FLUSSER, 2011, p. 106).

[...] imagens metafóricas

<i>I</i>	<i>M</i>	<i>A</i>	<i>G</i>	<i>E</i>	<i>N</i>	<i>S</i>
<i>G</i>	<i>A</i>	<i>S</i>	<i>M</i>	<i>I</i>	<i>N</i>	<i>E</i>
<i>A</i>	<i>G</i>	<i>N</i>	<i>E</i>	<i>I</i>	<i>S</i>	<i>M</i>
<i>S</i>	<i>A</i>	<i>G</i>	<i>M</i>	<i>E</i>	<i>I</i>	<i>N</i>
<i>I</i>	<i>A</i>	<i>M</i>	<i>S</i>	<i>N</i>	<i>E</i>	<i>G</i>
<i>S</i>	<i>E</i>	<i>A</i>	<i>M</i>	<i>I</i>	<i>N</i>	<i>G</i>
<i>E</i>	<i>N</i>	<i>I</i>	<i>G</i>	<i>M</i>	<i>A</i>	<i>S</i>

Continuo – tomando, ainda, “imagem” como metáfora para uma situação a ser examinada – com a descrição do *scanning* de Flusser: “*Imagens* são superfícies sobre as quais circula o olhar” (2011, p. 102); “Uma imagem é uma superfície cujo significado pode ser abarcado num lance de olhar: ela ‘sincroniza’ a circunstância que indica como cena” (2013, p. 131).

A imagem, assim, é uma “superfície significativa”. Trata-se de uma superfície com símbolos organizados para formar um código – que o receptor pode decidir entre os símbolos, já que a informação está espalhada pela superfície. A sincronidade superficial da imagem é decifrada pelo *scanning*, a varredura dos olhos que pode seguir caminhos específicos e irregulares, conforme Flusser (1997, texto digital):

[...] o olho tem certa autonomia e pode seguir seu próprio caminho. É por essa razão que a mensagem contida em uma imagem é necessariamente conotativa. Uma imagem pode ser interpretada por cada receptor à sua maneira. Isso, é claro, tem a vantagem de que a mensagem se torna cheia de significado, mas a desvantagem é que a mensagem nunca é clara e distinta. É sempre, até certo ponto, confuso. Agora, o caminho que o olho segue na superfície é um caminho falso. O olho pode retornar a

qualquer elemento da imagem a qualquer momento. Assim, a diacronização da sincronidade da imagem é circular¹³.

Com isso, Flusser (1997, texto digital) entende que a explicação linear de uma imagem é impossível: não há causa e efeito – ou, ao menos, não uma relação *necessária*. “[...] você não pode dizer que o galo cante porque o sol nasceu ou que o sol nasce porque o galo cantou. Ambas as explicações são boas, o que é típico do pensamento mítico”¹⁴. Para compreender uma situação é preciso levar em conta seu caráter mágico – esta possibilidade de um olhar circular nos elementos que a compõem.

A fotografia da guerra no Líbano em jornal mostra uma cena. Exige que nosso olhar a escrutine pelo método já discutido anteriormente. O olhar vai estabelecendo relações específicas entre os elementos da fotografia. Não serão relações históricas de causa e efeito, mas relações mágicas do eterno retorno. Por certo, o artigo que a fotografia ilustra no jornal consiste de conceitos que significam as causas e os efeitos de tal guerra. Porém o artigo é lido em função da fotografia, como que através dela. Não é o artigo que ‘explica’ a fotografia, mas é a fotografia que ‘ilustra’ o artigo. Este só é texto no curioso sentido de ser pré-texto da fotografia (FLUSSER, 2011, p. 80).

Além de levar em conta o olhar circular, o caráter mágico não deve ser entendido como uma falsidade que se coloca no lugar de uma realidade – mas perceber que “[...] imagem e mundo se encontram no mesmo nível do real: são unidos por cadeia ininterrupta de causa e efeito, de maneira que a imagem parece não ser símbolo e não precisar de deciframento” (FLUSSER, 2011, p. 30).



¹³ No original: “But the eye has a certain autonomy, and it may follow its own path. It is for this reason that the message contained in an image is necessarily connotative. An image can be interpreted by every receiver in their own way. This, of course, has the advantage that the message becomes full of meaning, but the disadvantage is that the message is never clear and distinct. It is always, to some extent, confused. Now, the path which the eye follows on the surface is a false path. The eye can return to any element of the image at any time. Thus, the diachronization of the synchronicity of the image is a circular one”. Tradução livre.

¹⁴ No original: “[...] you cannot say that the cock crows because the sun has risen, or that the sun rises because the cock has crowed. Both explanations are good, which is typical of mythical thinking. The image is a mythical médium”. Tradução livre.

Uma imagem seria uma abstração do real porque abstrai duas dimensões da realidade que é quadridimensional, diz Flusser (1997, texto digital); entretanto, ao se pensar na *superfície*, percebe-se que as moléculas de prata que compõem a imagem não são abstratas, mas são elementos concretos: “Portanto, você não pode mais dizer que a superfície é uma abstração; você tem que dizer, sim, que é uma concreção composta de elementos pontuais”¹⁵.

Com isso, é possível este uso metafórico da imagem como não sendo uma enganação da realidade, mas sendo elas também elementos da realidade. Isto é fundamental: não percebemos o mundo *imediatamente*, mas a partir do processamento de impulsos que processamos e transformamos em percepções – *imagens*.

A realidade do mundo objetivo está em questão. Sabemos agora que não precisamos ser kantianos para saber que não faz sentido falar sobre um mundo objetivo; nós não temos acesso aos objetos. O que temos são as impressões que nossos nervos recebem. Dizer que as imagens que agora produzimos são simulações não faz muito sentido. Concretamente, eles nos afetam como os objetos (FLUSSER, 1997, texto digital)¹⁶.

A questão de sujeito e objeto se coloca no seio de um debate tão caro para a comunicação: a mediação – e a tentativa de uma dita objetividade, também tão debatida. Ora, a partir do que foi colocado fica claro que para a objetividade ser possível seria preciso escapar à mediação. “Imagens são mediações entre homem e mundo. O homem ‘existe’, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de lhe representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, entropõem-se entre mundo e homem” (FLUSSER, 2011, p. 23). Neste sentido, Flusser (2011, p. 23) entende que o ser humano cria imagens para se orientar no mundo; entretanto, estes mapas se transformaram em biombos – ao invés das imagens lhe servirem, o ser humano passou a viver em função das imagens: “[...] o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria”.

Por isso – por não se poder acessar o mundo imediatamente e pela incontornabilidade da mediação (GUMBRECHT, 2010) – é que as imagens são mais do que representações do mundo: “essas novas imagens são agora uma articulação do pensamento. Não são cópias, mas

¹⁵ No original: “Hence, you can no longer say that the surface is an abstraction; you have to say, rather, that it is a concretion composed of point-like elements”. Tradução livre.

¹⁶ No original: “The reality of the objective world is in question. We know now that we do not have to be Kantians to know that there is no sense in speaking about an objective world; we have no access to the objects. What we have are the impressions which our nerves receive. To say that the images we now produce are simulations does not make much sense”. Tradução livre.

projeções, modelos” (FLUSSER, 1988, texto digital). Conceitos. São também uma realidade a ser investigada – ao invés de servir de signo para descobrir uma realidade escondida. É aqui que fica evidente a ideia de “vaguear pela superfície”: assim como para a cartografia “o mais profundo é a pele” (DELEUZE; GUATTARI, 2011), não se pretende descobrir a verdade por trás das situações, mas verificar as situações elas mesmas. Enquanto para Freud os sonhos seriam uma porta para o profundo real, para Flusser e também para Benjamin as imagens penetram o concreto ao invés de manter uma distância dele (SELIGMANN-SILVA, 2018). É a ideia de “aparência” também para Gumbrecht (2010): aquilo que aparece.

Neste vaguear há uma tentativa de “encontro com o outro”, em estar mais ou menos na mesma posição de quem consome conteúdos para tentar perceber a sensação de desorientação – um misto de experiência sensorial e discursiva. Eu até poderia escrever dois ou três parágrafos para argumentar que se trata de uma etnografia, mas isso pode ficar somente como provocação.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago (ROLNIK, 1989, p. 1).

Estar no mesmo nível do usuário e agir como tal: que elementos de um espaço estriado nos encaminham para perceber coisas e qual a possibilidade de agência? Perceber os elementos desta situação e vaguear pela superfície, fazer idas e vindas, espaço-temporais, é se colocar no mesmo nível superficial. Não se está desvendando a ideologia que trama tudo o que é encontrado, somente tendo uma experiência de uso e *ensaiando* um entendimento.

Ao se rebelar esteticamente contra o método mesquinho, cuja única preocupação é não deixar escapar nada, o ensaio obedece a um motivo da crítica epistemológica. A concepção romântica do fragmento como uma composição não consumada, mas sim levada através da autorreflexão até o infinito. O ensaio também não deve, em seu modo de exposição, agir como se tivesse deduzido o objeto, não deixando nada para ser dito. É inerente à forma do ensaio sua própria relativização: ele precisa se estruturar como se pudesse, a qualquer momento, ser interrompido (ADORNO, 2003, p. 34-35).

A provocação ensaística obedece ao princípio do valor heurístico, tal como Braga (2014, § 4, p. 45) defende sobre o aforismo, que não é uma máxima – a máxima é código, aforismo é inferência: “Não só concordaremos: podemos usá-lo como estímulo para novas inferências. Não apenas discordaremos: o próprio processo de buscar e evidenciar o erro irá além da argumentação polêmica, estimulando outras inferências, superadoras”. Uma parábola que não tem intenção de ser gramática, como disse Eco (1998).

3 CAPÍTULO 8, VERSÍCULO 32: O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

[...] quem disse ‘a verdade vos libertará’? Essa verdade fará parecer mentira qualquer outra revelação” (ECO, 2017, p. 203).

É oportuno explicar por que se diz que a “verdade é relativa” para além do senso comum decorrente de frases prontas como “não se discute gostos, cores e amores” – e para evitar que este jargão, que pode até fazer sentido no consumo de notícias hipercustomizado, não seja tomado como o valor de uma época e mal-entendido como “pós-modernismo” (um termo mais adequado às artes). Há um estatuto epistemológico que sustentaria a pós-verdade – ou que faria com que o ato de dizer *verdade* seja prontamente problematizado. Daí é que parto até chegar à comunicação atual.

“Toda verdade é simples – isso não é uma dupla mentira?” (NIETZSCHE, 2008, § 4).

Se, depois d’A Verdade ter sido divina, revelada, o pensamento moderno foi capaz de suspender pressupostos tradicionais e criar um conhecimento que se acreditava ser luz contra o obscurantismo, não se pode dizer que ainda haja tanta confiança neste projeto. A confiança do ser humano numa entidade capaz de proporcionar explicações verdadeiras sobre os fenômenos entra em falência por dois fatores, segundo Feyerabend (1977): a) a ciência já não garante leis irrevogáveis e os próprios filósofos colaboram com a descrença sobre a capacidade de se produzir conhecimento seguro e indubitável; b) surgem novas instituições científicas, de modo que aquelas surgidas no final do século XX, tecnoburocráticas, puseram de lado as pretensões filosóficas das anteriores para se tornar um negócio. O saber passa a obedecer ao princípio da eficiência: não importa o belo ou o justo, mas sim o eficiente – menos *input* e mais *output*, conforme Lyotard (2004, p. 83): “Não se comprem cientistas, técnicos e aparelhos para saber a verdade, mas para aumentar o poder”.

Na epistemologia pós-moderna, a ciência passa a ser somente uma maneira de se organizar informações, assim como outras modalidades de conhecimento. Assim, o saber deixou de ser inquestionável, afinal, é *um* tipo de discurso – um diagnóstico feito por Lyotard (2004, p. 45): “o que eu digo é verdadeiro porque o provo; mas o que prova que a minha prova é verdadeira?”. Se for possível provar, a realidade talvez não *seja como se diz que ela é*, mas é possível pensar que ela *possa ser como se diz*. Ou seja, a prova não garantiria a verdade, mas somente permite que se veja algo tal como a prova propõe.

Uma grande objeção à verdade é quanto à sua transparência, sua correspondência entre explicação e fenômeno afirmado – sua pureza: mesmo a busca do conhecimento por excelência, a ciência, passa por *valores* que condicionam esta *construção* e a tornam “afetada”. De absoluta, revelada, *dada*, a verdade passa a estar em constante xeque devido às suas condições de possibilidade. Assim, entra em questão a moral: aquilo que dá sentido ao conhecimento, à razão.

Nietzsche não foi o primeiro nem o único a problematizar a verdade e suas condições, consequências e contradições, mas o fez de forma contumaz e consistente e sua crítica foi apropriada por perspectivas contemporâneas como o pós-estruturalismo e o pensamento pós-moderno – frequentemente trabalhadas nesta dissertação. Em sua genealogia, relaciona ciência e moral, verdade e bem, e traz à tona a problemática entre ordem moral e ordem epistemológica, englobada pela ideia de *vontade de verdade* (MACHADO, 1999). A ciência depende da moral para ter sentido, por isso, é preciso estar atento aos valores que guiam a construção da verdade. Os valores são criações dos seres humanos, interpretações, não uma realidade ontológica. A natureza é sempre sem valor, nós é que lhe atribuímos valor. Também não há fatos morais, fenômenos morais, somente interpretações morais (NIETZSCHE, 2011). Isso coloca a questão: a quem interessa determinado conhecimento? Já se aceita, assim, que a “verdade” não é independente da moral.

Até filósofos preocupados com a verdade se encontram sob o encantamento da moral, pois um juízo de valor depende das condições de vida e varia com elas: é um sintoma. A crítica da verdade/ciência feita por Nietzsche (2011, p. 19) opõe universalismo e perspectivismo, instinto e consciência ao trazer a perspectiva da vontade de potência: na base do conhecimento estão a vontade e a vontade de verdade. “Pode ser que desejemos a verdade; por que não *haveríamos de preferir* a não-verdade?” A necessidade não é de que algo seja verdadeiro, mas que seja *acreditado* como verdadeiro. A fé na verdade: a hipótese metafísica de que o verdadeiro tem mais valor que o ilusório é o que permite a ciência. A certeza em valores supremos era tanta que Nietzsche diz que os filósofos procediam a partir da absoluta certeza *a priori*: Deus como verdade dada (MACHADO, 1999).

A verdade como incriticável permite a ligação entre ciência, filosofia e moral. Mesmo o ateu, ou o antimetafísico, se aceitar a superestimação da verdade, estará dando continuidade à afirmação platônica de que a verdade é divina: a base da ciência. Na busca pelo “verdadeiro” há uma sobrevalorização ao que é incorpóreo – metafísico, suprassensível – e uma

desvalorização ao que vem do corpo: ou seja, a consciência seria o mais importante na busca pelo conhecimento e é isso que permite que se acredite em uma *racionalidade universal*, acessível pelo conhecimento, que conduziria à *verdade universal* – e reafirmaria a hipótese de que, de fato, existiria a verdade universal.

Esta hipótese metafísica de uma verdade universal acessível pelo intelecto é contraposta a partir da consideração sobre o corpo como condição de produção do conhecimento. A consciência é a parte mais ínfima, somente um sintoma dos instintos e das paixões – que a racionalidade tenta afastar do *puro pensar*. Segundo Machado (1999), a moral é a linguagem simbólica das paixões.

O que entra em questão ao se valorizar o corpo como produtor do conhecimento e da verdade é que cada corpo é diferente: tem sua própria história, sofre diferentes afetações, lida de forma diferente com elas – cada corpo é um acontecimento particular. Assim, fica mais fácil perceber que há “verdades” – não apenas uma – em jogo, provenientes da singularidade de cada corpo produtor de conhecimento: cada um a explicar o mundo a partir de sua ótica.

A perspectiva que leva em conta um corpo afetado ao invés de um puro pensar na produção do conhecimento traz a ideia de *forças* que se apoderam de uma *coisa* e lhe impõem um *sentido*. À supremacia lógica, reinante desde os gregos, Nietzsche (2011, p. 21) coloca os instintos como maquinaria do pensar e o que surge disso é o olhar sobre a *interpretação* como condição inerente da produção do conhecimento: “[...] a maior parte do pensamento consciente deve também ser incluída entre as atividades instintivas, sem excetuar até mesmo o pensamento filosófico”. Novamente, é a impossibilidade de uma verdade universal que se evidencia ao levar em conta as forças interpretantes que conduzem a sentidos variados.

Não há acontecimento ou fenômeno sem múltiplo sentido – este dependerá das forças que se apoderarem da coisa. Isso coloca em cheque um dos princípios da lógica tradicional da “não-contradição”: uma coisa pode ser isto *ou* aquilo e ainda podem ser isto *e* aquilo *também*, conforme a leitura de Deleuze (2001, p. 10): “Uma coisa possui tanto mais sentido quanto haja forças capazes de dela se apoderarem”. A preponderância dos instintos marca a reflexão de Nietzsche a ponto de Machado (1999) dizer que a teoria geral do conhecimento é substituída por uma teoria da perspectiva dos instintos: o conhecimento como uma perspectiva; a negação de seu caráter universal, objetivo e desinteressado.

A perspectiva deleuzo-nietzschiana, portanto, coloca a produção do conhecimento a partir da questão das forças, provenientes das paixões, dos instintos. Logo, conhecer não é explicar: é interpretar. Uma única interpretação do mundo como legítima? Não há interpretação justa, não há um único sentido válido, mas uma infinidade de interpretações, todas com caráter particular. O objetivo do conhecimento, assim, não é atingir uma verdade, procurar o sentido das coisas: é introduzir, impor um sentido; interpretar, dar forma, estruturar. O conhecimento não se realiza ao se libertar dos afetos – quanto mais deixarmos os afetos agirem, mais complexo será o conceito da coisa; assim, eliminar paixões não seria castrar o intelecto? Por isso o conhecimento não é neutro, desinteressado: os instintos são suas raízes ocultas, inconscientes. (MACHADO, 1999).

Dito desta forma fica mais fácil entender a ideia de “multiverdades”: são interpretações possíveis, o contrário de uma *verdade necessária* – como se não fosse possível dizer outra coisa. Isto remete aos aforismas dos físicos Niels Bohr – “o contrário de uma verdade profunda não é um erro, mas uma outra verdade profunda” – e Blaise Pascal – “o contrário da verdade não é um erro, mas uma verdade contrária” – citados por Morin (2007).

Numa dissertação sobre notícias falsas e pós-verdade, é muito fácil pensar que estas considerações vêm passar pano na mentira para brilhar enquanto “verdade possível” – definitivamente, não. Ao denunciar a produção do conhecimento, com uso da perspectiva cartográfica, o que busco é constantemente esfregar o discurso: se for consistente, isto o fortalece; se for fraco, talvez não resista; se for mesquinho – como pode ser uma *fake news* – pode até ser denunciado como tal.

Estas considerações muito pertinentes a uma posição de relativismo – *ao invés de um erro, o oposto de uma verdade pode muito bem ser outra verdade* – típico da área de humanidades são provenientes de uma “ciência dura”, que deveria trazer verdades inquestionáveis e imutáveis. Para Feyerabend (1977), também físico, trata-se de uma questão de condição de coerência exigida pela ciência: não é possível de se perceber dados que contrariem teorias consagradas se não for aceita uma teoria alternativa para supor a existência destes dados empíricos divergentes. A concepção de pressupostos teóricos alternativos, diz ele, pode ser afastada por uma simples questão de preconceito e ideologia. As paixões, novamente, que condicionariam o saber e invalidariam um suposto conhecimento superior limpo: não ideológico.

A ideia de desinteresse é o de que a ciência surge quando se vence as condições de existência e se encontra a neutralidade objetiva do universal, enquanto que a ideologia é um conhecimento obscurecido, em que o sujeito tem uma relação com a verdade turvada. Ideologia, entretanto, é um termo que sofre algumas críticas (DELEUZE; GUATTARI, 2011; FOUCAULT, 2013), duas delas aqui destacadas: por supor existir algo que é seu oposto – um saber verdadeiro e desinteressado; e por se referir a algo relacionado ao sujeito, como se não houvesse um discurso amplo em que este está mergulhado.

Não há, para Foucault, distinção entre ciência e ideologia. É sempre a partir de condições políticas que se forma o sujeito e os domínios de saber, conforme Machado (2013, p. 28): “A investigação do saber não deve remeter a um sujeito de conhecimento que seria sua origem, mas a relações de poder que o constituem. Não há saber neutro. Todo saber é político”. Todo o saber tem como gênese relações de poder. É a teoria das forças, dos instintos, de Nietzsche colocada nos termos do poder. Não existe verdade fora do poder ou sem poder: não se trata de um resultado de uma busca livre de paixões, dos espíritos livres, a verdade é deste mundo, produzida nele e produzindo nele efeitos de poder. Ao invés de se pensar em ciência/ideologia, deve-se pensar em verdade/poder, diz Foucault (2013, p. 52):

Cada sociedade tem seu regime de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Ou seja: há um conjunto de formas de controle do discurso que, ao invés de tentar dominá-los ou a sua própria aparição, impõe as condições para que este se realize, regra os indivíduos que os pronunciam e restringe o acesso a ele. Além de chamar atenção para os discursos que são alçados à condição de verdadeiros – e os que não o são –, percebemos também que há algo que não pode ser considerado *necessário* ou límpido na constituição destes saberes; o poder, além de condicionar a produção de um conhecimento, também é por ele condicionado: “não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, e, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder” (MACHADO, 2013, p. 28). É o regime da verdade: “A ‘verdade’ está circularmente ligada a efeitos de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2012, p. 54).

No começo do Gênese, está escrito que Deus criou o homem para que ele reine sobre os pássaros, os peixes e os animais. É claro, o Gênese foi escrito por um homem e não

por um cavalo. Nada nos garante que Deus quisesse realmente que o homem reinasse sobre as outras criaturas. É mais provável que o homem tenha inventado Deus para santificar o poder que usurpou sobre a vaca e o cavalo. O direito de matar um veado ou uma vaca é a única coisa sobre a qual a humanidade inteira manifesta acordo fraterno, mesmo durante as guerras mais sangrentas (KUNDERA, 2008, p. 279-280).

Ao colocar o saber nos termos do poder, percebemos que se trata de algo *arbitrário* – novamente, não necessário. E ao mostrar que os discursos são acolhidos como verdadeiros conforme a sociedade e conforme sua época, fica evidente também seu caráter *provisório*. O que Foucault (2014) mostra são as mudanças não continuístas em determinados momentos ou organizações de saber em relação ao seu passado. A forma brusca com que se dão essas mudanças são sinais de que enunciados aceitos como verdades se modificam.

Uma pergunta que me parece incontornável é: com consciência da flacidez da “verdade” e de suas condições de produção, como dar uma resposta assertiva para o que se julga como “falso”, ilógico ou para um discurso embebido na moral? Esta condição de “pós-verdade”, de reconhecimento da validade relativa de um discurso, até mesmo do científico, me parece ser parte do problema colocado em torno das narrativas que deslizam num *continuum* que vai desde um ponto de vista, passando por uma interpretação moral até uma genuína notícia falsa: não há uma verdade a ser invocada para contrapor o ilimitado imaginário que sustenta uma mentira, nem a autoridade de uma instituição – a ciência, a imprensa – é suficiente para endossar uma resposta àquilo que é acreditado como a verdade – como lembra D’Ancona (2018, p. 41), “o povo deste país já está farto dos especialistas”¹⁷.



O caráter provisório dos enunciados é semelhante ao que Feyerabend (1977) percebe sobre os postulados científicos – particularmente, na física. Novamente, é uma crítica à ideia de progresso – como se houvesse um acúmulo de verdades anteriores ou uma evolução rumo a

¹⁷ A frase foi dita em 2016 no programa *Sky News* por Michael Gove, um dos defensores do Brexit e então secretário britânico de justiça.

um saber mais “completo” – e, logo, mais verdadeiro. O que ocorrem são *revoluções* científicas em que as teorias e leis substituem os sistemas anteriores por não haver um *ajuste*; não há uma continuidade a partir de uma verdade anterior, mas um rompimento epistemológico em cada revolução científica por uma questão de incompatibilidade entre sistemas. Esta *incomensurabilidade* entre os discursos científicos não cumulativos foi percebida e sistematizada por Thomas Kuhn, conforme Gonçalves (2017, p. 10):

Uma revolução científica nada mais é do que uma alteração radical na forma de se fazer e pensar ciência em um dado campo específico, uma alteração que não é da ordem do acúmulo de conhecimento, que não é apenas aumento quantitativo do que se sabe dentro de um modelo dado de ação, mas antes uma alteração de fundo do próprio modelo.

A partir da física, ainda, Baudrillard (1997) questiona a possibilidade da verdade ao propor a incapacidade de *descrição* de um evento por um discurso: se não for preciso (que tem *precisão*), não se trata d’A Verdade. É o “estágio meteorológico” da informação, o estatuto que assumiria um enunciado – científico, filosófico: não mais exato, somente provável; incerto. Ao binarismo verdadeiro/falso surge a verdade fractal do campo da física: enquanto os objetos estão a 1,2 ou 2,6 dimensões (não mais números inteiros), um acontecimento poderia oscilar entre 1,2 ou 2,3 oitavos da verdade. Trata-se do princípio da incerteza de Heisenberg, conforme Gonçalves (2017, p. 8): “Esse mundo paradoxal [...] é um mundo em que o determinismo clássico não vigora, um mundo que comporta certo grau de aleatoriedade, o que força a teoria a abandonar a certeza em favor da probabilidade”.

Tratar-se-ia, ironicamente, de uma consequência da perfeição do cálculo e de sua indemonstrabilidade: de tão exata que a ciência promete ser e de tão singular que uma situação é, fica impossível descrevê-la, narrá-la. Portanto, aquele ponto único do acontecimento o enunciado somente poderia rondar. Restaria, assim, *provável*. Provável por haver provas que o sustentem e provável por haver probabilidade de que esteja correto... como a previsão do tempo – aqui entra a ironia característica de Baudrillard (1997, p. 61) –, que busca “satisfazer o público sem contrariar muito os acontecimentos”. Esta pincelada que invoca a mídia de massa não é à toa: até que ponto a verdade não é condicionada pelo que o interlocutor dela espera?

A *informação no estágio meteorológico* desemboca na crítica à representação característica do pós-estruturalismo e das teorias da pós-modernidade – um discurso não é o acontecimento a que se refere. Quando a verdade deixa de ser binária o mesmo acontece com a objetividade: tudo é uma questão de *verossimilhança* – atributo que devém, sim, da precisão do

enunciado em poder se “colar” ao evento que narra, mas que depende, ainda, da crença, das expectativas coletivas. A provocação está em afirmar que o que mantém um discurso crível é a satisfação do público. Não é verossímil?

A aceitação de um discurso é uma consideração semelhante ao que Maturana (2001, p. 30) diz sobre a explicação científica: “A ciência não tem a ver com a predição, com o futuro, com fazer coisas, mas sim com o explicar. Os cientistas são pessoas que têm prazer em explicar. É a única coisa que lhes interessa na vida, enquanto cientistas”. Para ele, a explicação trata-se de uma reformulação da experiência – o discurso que descreve aquilo que “aconteceu”. Se a explicação é uma reformulação da experiência, nem toda reformulação da experiência é uma explicação, pois – isso parece muito óbvio, mas é por isso que deve ser dito – *a explicação deve ser aceita por um observador para que seja considerada uma explicação*; enquanto uma reformulação da experiência não for aceita, não se trata de uma explicação – segundo o ponto de vista do observador, que não deve ser desprezado.

A explicação pode ser duvidosa, mas se for aceita, é uma explicação, conforme Maturana (2001, p. 30): “Isto é absolutamente cotidiano, e a pessoa aprende a fazê-lo desde pequena, desde que pergunta à mãe: ‘Mamãe, de onde eu vim?’ e a mãe lhe diz: ‘Filhinho, a cegonha te trouxe da Europa’. E a criança vai embora feliz”. Entretanto, quando a criança deixa de aceitar a história da cegonha, esta deixa de ser uma explicação para ela e é preciso dar outra explicação para satisfazer sua dúvida, diz Maturana (2001, p. 30): “[...] há tantos explicares, tantos modos de explicar, como modos de aceitar reformulações da experiência”. Importa perceber que a validação da explicação depende de quem a escuta – por isso há tantos “explicares” diferentes.

Além disso, ao se levar em conta *para quem* se está explicando, se evidencia que o discurso está sendo pensado para o público. Ou seja: 1) o discurso não devém apenas do evento, do fato, do objeto, 2) passa por quem o explica e 3) depende também de para quem se está explicando. Os gregos, e depois também os racionalistas clássicos, acreditavam que a verdade fosse acessível pela razão; os empiristas acreditavam, por sua vez, que a verdade estivesse nas coisas – e dali devesse o conhecimento; a síntese de Kant demonstrou que antes de conhecer algo, é preciso *conhecer quem conhece* – as coisas poderiam ser percebidas e explicadas a partir de determinadas categorias do pensamento. O que se chama atenção agora é para a *ação de construção do discurso na simples condição de ouvinte deste* – é a importância do “receptor”.

Ao se chamar atenção para uma verdade fugidia, que tem sua validade dependente também a partir de sua aceitação, enfatizamos a necessidade de um “acordo” para garantir uma verdade-em-comum. Enquanto a imagem corrente é de que a comunicação decorre da informação, como se fosse uma relação necessária, Wolton (2010, p. 18) mostra que o primeiro processo não ocorre *a priori* com a simples existência do segundo:

Os receptores negociam, filtram, hierarquizam, recusam ou aceitam as incontáveis mensagens recebidas, como todos nós, diariamente. O receptor, que nunca foi passivo, está cada vez mais ativo para resistir ao fluxo de informações. Seria mais adequado falar em *receptor-ator* para destacar o aspecto dinâmico dessa função. Revalorizar o estatuto do receptor passa também pela revalorização da própria problemática da comunicação.

Como já foi visto, a produção da verdade passa pelo corpo, pelas paixões e pelas tendências morais e políticas de cada um. Me chama atenção este estágio de fragmentação moral e sociocultural (HALL, 2006; LIPOVETSKY, 2004) em que, ao invés de se reportar a uma verdade uma, as inclinações individuais entram em jogo na hora de se aceitar algo como verdadeiro. Durante a modernidade, diz Lyotard (2004, p. 45), houve aceitação entre emissor e receptor a respeito dos relatos que tinham valor de verdade e por objetivo a ética e a paz universal, pressupondo racionalidade entre ambos os sujeitos: “Todo consenso não é um indicativo de verdade; mas supõe-se que a verdade de um enunciado não pode deixar de suscitar o consenso”. A coletividade e o vínculo social da sociedade orgânica se dissolvem nesta “crise dos metarrelatos”.

O problema de Wolton – informação-comunicação –, está centrado em questões sociológicas – a alteridade e a emancipação humana no mundo contemporâneo – e decorre de sua percepção de uma incomunicação: com tantas mensagens circulando e tecnologias que incentivam a troca de mensagens, o que há é um choque de culturas, de visões de mundo, de diferenças em geral. Do campo de conhecimento de onde se encontra, sua problematização parte do pressuposto de que é preciso que nos entendamos enquanto seres humanos que vivem em sociedade; não que todos devamos ser iguais nos modos de pensar e de se comunicar, mas que as heterogeneidades possam ter a chance de se desenvolver enquanto tais. Sua saída não poderia ser outra – política: a negociação das diferenças é fundamental, portanto, a comunicação é a chave para a convivência entre os seres.

A diversidade dos receptores torna caducas as teorias dominantes. O aumento da circulação de informações, sempre mais rapidamente e da maneira mais igualitária, não aumenta a comunicação e a compreensão. Os receptores, ou seja, os indivíduos e os povos, resistem às informações que os incomodam e querem mostrar os seus modos

de ver o mundo. A incomunicação torna-se o horizonte da comunicação obrigando a negociações constantes para que se possa conviver (WOLTON, 2010, p. 15).

É reafirmada, assim, a importância do receptor no processo, a sua aceitação, negociação ou mesmo modificação das mensagens em circulação. Até que ponto uma notícia pode ser rejeitada em nome de uma *fake*? Ou a ciência? Dominique Wolton (2010, p. 18-19) reconhece que esta problemática não se resolve simplesmente ao enfatizar a interpretação: “O receptor nem sempre tem razão, longe disso, ou imporia sua ditadura, mas ele obriga a passar da ideia de transmissão à de negociação”. Assim, com isto em mente, se tira um pouco do peso de análise na questão de produção de informações como grande definidor da questão comunicacional. Ou seja, é possível de se afastar de uma matematicidade que pode acabar subestimando o “receptor”: “uma notícia falsa não é verdade, logo, quem a compartilha, quem a consome, está errado”.

Afirmações como ‘A soma dos ângulos de um triângulo é igual a dois ângulos retos’, ‘A terra gira em torno do sol’, ‘É preferível sofrer o mal que fazer o mal’, ‘Em Agosto de 1914 a Alemanha invadiu a Bélgica’ são muito diferentes pelo modo como foram estabelecidas, mas, uma vez entendidas como verdadeiras e declaradas tais, têm em comum estar para lá do acordo, da discussão, da opinião, do consentimento. Para aqueles que as aceitam, não são alteradas por ser maior ou menor o número daqueles que admitem a mesma proposição; a persuasão ou a dissuasão são inúteis porque o conteúdo da afirmação não é de natureza persuasiva mas coerciva (ARENDRT, 1995, p. 12).

A ideia de ‘acordo’ problematiza ainda mais: a linguagem na crítica da verdade em Nietzsche, por exemplo, é definida como a aceitação de não-verdades como verdades. A verdade não seria uma adequação entre linguagem e coisa, mas uma ficção necessária para haver relação entre as pessoas. Hannah Arendt (1995, p. 18) diria que se trata de uma *opinião*, que, para ser validada como uma verdade é preciso de um livre acordo e de um consentimento – por meio da persuasão:

Que todos os homens nasçam iguais não é nem evidente em si nem demonstrável. Fazemos nossa essa opinião porque a liberdade é possível apenas entre os iguais, e acreditamos que as alegrias e as satisfações da livre companhia devem ser preferíveis aos duvidosos prazeres da existência da dominação.

A denúncia nietzschiana está no fato da oposição verdade-mentira ter origem moral – o que acabaria supervalorizando a verdade e a racionalidade; estas, entretanto, surgem pela *exigência de uma verdade*. Da demanda por coexistência pacífica entre os seres vem a *verdade*, esta *ficção*: o acordo sobre a que verdade estamos nos referindo. Esta é a base da linguagem, da comunicação entre as pessoas. Sendo assim, o ser humano não ama a verdade, somente

deseja suas consequências favoráveis. O que se quer é evitar o nocivo da mentira – mas se a mentira for agradável, então torna-se aceitável, conforme Machado (1999).

Acho que é o momento em que a objetividade é abandonada como ideal e é substituída pela intersubjetividade. Eu acho que na história da filosofia, o ponto decisivo é Carnap. Eu acho que antes dele, assumiu-se que há alguma realidade objetiva que temos que descobrir. Agora tendemos a acreditar que algo é considerado real se houver um consenso sobre isso. A realidade se torna um problema de intersubjetividade. Você sabe, na Antiguidade, o Unicórnio era real porque havia um consenso sobre sua existência. Não é mais real porque não há mais consenso sobre o unicórnio (FLUSSER, 1997, texto digital)¹⁸.

Como veremos adiante, esta concordância que sustenta a verdade é também o que alimenta a pós-verdade: um grupo pode tomar por verdadeiro um discurso, uma pequena informação ou outro tipo de conteúdo que configure um “fato alternativo”; pode se tratar de algo duvidoso, não comprovado, de interpretação questionável ou claramente uma mentira, mas pode ser legitimado ao ser assumido como verdadeiro dentro de um espaço de saber, de uma tribo, de uma *bolha*. Ao mesmo tempo que ali dentro configuraria uma verdade, esta é a condição para se falar em *pós-verdade*.

Difícil é tomar algo como absoluto ou como ponto de referência para posicionar o que é *verdade* e o que é *pós-verdade*. A provisória inversão¹⁹ foucaultiana faz a provocação exemplar para isso: poderíamos crer, inocentemente, que quem “possui” a verdade também “possui” o poder – pois este emanaria daquela (“conheceis a verdade e a verdade vos libertará”); entretanto, é possível pensar que não é o poder que emana da verdade, mas que a verdade é que emana do poder – um discurso possível desponta como verdadeiro por haver uma dispositividade que o faça ser crido como verdadeiro.

Assim, é possível dizer que a pós-verdade esteja colocada como *concorrente* ao que, de alguma forma, é *oficial*, ou que esteja ligado ao poder – midiático, estatal. O prefixo *pós*, assim, designaria tanto uma ultrapassagem da ideia de que a verdade se sustentaria sozinha por ser supostamente absoluta como também se trataria de algo *alternativo* ao que é sustentado como

¹⁸ No original: “I think it is the moment when objectivity is abandoned as an ideal and it is substituted by intersubjectivity. I think that in the history of philosophy, the decisive point is Carnap. I think that prior to him, it was assumed that there is some objective reality which we have to discover. Now we tend to believe that something is assumed to be real if there is a consensus about it. Reality becomes a problem of inter-subjectivity. You know, in Antiquity, the Unicorn was real because there was a consensus about its existence. It is no longer real because there is no longer any consensus concerning the Unicorn”. Tradução livre.

¹⁹ A inversão é provisória porque a relação se dá nos termos de poder-saber e saber-poder.

verdadeiro. “[...] como se a ‘verdade’ fosse uma pessoa tão cândida e tão desastrada que tivesse a necessidade de defensores!” (NIETZSCHE, 2011, p. 42).

A verdade depende de algo que lhe é exterior, sendo este algo de alguma forma condicionante. A verdade, assim, seria relativa a alguma coisa, no sentido de depender dessa alguma coisa para se constituir e existir. Em oposição à tese da verdade absoluta, que de nada depende, a ideia de que a verdade é relativa, de que a verdade é dependente (GONÇALVES, 2019, p. 2).

[...]



A cotação da verdade (Amazon)

A pergunta – “E se tudo é um ‘constructo social’, então, quem vai dizer o que é falso? O que impedirá o fornecedor da ‘notícia falsa’ de afirmar ser um obstinado digital combatendo a ‘hegemonia’ perversa da grande mídia?” – que Matthew D’Ancona (2018, p. 85) traz no livro *Pós-verdade – a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news* é pontual e pertinente, por ser uma dúvida talvez incontornável em meio ao ambiente comunicacional de nossa época. Entretanto, seu diagnóstico, encontrado com certa frequência em textos, análises e até artigos sobre notícias falsas, causa justamente aquilo que tenta denunciar: confusão informativa. O jornalista britânico mistura termos que julga serem próximos, talvez por se assemelharem, sem fazer a devida distinção, sugerindo que sejam equivalentes: pós-verdade, pós-estruturalismo, pós-modernidade, pós-modernismo – este mais relacionado às artes, como colocado por Vargas Llosa (2013, p. 55): “Na atualidade *tudo* pode ser arte e *nada* é arte, segundo o soberano capricho dos espectadores, que, em razão do naufrágio de todos os padrões estéticos, foram elevados ao nível de árbitros e juízes que outrora só alguns críticos possuíam”. Desde que Marcel Duchamp colocou o urinol na sala há um certo incômodo.

A razoabilidade na crítica do mundo do consumo, em que “o cliente sempre tem a razão”, se perde ao fazer uma ligação, desavisada e leviana, a uma das grandes ousadias de Nietzsche (2011, p. 19) – dizer que

A vontade da verdade, que nos poderá levar ainda a muitas aventuras, essa famosa veracidade de que todos os filósofos até agora falaram com veneração, quantos problemas essa vontade da verdade já nos levantou! [...] Pode ser que desejemos a verdade; por que não *haveríamos de preferir* a não-verdade?

A *Fonte* de Duchamp e a crítica de Nietzsche estão menos interessadas em levantar um estatuto estético-epistemológico do que em *provocar* o que foi erguido como monumento. O abalo da verdade ser respondido com um desejo de retorno a uma estrutura firme já não mostra quão pouco absoluta, quão dependente é de esforços externos que a mantenham? Também de forma estereotipada, tomo as considerações de D’Ancona como representativas, advindas e reforçantes de outras reflexões controversas que podemos ver por aí.



“O irracionalismo moderno é uma tradição filosófica decadente, abrangente e heterogênea. A destruição da razão é um empecilho para a filosofia emancipatória”, diz a descrição da página (Facebook)²⁰

Segundo D’Ancona (2018, p. 90), “a epistemologia da pós-verdade incita que aceitemos que existem ‘realidades incomensuráveis’ e que a conduta prudente consiste em escolhermos

²⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/IrracionalismoModerno/posts/1201130603351169>>. Acesso em 20 fev. 2020.

lados, em ver de avaliarmos evidências” e, ainda, que o horizonte desta condição seria não poder distinguir o falso do verdadeiro por uma equivalência narrativa e pela queda da autoridade dos especialistas. A lembrança, frequente, da ascensão de *fake news* com outras formas de informação e comunicação face à diminuição do prestígio da mídia e de referentes objetivos se torna um desejo conservador por segurança, um eixo de estabilidade.

Se, para Silva (2019, posição 501), mais cauteloso na associação e mais preciso na análise, “[...] as *fake news* são uma distopia tecnológica em tempos de crise de referenciais e de relativismo pós-moderno”, para D’Ancona o “relativismo doentio” é fruto das ideias de Foucault e Derrida e a ascensão de Trump é o “momento pós-moderno supremo”. Confuso, equivocado e talvez implicante com algumas chaves teóricas que giram em torno do perspectivismo.

[...] dizer que não existem fatos mas apenas interpretações significa, por certo, dizer que aqueles que nos aparecem como fatos são efeito de interpretação, mas não que cada interpretação possível produza algo que, à luz de sucessivas interpretações, somos obrigados a considerar como se fosse um fato (ECO, 1998, p. 47).

É exagero buscar associar Nietzsche e os pós-modernos com a pós-verdade, lembra também Feitosa²¹. Não existir fatos, somente interpretações é uma provocação filosófica de que a verdade deve ser continuamente discutida, não tomada como absoluta. Porém, “No contexto político atual a frase está sendo relida, ao contrário, como se fosse a legitimação para os estados de ‘tanto faz’ ou de ‘liberou geral’ reinantes, pois onde não há fatos, nada é verdade”.

Por que chamar essas formas midiáticas de manipulação de textos ou imagens como pós-verdade? A escolha do termo não é neutra, trata-se de uma interpretação que é ao mesmo tempo uma acusação. Tudo se passa como se a ‘pós-verdade’ fosse a verdade típica dos tempos ‘pós-modernos’ (FEITOSA, 2017, texto digital).

Associar pós-verdade com “verdade alternativa” parece legitimar a posição da assessora Kellyane Conway, que chamava de “fatos alternativos” as mentiras que o governo de Donald Trump divulgava: alternativos em relação aos da “mídia desonesta”. Entretanto, esta argumentação não busca autorizar a mentira como verdade alternativa, mas pontuar, também, a “indiscernibilidade” entre o que é verdadeiro e o que é falso.

Há verossimilhança no falso a concorrer com o absurdo do real, possivelmente mais difícil de entender ou de acreditar do que a mentira, criada já a partir de nosso imaginário e

²¹ Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/pos-verdade-e-politica/>>. Acesso em 21 out. 2019.

nossos desejos – assim, toda, mesmo que falsa, explicação é como uma embreagem para suavizar a absurdidade do mundo e dar sentido ao caos que se apresenta. “Contra a discrição do verdadeiro, a obscenidade do falso. Contra a lentidão da verdade, a celeridade do celerado” (SILVA, 2019, posição 593-607).

GOVERNO BOLSONARO

Bolsonaro chama de falsa reportagem sobre nomeação publicada no Diário Oficial

Escolha de coronel para departamento da área de comunicação foi assinada por Onyx Lorenzoni



BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro classificou de fake news reportagem publicada pela **Folha** sobre a [escalação de um militar](#) para coordenar a estrutura de mídias digitais e reforçar a comunicação oficial do Palácio do Planalto.

Março de 2019 (Folha de São Paulo)²²

Portanto, fica difícil dizer, desta forma, *Verdade* – mesmo que se esteja apontando para uma mentira (“isso não é verdade”). A não-transparência da linguagem – a observação não é neutra, toda descrição implica em interpretação – também é lembrada por Estevão e Farias (2018) a partir da “vontade de verdade” nietzschiana: lutas de poder buscam enquadrar o real numa estrutura moral, política e institucional que traga segurança. O universo discursivo de um “receptor” não mais passivo entra em jogo para condicionar a forma como a realidade será compreendida, conforme Carvalho e Belda (2017, p. 238), que levam estes fatores em conta

²² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/bolsonaro-chama-de-falsa-reportagem-sobre-nomeacao-publicada-no-diario-oficial.shtml>>. Acesso em 14 mar. 2019.

para a incontornabilidade da pós-verdade como “[...] incapacidade de diferenciação, nos fluxos de informação nas redes, dos relatos que se baseiam em acontecimentos daqueles inventados, sobretudo com finalidades políticas e de luta pelo poder”.

Não é significativo que a produção já seja feita pensando em como será recebida, por pressupor que será invariavelmente contestada?



Junho de 2019 (Twitter)

E não é significativa a descrença em instituições de produção da verdade?

Aqui já é possível de se elencar características de uma pós-verdade neste breve escrutínio sobre a verdade: 1) a não concordância entre as pessoas – diferindo entre discursos possíveis – e; 2) também a concordância entre elas – ao criar uma ficção e aceitá-la como verdadeira; 3) a dificuldade de diferir o que é verdadeiro do que é falso – de dar conta do real, 4) a fragmentação moral, cultural e sócio-histórica – assumindo estes elementos como condições de produção da verdade; 5) a consciência do acoplamento poder-verdade para o estatuto do verdadeiro; 6) a possibilidade de emergência de discursos alternativos àqueles ligados ao poder – uma certa “coragem da verdade”; 7) a provisoriedade de um discurso – esta noção mais ligada à ciência no que diz respeito à capacidade de descrição dos eventos e da incomensurabilidade entre discursos; 8) a validade de discursos incompatíveis – a partir de forças que se apoderam de algo; 9) a impossibilidade da neutralidade advinda uma racionalidade que garantiria o acesso à verdade universal e atemporal.

A lista não é exaustiva, absoluta ou progressiva, somente aponta para elementos que tornam mais complexa a pesquisa sobre *fake news* – as notícias *falsas*, que *não são* as

“verdadeiras” notícias. Estas considerações servem para cercar o tema e, a partir de pequenos indícios, se poder construir algum conhecimento que ajude a ter uma imagem mais próxima e mais problemática do fenômeno que se pesquisa.



Junho de 2019, postagem no Instagram de “Tutuca”²³

Assim, vai se deixando o nível teórico-epistemológico da discussão e chegando ao universo midiático que tanto interessa à pesquisa e que é o campo de observação do fenômeno *fake news*. Aqui entra o jornalismo como campo de conhecimento e de reconhecimento, um espaço de exposição do *verdadeiro*. A impressão imediata é que a tensão entre uma verdade oficial e uma verdade alternativa se estenda para uma forma tradicional e uma forma alternativa

²³ Edilásio Barra, o Tutuca, fora cotado para a Secretaria do Audiovisual; após a indicação, fechou sua página no Instagram com 39 mil seguidores, e, segundo o *IG*, “apagou pelo menos 200 postagens, entre elas fake news que tratavam Manuela D’Ávila e Jean Wyllys como principais suspeitos de serem os mandantes da facada contra Jair Bolsonaro na campanha de 2018”. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-06-04/quem-e-edilasio-barra-o-tutuca-cotado-para-assumir-a-secretaria-do-audiovisual.html>>. Acesso em 20 jul 2019.

de se comunicar: assim, é sustentável pensar que a verdade esteja na mídia tradicional, na imprensa, e que a pós-verdade esteja naquilo que lhe é alternativo, nas mídias sociais, nas narrativas midiáticas contra-hegemônicas²⁴? Sim e não. E talvez quem sabe.

Numa primeira leitura, é possível perceber, sim, que uma dita verdade já tenha estado alinhada ao – e vociferada pelo – discurso midiático hegemônico, da grande imprensa: não que a imprensa descubra e diga, por seus métodos, a verdade pura, mas sim que sustente, por seu poder, a verdade que diz. Com a aceitação de um discurso institucional como verdadeiro, restaria àqueles discordantes a condição de não-verdadeiros. Imprensa forte, verdade clara.

Noutra leitura, é interessante para as instituições – mídia, Estado – que se tenha a impressão de que o que foge de sua alçada seja considerado como não-verdadeiro: garantiria, assim, que a mídia tradicional centralize o lugar de disputa – conforme diria Bourdieu (1997; 2010 – pela legitimação dos discursos e fosse, assim, mais fácil controlar e monitorar este jogo; ainda, com esta verdade institucional-oficial – e as repetidas denúncias à disseminação de *fake news* como estratégia para tentar ser o juiz da verdade – se evitaria que a suspeita jogada sobre os discursos dissonantes recaia sobre si – mas como não problematizar a *verdade verdadeira* após ver, logo acima, a impossibilidade de garantia de um discurso verdadeiro e ainda como sua aparência de verdadeiro é garantida pelo poder que o rodeia?

A sincronia temporal desta tensão a um momento de crise e desconfiança sobre o jornalismo com a emergência das redes em sua potência comunicacional não parece ser uma coincidência – mas também não é uma explicação pronta, como a aproximação entre os termos “pós”. Cabe trazer também as características deste cenário para a discussão, afinal, é o palco em que têm se apresentado e se assentado os fenômenos de *fake news* e onde se desenharam as discussões sobre pós-verdade.

²⁴ Iniciativas vindas de fora da indústria midiática que questionam o modelo massivo do jornalismo a partir da premissa de que a inserção de outras vozes além das institucionalizadas pode contribuir com um conhecimento pluralizado; as práticas surgem pela contestação aos valores do campo jornalístico e expressão de seus próprios, conforme Segabinazzi (2015) e Segabinazzi e Mazzarino (2017; 2019).

[...] isso aí é *fake news*

O uso do termo *fake news* já foi criticado, não pela grafia em inglês, mas por supostamente ser contraditório: uma notícia nunca é falsa, a notícia é sempre verdadeira – seria um retrato da realidade, conforme o mito fundador do “quarto poder”. O produto de uma prática comprometida com a sociedade e interessada nos fatos – o jornalismo – não poderia, ainda, ser confundido com aquilo que busca promover o contrário: a confusão informativa e a desconfiança sobre as instituições produtoras de conhecimento. Assim, argumentações²⁵ defendem não se deveria falar em notícia falsa, mas sim em fofoca, boato ou desinformação: isso evitaria a desvalorização da verdadeira notícia. Reafirmo que o termo *fake news* – ou sua tradução, notícia falsa – é mais do que válido: necessário.

Se o que é, é, o que não é, não é. Se algo é, verdadeiramente, é. E algo que não é, somente falsamente é. Uma notícia falsa não é verdadeiramente, ou apenas é falsamente. Uma notícia falsa não é notícia, apenas falsamente. Entretanto, mesmo que uma notícia falsa verdadeiramente não seja, ela ainda assim é: algo que incomoda e que mobiliza coisas ao seu redor. Ou seja, a notícia falsa não é, verdadeiramente, notícia. Entretanto, a notícia falsa, *falsamente* é notícia. Que falsidade a faz ser notícia? A notícia falsa *verdadeiramente* é notícia – não enquanto substantivo, mas enquanto adjetivo: por tudo o quanto tem intrigado e pela incidência deste fenômeno.

Conforme pesquisa divulgada no *Brazil UK Forum*, em maio de 2019, durante a campanha para a presidência do Brasil em 2018, dois terços das pessoas afirmam ter recebido notícias falsas pelo WhatsApp. O levantamento mostrou uma tensão entre formas de se informar ditas “antagônicas”, que poderia, aparentemente, ser colocada nos termos de “tradicional” e “alternativa”²⁶.

²⁵ Estas considerações surgiram durante discussões no III Seminário Discente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Ufrgs, dia 17 de outubro de 2018, na palestra de Raquel Recuero no II Seminário Discente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, dia 11 de junho de 2019, e em revisões bibliográficas, como por exemplo de Wardle e Derakhshan (2017) e Morales (2019).

²⁶ A principal fonte de informação dos entrevistados é a TV (36%) seguida da internet (32%). A fonte mais confiável é a TV (30%), seguida da internet (29%). A frase “eu confio em telejornais” teve 35% de concordância e 40% de discordância. Jornais impressos eram os que menos recebiam confiança (26%). 41% das pessoas responderam compartilhar com frequência notícias em mídias sociais e 44% delas disse não checar a veracidade das informações. Havia considerável confiança em notícias recebidas pela família (52%) e por amigos (43%). A grande maioria (92%) afirmou não saber o que são agências de checagem de fatos/notícias. Disponível em:

Estes dados trazem uma inquietação da pesquisa que é inerente à temática da pós-verdade: as tensões entre uma narrativa oficial e narrativas alternativas; entre uma forma de comunicação vertical, a da imprensa, e de formas capilares, por mídias sociais; entre um processo feito por especialistas e outro por amadores; entre processos institucionais e práticas anárquicas; entre o governo e o povo; entre nós e eles; entre um espaço com procedimentos de coleta e apresentação dos fatos, da verdade, e de um caótico, desregulado; um de disputa por uma hegemonia e outro em que qualquer coisa pode ser publicada.

Esta parece ser uma visão simplória, maniqueísta e oportunista da situação em que nos encontramos atualmente – mas não é por se tratar de uma imagem equivocada que ela não insista em se fazer vigente.

No caso da imprensa, entende-se tal campo como a instância em que impera a objetividade, o discurso da veracidade, o compromisso com a apuração dos fatos e o interesse público. Nesse sentido, com a consolidação das mídias digitais, começaram a ser disseminadas, em escala muito mais ampla e às vezes sem controle, as chamadas *fake news* ou notícias falsas, colocando em xeque o poder da mídia em ser a instância privilegiada e autorizada de transmissão das informações (FERNANDES; OLIVEIRA; GOMES, 2019, p. 4).

Nas mídias sociais, como lembram Alcott e Gentzkow (2017), o custo para entrar é baixo – isso não só reduz a importância de se ter uma reputação enquanto instituição como também de mantê-la com as informações que veicula. Também para Lazer et al (2018, p. 1094) a entrada de novos concorrentes – e a rejeição às normas do campo – contribuiu para que os modelos de negócios fossem desestabilizados, junto da confiança e da credibilidade pública que desfrutavam os meios de comunicação tradicionais:

Definimos ‘notícias falsas’ como informações fabricadas que imitam o conteúdo das notícias da mídia na forma, mas não no processo organizacional ou intenção. Os meios de comunicação falsos, por sua vez, carecem das normas e processos editoriais da mídia para garantir a precisão e credibilidade das informações²⁷.

Parece sugerir uma dicotomia: a verdade é a oficial-institucional e a pós-verdade é tudo aquilo que venha lhe contestar, ou que dali divirja; mas esta tensão é suscitada pela própria forma em que o termo *pós-verdade* se estabelece: por antagonismo à *verdade*. Também o

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/2-em-cada-3-receberam-fake-news-nas-ultimas-eleicoes-aponta-pesquisa.shtml>>. Acesso em 18 jun. 2019.

²⁷ No original: “We define ‘fake news’ to be fabricated information that mimics news media content in form but not in organizational process or intent. Fake-news outlets, in turn, lack the news media’s editorial norms and processes for ensuring the accuracy and credibility of information”. Tradução livre.

neologismo *fake news* se coloca como *algo que não é*: não é notícia, não é verdade – logo, é *mentira*.

Se jornalismo é ‘publicar aquilo que alguém em algum lugar não quer que seja publicado’ *fake news* é “publicar aquilo que alguém gostaria de ler ou de ver, mesmo sendo inverídico, com o desejo de que se torne verdade por repetição ou por ser a pista forçada de uma realidade encoberta (SILVA, 2019, posição 444).

Veículos de imprensa ditos “tradicionais” costumam se aproveitar desta narrativa para tentar recuperar a credibilidade e a influência abaladas, de certa maneira, por outras formas de comunicação emergentes, que são acusadas de não serem fontes confiáveis de informação. Tandoc, Wei Lim e Ling (2018, p. 148), por exemplo, trazem esta perspectiva:

Enquanto a notícia é construída pelos jornalistas, parece que a notícia falsa é co-construída pelo público, pois sua falsidade depende muito de saber se o público percebe o falso como real. Sem esse processo completo de engano, as notícias falsas continuam sendo uma obra de ficção. É quando o público as confunde com notícias reais que as notícias falsas podem brincar com a legitimidade do jornalismo. Isso é particularmente importante no contexto das mídias sociais, onde as informações são trocadas e, portanto, os significados são negociados e compartilhados²⁸.

É preciso tomar cuidado para não reproduzir um certo preconceito antigo diante daquilo que está fora da academia ou da “indústria jornalística”. É necessário afirmar isso também para que as críticas deste trabalho não sejam consideradas um desejo de instituir de ou resgatar uma esfera como autorizada à construção social da realidade. Toda problematização da “verdade” feita anteriormente – a partir de suas (im)possibilidades e de sua (im)pureza – vem atender justamente a esta perspectiva que não considera haver um relato absoluto, nem mesmo ideal, e reafirmar os relatos marginais como não apenas válidos, mas necessários.

As mídias sociais se mostram potentes para questionar o “jornalismo tradicional” e, conforme Henn e Oliveira (2015, p. 85), materializam a heterogeneidade da sociedade que, pode não concordar com um enquadramento que seja duvidoso ou não dê conta de sua diversidade: “[...] se constituem como um espaço de disputa de sentidos entre os diferentes sistemas que se dedicam a interpretar o mundo conforme diferentes repertórios e interesses: o sistema social propriamente dito, o sistema capital/mercado, o sistema político”.

²⁸ No original: “While news is constructed by journalists, it seems that fakenews is co-constructed by the audience, for its fakeness depends a lot on whether the audience perceives the fake as real. Without this complete process of deception, fake news remains a work of fiction. It is when audiences mistake it as real news that fake news is able to play with journalism’s legitimacy. This is particularly important in the context of social media, where information is exchanged, and therefore meanings are negotiated and shared”. Tradução livre.

A preocupação com a instituição Jornalismo é nobre, indispensável e está no cerne do problema colocado; é preciso reconhecer o valor da profissão como fundamental para o funcionamento e manutenção da democracia, mas não por isso pode se transformar num engodo para desvalorizar as possibilidades e potencialidades do trabalho amador e/ou desinstitucionalizado. “Você que inventou a mentira, ora, tenha a embirra de desinventar”.

Abaixo deste grande guarda-chuva chamado mentira seria possível colocar as sugestões alternativas ao neologismo “notícia falsa”, como desinformação (e as variantes em inglês, “*dis-information*, *mis-information* e *mal-information*”, utilizadas em alguns trabalhos consultados²⁹), fofoca, rumor, boato... Vale dizer que este último termo, boato, vinha sendo consideravelmente utilizado em trabalhos mais antigos e até imediatamente anteriores à emergência *fake* (KAPFERER, 1987; IASBECK, 2000; GADINI, 2007; RENARD, 2007; BOATINI, 2016; BEHS, 2017) e, por isso, é proveitoso para se considerar a troca de mensagens frenética que ocorre em grandes acontecimentos sociais, como da facada.

É interessante, portanto, discutir o boato para aproximar sua lógica com a das *fake news* – ou afastar, definitivamente, se for o caso. “As *fake news* [...] constituem uma novidade jornalística e sociológica ou apenas a aceleração radical tecnológica de uma antiga modalidade de difusão de boatos, de falsificação de informações e de destruição de reputações?” (SILVA, 2019, posição 444). O caráter de novidade ou de renovação de um mesmo processo social é uma discussão recorrente sobre este fenômeno.

[...] apenas um velho boato?

Primeiramente, o boato pode tanto ser falso como verdadeiro: trata-se, assim, de uma informação não verificada que pode ou não se confirmar. Este é o primeiro sentido para o termo, conforme Renard (2007), que também o coloca como – agora sim – uma informação falsa. Ou seja, nesta concepção o boato enquanto algo não verificado é apenas um boato e, após a verificação, se confirmado como verdadeiro, o boato é alçado à condição de notícia; se for

²⁹ Como, por exemplo, Wardle e Derakhshan (2017) e Recuero e Gruzd (2019).

desmentido, o boato continua como somente um boato – e neste estado, então, com um sentido de falsidade, de mentira, que no senso comum se tem do boato.

Quando o boato deixa de ser boato – para ser tratado como verdade ou como mentira – é preciso que seja *verificado*. Esta verificação coloca a informação que estava na condição de incerta numa proposição em condição de *verdade*: 1) “boato X é verdadeiro” ou 2) “boato X não é verdadeiro”. Mesmo que indiquem o contrário, as afirmações 1 e 2 estão se propondo como testemunhos verdadeiros: aquilo que se propõem a dizer é *A verdade*.

A *Verdade* é apenas uma: a que se sobrepõe sobre as outras. É justamente este seu caráter de “oficial”, “legal” e até mesmo “formal” que ao mesmo tempo autoriza um reconhecimento do que deve ser entendido como “certo” e “justo” como também o que suscita a emergência de verdades que a questionem. Aqui, portanto, temos a noção do boato pertinente ao que foi dito sobre a de pós-verdade: como alternativa ao poder, ao que está instituído. Algo que surgiria como afronta e como revolta; e ainda como relevante, que diz respeito à coisa pública, aos poderosos.

Os boatos não incomodam só porque são ‘falsos’... se fosse assim ninguém os levaria em conta. Acredita-se neles precisamente porque sucede muitas vezes serem ‘verdadeiros’; como nos casos de fugas e de segredos políticos divulgados. Os boatos incomodam porque são uma informação que o poder não controla. Paralelamente à versão oficial nascem outras verdades: a cada um sua verdade (KAPFERER, 1987, p. 18).

Essa “pertinência” do boato, a possibilidade de que seja verdadeiro, é o que o torna tão poderoso e persistente – do contrário, a *verdadeira verdade* acabaria por se impor e o destruiria. Nesse sentido, Iasbeck (2000, p. 3) diz que “nenhum boato surge em lugares nos quais não possa despertar ou inflamar interesses”. Aqui já temos uma indicação de que haja motivação e fundamento para que um boato surja. E isso não é pouca coisa: é uma reafirmação de que os discursos são condicionados por predisposições socioculturais, morais e psicológicas. Como já foi dito, a “verdade” é *sustentada* também por condições como estas – seria tentador e quem sabe até possível dizer que a verdade nada mais é do que “um discurso com força suficiente para se manter ou ser mantido como tal”; por isso, e assim, é possível entender como é que forças contrárias se insurgem contra sua manutenção como discurso de verdade: por afronta e revolta; por descrença na verdade oficial e crença na verdade alternativa; pelo desejo de esclarecer aquilo que está escondido: a *verdadeira verdade*.

Aras defende buscar ‘verdade real’ de facada em Bolsonaro

Para procurador-geral da República, PF e Ministério Público devem aprofundar investigações sobre motivação do atentado

Entrevista com

Augusto Aras, procurador-geral da República

Breno Pires e Rafael Moraes Moura, O Estado de S.Paulo
02 de outubro de 2019 | 05h00

BRASÍLIA – O procurador-geral da República, **Augusto Aras**, defendeu nesta terça-feira, 1º, o aprofundamento das investigações sobre o ataque sofrido pelo presidente **Jair Bolsonaro**, no ano passado, por acreditar que **Adélio Bispo de Oliveira** não agiu como um “lobo solitário” ao dar uma facada no então candidato do PSL. “Ainda é tempo de buscar a verdade real do atentado”, disse Aras ao **Estado**, reproduzindo o discurso do próprio presidente, que o indicou ao cargo. O procurador-geral toma posse nesta quarta-feira, 2, para um mandato de dois anos.

DESTAQUES EM POLÍTICA

PT e Haddad são condenados em R\$ 200 mil por usar 'Pintura Íntima', de Paula Toller, em campanha



O Jogo do poder e o da energia solar no Brasil



Bolsonaro crítica Jul do caso Flávio e se exalta com Journalist

Outubro de 2019 (O Estado de São Paulo).

Curioso é perceber a sobreposição de lógicas que levam o boato a surgir: por um lado, é preciso de descrença numa informação e, por outro, certa crença numa ideia que contradiria a primeira: “[...] ele se move em meio às desconfianças de que deve haver muito mais verdades onde poderia haver (ou há) apenas uma versão autorizada, não contestada” (IASBECK, 2000, p. 6).

[...] meu pai me acostumou a não acreditar em todas as notícias. Os jornais mentem, os historiadores mentem, a televisão hoje mente. [...] E a Guerra do Golfo aconteceu mesmo ou nos mostraram só trechos de velhos repertórios? Vivemos na mentira e, se você sabe que lhe estão mentindo, precisa viver desconfiado (ECO, 2017, p. 43).

O que os boatos fazem, nesse sentido, é sinalizar que “deve existir algo” por baixo de toda essa aparência – este algo é a verdade que diverge do que aparenta e que se alinha com o que se acredita; é como uma criança no quarto que imagina haver algo fora dele, pois pessoas entram e saem, segundo Iasbeck (2000, p. 6): “o boato dirige-se a alguém porque possui motivação suficiente para chegar ao público que pretende atingir”. Esta “busca” pelo que está escondido pelo aparente é íntima a inclinações individuais – crenças e visões de mundo; por isso é que as ligações lógicas de um boato têm caráter fantasioso, imaginativo e geralmente não comprovável, de forma a não se poder confrontar sua narrativa com aquilo que afirma. Assim, os boatos revelam a potencialidade criativa do grupo social de onde surgem e os elementos ativos de seu imaginário.

Trata-se, ainda, da forma moderna das narrativas lendárias, segundo Renard (2007), em que pesa a simplicidade e a carga simbólica para a força narrativa e para a coesão social – ambos se colocam, assim, como colados um ao outro. A informação é repassada para estreitar laços de confiança e o boato se torna um mecanismo de coesão social. Assim, é possível dizer que a convivência grupal baseada numa crença coletiva é incentivada pelo boato que confirma um imaginário – uma triangulação retroalimentativa.



Sites de fake news foram os mais populares em grupos de WhatsApp nas eleições

Agosto de 2019 (Aos Fatos)³⁰.

Como se percebe, o boato é antigo. Para Kapferer (1987) trata-se da mais antiga mídia de massa do mundo – esta consideração é frequentemente citada. Se assim for, é anterior à invenção da escrita e se daria por meio da transmissão oral – e gestual, no caso dos mitos. Talvez nestas condições não se poderia falar em mídia “de massa”: ouvido-a-ouvido não é comunicação massiva; num mito, em que alguém divulgaria uma mensagem para um público de tamanho razoável, a comunicação até pode ser um-todos, mas, certamente, não se trata do cenário de uma sociedade de massas da modernidade. Mas Kapferer chama atenção é para a informalidade do boato – que o torna inverificável: ao contrário da informação oficial ou da imprensa, que pode ser recuperada, o boato resta apenas na memória – e espero que nas buscas

³⁰ Os sites *Plantão Brasil* e *Jornal da Cidade Online* foram alguns dos mais populares disseminadores de notícias falsas durante a campanha eleitoral de 2018 no Brasil. Disponível em <<https://aosfatos.org/noticias/sites-de-fake-news-foram-os-mais-populares-em-grupos-de-whatsapp-nas-eleicoes/>>. Acesso em 2 ago. 2019.

no Twitter – e “pelo que pode ter causado”, como desfazer reputações e até mesmo motivar uma guerra³¹. Esta perspectiva está ancorada na condição de boato como uma narrativa oral.

Assim, o boato pode surgir como um alerta e ser disseminado como algo urgente³² justamente pela impossibilidade de desmenti-lo: a exigência de uma resposta imediata é que justifica sua divulgação. A situação que o boato aponta é surpreendente e frequentemente diz respeito a algum perigo, segundo Renard (2007): o problema evocado pelo boato é “social, real e atual” e o que espalha é uma mensagem moral, que traria justiça. Quanto mais informações houver no boato, diz Kapferer (1987), menos o inconsciente vai ser exigido para a construção da interpretação.

A origem do boato não é o mais importante, mas sim os contornos que receberá – que até se poderia chamar de novos boatos –, pois o boato se torna fenômeno a partir da circulação que lhe é dada. O surgimento da imprensa – que apesar de ainda ser um sistema de informação centralizado era consideravelmente mais amplo e popular em relação ao saber antes restrito à Igreja e à Universidade (MARCONDES FILHO, 2000) – não matou o boato, mas o restringiu a um espaço que tem como função trazer mais elementos sobre um acontecimento. Enquanto a informação oficial ou a notícia são produtos prontos, fechados, o boato não possui tal rigidez e é marcado por receber contribuições que o levarão adiante, conforme Iasbeck (2000, p. 9): “O boato, herdado da tradição oral, tende a ganhar novas formas, sem perder sua área de atuação já consagrada: os espaços proibidos da transgressão e da subversão da ordem constituída”.

Se a notícia é uma condição de sobrevivência – uma informação útil para o cidadão (MARCONDES FILHO, 2000) –, o boato é uma questão de convivência: as notícias fecham possibilidades sobre um acontecimento; ao mostrar algo, encerram a discussão naquilo que

³¹ Não confundir com a explosão do navio Maine em Havana, em 1898, fruto de campanha de jornais norte-americanos que motivou a declaração de guerra contra a Espanha ou com a afirmação de Bush de que haveria armas de destruição em massa no Iraque, sendo, portanto necessário invadi-lo. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/mentiras-de-estado/>>. Acesso em 26 jul. 2019.

³² Estudo do MIT concluiu que as notícias falsas circulam 70% mais do que as verdadeiras no Twitter e alguns dos motivos seriam a “novidade” que estariam supostamente trazendo e a reação emocional que causavam: “As publicações falsas mais compartilhadas eram mais recentes do que as verdadeiras [...]. Analisando uma amostra de tuítes, perceberam que elas geravam mais sentimentos de surpresa e desgosto, enquanto os conteúdos verdadeiros inspiravam tristeza e confiança”. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2018-03/pesquisa-noticias-falsas-circulam-70-mais-do-que-verdadeiras-na>>. Acesso em 05 mai. 2019. Esta é a pesquisa de Vosoughi, Roy e Aral (2018).

afirmam; seu efeito é redutor e atrofia as possibilidades interpretantes; o boato, num sentido contrário, ao se alastrar torna-se também includente, pois recebe outra versão na cabeça do interpretante, de modo que o objeto a que se refere não seja mais o inicial, mas o imediatamente anterior, diz Iasbeck (2000, p. 6): “o que nos leva a concluir que o boato é um meta-signo, pois não pretende mais levar o interpretante ao seu objeto, senão às múltiplas possibilidades interpretantes que incorpora a cada transmissão”. Assim, o boato não representa seu objeto somente *para* alguém, mas principalmente *por* alguém que o interpretou.

Apesar de aparentemente se opor à noção de notícia, parece que lhe são íntimas algumas características, conforme percebeu Kapferer (1987): a busca pelo que é interessante à coletividade, a novidade, o inusitado – este caráter que se perde em meio às notícias burocráticas que confirmam o que já se esperava saber (GADINI, 2007), mas que, entretanto, o boato é capaz de suscitar pelo inesperado que opera. Assim, ao invés de entender o boato como o oposto da informação verídica ou demonstrável, é desejável tentar compreendê-lo a partir da presença, ação e influência que opera na vida social.

[...]

Além de afinidades ontológicas, há semelhanças históricas entre boato, notícia e *fake news*. Um olhar para trás tira um pouco do senso de novidade sob qualquer fenômeno contemporâneo: a notícia se repete, primeiro como tragédia, depois como falsa.

Algumas *fakes* sobre política ou ligadas à vida pública se manifestavam na forma de teorias da conspiração, conforme Alcott e Gentzkoh (2017) e Tandoc, Wei Lim e Ling (2018): em torno do assassinato de Martin Luther King Jr. ou de que o presidente Franklin Roosevelt saberia dos planos do ataque a Pearl Harbor. Desde o século VI existiria este tipo de processo, diz Robert Darnton³³. Naquela época, o historiador Procópio arruinou a reputação do imperador Justiniano com notícias falsas: “Era bem similar ao que aconteceu na campanha eleitoral americana”. Os poemas do início do século XVI que Pietro Aretino colocava no Pasquino também seriam exemplo do que vemos hoje: “Eram *fake news* em forma de poesia atacando figuras públicas [...] e Aretino os usou pra chantagear pessoas, papas, figuras do império

³³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859726-noticias-falsas-existem-desde-o-seculo-6-afirma-historiador-robert-darnton.shtml>>. Acesso em 22 set. 2019.

romano, etc. que lhe pagavam pra que ele não publicasse essa espécie de tuíte ancestral”. Ainda, segundo ele, fofocas eram compradas pelas editoras e viravam reportagens em Paris às vésperas da Revolução Francesa ou na Londres do século XVIII – bem antes do *Brexit*.

As *fake news* não têm nada de novo, sempre houve notícias falsas. Durante uma dezena de anos a União Soviética dava informações falsas sobre o que acontecia com ela, a China de Mao Tse-tung também, o sistema hitlerista escondeu os campos de concentração. As mentiras políticas e as notícias falsas não são novas, são banais, o novo é a internet, a difusão de notícias que podem vir de qualquer lugar. O problema é que, se quisermos informar o mundo, precisamos de pluralidade de fontes de informação e pluralidade de opiniões. Precisamos de uma imprensa diversa, com opiniões diversas, para que possamos fazer escolhas. Quando a imprensa perde sua diversidade, quando ela é controlada pela força do dinheiro, há uma diminuição do conhecimento e da informação (MORIN, 2019)³⁴.

Vamos com calma. A presença histórica tanto do boato na sociedade quanto das mentiras como tática política – a “imemorial arte de enganar o inimigo”, como disse Arendt (1995) – pode provocar uma percepção de que não haja novidade nenhuma no fenômeno contemporâneo. Se, numa perspectiva genealógica (FOUCAULT, 2013), é possível rejeitar a ideia de um começo-e-fim abrupto dos fenômenos e lhe perceber raízes e substratos, também é conveniente evitar o olhar que reconhece tudo como um *mesmo* processo antigo e, assim, não vê nada de novo no que pesquisa.

Nesse sentido, a citação acima de Edgar Morin – que, como é fruto de uma entrevista, pode ter sido descuidada ou não devidamente contextualizada – é sintomática sobre um descompasso entre (falando nos seus termos) a visão de um mundo moderno e a sociedade pós-moderna e também não privilegia o pensamento complexo: se baseia num sistema em que haveria papéis designados – a imprensa é que noticia para que, entre sua diversidade, as pessoas possam escolher bem a informação; toma por arquétipo informações falsas para controlar a opinião pública – mentiras de Estado, como diria Ignacio Ramonet – vindas de órgãos oficiais de nações totalitárias e ignora o que acontece embaixo, por baixo e de baixo – esta profusão de informações das mídias sociais, do trabalho amador; e também o caráter rizomático, em rede, que é fundamental para a força deste fenômeno. Pouco é preciso comentar sobre a tentativa de

³⁴ MORIN, Edgar. Seguimos como sonâmbulos e estamos indo rumo ao desastre, diz Edgar Morin. In: Folha de São Paulo, 24 jun. 2019. (Entrevista com Úrsula Passos). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/06/seguimos-como-sonambulos-e-estamos-indo-rumo-ao-desastre-diz-edgar-morin.shtml>>. Acesso em 24 jun, 2019.

Darnton de equiparação entre o uso de mídias diferentes, para fins diferentes em épocas diferentes: se para a história o processo pode ser recorrente, para a comunicação é anacrônico.

A lógica das *fake news* é antiga: destruir reputações, fomentar o ódio, provocar celeuma, obter vantagens com o prejuízo alheio, gerar confusão, obter prazer com a propagação daquilo que atrapalha o discernimento, etc. Novidade é a tecnologia de produção, montagem e disseminação do falso. Quando todos podem ser emissores e difusores de dados, não há mais limite para a circulação do inverídico. Nunca foi tão fácil e rápido mentir para todos. A notícia falsa disputa com a verdadeira a atenção dos públicos. A sua vantagem é a liberdade que se dá para usar técnicas jornalísticas atreladas ao sensacionalismo para mexer com as emoções, mais especificamente as paixões, dos indivíduos (SILVA, 2019, posição 593).

Esta forma boato foi, até agora, tratada de forma genérica: como um processo praticamente atemporal e pouco pautado por questões materiais, de suporte, técnicas. Ao se referir a notícias falsas, entretanto, o que ocorre é justamente uma marcação temporal – tanto pelo surgimento do neologismo quanto pela incidência do fenômeno na contemporaneidade – e uma colagem de sua existência à sua lógica de circulação: as mídias sociais.

Assim, é necessário circular o problema que é contemporâneo, único – no processo histórico e tecnológico – e se agora já não é mais pouco esclarecido ou delimitado conceitualmente, confuso em meio a variados termos. Há contornos que fazem das *fake news* algo de singular – a *intenção* de veicular mentiras e a *predisposição* a acreditar no que se quer: um misto de consciência e inconsciência que são as abordagens – ditas anteriormente – psicológica e sociológica, explicadas em seu desenrolar comunicacional.

No Brasil, por exemplo, não há como ignorar a polarização política em que – aceitando esta axiomática ainda não devidamente problematizada – a sociedade se divide. Grupos e bolhas se formam a partir do que acreditam sobre estas temáticas que suscitam posicionamentos distintos e se informam com base em mídias partidárias que espalham informações “alternativas aos fatos reais”; estes grupos se fecham para informações que contradigam suas crenças, diz, em *tweet*³⁵, Raquel Recuero: “Sim, notícia falsa sempre existiu. O que é novo é o uso dessa desinformação de forma massiva e com alcance aumentado pelas redes. É como desinformação com superpoderes. Isso amplifica os impactos e fragiliza a discussão na esfera pública”.

³⁵ RECUERO, Raquel. "Fake news" – uma thread. In: Twitter. 10 mai. 2019. Disponível em: <<https://twitter.com/raquelrecuero/status/1126900697730113537>>. Acesso em 15 mai. 2019.

O prefixo *fake* é significativo já pela forma como uma notícia falsa busca se fazer acreditar: por verossimilhança. Talvez a maior distinção do que foi descrito sobre boatos seja a adoção de uma estrutura que se pretende “jornalística” – com um título chamativo, narrativa que invoque “provas” que corroborem o que é dito – como “declarações” e “imagens” –, de modo a usurpar a credibilidade da imprensa para fazer com que conteúdos falsos se passem por verdadeiros.

Assim, *notícia falsa* é aquilo que é criado para convencer alguém de sua veracidade ao adotar o formato “notícia” tradicional do jornalismo³⁶; muitas vezes sites de notícias falsas adotam nomes que lembrem organizações reconhecidas, conforme Alcott e Gentzkow (2017) e Recuero (2019)³⁷. Da mesma forma, para Wardle e Derakhshan (2017), Lazer et al (2018), Tandoc, Wei Lim e Ling (2018) e Soares (2019), entre os propagadores de “desinformação” – normalmente nativos digitais – se destacam aqueles que buscam emular uma produção jornalística – entretanto, com conteúdo *intencionalmente* falso ou manipulado (uma das distinções para o genérico boato também seria a finalidade de gerar lucro e atrair cliques³⁸).

Parece haver duas motivações principais para abastecer notícias falsas. A primeira é pecuniária: artigos de notícias que se tornam virais nas mídias sociais podem gerar uma receita publicitária significativa quando os usuários clicam no site original. [...] a segunda motivação é ideológica. Alguns fornecedores de notícias falsas procuram promover os candidatos que preferem (ALCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 217)³⁹.

Dentro da categorização proposta por Wardle e Derakhshan (2017), de onde vêm os termos *disinformation*, *misinformation* e *malinformation*, a confusão ou *desordem informativa* engloba mensagens consideradas de níveis diferentes a partir do dano potencial que podem causar. Haveria, assim, a “desinformação” intencional e a não intencional: esta é criada para

³⁶ Lazer et al (2018) lembram que *false news* – como o Facebook e o projeto *First Draft* chamam as notícias falsas – são informações que buscam enganar, mais próximas de boatos; já *fake news* são aquelas que mimetizam o formato notícia – por isso, *fake*.

³⁷ Diferentemente do uso de “Raquel Recuero” para o que a pesquisadora postou no Twitter (citado somente naquele parágrafo acima), “Recuero (2019)” é a referência para sua publicação no site *Medium* (referenciado na bibliografia e que aparece em mais de um momento nesta dissertação).

³⁸ Além de informações inexatas ou interpretações enviesadas, as notícias falsas podem ser um negócio, buscam atrair tráfego ao site: Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/12/12/fake-news-nao-e-erro-e-proposital-diz-diretor-de-conteudo-do-uol.htm>>. Acesso em 22 ago. 2019.

³⁹ No original: “There appear to be two main motivations for providing fake news. The first is pecuniary: news articles that go viral on social media can draw significant advertising revenue when users click to the original site. [...] The second motivation is ideological. Some fake news providers seek to advance candidates they favor”. Tradução livre.

fins de humor, como as paródias, mas que, ainda assim, na circulação, passa por verdadeira; enquanto a primeira é aquela criada para se passar por verdadeira com o propósito de enganar. Ou seja, na categoria “desinformação” estariam incluídos memes, montagens, fotos falsas – com ou sem intenção – enquanto que para se adotar o termo “notícia falsa” seria preciso reunir algumas características, segundo Recuero e Gruzd (2019, p. 3):

Parece-nos, assim, que esses três elementos seriam essenciais para a definição de uma *fake news*: (1) o componente de uso da narrativa jornalística e dos componentes noticiosos; (2) o componente da falsidade total ou parcial da narrativa e; (3) a intencionalidade de enganar ou criar falsas percepções através da propagação dessas informações na mídia social.

As notícias falsas conforme esta descrição – ou a “desinformação intencionada” – são comumente encontradas no que diz respeito a disputas de sentido por, por exemplo, posições morais – descriminalização do aborto⁴⁰, da maconha –, religiosas/espirituais – que envolveriam satanismo⁴¹ –, e até mais específicas – como o uso de agrotóxicos ou veganismo⁴². Os assuntos não são exclusivos e podem se entrecruzar numa mesma *fake*. Possivelmente por tratar destes e outros temas é que o universo político-partidário reúna tantos casos de “desinformação intencional” e que este fenômeno lhe seja tão facilmente associado.

O assassinato de Marielle Franco, por exemplo, foi motivo para a criação de grande número de notícias falsas. A postagem que trazia mentiras sobre o passado da vereadora foi compartilhada 360 mil vezes no Facebook somente em uma semana – inclusive pela página do *MBL*, pelo deputado federal Alberto Fraga e pela desembargadora Marília Castro Neves: estes dois últimos se retrataram por terem feito uso de *fake news*; surgiu, assim, o site *A verdade sobre Marielle Franco*⁴³, que recebeu mais de 22 mil e-mails com denúncias de mentiras, segundo pesquisa de Jing e Magalhães (2018, p. 2):

Comentários em sites de redes sociais especularam, por exemplo, que Marielle havia sido assassinada por não cumprir acordos com líderes do tráfico do morro. [...] Notícias que diziam que Marielle Franco era casada com o traficante Marcinho VP e

⁴⁰ Disponível em: <<https://aosfatos.org/noticias/e-falso-que-senadora-do-pt-defendeu-aborto-para-evitar-que-bebes-nascam-com-sinusite-e-rinite/>>. Acesso em 26 jul 2019.

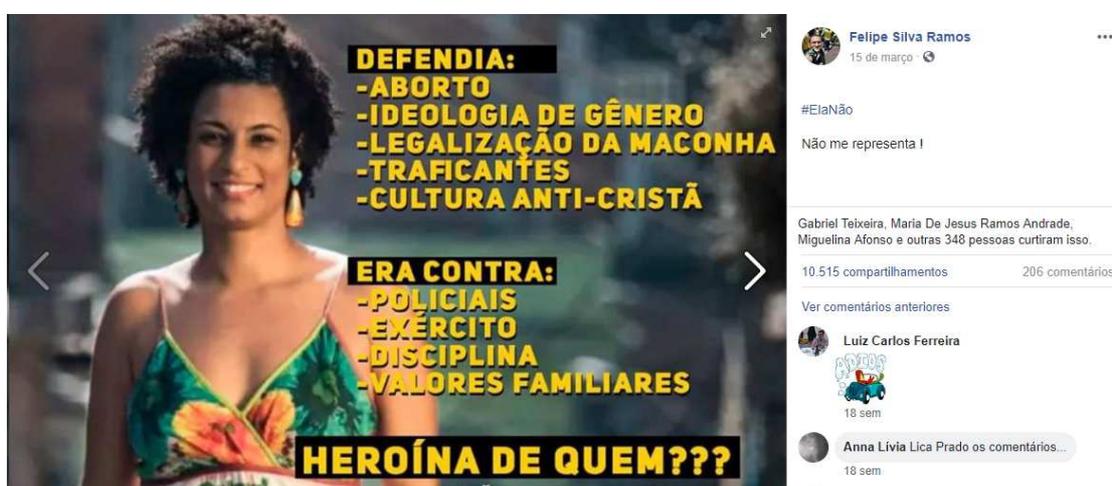
⁴¹ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/apos-fake-news-pai-de-santo-recebe-mais-de-200-ameacas-de-morte/>>. Acesso em 26 jul 2019.

⁴² Disponível em: <<https://www.boatos.org/mundo/veganos-nazistas-movimento-chile.html>>. Acesso em 26 jul 2019.

⁴³ Disponível em: <<https://www.mariellefranco.com.br/averdade>>. Acesso em 26 jul 2019.

que teria sido eleita pela facção criminosa Comando Vermelho foram amplamente disseminadas pelo *WhatsApp*, *Twitter*, *Facebook* e *YouTube*.

Alguns contornos da circulação de notícias falsas começam a aparecer, como sua propagação por meio de um modelo de recomendação de conteúdo e aproximação por afinidade de interesses que remete à dinâmica do boato – pois o caráter factual não é contestado sem que ocorra a dúvida, conforme Alzamora e Bicalho (p. 8): “A circulação de notícias falsas é transmidiática porque opera na interseção dos meios, configurando teia textual que se expande em ações de compartilhamento motivadas por uma crença comum”.



Março de 2018 (Facebook)⁴⁴

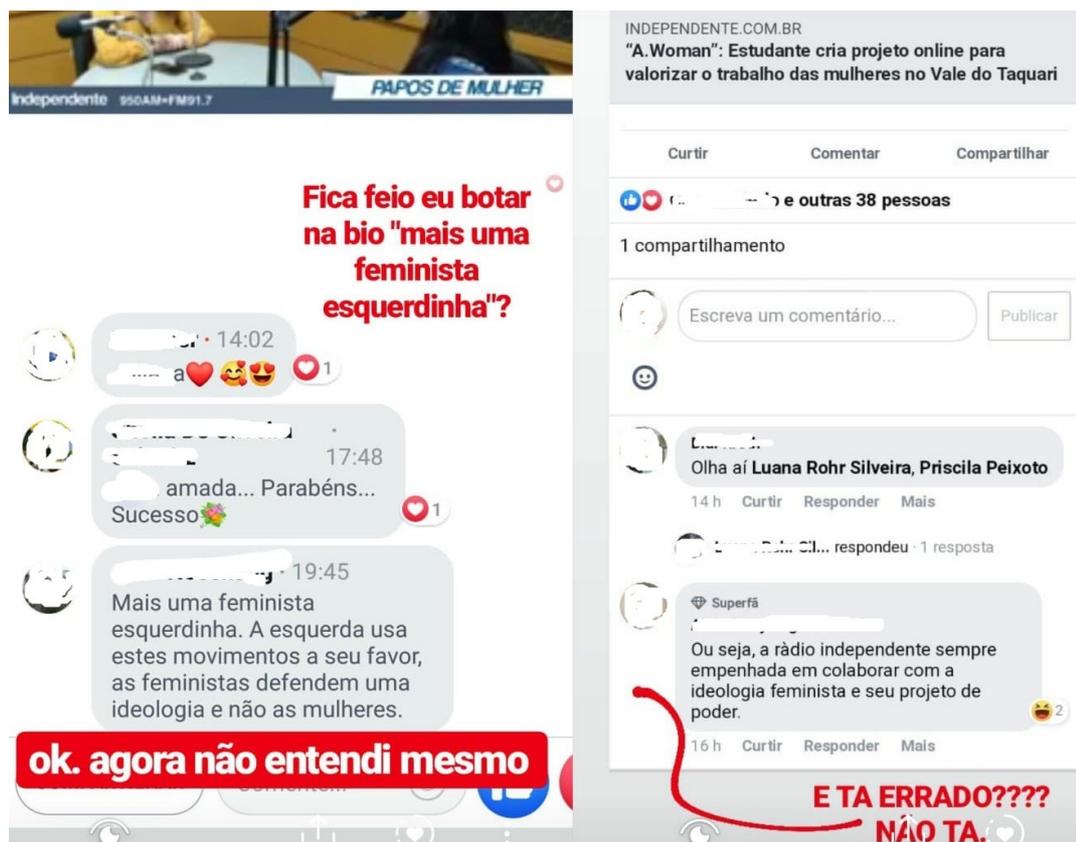
Postagens difamatórias sobre Marielle sugeriam que ela, enquanto política, defenderia a descriminalização do aborto e da maconha, a cultura anticristã e a “ideologia de gênero” – termo incorreto, pejorativo e mal-intencionado por si só. Além de reunir ali diversas temáticas numa mesma *fake*, atentemos para algo fundamental: as “acusações”, neste caso, antes e além de mentiras, são *ataques morais*; para que tenha sentido criar tais mentiras em busca de desonrar a imagem de alguém, é preciso que se partilhe de uma crença, de uma moral em comum que condene tais “defesas”. De que adiantaria acusar Manuela D’Ávila de vestir uma camiseta com a inscrição JESUS É TRAVESTI⁴⁵ se isso não for também considerado condenável?

⁴⁴ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2294713750848570&set=a.1699467737039844&type=3&theater>>
Acesso em 18 jun. 2019.

⁴⁵ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/me-engana-que-eu-posto/manuela-davila-nao-vestiu-camiseta-com-inscricao-jesus-e-travesti/>>. Acesso em 26 jul. 2019.

Há algo em comum com a boataria, como perceber que não são novidade alguma os ataques dirigidos aos adversários políticos para lhes ferir a imagem – e isso ocorre mesmo de forma oficial-institucional, como num debate: “Vale lembrar um dos ataques mais usados pelo então candidato Fernando Collor de Mello, em 1989: ‘O PT quer um mundo que não existe mais, tanto que já foi derrubado na União Soviética’” (GADINI, 2007, p. 7). Aqui, novamente, se trata de um “boato institucional”, mais ou menos como os que evocava Edgar Morin anteriormente; entretanto, o que é interessante é que esta mentira não se baseia numa *verdade necessária*: para a acusação fazer sentido, ter força (retórica, eleitoral), é preciso que haja uma repulsa a este “mundo da União Soviética” – ou prontamente a “acusação” poderia ser relativizada, ignorada, ridicularizada. Daquilo que deveria ser uma acusação, restaria apenas um pronome de tratamento que pode até ser assumido enquanto tal.



Julho de 2019, *stories* (Instagram)⁴⁶

⁴⁶ A pesquisa não é no Twitter? Sim, mas é interessante que um trabalho sobre comunicação tente perceber processos que se espalhem por outras mídias, que transbordem a materialidade e sugiram algo que possa ser tomado como *amplo* – para não dizer geral, universal ou necessário.

A produção de uma verdade se dá a partir de uma posição moral que a sustente, a explique e lhe dê razão. As *fake news*, além de serem entendidas como uma forma da informação falsa, também se mostram como veículo de uma visão de mundo – que precisa de correspondência. Por isso é que comumente se associa sua proliferação aos grupos fechados, de crenças arraigadas e pouco contraditórias.

A polarização é um ambiente propício para se acreditar em “verdades” confortáveis à sua própria posição e para se alimentar um inimigo a quem dirigir acusações. Um problema de alteridade. Redes sociais homogêneas, conforme Lazer et al (2018), contribuem para uma menor tolerância a ideias diferentes das que seu grupo acredita – além, claro, de favorecer a aceitação a notícias que sejam “ideologicamente compatíveis”.

Começa a se desenhar uma polarização. Fontoura e Augsten (2017, p. 13), ao analisar os comentários da postagem de conteúdo sobre um mesmo acontecimento – a condenação de Lula em 2017 – de páginas com visões de mundo consideradas opostas – Pragmatismo Político e Movimento Brasil Livre –, identificaram que os seguidores estão em consonância superior a 70% com o posicionamento das iniciativas, em ambos os casos:

Os resultados da análise apontam para a hipótese inicial deste artigo: a exposição seletiva a conteúdos, potencializado pelos algoritmos de coleta de dados, gera uma espécie de bolha ideológica. Essas, por sua vez, direcionam ou reforçam o posicionamento político do cidadão na rede.

Esta hipótese-resultado pode ser revertida: estar numa bolha ideológica também contribui para o consumo seletivo de conteúdo. Mas é preciso problematizar a expressão “exposição”: isso remete a testes das teorias matemáticas de comunicação que buscam verificar efeitos das mensagens “sobre” os receptores, indefesos. Apesar do ser humano não poder ser lá plenamente autodeterminado, agir conscientemente e totalmente livre, é razoável pensar que há também uma busca pelos conteúdos que mais lhe interessam. Ou seja, há algo de retroalimentativo que reforça a importância de se olhar para o processo como um todo, dificilmente podendo separar cada etapa deste fenômeno para avaliar sua “influência” no que se observa – a crítica, aqui, também se dirige ao próprio método cartesiano.

Mas o que interessa, porém, é perceber o estreitamento discursivo nos comentários, que não se dá apenas em páginas que, teoricamente, tenham um posicionamento marcado e onde os usuários comentariam com quem já estariam em “acordo tácito”.

As *fake news* alimentam-se de dois públicos paradoxalmente antagônicos e complementares: o que sabe da falsificação e não se importa, por considerá-la útil aos seus fins ideológicos, e o que adere ingenuamente a uma verdade inexistente por crença ou identificação, ou seja, por encontrar no falso aquilo que pensa ou imagina como sendo verdadeiro (SILVA, 2019, posição 607).

Em pesquisa durante o período de campanha para as eleições de 2014 no Brasil, Mitozo, Massuchin e Carvalho (2017) constataram, a partir de análise quantitativa sobre os comentários em matérias sobre os candidatos àquele pleito nas páginas dos três maiores jornais brasileiros – *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo* – no *Facebook*, que também ali o debate é “majoritariamente monológico”: ou seja, não havia reciprocidade. Apesar da grande quantidade verificada neste trabalho, os usuários falavam sozinhos e quando havia reciprocidade boa parte se destinava a radicalizar o discurso. A tentativa de persuasão era o que marcava as postagens.

Esta característica de divisão é o que interessa a Recuero e Gruzd (2019, p. 33) no debate político: “Como os atores tendem a compartilhar informações baseadas em suas próprias crenças e percepções, especialmente em contextos polêmicos, a mídia social tende a apresentar redes de conversação extremamente polarizadas”. A partir de preconceitos e certezas, um conteúdo duvidoso, ou mesmo uma notícia falsa pode ser acreditada como verdadeira a partir do “viés de confirmação”: a tendência de acreditar naquilo que reforce sua narrativa de mundo e de rejeitar aquilo que questione. Ainda, conforme Tandoc, Wei Lim e Ling (2018), “tempos difíceis” e “tumultos sociais” são condições propícias para que se acredite em informações que confirme a distância ou inimizade em relação a outro grupo que se considere como inimigo.

Os Republicanos são mais propensos do que os Democratas a acreditar que o presidente Obama nasceu fora dos Estados Unidos, e os Democratas são mais propensos do que os Republicanos a acreditar que o presidente Bush foi cúmplice dos ataques de 11 de setembro (ALCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 229)⁴⁷.

A partir, portanto, de convicções – morais, político-partidárias, socioculturais – há uma *seleção* de conteúdo para se consumir e também para compartilhar – e, assim, dar mais visibilidade àquilo que se acredita. Esta operação gera uma consequência dupla que fortalece a polarização: a tendência a atrair atenção de outras pessoas que compartilhem dessa visão de mundo e o “adestramento” dos algoritmos das mídias sociais que oferecerão cada vez mais

⁴⁷ No original: “Republicans are more likely than Democrats to believe that President Obama was born outside the United States, and Democrats are more likely than Republicans to believe that President Bush was complicit in the 9/11 attacks”. Tradução livre.

informações com base no interesse prévio; uma é mais “orgânica”, colada à sociabilidade, e a outra mais “artificial”, proveniente da automatização do processo de oferta de conteúdo.

[...]/SE: **gosta_de_caetano = esquerda**

A conversação em rede na internet é resultado das redes sociais online que se utilizam de mecanismos para oferecer conteúdo a seus usuários de forma mais customizada, conforme a experiência individual e também coletiva (STRIPHAS, 2015). Nisso, têm papel essencial os algoritmos e os motores de busca, dispositivos que buscam identificar informações relevantes ao usuário e que contribuem para que tenham cada vez mais contato com aquilo que está disposto a consumir.

São estes algoritmos de recomendação que dão luz às notícias de um amigo, conteúdos de determinados assuntos – ou excluem aquilo que, a princípio, não nos interessa: ou seja, conduzem nossa interação em sites de rede social. Além de nossas preferências, os algoritmos são criados para aferir o que é tendência no momento, o que está sendo discutido: são, de certa forma, grandes definidores que nos ajudam a saber o que é que se está falando na discussão pública (GILLESPIE, 2014).

Os sites de rede social que utilizam algoritmos para definição de resultados ao usuário estão imersos no que Striphas (2015) chama de “real algorítmico”: os *trending topics* – no caso do Twitter, que são os principais assuntos destacados – são considerados como representações fiéis da realidade. Este aspecto de seleção – um dos trabalhos mais básicos que faz um algoritmo – poderia passar despercebido não fosse o enfoque à sua pretensão de objetividade e distanciamento ligado ao automatismo: uma aparência de acesso ao “real” não mediado pela “mídia desonesta”.

A crescente personalização de conteúdo contribui para a formação de *filtros bolha*: o consumo de informações de nosso interesse e do que é indicado a partir do interesse de nossos contatos pode nos distanciar da heterogeneidade disponível na realidade e alterar nossa forma de pensamento a partir daquilo que consumimos, já sinalizava Pariser (2011, p. 76)⁴⁸: “[...] a

⁴⁸ No original: “[...] the rise of the filter bubble doesn’t just affect how we process news. It can also affect how we think”. Tradução livre.

ascensão do filtro bolha não afeta apenas a forma como processamos as notícias. Também pode afetar como pensamos”.

A ação do filtro-bolha faz com que os usuários recebam conteúdos diferentes a partir de seu histórico e suas conexões. A retroalimentação do consumo de conteúdo personalizado com o qual já se concorda ou se tende a concordar faz com que estas informações se restrinjam, majoritariamente, a estes grupos – que *mantém* como verdadeiros estes discursos. Em pesquisa no Twitter durante o julgamento de Lula, Recuero e Gruzd (2019, p. 46) perceberam que as cascatas⁴⁹ de informações se concentram dentro de cada um dos dois grupos identificados, de modo que este conteúdo não saía de seu núcleo ativista em direção a outro – não havia “pontes”:

Nossos resultados sugerem que as *fake news* eleitorais ficam restritas a seus próprios clusters ideológicos. No entanto, é importante observar que, mesmo a circulação dessas *fake news* dentro de grupos em que há homofilia, pode aumentar a clusterização da rede pela ação das câmaras de eco, aumentando também o extremismo e as crenças políticas, o que contribui para constituir uma esfera pública parcial, com falsa percepção de consenso.

“Câmaras de eco” é o conceito de Sunstein (2001) para descrever grupos fechados que tendem à “homofilia” – compartilhar ideias em comum e reproduzir conteúdos que reforcem esta posição; a propensão, numa câmara de eco, é que os indivíduos radicalizem seus posicionamentos e recusem o contraditório – neste aspecto, a confiança possivelmente contribui para a coesão em torno das crenças de um grupo⁵⁰. Há, assim, uma aparência falsa de consenso, diz Recuero (2019) e Recuero e Gruzd (2019), devido à não exposição ao que é discordante deste grupo – *cluster* – e dificultando a distinção entre o que é verdadeiro e o que é falso.

Com isso, surgem problemas que dizem respeito à democracia e à discussão pública, no ideal habermasiano. Nesta linha, Recuero, Zago e Soares (2017) perceberam que durante o processo de impeachment de Dilma, em 2016, os atores no Twitter que faziam parte de uma multidão polarizada circulavam praticamente apenas informações de acordo com suas crenças, enquanto as outras eram marginalizadas. Se o problema colocado pelos autores é o da percepção

⁴⁹ A tomada de decisões de um usuário ao assistir as ações anteriores – nos comentários de uma notícia, nos compartilhamentos no Twitter, por exemplo.

⁵⁰ Grupos de família no WhatsApp seriam um dos principais canais de notícias falsas. Por certo que as famosas discussões em grupos da família evidenciam que talvez não haja coesão moral ali, mas o interessante é apontar para a confiança depositada em quem lhe repassa a mensagem – confiança que pode se espalhar para a própria mensagem. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43797257>>. Acesso em 22 ago. 2019.

falsa de esfera pública em que todos falam e de opinião pública em que a maioria concorda a conclusão foi que o Twitter não configura uma discussão tal qual idealizava Habermas.

É perturbador perceber que há um refluxo do que foi contemplado como possibilidade de avanço democrático por meio das mídias sociais. Romancini e Castilho (2018) chamam atenção para a reunião de atores contrários aos valores de cidadania e que formam fóruns de propaganda antidemocrática: em sua pesquisa perceberam um reforço de crenças sem uma discussão um pouco mais aprofundada – que faz esses espaços constituírem “antiesferas públicas”.

Em pesquisa sobre a utilização do termo *fake news* em estudos acadêmicos até 2017, Tandoc, Wei Lim e Ling (2018) colocam as paródias e as sátiras como uma das abordagens (apesar de discordarem) recorrentes – haveria nestas uma explicitação de que o conteúdo é falso, diferentemente das *fakes* que têm como intenção se passar por notícias verdadeiras. Entretanto, todos estes acabam por convergir numa narrativa com viés político.

Se é exagerado pensar que esses elementos definam a opinião pública por sua exposição – como buscavam verificar Alcott e Gentzkow (2017) –, ainda é pouco supor que seja somente um epifenômeno do movimento sociocultural e das lutas político-partidárias: não por conveniência de pesquisa, mas por provisória convicção imagino que se trate de emergências relativamente autônomas, mas de interferência e ligação ao todo.

Nos estudos sobre as *fake news*, uma das principais preocupações é sua suposta influência na democracia e na opinião pública: quanto é que podem mudar a opinião das pessoas – e, não é exagero dizer, o rumo de uma nação⁵¹? Ao contrário do que supunha, Recuero (2019) percebeu que a maior tendência é a “desinformação” circular nos grupos que já concordam com o que conteúdo propõe – o inverso praticamente não ocorria: “parecem funcionar mais como uma ‘narrativa alternativa’ à da mídia tradicional em grupos mais radicais, tendendo a reforçar e extremizar uma posição do que propriamente a enganar ou mudar a opinião das pessoas”.

⁵¹ O *Brexit* pode ser um exemplo – apesar de que ao longo da história das teorias da comunicação a abordagem de verificação de efeitos das mensagens sobre os receptores progressivamente perdeu força; esta hipótese, assim, fica mais como provocação e preocupação. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/voices/michael-gove-boris-johnson-brexit-euro-sceptic-press-theresa-may-a7533806.html>>. Acesso em 18 jun 2019.

Voltando a Kapferer (1987), o que incomoda no boato não é sua mentira, mas a possibilidade de se revelar verdadeiro porque este teria um “fundo de verdade”. Esta consideração repousa na ideia de que o boato nasce de um espaço que permita que isto aconteça. Conforme Estevão e Farias (2018), um conteúdo é propagável quando for relevante para o usuário e seu círculo social.

Não apenas relevante, mas também concordante com sua posição. Neste cenário descrito, de polarização e ataque ao que discorda da verdade da câmara de eco, parece que tudo que não for o *mesmo*, é visto como *contrário*. O diferente é oposto – logo, inimigo.

E o que é mais interessante é que as informações que desmentem as falsas parecem ter grande dificuldade de penetrar nesses grupos, sendo silenciadas rapidamente. Ou seja, parece que a estrutura toda atua para reforçar o pensamento extremo. Isso significa que se você tem um posicionamento muito marcado sobre algum assunto político, é mais provável que você receba desinformação que ressoa a sua posição e não o contrário (RECUERO, 2019).

As *fake news* são produto e sintoma do contexto em que se encontram, por isso é necessário tratá-las ao mesmo tempo em que se leva em conta o que mobilizam e o que as mobilizam. Alguns elementos já apareceram, aqui, ali, e ainda serão tratados – como o papel dos algoritmos na automatização da oferta e seleção de conteúdo. Sua importância já foi vista a partir da formação de bolhas discursivas em que há um incentivo a não ter contato com conteúdos contraditórios, porém, ainda vale atentar que não é somente porque não queremos consumir conteúdos diversos que não o fazemos – é também porque não conseguimos.

Ora, se se pudesse consumir tudo o que é postado – ou se o conteúdo não fosse tão grande a ponto de ser possível consumi-lo todo –, poderíamos, então, fazer um balanço de tudo o que nos é disponibilizado, teríamos contato com conteúdos diversos e isso iria diminuir nossos preconceitos, nossos erros e nossa crença absurda em conteúdos falsos ou duvidosos (essa abordagem matemática que ignoraria inclinações morais e políticas ou condições socioculturais é usada somente como argumentação). O caso é que existem mais informações entre o céu e a terra do que nossa vã cognição é capaz de dar conta.

Com tantas mensagens em circulação, há uma disputa pela atenção de quem poderá consumi-las; pode haver abundância de informação, mas não quer dizer que a capacidade de atenção tenha crescido no mesmo ritmo. Esta observação ajuda a entender outra característica contextual das *fake news* e da pós-verdade: a disposição em não acreditar em determinado conteúdo; novamente, enfatizo um tipo de conteúdo específico que pode ser desacreditado: o

jornalístico, da imprensa ou das agências de checagem – justamente práticas que se propõem a trazer a verdade, a *verificar* informações; informações que podem desagradar.

- Não é um exagero essa desconfiança?
- Desconfiança nunca é exagero. Desconfiar, desconfiar sempre, só assim se encontra a verdade. Não é isso o que a ciência manda fazer?
- Manda e faz.
- Balela, a ciência também mente. Veja a história da fusão a frio. Mentiram durante meses e depois foi descoberto.
- Mas foi descoberto.
- Por quem? Pelo Pentágono, que talvez quisesse encobrir algo embaraçoso. Talvez tivessem razão os da fusão a frio e quem mentiu foram os que disseram que os outros tinham mentido (ECO, 2017, p. 49).

A abundância informacional também deprecia o jornalismo e seu produto, a notícia. Já dizia Levy (2008, p. 54) que “[...] criar uma obra, deixar um traço, gravar, não tem mais o mesmo sentido, o mesmo valor que antes do dilúvio informacional. A desvalorização das informações é uma consequência natural de sua inflação”. Esta afirmação tem sentido ao se supor que houve um tempo em que a informação foi mais escassa, em que os próprios meios de comunicação eram menos numerosos – o que reflete, também, num estreitamento discursivo⁵² disponível para consumo. Haveria, assim, uma valorização pela própria carência de informações – o que ajuda a compreender o antigo poder do jornalista em decidir o que é notícia.

Enquanto que num contexto de escassez da informação, sua valorização se daria a partir de sua raridade – aquela rara informação poderia ser *tudo* o que se poderia saber sobre alguma coisa –, nos meios digitais, as informações estão disponíveis na rede por tempo indeterminado – de modo que é possível se atualizar sobre o que se quiser a qualquer momento. Ou seja, ao invés de consumir o que aparece na frente, pode-se acessar aquilo que se quiser quando julgar

⁵² Junto ao crescimento dos meios de comunicação, há uma passagem da mídia guarda-chuva para as mídias especializadas: do jornal para revistas, temáticas (Quatro Rodas, Playboy, Cláudia); dos canais abertos para os canais fechados, mais específicos (Animal Planet, MTV, SporTV); até chegar na internet com a pulverização de tudo isso. Ainda, na era pós-industrial, sociedade de abundância, o conhecimento generalista – podendo ser entendido como massivo – dá lugar a saberes específicos, normalmente técnicos e operatórios. É a passagem da “trama enciclopédica” para habilidades imediatamente aplicáveis, segundo Marcondes Filho (2000).

necessário. É o “cidadão monitor”, diz Jenkins (2011), que pontua que a lacuna entre a informação disponível e a capacidade de monitorá-la⁵³ aumenta. Por isso, a atenção é escassa.

A mídia também habituou cada um a ser visto como cliente. Pois bem, o cliente não quer ser contrariado. Se a verdade não o satisfaz, requer a falsificação. Se não é atendido, recorre ao *yourself* com ajuda do seu celular. O profissional de opinião é elogiado como isento quando sua posição coincide com a do destinatário. A lógica profunda das *fake news* consiste na veiculação do desejado, não do acontecido. Para funcionar melhor, cada notícia falsa precisa ser verossímil (SILVA, 2019, posição 530-545).

Com o crescimento – quantitativo e qualitativo – da demanda e da oferta de mensagens, a seleção aumenta, e também a desconfiança, a negociação ou a não-aceitação daquilo que é dito, conforme Segabinazzi e Mazzarino (2017, p. 254): “na sociedade da informação oriunda de diversos canais, conteúdos tendem a ser ignorados com mais facilidade se não seduzirem imediatamente o consumidor”.

O acesso e a disponibilidade de inúmeras fontes de informação permitem que se “pince” as mensagens que mais nos agradem, conforme nossas preferências – e aqui há um pressuposto de liberdade na escolha destas mensagens, de possibilidade de se escolher tudo o que está disponível. “Tudo” está disponível, mas nossas escolhas não se dão entre todas as possibilidades disponíveis: pela economia da atenção e pela filtragem algorítmica.

E se há disputa pela atenção – por parte de quem interessa que as mensagens sejam consumidas –, também há seleção do que se quer depositar atenção – por parte de quem consome. A partir do excesso de informação, seleciona-se o que já se concorda: a crença é um critério de seleção e também de validação da mensagem – ao pensar no que pode ser crível ou não –, segundo Estevão e Farias (2018). Porém, a seleção não é, ou não precisa, ser necessariamente feita pelo próprio consumidor. Aí é que entra a terceirização do trabalho para o algoritmo.

Temos, então, um processo duplo de estreitamento discursivo: seja pela escolha dita consciente, seja pelo encurralamento algorítmico que criamos pelas nossas próprias interações. Um reforço consciente e inconsciente daquilo a que estamos dispostos a acreditar. Algo

⁵³ O aumento quantiquantitativo de informações e canais disponíveis e a facilidade em acessá-las e descobri-las permite que, ao invés de armazená-las, se memorize o procedimento para se conectar a elas – que, cada vez mais, tem sido pesquisar no Google. Há uma passagem, também, da forma como o conhecimento é organizado e armazenado: o saber generalista e cumulativo – tido como sinônimo de “cultura”, que formaria um cidadão para seus direitos e deveres – dá lugar ao fragmentado e “acessível” (MARCONDES FILHO, 2000).

dependente de “nós”: nós mesmos e nossos contatos. A partir do comportamento do usuário e do engajamento com seus contatos com que interage um conteúdo pode ser mais destacado, conforme Castro (2018).

A experiência do usuário é refletida em métricas para que os algoritmos leiam e interpretem e então trabalhem na consequente oferta de conteúdo (WINQUES, 2018). Com isso, é possível de se pensar numa “governança algorítmica” por meio de elementos midiático-estatísticos – não se trata de uma governança *do* algoritmo, mas sim *através* dele, segundo Castro (2018, p. 21):

A peculiaridade da governança algorítmica é derivar seu poder normativo diretamente dos que se submetem a ela, visto que os interesses e atividades destes voltam a si na qualidade de padrões a ser seguidos. Até quando os usuários se distanciam desses padrões, tal movimento é recuperado e reincorporado, dando origem a versões corrigidas e readaptadas dos padrões. Cada um é, por conseguinte, enclausurado pelo movimento que encarna, sendo difícil escapar a um roteiro extraído de seus próprios passos.

O que se percebe aí é a possibilidade de se pensar a comunicação de uma forma não centrada ao campo dos significados para se atentar também aos elementos mediadores não-humanos que chamam atenção e têm papel lúdico no processo em que, conforme Messias (2018), transborda o nível do discurso. Também Alzamora e Bicalho (2018) apontam para a aderência que um conteúdo noticioso falso pode angariar a partir do “engajamento”, de curtidas, comentários ou compartilhamentos.

É interessante perceber que são funcionalidades muitas vezes restritas a alguma determinada mídia social; ou seja, conforme o elemento mediador variam também as táticas de governança algorítmica que buscam uma impressão de importância ou de apoio de uma multidão para um conteúdo em questão. Há pouco foi dito sobre a influência do algoritmo ao oferecer conteúdo no qual haveria predisposição de consumo, agora é a possibilidade de fazer com que a máquina trabalhe para impulsionar, valorizar e dar a impressão de apoio de uma multidão a este conteúdo.

No Twitter, por exemplo, existem as “fazendas de usuários falsos”⁵⁴: perfis que compartilham, curtem e até comentam nas redes sociais – uma performance automática

⁵⁴ Numa destas fazendas, um “pacote” de três milhões de usuários do Twitter foi criado em 2013 e durante mais de dois anos sua atuação não foi detectada pela rede social: esses usuários fictícios, durante o período, publicaram

realizada por robôs para dar a impressão de popularidade a artistas, políticos, organizações ou para manipular a opinião pública e propagar ideias. Foi estimado que de 9% a 15% dos perfis ativos do Twitter são desta espécie (LAZER ET AL, 2018; BOVET; MAKSE, 2019). Tudo isso repousa na ideia de credibilidade quantitativa que proporciona o volume de interações, comentários e curtidas. A “democracia ciborgue” também é contratada para atuar no Facebook e no Instagram⁵⁵. Teste Voight-Kampff.

Perfis que se comportam como robôs ajudam a turbinar pautas bolsonaristas nas redes

Levamentos mostram que postagens em série, repetidas e em intervalos curtos ajudam a criar engajamento

Bernardo Mello, João Paulo Saconi e Marlen Couto
27/10/2019 - 04:30

Outubro de 2019 (O Globo)⁵⁶

Com a ferramenta *Fake Followers Audit*, o UOL Tecnologia⁵⁷ estimou, em maio de 2019, a quantidade de seguidores falsos de perfis de alguns políticos no Twitter – Jair Bolsonaro, 61%; Fernando Haddad, 48%; Dilma Roussef, 47%; Ciro Gomes, 40%: “dos dois mil seguidores analisados, 59% não falam português, 61% são perfis criados nos últimos 90 dias e 18% mal contam com fotos, ilustrando apenas o 'ovinho' padrão do Twitter”. Durante a campanha para as eleições estadunidenses em 2016, as contas automatizadas que divulgavam

mais de 2,6 bilhões de tweets. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/03/internacional/1522769651_850596.html>. Acesso em 21 jul 2019.

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42172146>>. Acesso em 22 ago. 2019.

⁵⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/perfis-que-se-comportam-como-robos-ajudam-turbinar-pautas-bolsonaristas-nas-redes-24045039?fbclid=IwAR2RQleqKLf1hspTZyMhWIPTontX4rxvwrdecyK6n3SygswEflGnou5zE_8>. Acesso em 30 out. 2019.

⁵⁷ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/tecnologia/noticias/redacao/2019/05/11/fake-followers-audit-aplicativo-mostra-a-percentagem-de-perfis-fake.htm>>. Acesso em 18 jul 2019.

notícias falsas, segundo Bovet e Makse (2019), eram “muito mais ativas” do que as contas automatizadas que divulgavam outros tipos de notícia.

Toda essa multidão produzida por perfis falsos e sua discursividade belicosa pode vir a ser identificada como uma “tendência”, como um assunto “relevante” – e não aparentar somente se tratar de uma forma automática de valorização de conteúdo: essa identificação pode ocorrer a partir de um “comportamento algorítmico”. Uma “cultura algorítmica”, conforme Striplas (2015, p. 396)⁵⁸: “[...] muitas maneiras pelas quais os seres humanos têm delegado o trabalho da cultura – a classificação e hierarquização de pessoas, lugares, objetos e ideias – aos processos computacionais com uso intensivo de dados”. Assim, além da possibilidade de criação de mensagens falsas, entra em questão uma “artificialidade orgânica” de apoio a estas mensagens, uma distorção de participação em torno de um assunto de interesse público – como da reforma da previdência⁵⁹.

desespero. Não um toriz igual ele (sic), mas eu leio um pouco não? E esse senadorzinho aí precisa de um trato, né? Se ele puder me ajudar mais... Se ele puder levantar um grupo de pessoas pra ir lá no Twitter dele ou no Facebook e espancar ele (sic), ele começa a baixar a bola”.

Procurado, Feliciano inicialmente afirmou que o áudio era “fake”. Em seguida, contudo, disse se lembrar da gravação, acrescentando que não se manifestaria.

Novembro de 2019 (*Época*)⁶⁰

Um grupo mobilizado que atua em bloco criaria uma “sobrerrepresentação”, conforme Chagas et al (2019) constataram em pesquisa sobre petições online no *Portal eCidadania*: novamente é a impressão de uma esfera pública a deliberar sobre um assunto que não

⁵⁸ No original: “many ways human beings have been delegating the work of culture – the sorting, classifying and hierarchizing of people, places, objects and ideas – to data-intensive computational processes”. Tradução livre.

⁵⁹ Disponível em: <<https://painel.blogfolha.uol.com.br/2019/03/14/reactivados-grupos-de-whatsapp-bolsonaristas-defendem-previdencia-e-atacam-o-supremo/>>. Acesso em 21 jul 2019.

⁶⁰ Disponível em: <<https://epoca.globo.com/guilherme-amado/ouca-feliciano-pede-que-tropa-digital-espanque-randolfe-nas-redes-24060803>>. Acesso em 20 nov. 2019.

corresponderia à realidade social. Neste caso não era levado em conta se o apoio às causas era orgânico ou se impulsionado por perfis falsos com o uso de *bots*⁶¹. Mas, afinal, isso importa?

Vinte dias após assumir a presidência, o governo de Jair Bolsonaro enfrentava uma crise de imagem devido às investigações envolvendo movimentações financeiras atípicas de seu filho Flávio apontadas em relatório do Coaf. O jornal *O Estado de São Paulo* divulgou uma matéria⁶² sugerindo que o apoio de grupos pró-Bolsonaro perdeu força e, no Twitter, os engajados trataram de fazer a *hashtag* #estadaofakenews ir para o primeiro lugar dos *Trending Topics*.



Janeiro de 2019 (Twitter)

O descontentamento com aquilo que parece ser uma afronta ao presidente é qualificado como *fake news* e para mostrar que o jornal está mentindo foi acionada uma multidão que constrói uma aparência de amplo apoio ao político – ao contrário do que a notícia afirma. Interessante é que o grupo mobilizado criou a notícia falsa; ou melhor: falseou a notícia criada pelo *Estadão* – ou ao menos tentou falsear a partir de um engajamento que contradiria a matéria. Assim, se forma um movimento duplo para mostrar que algo não seria verdade – a acusação do jornal divulgar *fake news*: 1) pelo (possivelmente assim entendido) falseamento da matéria –

⁶¹ Perfis falsos automatizados com softwares para imitar o comportamento humano nas redes.

⁶² Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,grupos-pro-bolsonaro-perdem-folego-nas-redes-sociais,70002687747>>. Acesso em 18 jul 2019.

grupos pró-Bolsonaro não teriam perdido força, conforme noticiado –, pois a ação desmente seu enunciado; 2) pela impressão de consenso criada ao redor do assunto – uma multidão falando sobre algo, *tweets* com várias curtidas e uma *hashtag* em primeiro lugar nos *trending topics* são elementos que sugerem que “é verdade o que estão dizendo”.



Janeiro de 2019, a informação “confiável” em asnoticiasdocinema.blogspot.com (Twitter)⁶³

Haveria, assim, um trabalho mais medial do que discursivo a criar uma aparência a partir de elementos disponíveis na mídia social em questão, como curtidas e compartilhamentos; mas não se pode ignorar a dimensão discursiva que está envolvida – a trama e o resultado são mistos –, afinal, é em torno de um discurso que são mobilizados os elementos mediais específicos.

A poesia talvez seja o exemplo mais forte da simultaneidade dos efeitos de presença e dos efeitos de sentido – nem o domínio institucional mais opressivo da dimensão

⁶³ Disponível em: <<https://twitter.com/silvanciasalomao/status/1088228217998229504>>. Acesso em 18 jul 2019.

hermenêutica poderia reprimir totalmente os efeitos de presença da rima, da aliteração, do verso e da estrofe (GUMBRECHT, 2010, p. 39-40).

O poeta é um fingidor que combina elementos de presença e discursivos: eis a estética da desordem informativa. As *fakes*, nesse sentido, ganham visibilidade e legitimidade por e para usarem informações alternativas às da mídia tradicional – o que é comum com mídias partidárias, conforme Soares (2019). Assim, o conteúdo concordante que possa surgir se torna mais um elemento a sustentar uma verdade – ou pós-verdade.

Vale ressaltar que a natureza da interação – se é fruto de engajamento orgânico ou se é ação de perfis falsos – em torno da *hashtag* #estadaofakenews pouco importa. O interessante é a aparência criada com isso. Conforme a matéria já citada do UOL Tecnologia (“A maioria dos seguidores de Bolsonaro é *fake*? Entenda”), é possível descobrir se a postagem vem de uma pessoa ou de um *bot*: “[...] muitas vezes sua escrita é muito engessada, com repetições, não compreendendo gírias e textos mais complexos. Se o perfil é muito 'obcecado' por tal assunto, também consta como um sinal”.



Outubro de 2018 – Respostas à publicação da Folha com a palavra ‘bolso’ no Twitter sugerem ação de robôs pró-Bolsonaro (Folha de São Paulo)⁶⁴

⁶⁴ Disponível em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2018/10/24/folha-publica-palavras-bolso-e-bolovo-no-twitter-e-respostas-sugerem-acao-de-robos-pro-bolsonaro/?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha>. Acesso em 21 jul 2019.

É curioso que Vosoughi, Roy e Aral (2018), em pesquisa sobre a divulgação de informações falsas e verdadeiras no Twitter entre 2006 e 2017, perceberam que: (1) as informações falsas se espalham mais⁶⁵ e com mais velocidade do que as verdadeiras – principalmente quando tratam de política (nem mesmo desastres naturais ou ameaças terroristas superam esta temática); (2) as notícias falsas eram mais novas do que as verdadeiras – possivelmente porque uma mentira que traga algo-que-não-existe-ainda sempre será mais novidade do que atualizações sobre o-que-existe no mundo e; (3) ao contrário do que se acreditava, os robôs que trabalham para disseminar informações o fazem na mesma proporção com o que é verdadeiro e com o que é falso – os humanos é que tem maior probabilidade de espalhar a mentira.

A detecção de robôs sempre será um jogo de gato e rato no qual um número grande, mas desconhecido, de robôs semelhantes a humanos pode não ser detectado. Qualquer sucesso na detecção, por sua vez, inspirará contramedidas futuras dos produtores de robôs. Portanto, a identificação de robôs será um grande desafio de pesquisa em andamento (LAZER ET AL, 2018, p. 1095)⁶⁶.

As criaturas de fora olhavam de um robô para um homem, de um homem para um robô e de um robô para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era robô. A revolução dos bots.

A lógica de funcionamento dos circuitos também interfere no debate, já que um comentário com mais curtidas é também o mais visível e o que vai atrair mais respostas; assim, diz Maia (2017) a polêmica que traz um comentário é elemento que incentiva sua visibilidade – e novamente entra em questão o misto de discursividade e medialidade. Diante de uma situação de dúvida, o usuário decide sua posição ao assistir a ação das pessoas e o conhecimento resultante de suas interações anteriores, que vem de modo sequencial, como uma “cascata” – a reprodução de informações a partir do comportamento que é dado como verdadeiro, mesmo sem poder verificar se o é. A impressão de consenso, potencializada pelos *bots* e a visibilidade que fornecem a determinados conteúdos, é componente fundamental no funcionamento das *fake news* nesta lógica de “cascatas”, dizem Recuero e Gruzd (2019).

⁶⁵ A probabilidade de retuitar uma informação falsa era 70% maior do que uma verdadeira.

⁶⁶ No original: “Bot detection will always be a cat-and-mouse game in which a large, but unknown, number of human like bots may go undetected. Any success at detection, in turn, will inspire future countermeasures by bot producers. Identification of bots will therefore be a major ongoing research challenge”. Tradução livre.

[...] algumas considerações

Venho trazendo considerações acerca da dimensão medial da comunicação – sem negligenciar a importância do aspecto discursivo – que é utilizada para fazer com que um conteúdo possa passar por verdadeiro – o que acaba por, assim, criar uma sensação de pós-verdade, de desorientação. Por tudo isso, retomo aqui a questão inicial deste capítulo e justifico o uso do neologismo *fake news* como algo diferente do boato, da fofoca – e de “desinformação”.

Não apenas por nomenclatura e não somente devido ao seu caráter técnico estas observações vêm reafirmar *fake news* como um fenômeno da contemporaneidade, marcado pelas condições de sua circulação – como o caráter em rede, a existência de bolhas, o referente falso, a replicação, a instantaneidade e a abundância de informações. Aqui, ainda, trago considerações específicas sobre as notícias falsas para este trabalho: pretendo, apesar dos fenômenos pesquisados se referirem à política, lhes tirar um pouco o acento político. Específica e objetivamente: farei considerações que divergem ou que questionam alguns pontos levantados e defendidos sobre as *fake news*: a intenção de enganar, o formato (que deve emular uma notícia) e sua característica de “desinformação”. Não busco, com isso, rejeitar ou desautorizar o que foi pesquisado e produzido sobre, mas fazer conviver o divergente. Isso merece um parágrafo explicativo⁶⁷.

“[...] o método deve ser tal que a última conclusão de cada homem será a mesma. Tal é o método da ciência”, disse Peirce (2008, p. 16) supondo, sem total convicção, uma realidade independente da cognição – e outros processos individuais ou arbitrários – envolvida para lhe perceber. Porém, na perspectiva de que o conhecimento é *criado*, este não pode ser *competitivo*: porque não acredita ter sido *descoberto* – tendo, portanto, que ser *aceito*. Assim, tudo que escrevo aqui não está disputando um altar, um pódio onde só há lugar para um campeão – ao invés da lógica de Bourdieu (2010), de disputa pela hegemonia discursiva, a concepção deste trabalho é menos competitiva e mais artística e por mais que possa parecer poético, isso não é nem um pouco abstrato. Falo em visão artística porque a arte não se impõe como algo de superior, de verdadeiro, mas apenas *seduz* ao se mostrar como uma possibilidade não

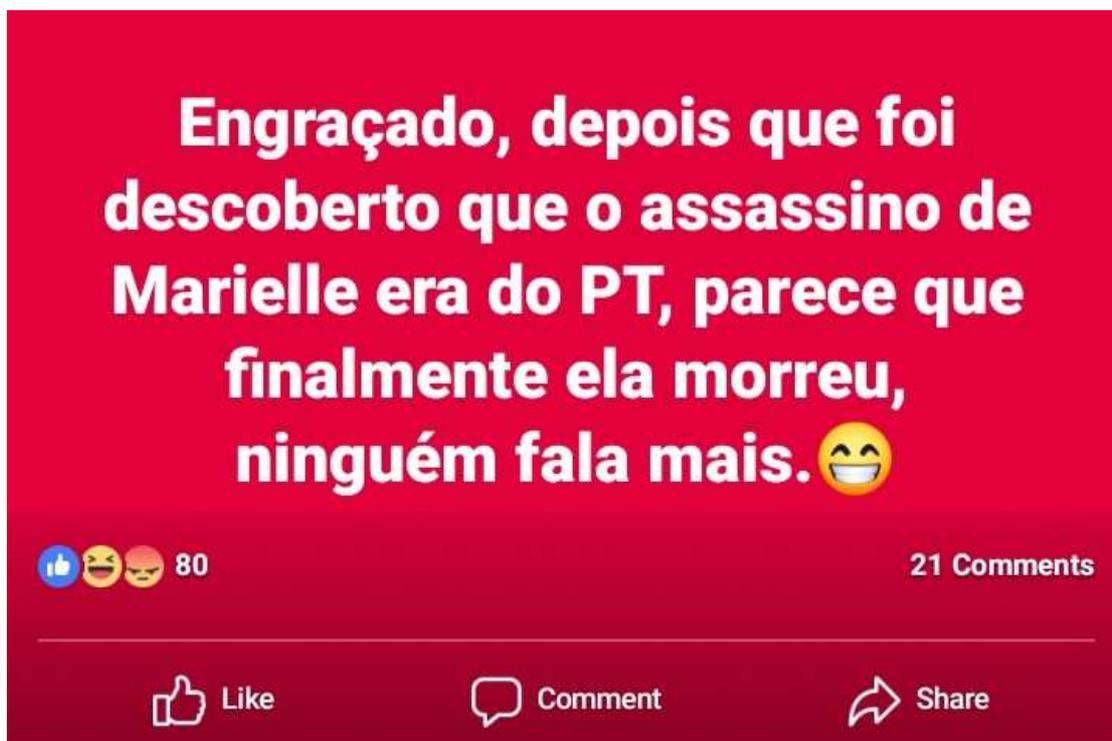
⁶⁷ Assumir a postura da cartografia também é aceitar o desafio de não restringir a discussão teórico-metodológica a um capítulo introdutório, mas recuperá-la, revê-la, como forma de validação da própria pesquisa.

hierarquizável – por certo, assumo que uma manifestação artística que busque alguma forma de superioridade deve rever seu estatuto e a forma de nomear a si mesma. Depois do que foi dito sobre a verdade, não há razão para permanecer na perspectiva que considera um conhecimento como verdadeiro – e que, por isso, disputaria o lugar de verdadeiro – restando aos demais como não-verdadeiros. Ou seja, esta visão não é menos científica, somente é menos competitiva: se não se espera *descobrir* a verdade, se o conhecimento é *construído*, de que vale *disputar* o monopólio do verdadeiro com lances de discurso? Novamente a lógica de Godard: “Não uma imagem justa, mas justo uma imagem”. Somente uma imagem e nada mais que uma imagem – ou seria o caso de uma *idolatria*, conforme Flusser (2011): esquecer que as imagens servem para orientar as pessoas no mundo, não para que as pessoas vivam em função das imagens; que as imagens – que se interpõem entre ser humano e mundo – sirvam mais como mapas e menos como biombos. É interessante perceber, como diz Morin (2011), que o pensamento complexo reconhece, antes de tudo, sua incompletude e sua limitação: e aí está a possibilidade da ciência poder falar sem a pretensão de se estabelecer como verdadeira e poder ser, assim, experimental. Reconhecer a incompletude do próprio discurso é, também, reconhecer a parcialidade de entendimento do fenômeno.

[...] é importante que a representação pare um instante antes da verdade; por isso, só é verdadeira a representação que representa também a distância que a separa da verdade (AGAMBEN, 1999, p. 107).

Por isso algumas considerações serão divergentes. Nunca absolutas, somente possíveis.

Primeiramente, quanto ao formato: *fake news* emulariam a estrutura jornalística com a intenção de enganar ao tentarem se fazer passar pelo formato consagrado da notícia. Assim, chamar de notícia falsa um meme seria superestimar conteúdos simples que não trazem mais do que uma frase breve, ou fazem uso de linguagem inadequada, ou possivelmente expõem uma mera opinião sem embasamento, contextualização ou verificação. Seria também uma desvalorização ao que se considera notícia – qualquer coisa poderia ser considerada notícia.



Junho de 2019 (Facebook)

É preciso lembrar que notícia remete tanto ao formato quanto ao sentido de novidade – *news*: “Gente, tenho uma notícia para contar”. Uma informação nova que se acredita como factual. “Estou grávida”. Apesar de não ser uma informação pública, dessas que aparecem no jornal⁶⁸, trata-se de uma notícia porque se acredita haver um fato novo, ou melhor, fato novo. Porém, é possível que a gravidez seja um alarme falso e algum tempo mais tarde acabe por ser desmentido. Durante este período, houve crença no fato, na gravidez existir: a notícia se mantinha notícia mesmo que tenha se baseado apenas em uma crença.

A notícia enquanto novidade, portanto, é uma consideração válida que não precisa atender ao formato tradicional de uma notícia: uma matéria que trará informação para preencher um *lead* e adotará o formato da pirâmide invertida. É uma manchete. Por que uma manchete pode ser considerada uma notícia? Por remeter à notícia que traz abaixo de si. A manchete,

⁶⁸ Nem tudo é notícia: os *critérios de noticiabilidade* são usados para se decidir o que vira notícia e o que não vira devido ao imperativo da limitação – seja pela centimetragem do jornal, seja pelo tempo no rádio e na TV, seja pela economia da atenção na *web*. Ou seja, a notícia, para ser notícia, precisa de atributos que a fazem ser considerada notícia.

assim, é uma notícia tanto quanto *A traição das imagens* de René Magritte⁶⁹ é um cachimbo: a manchete não é notícia, mas está apontando para a notícia. *Manchete: isto não é uma notícia.*



Agosto de 2019 (Facebook)

Assim, uma *fake news* como a que relaciona o assassinato de Marielle ao PT duplamente *não é uma notícia*: 1) porque é falsa e 2) porque não remete a uma notícia que estaria “abaixo de si” – a menos que se aceite que seu enunciado aponta para um “imaginário” que já tem aquilo como notícia, que já está disposto a aceitar aquilo como notícia, que já tem essa verdade virtual pronta para ser acionada e atualizada numa postagem falsa. Para quem quer se informar, pouco importa o formato.

Aqui, outra consideração: de que *fake news* seria “desinformação”. O termo não parece adequado porque o que um conteúdo faz, mesmo que seja falso, é exatamente *informar*: “produzir situações pouco-prováveis e imprimi-las em objetos”, diria Flusser (2011, p. 5), que não estudou notícias falsas, mas fornece argumentação válida para este problema. Etimologicamente, informar tem raiz comum com fabricar, e daí também, como ainda lembra

⁶⁹ A figura de um cachimbo com a inscrição, abaixo de si, “*Ceci n’est pas un pipe*” (Isto não é um cachimbo): *isto*, a inscrição, está dizendo que não é um cachimbo – interessa somente esta consideração, sem a profundidade da análise da obra feita por Foucault.

Teixeira (2017), seu produto e suas derivações: artefato, artifício, artificial – as duas últimas palavras remetem a algo de falso, mas não se pode exatamente dizer que informar seja falsear; porém, importa perceber que a informação não precisa ser verdadeira para algo ser informado.

Dar uma informação errada, ou falsa, também é informar. A informação errada, mesmo que tentando acertar, é descoberta como errada somente depois – conforme Maturana (2011), o equívoco só é descoberto *a posteriori*, durante a experiência não distinguimos entre verdade e erro. É o caso do exemplo da suposta notícia sobre a gravidez que depois é descoberta como uma notícia falsa. Durante algum tempo, se manteve como informação. E durante este tempo coisas aconteceram *a partir* daquela informação – mesmo que seja falsa. Não se pode dizer que não aconteçam coisas a partir das *fake news*: seja algo menos imediato, como os protestos que queriam “queimar a bruxa” Judith Butler durante sua passagem pelo Brasil⁷⁰ (numa tentativa de “informar sobre sua filosofia” e sua “intenção de acabar com a família tradicional”), seja algo mais pontual, como informar que o livro *Aparelho Sexual e Cia.* se trata de um “kit gay”⁷¹. Ocorre que mesmo que a informação esteja errada, o objeto foi “informado” e também a quem se destinava essa informação⁷² – porque não conseguimos distinguir entre percepção e ilusão, segundo, novamente, Maturana (2001). Logo, a informação falsa é, ainda assim, informação.

Por isso tudo é que se rejeita o termo “desinformação” e se reafirma “notícia falsa” como – talvez agora, sim – um conceito para a lógica de funcionamento de uma *fake news* – sim.

É curioso que há uma lógica que faz da informação uma previsão, mesmo que a informação seja falsa. No mercado financeiro, por exemplo, a informação de que uma empresa está indo muito bem e que vai ganhar valor em breve faz com que os investidores reajam comprando ações e, por consequência, valorizem esta empresa; o mesmo aconteceria ao

⁷⁰ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1933437-manifestantes-pro-e-contra-judith-butler-protestam-no-sesc-pompeia.shtml>>. Acesso em 18 jun. 2019.

⁷¹ Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/pesquisa-mostra-que-84-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditam-no-kit-gay/>>. Acesso em 18 jun 2019.

⁷² Mais recentemente a discussão de subsídios sobre a energia solar foi colocada nos termos de “não vamos taxar o sol” quando a discussão não é se o sol vai ser taxado ou não, mas quem vai pagar esta conta. No caso, o “sol não seria taxado” para as maiores empresas, enquanto que o subsídio na conta de pequenos consumidores seria mantido. Esta breve nota, em parte, justifica porque tanto investimento nesta discussão teórica: o assunto informação-desinformação transborda o enquadramento “notícias falsas” e contamina e é contaminado por outros processos que podem ser aproximados da temática da pós-verdade. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/01/nao-existe-taxa-do-sol-e-subsidio-escondido-na-conta-de-luz.shtml>>. Acesso em 7 jan. 2020.

contrário, com uma informação de que a hipotética empresa terá resultados ruins – as ações seriam vendidas e o preço iria cair. Nos dois casos, pouco importa se a informação é verdadeira ou falsa.

A argumentação parece superficial, mas diz respeito ao estatuto da informação não apenas como algo que remeta a alguma coisa, mas como uma *coisa em si*, porque a informação não somente mostra algo, mas faz ver algo *da forma que a informação propõe*. A informação constrói o mundo. Ou, como disse Seligmann-Silva (2018) sobre as imagens em Flusser: as imagens não significam mais o mundo – o criam.

Com um conceito, os objetos passam a ser vistos a partir da possibilidade que o conceito abriu, diz Flusser (2013): depois da invenção da alavanca, um pedaço de pau passa a ser visto com a possibilidade de adquirir tal função ou significado. A partir das *fake news*, Judith Butler é vista como bruxa para ser queimada ou um livro de educação sexual como um “kit gay”. Não termos uma experiência imediata com certas coisas que estão distantes (seja a guerra do outro lado do mundo, seja o nosso código genético) faz com que tenhamos que acreditar no que é dito sobre isso; assim, neste caso, o relato da mídia torna-se a própria “coisa”. “[...] essas coisas são reais na medida em que determinam nossas vidas” (FLUSSER, 2013, p. 112).

Estas considerações, curiosamente, também são possibilidades de entendimento a partir de conceitos, de um conjunto teórico-metodológico; como é o caso de Flusser, que rejeita a separação entre representação e referente, entre signo e coisa em si, entre teoria e prática das estruturas de linguagem, conforme Rafael Cardoso (2013, p. 15): “Fabricar e informar são aspectos de um mesmo programa, são manifestações da ação humana única de tentar impor sentido ao mundo por meio de códigos e técnicas”. Arte-artefato-artifício-artificial. Manufatura = *in + formação*: dar forma a algo. Fabricar = informar, diz Flusser (2013, p. 12): “Todo artefato é produzido por meio da ação de dar forma à matéria seguindo uma intenção”.

Assim, desinformado se poderia dizer de alguém que tenha pouca ou nenhuma informação sobre algum assunto; alguém que se informa com notícias falsas não é um desinformado: mais antes é alguém *mal informado*. Por que é importante dizer isso? Por dois motivos: 1) pelo reconhecimento da força das *fake news* como informativas – se não fossem, a “verdade” se imporia facilmente; 2) não é razoável pensar que quem compartilha notícia falsa seja alguém que sente que realmente está informado, ao invés do contrário? Já vou entrar na questão da intenção, antes é preciso atentar para a *crença*.

Imaginemos que eu queira comprar determinado carro; sem conhecê-lo, peço a opinião dos outros sobre e ouço que é um mau negócio, pois seu motor costuma dar problema. Três pessoas dizem isso. Sem conhecer o tal carro realmente, por medo de que dê problema, acredito no que foi dito e não o compro. A experiência com o carro não aconteceu, mas a informação “sobre ele” possivelmente será passada adiante. Sobre a arte de narrar, Benjamin (2012b, p. 40) diz que “[...] a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte despreocupado é de grande importância assegurar-se de que é capar de o reproduzir”.



Julho de 2019 (Twitter)⁷³

De outra forma, Deleuze e Guattari (1997, p. 14) entendem que a função da linguagem é *obedecer e fazer obedecer*, é uma *palavra de ordem* que muito pouco diz respeito a *acreditar*. O exemplo usado é o do mundo animal em que uma primeira abelha *vê algo no mundo* – o pólen – e comunica a outra o que viu; esta segunda abelha irá comunicar não o que viu, mas *o que lhe disseram que foi visto*:

A linguagem não se contenta em ir de um primeiro a um segundo, de alguém que viu a alguém que não viu, mas vai necessariamente de um segundo a um terceiro, não tendo, nenhum deles, visto. É neste sentido que a linguagem é transmissão de palavra funcionando como palavra de ordem, e não comunicação de um signo como informação.

⁷³ Disponível em: <https://twitter.com/right_blond/status/1154916312298205184> e <https://twitter.com/Rodolfo_Brasil/status/1155113569534533633>. Acesso em 28 jul. 2019.

Claro, o que importa aqui é a comunicação entre as pessoas, mas a intercessão desta lógica militarizada das abelhas é válida pela percepção de que acreditamos em coisas com as quais não temos experiência. “A comunicação humana é inatural, contranatural, pois se propõe a armazenar informações adquiridas. Ela é ‘negativamente entrópica’” (FLUSSER, 2013, p. 93). É pouco crer que somente obedecemos ao que as palavras nos ordenam – isso levaria a pensar que é possível obedecer desacreditando; mas é possível pensar num misto de ordem e de crença, já que, diz Maturana (2011, p. 27):

[...] vivemos em um mundo centrado no conhecimento. Estamos continuamente atuando uns sobre os outros, exigindo uns dos outros esses ou aqueles comportamentos em função de petições cognitivas: ‘Você tem que fazer isto porque eu sei que isto é assim’, ou ‘Eu sei que isto é assim; se você não faz assim, está equivocado, não é consistente’.

Além da tendência em acreditar no que é dito porque esta informação se referiria ao que é “certo”, ao que é “consistente” segundo o interlocutor – aí é que entra o misto de crença com ordem –, acreditar nas palavras parece ser um processo autorreferente e autoexplicativo: as palavras foram feitas para serem cridas, ou de que serviriam?

Nosso primeiro impulso é acreditar na informação; primeiro, porque confiamos em nosso amigo, evidentemente; mas, também, porque, de modo geral, é materialmente impossível, na vida cotidiana, checar todas as informações que recebemos. Trata-se, de alguma forma, de uma confiança social obrigatória, sem a qual mergulharíamos em uma paranóia e em uma suspeita sistemática (RENARD, 2007, p. 97).

Mapa ou biombo, a informação elimina a experiência. Esta é sua função e também sua maldição: como forma de pegar um atalho, de se orientar no mundo, a informação está aí para evitar a repetição da experiência para se chegar a determinado conhecimento. Se não fosse a crença, a informação e a crença na informação, teríamos que repetir experiências. É para evitar que se tenha que colocar a mão no fogo toda vez para saber o que acontece que se compartilha informação. Utilizamos o zíper, como lembra Harari (2018), sem saber como este funciona – uma vantagem do *homo sapiens* seria pensar não individualmente, mas em grupo e, principalmente, poder confiar no saber dos outros para agir no mundo. Esta consideração tira um pouco do acento da *intenção em enganar* que seria característica das *fake news* para atentar para a complexidade do fenômeno que ultrapassa a ideia de simples confronto entre dois lados que buscam se impor sua hegemonia discursiva – não que isso não aconteça também, mas Bourdieu (2010) não disse tudo.

A noção de intenção nas notícias falsas é interessante, mas talvez não possa ser totalizante. Ora, a ideia de intenção em enganar não pode ser definitiva por um motivo muito

simples: se no mundo existem apenas dois tipos de pessoas, as que enganam e as que são enganadas, as *fake news* serão algo sempre intencionado, então todos que compartilham *fake news sabem da verdade, mas dizem outra coisa*. E não parece ser esse o fenômeno que temos diante de nós.

Foram vistas algumas características majoritárias sobre notícias falsas no mundo político e por certo este campo marcou a forma como é possível entendê-las. Entretanto, o fenômeno não está restrito à política e cito outro campo em que há grande incidência: o da saúde; tanto é que o Ministério da Saúde criou um espaço em seu site⁷⁴ para esclarecer os boatos e desmentir *fake news*.



Dezembro de 2018, postagem no Facebook com assunto desmentido dois meses antes⁷⁵.

Urgente (1).

Não vou me aprofundar nisso, mas acredito que a lógica que rege as notícias falsas no campo da saúde é distinta daquela do campo político: mas será que não há sobreposição de

⁷⁴ Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/fakenews>>. Acesso em 18 jun. 2019.

⁷⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10215844214671723&set=a.4049822837371&type=3&theater>> e <<http://www.saude.gov.br/fakenews/44466-paracetamol-e-virus-machupo-fake-news>>. Acesso em 18 jun. 2018.

ambas? Mais precisamente: será que compartilhar *fake news* sobre política não pode ser visto como uma tentativa de alertar as pessoas sobre algum perigo ao invés de ser *somente* uma tentativa de enganar o inimigo com informações que se sabe que são falsas?



Junho de 2019, Twitter. Urgente (2)

Consciência e intenção estão em jogo aqui. Uma notícia falsa compartilhada sem intenção de enganar não deixa de ser uma notícia falsa. Mas é possível de se ter um entendimento completamente diferente, de um usuário que compartilha algo falso de uma forma, talvez, mais inocente, de alguém que acredita que está fazendo um bem ao alertar sobre algo. Mesmo que seja um remédio amargo.

Wardle e Derakhshan (2017) também falam que um “agente” que cria uma mensagem artificial pode ser diferente do que a produz e diferente daquele que a distribui. E não estou pensando numa esteira de produção em que cada um tem uma função nas fábricas de *fake news*, mas sim que há uma apropriação das mensagens pelos usuários conforme os fins desejados. E não necessariamente a intenção de enganar pode ser o objetivo do ato, mesmo que acabem por fazer exatamente isso – possivelmente sem saber.

Este posicionamento sobre as *fakes* políticas, além de abrir um leque que contempla outra percepção sobre o fenômeno pesquisado – para além do que já é tão tratado em termos de polarização e intenção de enganar –, está alinhado ao que parece ser uma marca contemporânea fruto e semente de “tudo isso daí”: não é curioso este momento em que, de uma hora para a outra, passamos a querer fazer o país do futuro livre da corrupção, em que os conteúdos compartilhados nas mídias sociais tratem tanto sobre política, e que no país do carnaval nossa maior preocupação seja com o bem da nação?

Não somente compartilhar, mas criar um conteúdo poderia ser considerado como uma tentativa de “fazer o bem” – mesmo que seja com intenção, mas sem resultado –, tirando uma coisa daqui, outra dali, organizando a realidade a partir de seu raciocínio, baseado em suas

crenças e na vontade de ajudar o mundo, da sua forma: “[...] se é válido matar por uma causa justa, também não é válido mentir?” (HARARI, 2018, p. 287).



Agosto de 2019 (Twitter)⁷⁶

“[...] alguém é inocente apenas por não saber? Um imbecil sentado no trono estaria isento de toda responsabilidade pelo simples fato de ser imbecil?” (KUNDERA, 2008, p. 172).

⁷⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/LuisLuizbronco/status/1158489046722781185>>. Acesso em 06 ago. 2019.

4 VARREDURA, EXPERIMENTAÇÃO, ERRÂNCIA

Se acuso um inocente de um crime monstruoso, se afirmo a um homem justo que ele cobiçou sua própria irmã, ele me responderá que é absurdo: É uma indignação que tem seu lado cômico. Mas também tem sua razão profunda. O homem virtuoso ilustra com essa réplica a antinomia definitiva que existe entre o ato que lhe atribuo e os princípios de toda a sua vida. ‘É absurdo’ quer dizer ‘é impossível’, mas também ‘é contraditório’. *Se vejo um homem atacar com arma branca um agrupamento de metralhadoras, considerarei que seu ato é absurdo. Mas este só o é em virtude da desproporção que existe entre seu intento e a realidade que o espera, ou da contradição que posso perceber entre suas forças reais e o objetivo que tem em vista. De igual modo nós acharemos que um veredicto é absurdo confrontando-o com o veredicto que os fatos aparentemente reclamavam.* Da mesma maneira, ainda, uma demonstração pelo absurdo se processa comparando-se as consequências desse raciocínio com a realidade lógica que se quer instaurar. [...] O absurdo essencialmente é um divórcio. Não está nem num nem noutro dos elementos comparados: nasce de sua confrontação (CAMUS, 1989, p. 48-49)⁷⁷.

As facada em Bolsonaro no Twitter foi escolhida tardiamente para a pesquisa – mas esta circunstância se tornou interessante para se pensar em pós-verdade e *fake news*: se, por um lado, um acontecimento *em acontecimento*, ao vivo, em seu desdobramento, é uma oportunidade cara para se cartografar, para acompanhar seu fluxo – ao invés de tratá-lo de uma forma essencialista e imóvel, totalizante e isolável –, por outro o “olhar para trás” com uma certa distância me possibilita atentar para o aspecto de disputa narrativa, de guerra semiótica, de tentativa de transformação do passado pela ação do narrador presente.

Poderia ter pesquisado outros termos, mais abrangentes, mas fui diretamente à facada+bolsonaro, em meio à multidão de informações disponíveis por acreditar haver material suficiente com isso. O que é o suficiente e suficiente para quê? Para produzir conhecimento em comunicação sem pretensão, ou ilusão, de exaustão – nesse caso, a limitação da pesquisa também é uma potência para se trabalhar.

O que consigo fazer não é contar o que aconteceu em relação à facada, nem o que aconteceu no Twitter sobre a facada, nem o que as pessoas em determinado dia no Twitter disseram que aconteceu naquele dia sobre a facada – mas o que ficou disso, o que foi possível encontrar, o que serviu para pensar naquilo que chamou atenção, a partir da perspectiva cartográfica.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo. Para o materialismo histórico, trata-se de fixar uma imagem do passado da

⁷⁷ Grifos meus.

maneira como ela se apresenta inesperadamente ao sujeito histórico, no momento do perigo (BENJAMIN, 2012, p. 243).

A decisão pela facada desta forma tardia fez com que fosse difícil recuperar um número considerável de *fake news* para trazer para a pesquisa – afinal, estas acabam sumindo ao longo do tempo, seja por censura do Twitter ou por arrependimento do usuário, ou pelo desligamento dos *bots*. Porém, o que permite continuar são os *tweets* e os comentários que podem não ser exatamente uma notícia falsa, mas que contribuem com o ambiente de pós-verdade e de confusão informativa – pois in+formam.

No seu todo, a história apresenta-se como uma sucessão, potencialmente infinita, de instantes presentes, mas também imediatamente já passados. Entre cada evento não é estabelecida qualquer linearidade ou progressividade, bem pelo contrário, denota-se um salto, uma descontinuidade diretamente proporcional no que diz respeito à diferença técnica que os separa. A novidade constitui a afirmação de um novo e irreduzível fragmento da história e, ainda, uma ulterior e irreversível quebra desta (RAFELE, 2017, p. 125).

Com o *scrolling* de Flusser percebo as relações *mágicas* que dão sentido entre os elementos de uma situação a partir de uma relação que não é da necessidade: começo a girar o *scroll* do mouse e surge a cascata de informações à minha frente; já não sei se é cascata de informações que faz girar a roda do mouse ou o girar da roda do mouse que faz a cascata despencar.

06 de setembro de 2018

“*Situação*: cena onde são significativas as relações-entre-as-coisas e não as coisas-mesmas” (FLUSSER, 2011, p. 6).

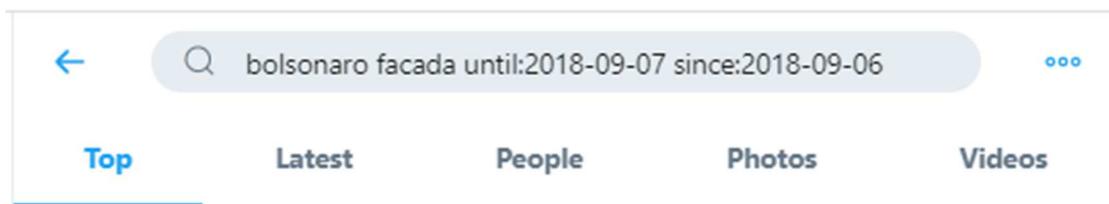
Situação de pós-verdade e confusão informativa: em duas horas, a facada em Bolsonaro rendeu 800 mil menções no Twitter; este tópico ficou entre os assuntos mais mencionados em 12 países.

Outros atos de violência relacionados à política foram, ainda, citados pelos usuários do Twitter, nesse contexto. Um ataque a tiros envolvendo acampamento pró-Lula em março é mencionado em postagens que criticam a posição de Bolsonaro sobre o assunto na época. Já o assassinato da vereadora Marielle Franco é retomado como um exemplo de como a adesão e/ou propagação de um discurso de ódio – atitude

relacionada por esses perfis a Bolsonaro e seus seguidores – estaria ligada a casos de violência como o sofrido por ele⁷⁸.

E o que, nesta imagem aqui, não foi citado, mas nem por isso deixa de ser interessante?

É, no “passo-de-formiga” que “escaneio” aquilo que uma imagem não pode resumir. A conversação no Twitter é um legítimo rizoma para se entrar – sempre no meio – e se movimentar sem nunca deixar de estar no meio e ainda para se estar na mesma posição de um usuário. Imaginei que deveria ler novamente o que aconteceu naquela véspera do Dia Independência do Brasil, mas ao invés de procurar por notícias, tentei me informar exatamente pela pesquisa no Twitter e começar a trabalhar em cima do que aparecesse – afinal, para um usuário desconfiado, a mídia é suspeita.



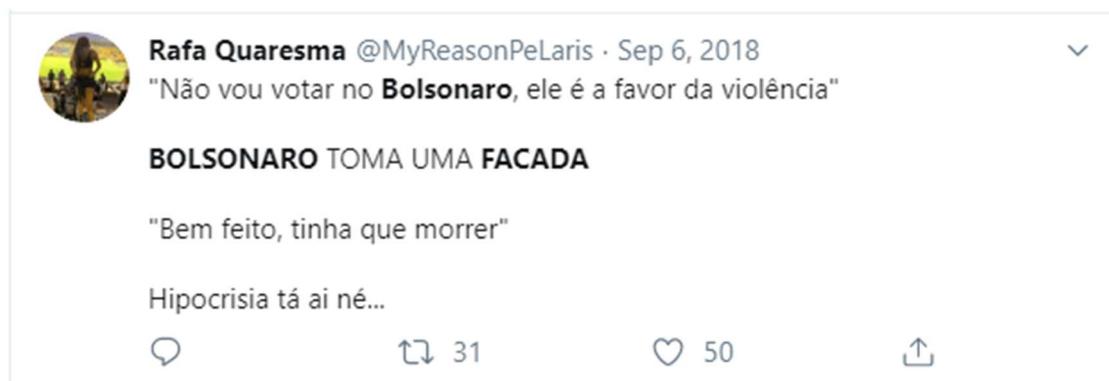
Produzi (percepção do observador + realidade) o conteúdo empírico com a pesquisa “facada+Bolsonaro” no Twitter, com um usuário criado especificamente para isso – @tiagosega. Salvei os *tweets* com captura de tela e colo eles diretamente junto ao texto para com eles trabalhar⁷⁹. Pela quantidade de menções, me demorei um pouco mais no dia 06-09-2018 do que em outros dias pesquisados.

[...] estocada: primeira entrada no rizoma

A partir dos *tweets* disponíveis naquele dia, percebo que, além da lamentação pelo ataque a Jair Bolsonaro, por parte de seus apoiadores, teria havido também, por parte de seus críticos, comemoração e deboche: felicidade pela barbárie individual, contra o candidato, e coletiva, contra o sistema democrático – isso me incomodou um pouco.

⁷⁸ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/facada-em-bolsonaro-gera-800-mil-mencoes-no-twitter-em-duas-horas/>>. Acesso em 10 jan. 2019.

⁷⁹ Alguns *prints* ficaram em tom de azul, outros são brancos: não há nenhum significado ou motivação nisso, apenas a diferença ocorre quando a captura foi feita com o ponteiro do mouse sobre o *tweet* – que o deixa azulado.

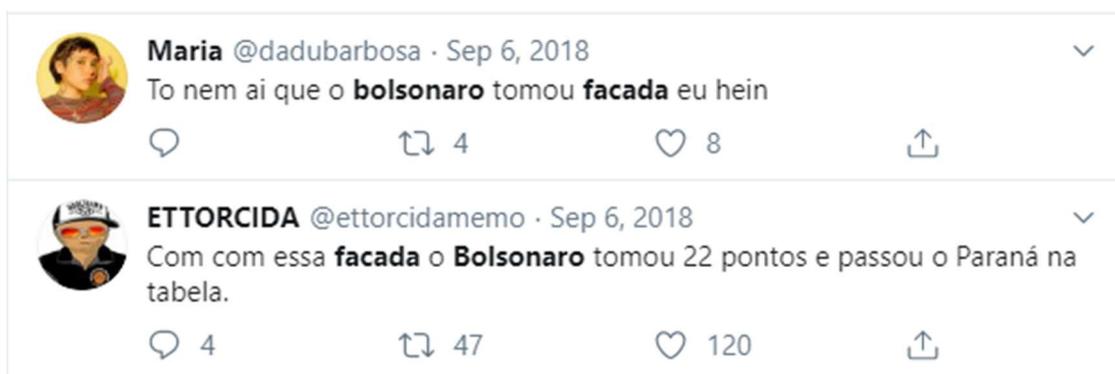


De início não encontrei estes *tweets* que realmente comemoravam ou debochavam da facada em Bolsonaro; entretanto, vi muitos – os primeiros (possivelmente pela quantidade de curtidas, pelo engajamento envolvido) com que tive contato a partir da pesquisa – dizendo que isso aconteceu, mesmo, mas até então, sem lastro empírico que verificasse estas afirmações. Disso, surgem algumas hipóteses heurísticamente interessantes e metodologicamente pertinentes.

Primeiro, estes *tweets* poderiam ter sido apagados: naquele momento da facada, pungente e urgente, coisas poderiam ter sido ditas de forma impensada; a postagem de *tweets* impulsivos que, por se tratar de um conteúdo eticamente condenável (comemorar uma tentativa de homicídio, mesmo que de seu inimigo), poderia ser algo a ser retificado, excluído – esta conduta, afinal, poderia ser usada contra si num momento de debate, ou contra “seu lado” como um todo. Isso, a possibilidade de *tweets* serem apagados posteriormente, já revela limitações da pesquisa ao tentar verificar “o passado como foi”: não é possível.

Disso, vem a segunda hipótese: não parece inverossímil que esses *tweets* tenham existido – e é justamente por isso que eles *sequer precisariam ter existido*. A ideia de que existiram *tweets* comemorando ou debochando da facada é duplamente verossímil: seja porque se acredita numa divisão entre bolsonaristas e não-bolsonaristas ou porque se acredita haver uma dita “identidade” entre estes dois lados – um aplaude, o outro vaia. Ou seja, mesmo que estes *tweets* condenáveis não tenham sido postados, dizer que o foram é uma ideia com aderência, com verossimilhança – tal qual as mensagens que alertavam sobre a distribuição de um “kit gay” pelo candidato Fernando Haddad.

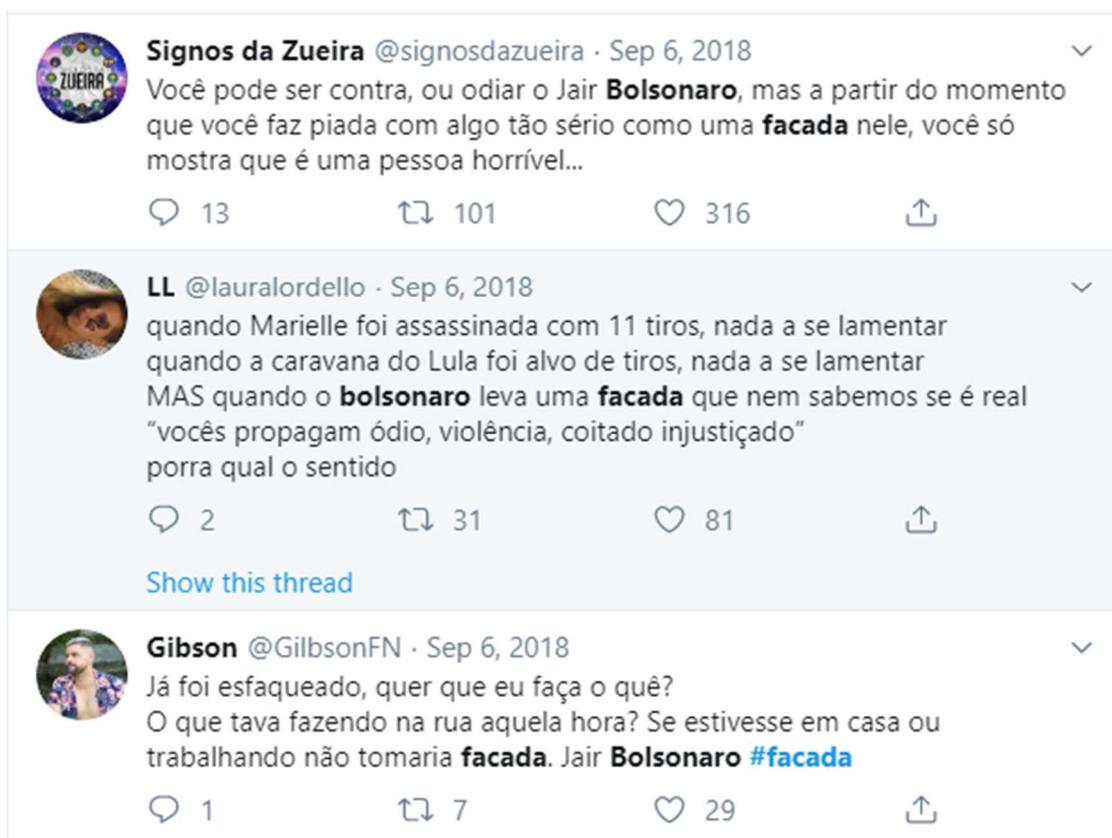
Mas outra dúvida aparece: o que é preciso para que um *tweet* seja considerado deboche ou comemoração “da esquerda”?



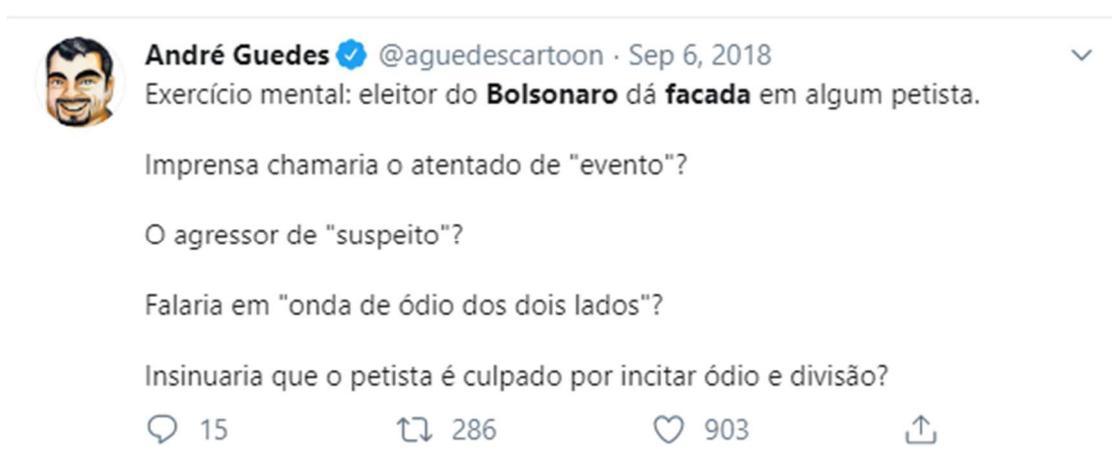
Será que só esquerda e/ou direita postam no Twitter sobre a facada em Bolsonaro? Tudo se resumiria a debate político-partidário?



Se o *tweet* não estiver de acordo com um certo discurso amplo – de consternação, de apoio ao candidato, de condenação da facada e de demanda por justiça – poderia ser, por isso, considerado diferente, dissonante, talvez alternativo e até mesmo contrário ao que um apoiador de Bolsonaro acredita?



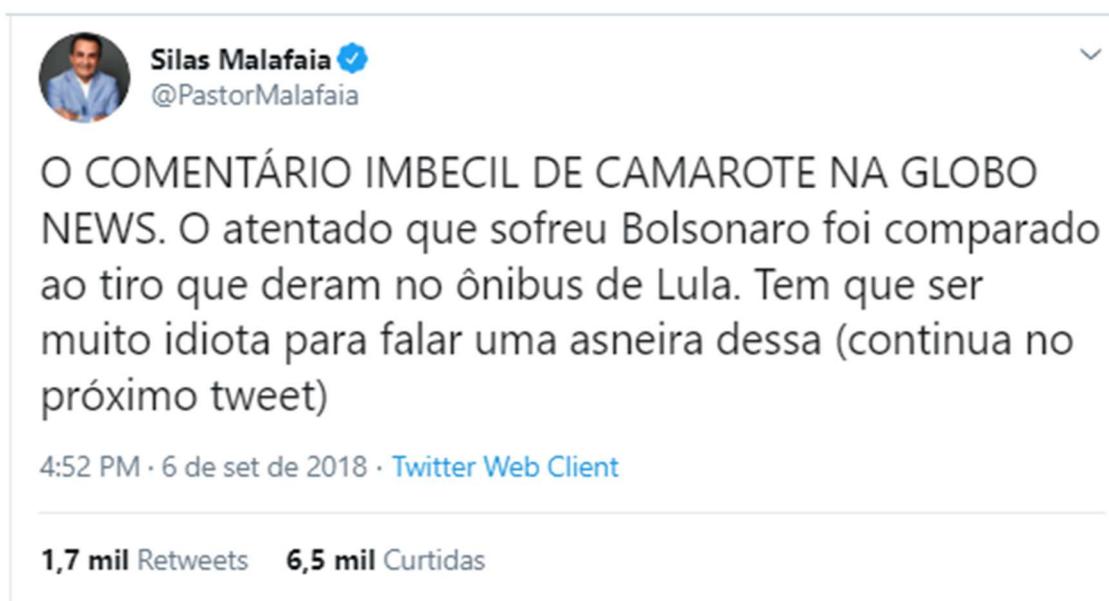
Isso leva a pensar que se o *tweet* não for suficientemente alinhado ao que se espera que seja em relação ao acontecimento, pode ser considerado uma afronta – mesmo de quem se acredita que não tenha “lado”, que é isento e imparcial.



A possibilidade da imprensa dizer que Bolsonaro seja culpado pela própria facada de que foi vítima chama atenção.



No enredamento desta acusação, cheguei a *tweets* de Silas Malafaia e de Marco Feliciano⁸⁰, cada um com considerável engajamento, sobre um comentário de Gerson Camarotti⁸¹ que citava o clima de ânimos acirrados durante a eleição e que “condenava com veemência”, segundo suas próprias palavras, a facada em Bolsonaro, “independentemente de qualquer posição política”.



Pode parecer engraçado e simplório, mas é significativo e sintomático o fato de ter que pesquisar o que foi dito pelo jornalista para se certificar de que a Globo News não “culpou Bolsonaro por ter tomado a facada”, como os *tweets* sugeriam. Se não fosse esta breve, simples e eficaz pesquisa, todo o contato que eu teria com a acusação contra a Globo News teria sido “li que a Globo colocou a culpa da facada na vítima; não sei muito, foi só o que li no Twitter”.

⁸⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/PastorMalafaia/status/1037790613045952513>> e <<https://twitter.com/marcofeliciano/status/1037800477805748224>>. Acesso em 21 fev. 2020.

⁸¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/v/isso-e-um-ato-antidemocratico-afirma-gerson-camarotti/7001522/?utm_source=facebook&utm_medium=share-player-desktop>. Acesso em 21 fev. 2020.

O comentário de Camarotti virou a opinião da Globo News, que é a *#globalixo* como um todo, que representaria toda a imprensa contra Bolsonaro. Antes destes *tweets*, eu sequer imaginava que houvesse a sugestão de que Bolsonaro fosse culpado pela própria facada – e sem ter havido esta sugestão, o que me aparecia eram as acusações. Não é isto um bom exemplo de situação de pós-verdade ou de confusão informativa?



Parecia exagero a possibilidade de que a não-concordância total com determinado discurso (pró-bolsonarista) fosse suficiente para que houvesse acusação de ser “contra nós” apenas por ser talvez dissonante, por não dizer o que *deve ser dito* neste momento – “é um momento de revolta, de calamidade”.



Ganharia força, assim, a hipótese de que os *tweets* que dizem que “a esquerda comemorou a facada” possam ser simples acusações sem lastro empírico – mas com força de verossimilhança num determinado imaginário capaz de prontamente aceitar este discurso. Mas, como expliquei anteriormente, ainda estava no início a rolagem do *scroll* do mouse pela cascata de *tweets* sobre a facada.



“Ah, mas isso pode ter sido um perfil *fake* criado para estragar a imagem da esquerda”.

Esta hipótese, uma sabotagem camuflada, não deve ser levada muito a sério, uma vez que pode ser aplicada para qualquer situação: para dizer que *hackers* alteraram mensagens no celular do Ministro da Justiça, para o próprio acontecimento facada ou para os tiros na caravana de Lula. A pertinência deste *tweet* não está em sua autenticidade, mas em pensar qual a sua representatividade em relação ao todo, para se poder dizer: “comemoraram a facada”?



Este problema, da representatividade de um *tweet*, é o problema de toda pesquisa.

[...] relação mapa-território

...Naquele império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava uma cidade inteira, e o mapa do Império uma Província inteira. Com o tempo, estes Mapas Desmedidos não bastaram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império que tinha o Tamanho do Império e coincidia com ele ponto por ponto. Menos Dedicadas ao Estudo da Cartografia, as gerações seguintes decidiram que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade entregaram-no às Inclemências do sol e dos Invernos. Nos Desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas (BORGES, 1982, p. 117).

Ao fazer um mapa, estamos condenados à limitação desta própria prática: com que objetividade e equivalência uma pesquisa contempla a realidade em que trabalha e até que ponto consegue ser precisa – não é este, também, um problema do jornalismo? Ao recolher *tweets* aleatoriamente, desta forma errante, posso ser questionado se não estou forçando a barra, se não estou distorcendo a realidade com postagens demasiadamente aleatórias, empíricos que ao invés de exemplos, seriam exceções.

“Exceções em relação a quê?” é a pergunta imediata. Em relação à realidade – que é “[...] diferente da totalidade dos fatos e dos acontecimentos e é mais do que esta, que, de qualquer modo, não pode ser determinada”, conforme Arendt (1995, p. 28). Ocorre que mesmo em uma pesquisa preocupada em trabalhar com precisão estatística e com equivalência o problema da proporção se coloca: lhe escapariam as minoridades, restariam hiatos – e só por serem menos frequentes seriam desprezíveis? Para um mapa dar conta do todo, precisaria ser do tamanho da realidade em que trabalha. E mesmo assim o mapa não seria a coisa a que se refere: isto nunca vai ser um cachimbo; os *tweets* sobre a facada em Bolsonaro não podem representar a facada em Bolsonaro; a pesquisa sobre os *tweets* da facada em Bolsonaro não representa ambos.

Se a representação nunca vai ser a coisa representada, é preferível que nem tente ser, que escape desta limitação e mostre sua potência ao ser outra coisa – que arranque da realidade empírica, complexa e inapreensível em sua totalidade, formas de entendimento do fenômeno comunicacional ocorrido com potencial heurístico: hipóteses e explicações, experimentações e provocações. Saber que saber algum é definitivo permite tal postura.

Apesar destas considerações é preciso mostrar a força de um *tweet* – para além de seu engajamento, de suas métricas. Não se deve ignorar um *tweet* com poucas curtidas, sem comentários ou compartilhamentos. Como lembram Alcott e Gentzkow (2017, p. 232) “medimos apenas o número de histórias lidas e lembradas, e as histórias excluídas vistas nos *feeds* de notícias, mas não lidas, ou lidas, mas não lembradas, poderiam ter tido um grande impacto”⁸².

Nas “cascatas de informações”, mostram Recuero e Gruzd (2019), o usuário baseia seu ponto de vista a partir da lista de comentários existente – quase como a espiral do silêncio. Pouco se sabe, mas nada se deve duvidar da aparente indiferença, do silêncio de um usuário diante do abismo de informações despencando à sua frente. A experiência de estar numa cascata é reveladora: é o encontro do humano com sua natureza animal – não individual, mas social.

[...] mesmo que evite toda a companhia e mesmo que esteja completamente isolado enquanto formo uma opinião, não estou simplesmente sozinho comigo na solidão do

⁸² No original: “We only measure the number of stories read and remembered, and the excluded stories seen on news feeds but not read, or read but not remembered, could have had a large impact”. Tradução livre.

pensamento filosófico, permaneço nesse mundo de universal interdependência onde me posso fazer representante de qualquer outra pessoa (ARENDR, 1995, p. 14).

Consideremos “ser representante de qualquer outra pessoa” como a possibilidade de que *o que quer que tenha sido dito qualquer pessoa poderia tê-lo dito*. E justamente por isso que é possível de se dizer “vi *tweets* que diziam” que a facada foi uma farsa ou comemorando-a. Não se sabe exatamente quantos ou quem – e isso importa?

Podia-se considerar Bruno como um indivíduo? O apodrecimento dos seus órgãos pertencia-lhe; era a título individual que experimentaria o declínio físico e a morte. Por outro lado, sua visão hedonista da vida, os campos de força que lhe estruturavam a consciência e os desejos pertenciam ao conjunto de sua geração. Assim como a instalação de um experimento e a escolha de um ou de vários observáveis permitem estabelecer num sistema atômico determinado comportamento – seja corpuscular, seja ondulatório –, também Bruno podia aparecer como um indivíduo, mas de outro ponto de vista, não era mais do que um elemento passivo do desdobramento de um movimento histórico. As suas motivações, valores, desejos, nada disso o diferenciava, por pouco que fosse, dos seus contemporâneos (HOUELLEBECQ, 1999, p. 172).

Aqui, repito, não estou tratando de postagens de grande engajamento, que podem vir de usuários influentes no Twitter, de um grande nó com força suficiente para que suas palavras sejam levadas em conta menos por *o que foi dito* do que por *quem disse*. Me refiro especificamente a *tweets* aparentemente insignificantes, que poderiam passar despercebidos. Um *tweet* isolado poderia se perder na imensidão de informações cotidianas, mas também ser guardado na memória de quem ficou surpreendido com o que viu – e armazenado na incomensurável memória da cultura digital. Ou, conforme Flusser (2012, p. 204): “As imagens aparecem como relâmpago e como relâmpago desaparecem. No entanto, são ‘eternas’, porque guardadas em memórias, e também recuperáveis ‘imediatamente’”.



A possibilidade de se levar em conta *tweets* “insignificantes” reafirma que, como disse Benjamin, “nada que um dia aconteceu por ser considerado perdido para a história” nem para a pesquisa em comunicação, nem para entender um ambiente coletivo que se vê enredado discursiva e materialmente. O ser humano não pensa somente por si e para si, conforme Peirce (2008, p. 11): “A não ser que nos transformemos em eremitas, devemos necessariamente influenciar as opiniões uns dos outros; de forma que o problema se transforma em como fixar a crença, não meramente a nível individual, mas na comunidade”.

Sem demasiado estruturalismo, um *tweet* aparentemente eremítico, com pouco ou nenhum engajamento, não pode simplesmente ser considerado isolado do todo: já em sua materialidade o *tweet* conta com a possibilidade de ser compartilhado, comentado e curtido e é com essa condição de conteúdo público e engajável que é escrito; além disso, ao pesquisar por “facada+Bolsonaro”, os *tweets* encontrados vêm responder a questões coletivas não colocadas individualmente, mas a um tema amplo ao qual buscam se conectar.

Cada fragmento, portanto, é parte deste Mapa Desmedido entregue às inclemências do Sol e dos Invernos.

[...] é só uma brincadeira, pô

Muito mais frequentes do que os *tweets* que “comemoravam a facada” eram os que faziam piadas, brincadeiras.



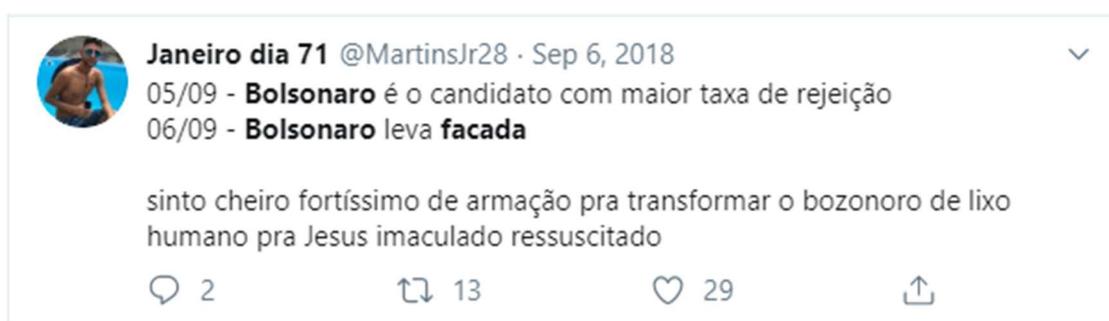
Entretanto, talvez não sejam exatamente brincadeiras: brincadeiras só querem diversão, e o que aparece aqui sugere mais do que um simples riso, tão característico de nossa cultura.



Sutilmente, ou nem tão sutilmente, a hipótese de que a facada tenha sido um embuste, uma armação para converter a comoção pública em votos para o presidencial, é alimentada.



Boa parte do que aparece não é conteúdo falso, mas são *tweets* que contribuem com a sensação de pós-verdade; se não até o ponto de se transformarem em *fakes*, ao menos ajudam a criar a condição para que esta surja.



Neste dia 06 de setembro as circunstâncias da facada ainda estavam sendo apuradas, ainda não havia informações oficiais, provas ou laudos para afirmar “o que aconteceu”.



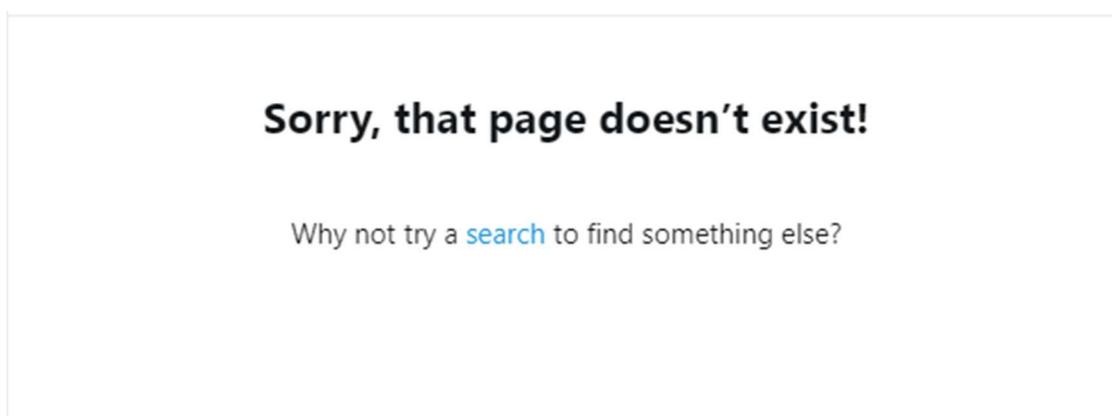
Vale notar que não se trata meramente de hipóteses absurdas que rasgam a realidade contra sua própria razoabilidade interpretativa: há uma certa aderência na realidade a estas suposições, devido à pertinência dos questionamentos.



Se começou a questionar sobre a “falta de sangue” após levar uma facada – o que parece fazer sentido: como é possível que sua camisa não tenha ficado nem um pouco suja? A dúvida é legítima e a curiosidade, ampla.

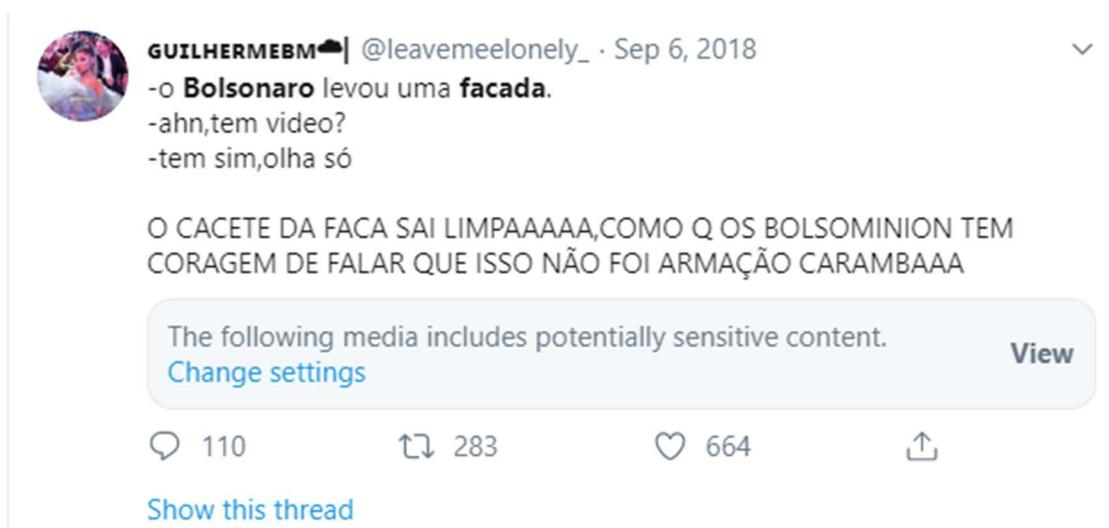


Quando clico no link⁸³ para saber a verdade que deve ser espalhada:



O conteúdo a que remetia, no momento em que cheguei, já não está disponível; o *tweet* que remete ao que já não existe, entretanto, segue aí – apontando para o vazio.

⁸³ Disponível em: <https://twitter.com/itstheustheus/status/1037806470077849601>



Este *tweet* traz o vídeo do momento da estocada em que não há vestígio de sangue, na faca ou na camisa. É interessante perceber como esta hipótese, de que a facada tenha sido armação, foi encorpada ao ponto de negá-la ser um ato de coragem: “COMO Q OS BOLSOMINION TEM CORAGEM DE FALAR QUE ISSO NÃO FOI ARMAÇÃO CARAMBAAA” já indica de qual e para qual câmara de eco este usuário está falando.



Mais facetas vão sendo acrescentadas a este prisma interpretativo da armação: é interessante que são informações que requerem alguma perícia para se poder tirar alguma conclusão por um amador, aqui de trás da tela. Um colete à prova de balas é suficiente para impedir uma facada? Não houve mesmo nenhuma retaliação e como isto foi impedido?



EscarLate @1313_Monica · Sep 6, 2018

Gente, o intestino do **Bolsonaro** é na boca do estômago? Viram o vídeo mostrando onde foi a "facada"?

Facada atingiu intestino de Jair **Bolsonaro** e candidato é operado em Minas



Facada atingiu intestino de Jair Bolsonaro e candidato é operado em Mi...

O estado do presidencial é considerado estável

oglobo.globo.com

5

9

9



Para ser sincero, eu nunca me importei em saber exatamente em que altura do corpo fica o intestino, mas esta dúvida agora começa a dar um frio na barriga.



Com uma hipótese como essa, todas as coisas – a falta de sangue, a falta de luvas, agora chegar caminhando ao hospital – apontam para um mistério que deve ser desvendado: desvendar já quer dizer tirar o véu para conhecer a verdade, o véu da aparência – daquilo que está aparecendo e está parecendo.



Esta foto foi horas antes da facada⁸⁴. Mas não se sabe o quanto circulou com a ideia de que Bolsonaro entrou caminhando no hospital. Eis que nesta *thread* uma resposta aponta para a temporalidade da foto e da facada. A discussão parece profícua para pesquisa.

⁸⁴ Disponível em: <<https://www.boatos.org/politica/atentado-bolsonaro-forjado-sangue.html>>. Acesso em 12 jan. 2020.



Infelizmente foi perdida. Os *tweets* foram apagados – talvez por arrependimento, ou por trazer discurso de ódio⁸⁵, não se sabe o que diziam – e ficaram aqueles que tentavam reforçar a hipótese da armação – que segue com força. Conforme Alzamora e Bicalho (2018, p. 7), levando em conta a identificação com notícias variadas a partir de posicionamentos semelhantes (mas não necessariamente dicotômicos), a “crença comum” tende a ser fortalecida, mantida, confirmada: “[...] a constatação indicial da falsidade nem sempre é suficiente para revisar a crença que delinea a notícia falsa, pois esta se sustenta em arraigados hábitos de ação cuja tendência é gerar engajamento com notícias semelhantes”.

⁸⁵ As contas podem ser suspensas caso haja violação de regras do Twitter, como comportamento abusivo. Não há menção à divulgação de conteúdo falso, somente ao caso de se tratar de identidade falsa. O Twitter não afirma que conteúdo falso é um motivo para suspensão de contas de seus usuários, entretanto, se dá ao direito de suspender caso haja comportamento abusivo, como por incitação à violência e por propagação de ódio. Disponível em: <<https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/twitter-rules>>. Acesso em 26 nov. 2019.



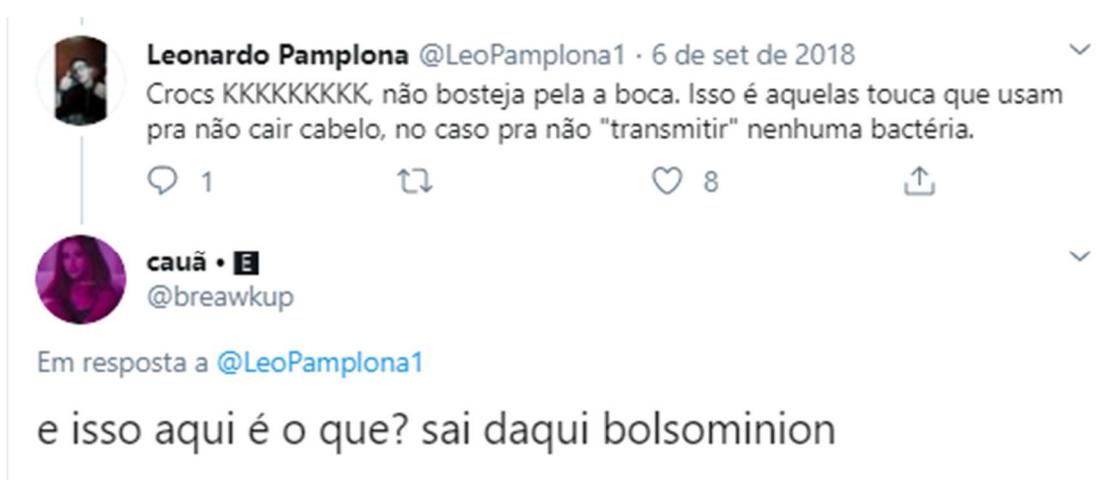
É claro: só poderia ter sido isso. Somente com uma operação como essa é que seria possível de se manter a ideia de que a facada foi uma armação. Mas é possível se agarrar a qualquer coisa para defender sua crença.



É conhecido o ódio do brasileiro pelo Crocs e agora se vê como inaceitável que um médico esteja usando-o num atendimento. É curioso que a consistência da operação necessária – envolvimento de um hospital, do corpo clínico, de seguranças, de apoiadores e demais pessoas envolvidas direta e indiretamente após a facada – para a facada ter sido uma armação é mantida, mas a integridade do evento é colocada em dúvida devido ao calçado visto. Atenção aos signos.



Este *tweet* é significativo sobre a autoridade autoconcedida para se poder falar sobre qualquer coisa com legitimidade. Ou não, é apenas brincadeira, que segue sugerindo coisas.



Também, interessante perceber que na parte de cima, meio cortado, está um “sai daqui bolsominion” devido ao comentário na *thread* que não concordava com o uso de crocs como aceitável para um bloco circúrgico.

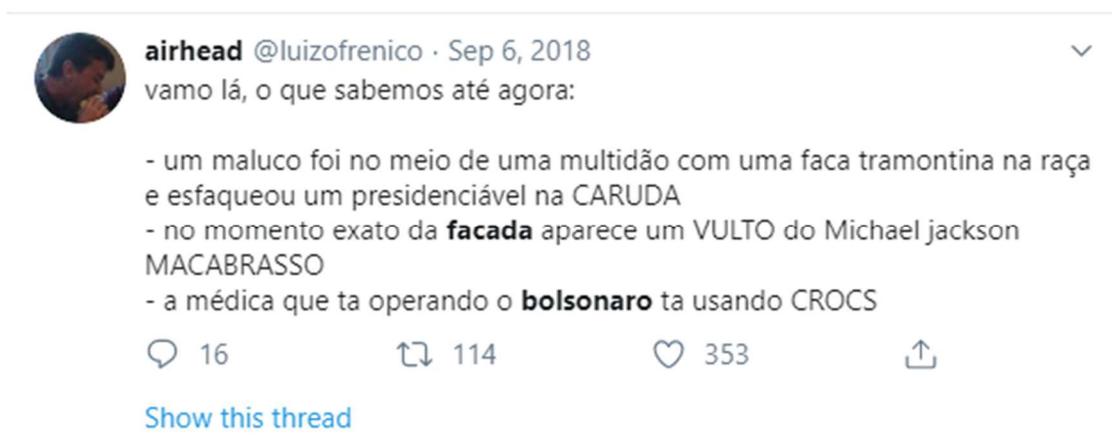


“Agora tudo faz sentido”: ora, mais parece é que faz menos sentido do que nunca – a não ser pela estabilização de todas as dúvidas com a hipótese de se tratar de “marketing”. De tantos elementos “estranhos”, curiosos, elencados, parece que “isso não pode ser verdade”.



Já é considerado estranho o próprio ato de ir, sozinho, no meio de uma multidão, dar uma facada num candidato à presidência que é carregado por seus apoiadores; os elementos que aparecem não apenas causam estranheza como pedem uma explicação.

“Por que esse cara frequenta ambientes chineses?, perguntará o leitor. Se é um magistrado sério, por que não come espaguete como todos?” (ECO, 2017, p.124).



Quanto mais elementos chamarem atenção por sua estranheza, mais ligações de causa e efeito podem ser feitas. Quando a sensação é de que o que ocorreu – o que estão dizendo que ocorreu – não faz sentido, mais elementos são considerados sem sentido. Caos atrai mais caos. Interessante perceber que além desses elementos estranhos poderem passar despercebidos se não lhes fosse chamada atenção, não se sabe ao certo se existiram na realidade ou se somente se materializaram enquanto delírio coletivo, enquanto signo (re)passado adiante⁸⁶, enquanto *tweet* compartilhado. O estranhamento, entretanto, é real.



De tão estranho, tudo pode parecer claro e simples porque né: “[...] o significado é dado sem ser por isso conhecido” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 62).

[...] absurdo

Até que ponto aceitamos ao absurdo à nossa volta? Esse absurdo não cessa de aparecer.

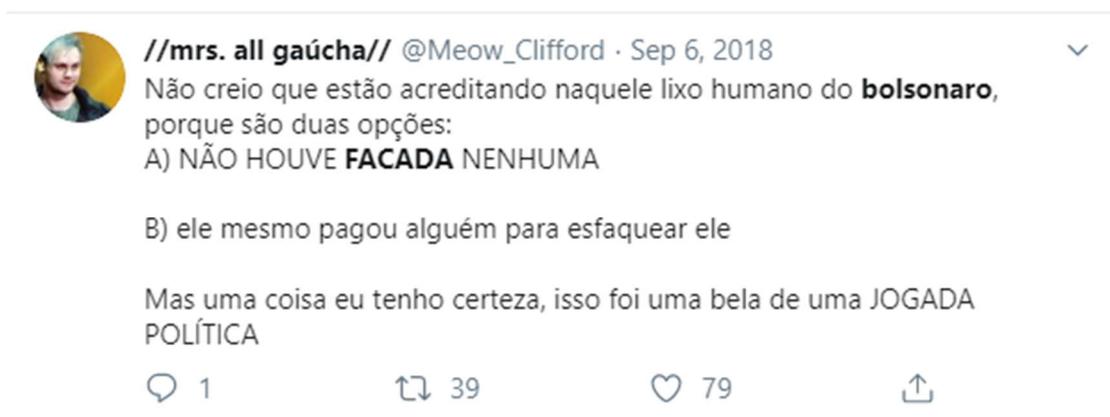
Quero que tudo me seja explicado, ou nada. E a razão é impotente diante do grito do coração. O espírito incitado por essa exigência procura e só encontra contradições ou despropósitos. O que não compreendo não tem razão (CAMUS, 1989, p. 46).

⁸⁶ Como na comunicação entre as abelhas, exemplificada por Deleuze e Guattari (1997), em que há transmissão de palavras de ordem, não de signo enquanto informação.

É curioso que toda essa estranheza da facada – um solitário se lançar em meio à multidão – seja pouco credível ao ponto de *por isto mesmo* precisar de uma narrativa alternativa. Conforme Silva (2019, posição 607), a mentira é mais verossímil do que a verdade porque, de certa forma, pode abrir mão dos inconvenientes de uma narrativa absurda, que não faça sentido: “[...] quando tudo é relativo, só o falso tem ar de verdadeiro e capacidade de convencimento. Uma verdade fraca, que afirma constantemente⁸⁷ os seus limites, não consegue enfrentar uma mentira forte, que se apresenta como ilimitada”.

Da mesma forma, e usando o termo *mentira* – que, por trazer a ideia de intenção de enganar, uso apenas como catalisador de raciocínio – Arendt (1995, p. 21) entende que quem “mente” pode selecionar como quiser os fatos e acomodá-los de uma forma benéfica e prazerosa para a narrativa e atender aos anseios de seu público; será, assim, mais convincente do que quem diz a verdade: “Terá mesmo, em geral, a verosimilhança do seu lado; a sua exposição parecerá mais lógica, por assim dizer, pois que o elemento surpresa – um dos traços mais impressionantes de todos os acontecimentos – desapareceu providencialmente”.

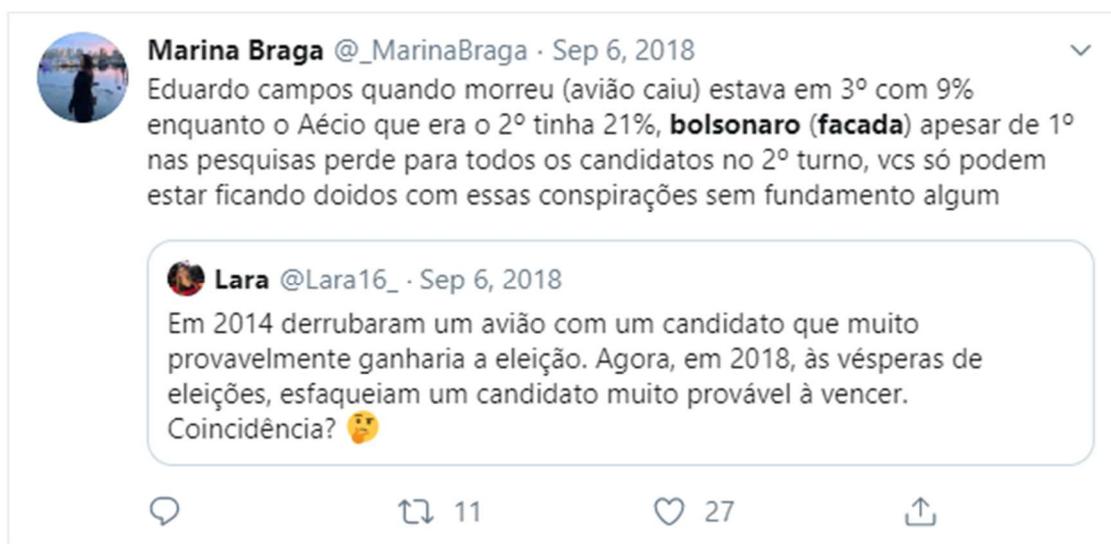
É claro que o mentiroso mente também para si mesmo e, no Twitter, não apenas para si mesmo.



Aqui há duas narrativas falsas disponíveis para se escolher, que são mais “aceitáveis” do que “acreditar no lixo humano do bolsonaro”. Entra aqui também a noção de que a facada em sua absurdidade não é todo o absurdo – é absurdo também acreditar em Bolsonaro: porque

⁸⁷ No texto original está escrito “que afirma constante os seus limites”. Entendo que o correto seja *constantemente*.

é o inimigo e, como lembra Eco (2011), o inimigo deve ser feio, já que se identifica o belo com o bom (*kalokagathia*).



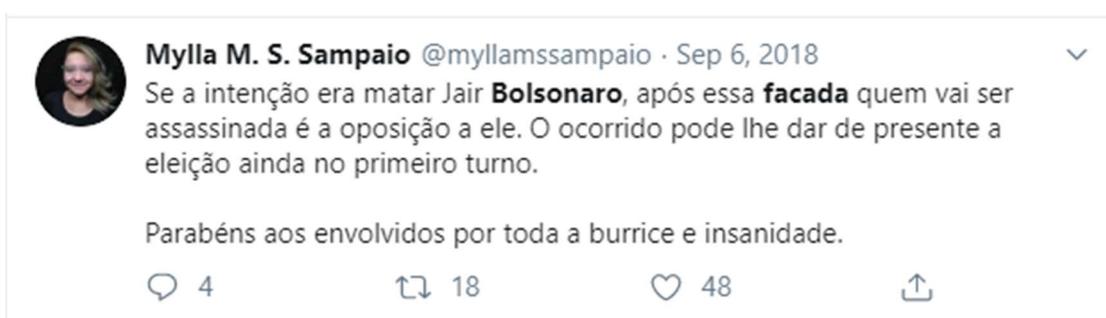
A partir do absurdo da facada se passa a recuperar outros absurdos que – curiosamente por trazer ainda mais absurdo à tona – dariam mais sentido à narrativa – à narrativa de que estão matando candidatos à presidente: quando “o ocorrido encontra o agora num lampejo”, como disse Benjamin (2009) sobre as imagens dialéticas. Curiosamente, a tentativa de explicação do usuário que rejeita a “conspiração” não é muito mais forte do que a própria conspiração.



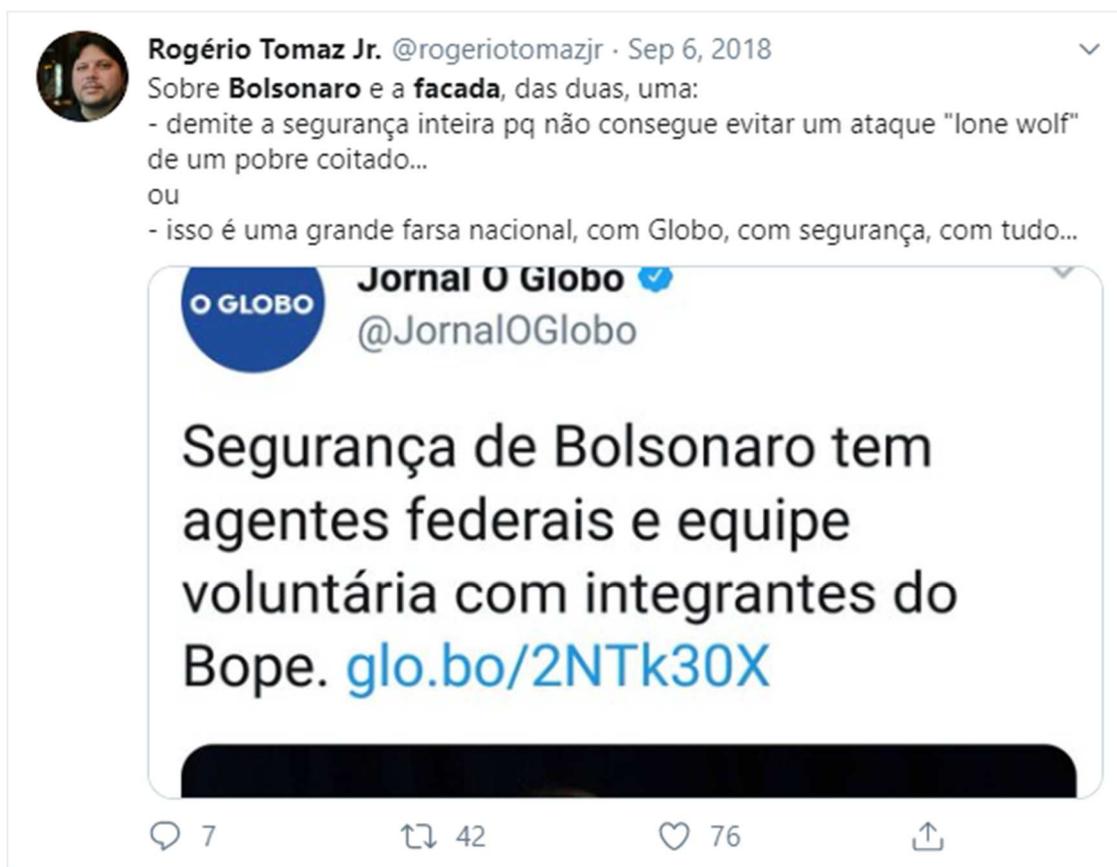
A favor da ideia de que a facada foi algo forjado está a convicção de que isto refletirá positivamente para Bolsonaro no resultado da eleição – mesmo que seja (aparentemente) alguém que lamente isso por não apoiá-lo; e novamente o passado é invocado para dar sentido à hipótese.



A certeza de que a facada será benéfica para a campanha de Bolsonaro veio também de seus apoiadores e/ou de quem não acredita que tenha sido falso o evento – mas crê numa trama da “esquerda” contra seu candidato: um evento épico como a facada merece também uma narrativa épica.



Este *tweet* também confia que a facada ajudará na eleição de Bolsonaro, porém, não é possível dizer se se trata exatamente de um apoiador ou de um opositor do candidato – seria ele um lobo solitário, que não anda nem com a “esquerda” nem com a “direita”?; cogitar envolvidos sugere que ele crê que Adélio não agiu sozinho.



Ao falar de absurdos, não poderia faltar a hipótese do Show de Truman em que todos viveríamos: retomando o lema da presidência interina de Michel Temer (“um grande acordo nacional, com Supremo, com tudo”), supõe o envolvimento da mídia no absurdo, claro – ironicamente um material da Globo é trazido para dar força à sua crítica à própria Globo.

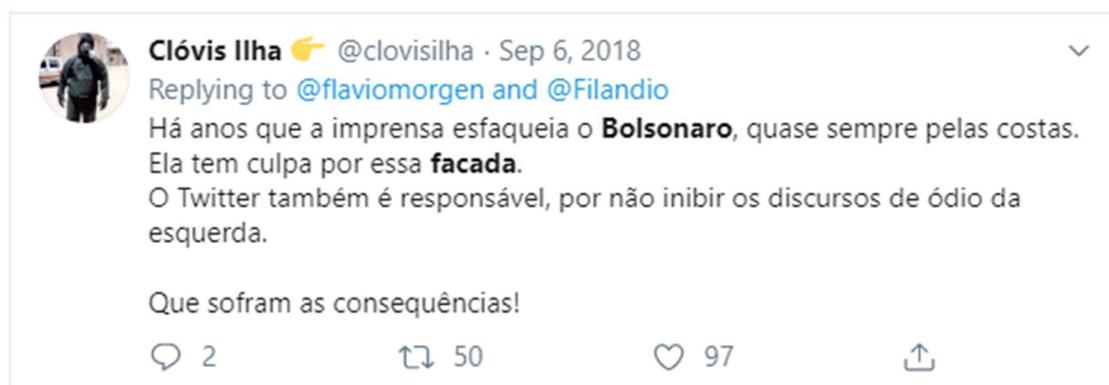
[...] a mídia



É normal que um bolsonarista responda “ah mas e o Lula” quando sente que Bolsonaro é atacado; mas normalmente são ataques verbais, discursivos, baseados em coisas que Bolsonaro fez e que, segundo os argumentos bolsonaristas, Lula também teria feito, ou feito pior. Agora num ataque físico, desferido contra Bolsonaro e somente contra seu próprio corpo – e não contra seu nome, sua ideia –, é cogitado como teria sido com Lula.

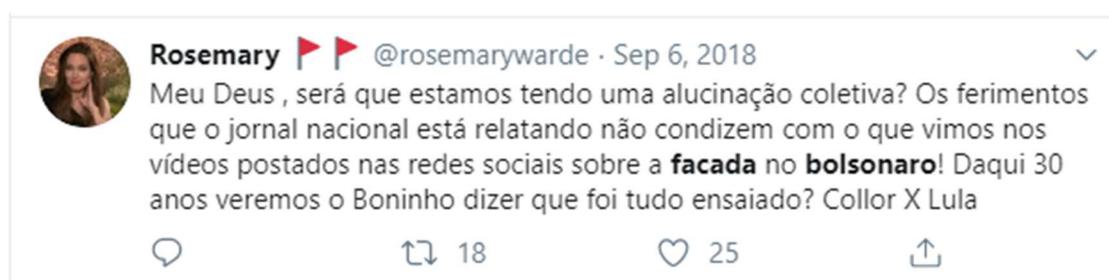
Ocorre que a facada não aconteceu contra Lula – como em “casos de corrupção” ou condutas condenáveis que ele teria cometido; agora, ao se imaginar o que teria ocorrido com ele, já se sabe o que teria ocorrido – “a mídia iria inundar as telas com manchetes sensacionalistas”. A certeza do que aconteceu passa para a hipótese do que não aconteceu – mas que se cogita. Aqui, a pergunta não é “e o Lula?”, mas sim “e a mídia?”.

Além de tudo há a certeza de que a facada foi um “terrorismo da esquerda”.

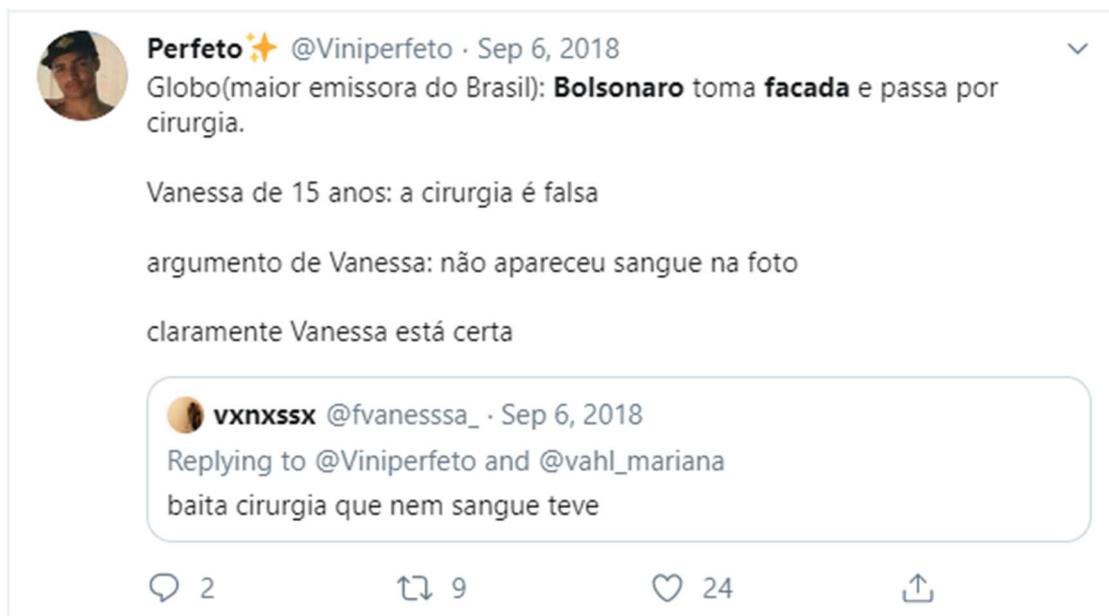


Não se trata de “contribuição”, “envolvimento” ou mesmo de “responsabilidade”, mas de “culpa”. A lógica usada para culpar a imprensa é simplesmente dizer que ela atacava Bolsonaro, o “esfaqueava”. Fica a impressão de que só é aceito o discurso que ele aceita como válido – até o Twitter deveria intervir.

Fica ainda como questão que “consequências” seriam estas para sofrer? Um discurso como este justificaria os ataques a jornalistas e boicotes a meios de comunicação? Agora sou eu fazendo o passado relampejar com o presente numa imagem dialética – as narrativas são propostas conforme a realidade permite.



Se os ferimentos mostrados no Jornal Nacional não condizem com o que foi visto nas redes sociais, pior para o maior noticiário brasileiro: o mais significativo é que é o JN que não condiz com o que está nas redes sociais, não o contrário. Que autoridade.



Entretanto, aqui a Globo é tomada como autoridade – tratada como a maior emissora do Brasil, que argumento que invoca mais a figura da autoridade que este? – para denunciar a fala de outro usuário como inconsistente. Se o relato da “grande mídia” servir para a hipótese a ser defendida, não há problema em tomá-la como pressupostamente superior ou em apenas considerar este enquadramento adequado.

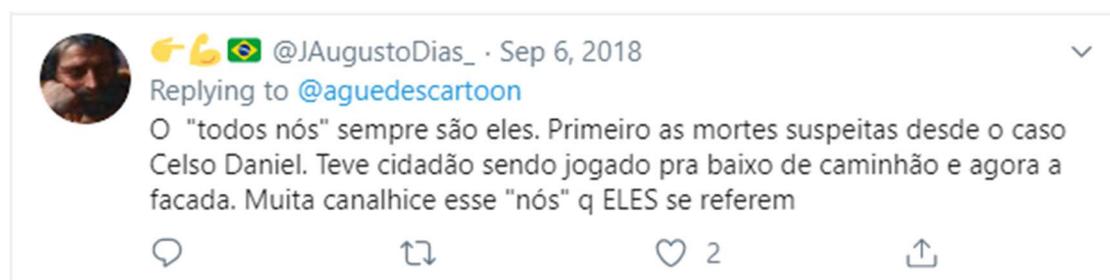


Há um espectro que ronda as discussões políticas: o espectro do comunismo – essa entidade meio abstrata que prontamente será culpada por... alguma coisa. O comunismo é a última evolução da “ideologia”, da “doutrinação”, da “esquerda”, que se espalharia por outros campos, como a mídia e a academia.



O momento da facada, esse instante fugaz na marcha do tempo, com o calor do acontecimento e a conseqüente comoção geral, é a chance para se tentar colar sentidos que tentam ser, ironicamente, atemporais (“*nunca vi* alguém apanhar por estar com uma camiseta ‘lulalivre’”; *nunca vi* professor xingar esquerdista por falar despropérios”) e, de certa forma, universais, além de casos (“*vi* estudante apanhar por ter uma com Bolsonaro”; “*vi* professor agredir verbalmente apoiador de Bolsonaro”) que poderiam ser a regra, gerais.

É interessante, ainda, que tão abstrata quanto a entidade “comunismo” é a “direita”, esta instituição pura que não seria turvada por qualquer outro presidente – dos listados no *tweet*. De que “nós” se estaria falando?

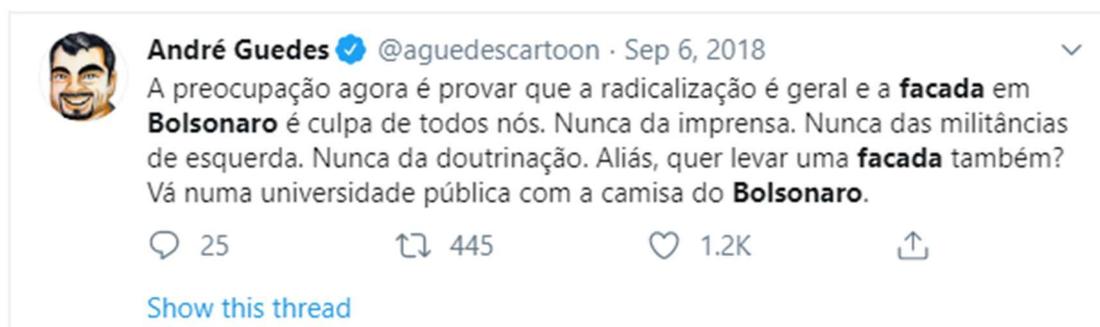


Chamo atenção, para essa discussão não parecer em demasiado assunto da sociologia, como a estratégia de criação do inimigo ajuda a comunicar, a colar sentidos e tentar emplacar hipóteses, ao reunir elementos aparentemente dispersos – como a convicção sobre a morte de

Celso Daniel: a reunião de instantes passados em “relampejo com o presente” cria uma imagem dialética, como diz Benjamin (2009, p. 504):

Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética – não é uma progressão, e sim uma imagem, que salta.

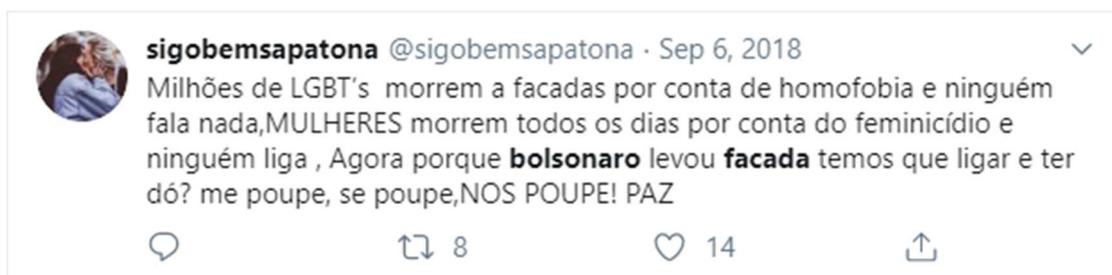
A comunicação pode ser tanto uma estratégia de guerra como a guerra pode ser uma tática de comunicação – e os inimigos podem ser muitos: a mídia, a esquerda, a universidade, como sugere este *tweet*, de considerável engajamento, ao qual os anteriores respondem e, em geral, concordam e ampliam com os alvos a se dirigir a culpa.



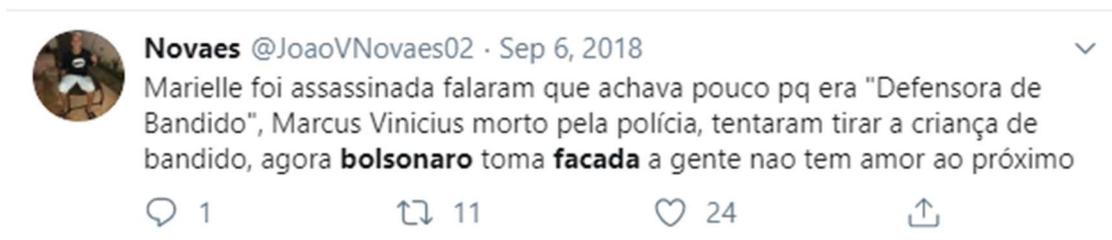
As críticas – ou, ao menos, menções – à mídia não se limitam a lhe cobrar uma maior condenação sobre o acontecimento facada, ou de lhe colocar a culpa sobre isso.



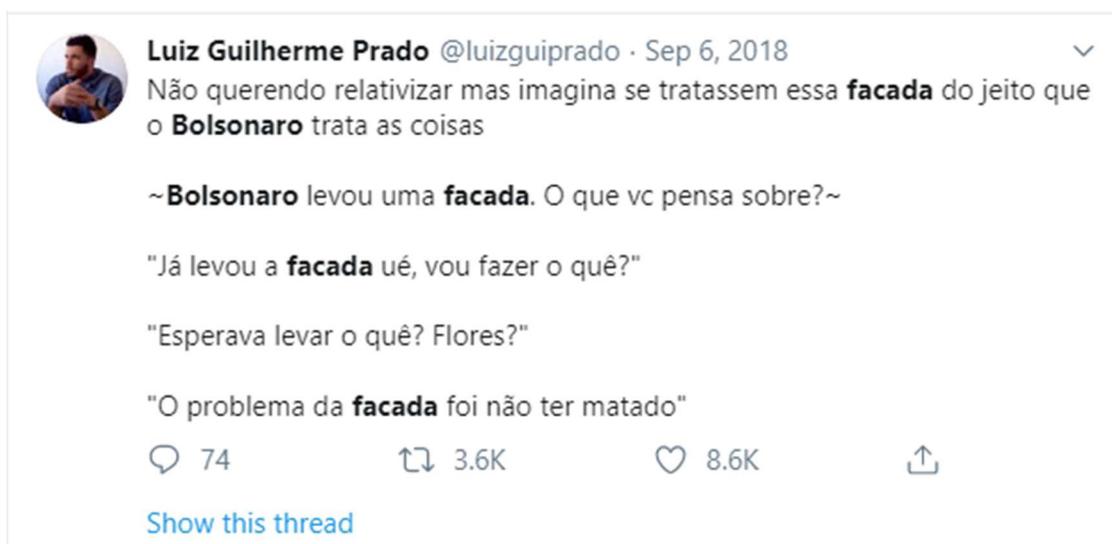
O que aparentemente é uma “relativização da facada”, como as acusações citadas no início sugerem a estes *tweets*, é menos – ou não somente – crítica à mídia do que um conhecimento sobre “o outro”.



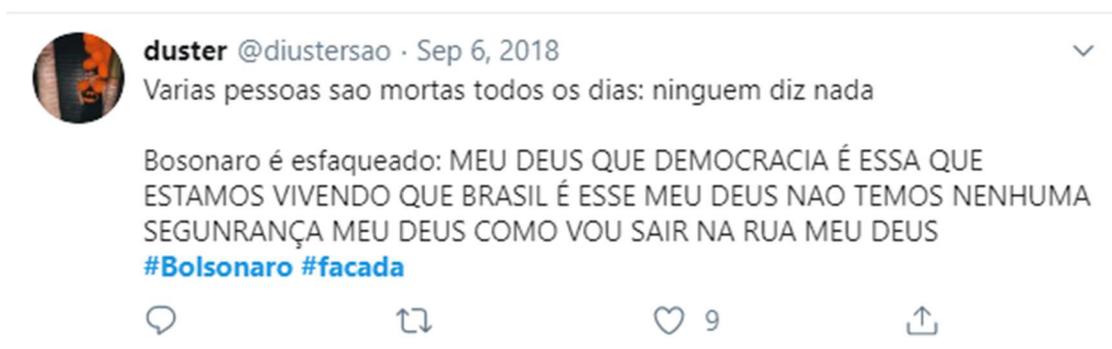
Este *tweet* poderia ser entendido apenas (e não que esse apenas não seja necessário) como um chamar atenção para grupos minoritários – LGBT e mulheres – que já foram atacados por Bolsonaro, mas também mostra o próprio *modus operandi* do que se acredita ser o bolsonarismo.



A retórica é semelhante àquela – conhecida – que relativiza “a morte de um bandido” que “a esquerda toma por mártir” enquanto não teria a mesma importância a morte de policiais – “os verdadeiros heróis”.



Este discurso, não somente de crítica ao enquadramento midiático da “imprensa”, mas que se estende às próprias manifestações individuais – em *tweets*, por exemplo –, mostra um movimento “antropofágico”: absorção do discurso do outro e conseqüente ruminar das palavras, que se identifica como suas marcas, dirigindo-as (praticamente as mesmas) de volta num outro sentido.



É possível pensar, mais um pouco, na dita “polarização” dos *tweets* sobre a facada em Bolsonaro, uma suposta e frequentemente citada – e nem por isso falsa – divisão em dois lados, a partir deste “conhecer seu contrário”, esta “consciência do outro”.

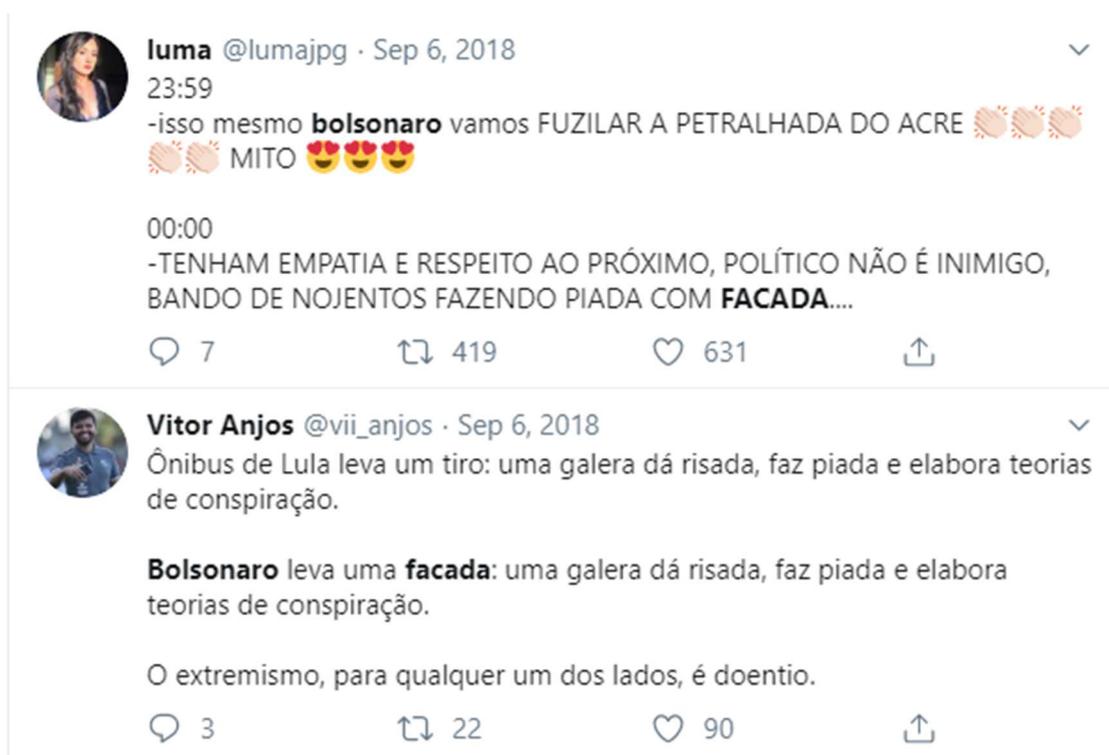
“Mas sejamos realistas. Estas formas de compreensão do inimigo são próprias dos poetas, dos santos ou dos traidores. As nossas pulsões mais profundas são bem de outra ordem” (ECO, 2011, p. 31).

[...] identidade e polarização

Parcelas cada vez mais visíveis do público se mostram propensas ao descrédito em fatos quando apresentados por aqueles de quem discordam por princípio. E errará quem daí concluir que a epidemia se propaga apenas à direita —do lado oposto há, por exemplo, quem acredite que a facada em Jair Bolsonaro (PSL) foi uma fraude.

Novembro de 2019 (Folha de São Paulo)⁸⁸

Até que ponto é possível separar os *tweets* – e o mundo, a vida! – em direita e esquerda, como se portassem algo que os categorizasse de forma essencialista e totalizante?

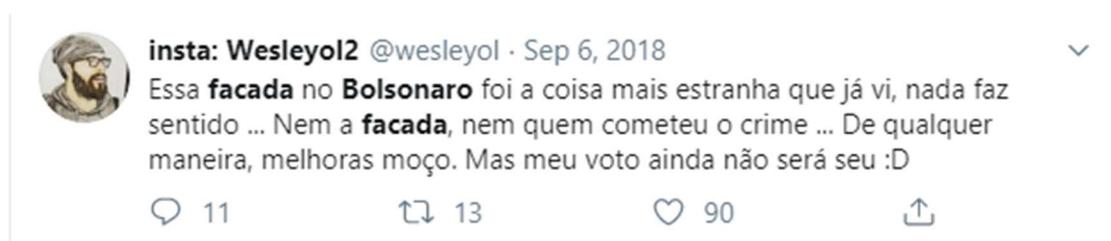


A posição que cada um ocupa não está dada, mas é lembrada, reforçada e, principalmente, cobrada: *há uma cobrança por coerência de quem se acredita que seja seu contrário, coerência com aquilo que se acredita que o outro seja.*

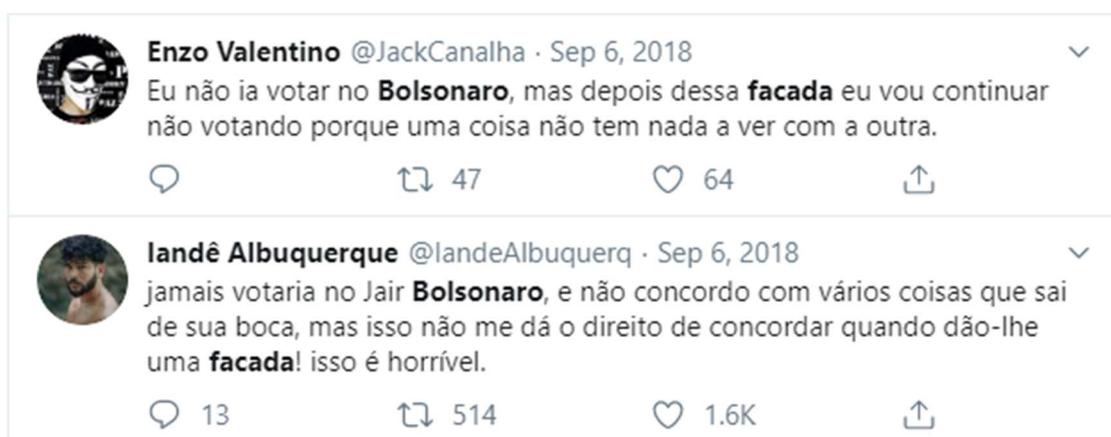
⁸⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/11/da-facada-a-terra-plana.shtml>>. Acesso em 25 nov. 2019.



Como disse no início, deve ter muita gente que fez isso; tanta gente que é possível de se escrever um *tweet* dizendo “a pessoa posta” sem se referir a quem quer que seja – porque poderia ser – eu até acredito que tenha sido – qualquer pessoa (ou mesmo ninguém). Ao dizer que a “esquerda” está comemorando a facada e/ou fazendo piadas dela, se está invocando uma dita identidade que englobaria ser contra Bolsonaro, ser a favor do PT, ser comunista, ser do Psol, ser ambientalista... a lista não é exaustiva e pode aumentar⁸⁹ mas isso não quer dizer que haja algo de necessário na fórmula /SE: contra_bolsonaro = esquerda = PT = comemora_facada.



Que correspondência nas expectativas de quem acusa o outro pode haver no puro devir?



Ter um inimigo é importante, não apenas para definir a nossa identidade, mas também para arranjarmos um obstáculo em relação ao qual seja medido o nosso sistema de

⁸⁹ Para brincar com essa acusação de que o outro portaria determinada identidade inimiga foi criada a página no Facebook *Lista atualizada de comunistas*, que engloba desde o Papa Francisco, passando por Raquel Sheherazade até o cavalo que atrapalhou o trajeto na posse de Bolsonaro como presidente. Disponível em: <<https://www.facebook.com/listacomunistas/>>. Acesso em 20 fev. 2020.

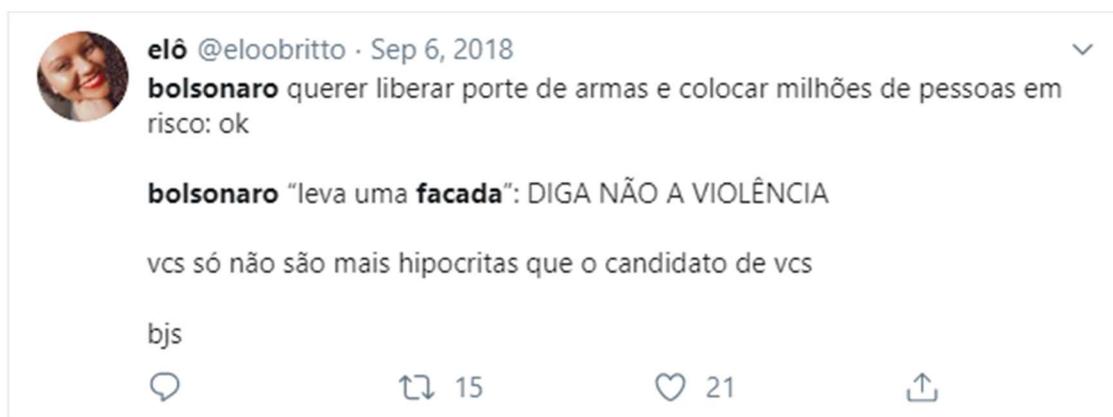
valores, e para mostrar, no afrontá-lo, o nosso valor. Portanto, quando o inimigo não existe, há que construí-lo (ECO, 2011, p. 12).

Certamente, da mesma forma que critico imputar *necessariamente* a separação entre esquerda e direita, também não posso simplesmente acreditar no “puro devir”. Se for para ser coerente com o que foi dito até então, a experiência de um usuário em frente à cascata de informações pode muito bem ajudar a formar a si mesmo enquanto alguém identificado com um lado ou outro – e que talvez concorde de antemão com o que significa pertencer a um lado.

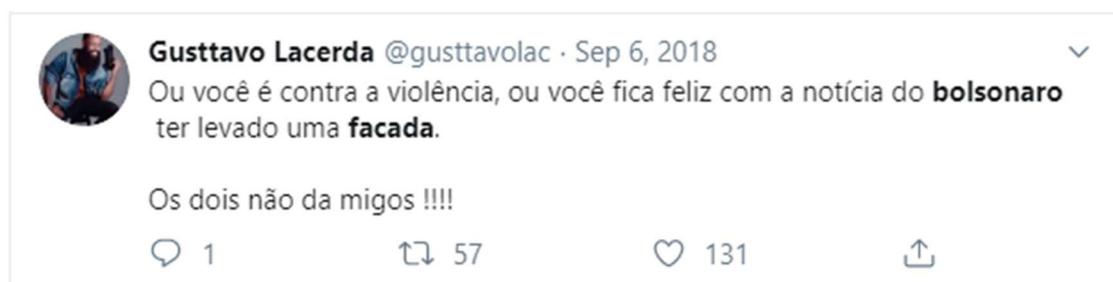


Filtro bolha, câmara de eco, redes personalizadas – consciente e/ou algorítmicamente: tudo isso reforça a ideia de que a identificação com um lado ou outro possa, sim, ocorrer a ponto de se pensar numa divisão. Ambas hipóteses são possíveis a partir do relacionamento de modelos teóricos e da observação empírica – precisamente a *produção de dados* na perspectiva cartográfica. Acredito que seja possível pensar numa *e também* na outra: não se excluem, pois considero suas explicações como não-totalizantes – e pertinentes.

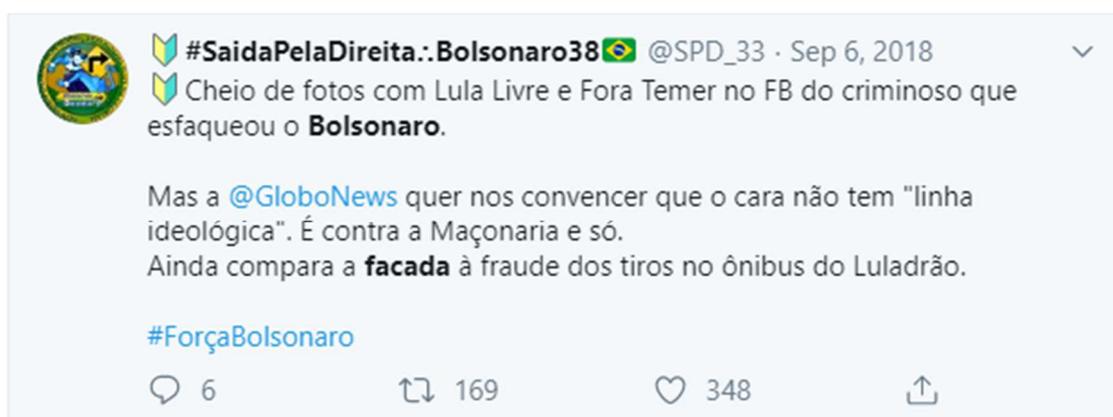
Se não é possível dissertar sobre a essência/devir do animal social, ao menos é possível de perceber, a partir dos *tweets*, que este “conhecer o outro” *faz com que se veja o outro como se supõe conhecê-lo*.



Percebi uma cobrança de coerência “dos dois lados”: se você é de direita, então apoia Bolsonaro e não pode lamentar uma facada pois isso é fruto de sua campanha.



Virou jargão – e provavelmente já era jargão – esta cobrança. “Os dois não dá”: ‘ou você é liberal ou é conservador, não é possível ser liberal na economia e conservador nos costumes’; ‘ou você é contra a corrupção ou defende o PT, os dois não dá’”. Perceber o mundo a partir destas noções amplas é sintoma e também, causa e efeito desta discussão.



Aqui, além de invocar a dita identidade de um *ser de esquerda* para Adélio – que não tem seu nome citado –, este *tweet* estava relacionado às críticas à Globo News por “acusar Bolsonaro de ser o culpado pela facada” – repetindo, por, a partir de um elemento (o comentário de Gerson Camarotti, considerado uma afronta), invocar uma identidade que definiria *todo* o outro: na visão mítica ou mágica de Flusser, o cantar do galo dá sentido ao nascer do sol; a Globo vira lixo, a mídia é de esquerda, a mídia é contra Bolsonaro. Tudo vira suspeito e aumenta a confusão informativa por uma noção, a identidade, contrária ao “relativismo pós-moderno” – criticado por D’Ancona (2018) como responsável pelo clima de pós-verdade.

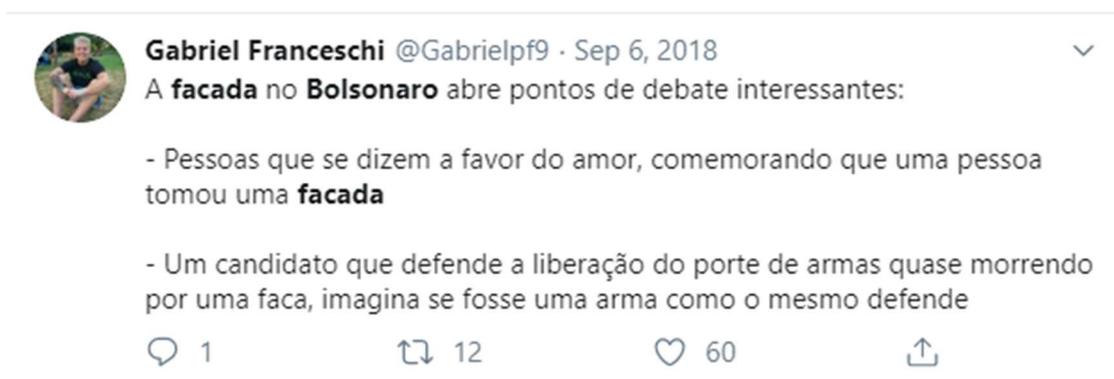
Na época da campanha, quando este *tweet* foi postado, Bolsonaro ainda estava no PSL (17) e não havia criado o partido Aliança pelo Brasil (38), que o usuário @SPD_33 colocou como seu nome, sua identidade: ao sabor dos ventos, #SaidaPelaDireita:·Bolsonaro38, “puro devir”, virou *hashtag*.



O “militante de esquerda” pode ser qualquer um, pois a identidade que importa, neste caso, não está em seu RG ou sem sua impressão digital, mas em sua assinatura enquanto pertencente à esquerda. “Os inimigos são *diferentes* de nós e comportam-se segundo costumes que não são os nossos” (ECO, 2011, p. 13). Na polarização brasileira, conforme Pablo Ortellado

escreveu na Folha de São Paulo, há um desencontro na forma como cada “lado” vê seu adversário⁹⁰:

A esquerda se vê como defensora da justiça social e acredita que o campo opositor defende a exploração e a injustiça. Já a direita se vê como defensora da ética e da correção e vê no opositor a corrupção e a vagabundagem. Cada lado só consegue projetar no outro o avesso de si mesmo.

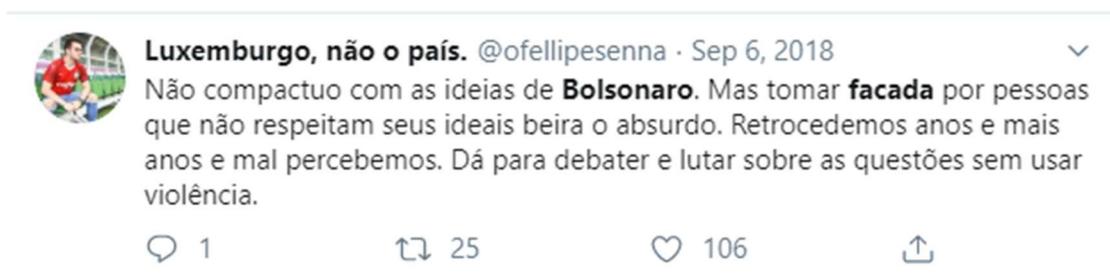


Mesmo neste *tweet*, que aparentemente não se identifica com “nenhum lado”, há uma identificação dos dois com algumas de suas características – novamente, remetendo a alguma “essência” a partir de alguns elementos que lhe seriam intrínsecos.

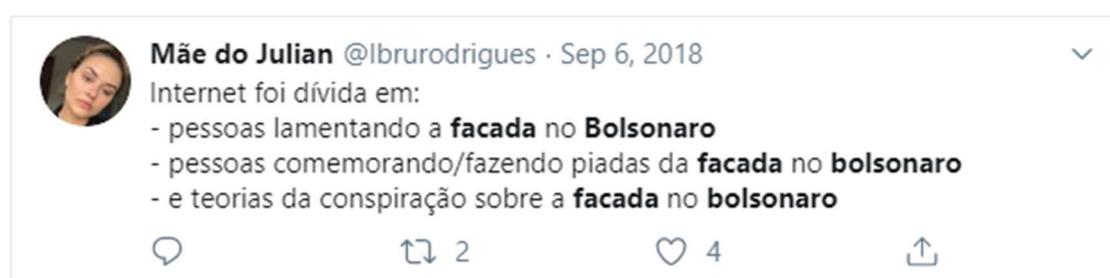


Neste *tweet*, pela forma como se refere aos “petistas”, o usuário sugere não fazer parte deles; sua preocupação em como Bolsonaro pode ser beneficiando por se comemorar a facada ou dizer que ela tenha sido armação sugere ainda que não seja um eleitor de Bolsonaro – mas não se pode dizer com certeza qualquer coisa.

⁹⁰ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2019/09/polarizacao-assimetrica.shtml?origin=folha>>. Acesso em 21 set. 2019.



Ora, se em meio a tudo há um observador que identifica estes lados com determinadas características, talvez não se considere posicionado nalgum deles. Haveria aí ao menos um terceiro?



A própria palavra divisão já encaminha uma ideia de dicotomia na conversação no Twitter sobre a facada em Bolsonaro. Certamente, esta não é uma questão apenas linguística que viria desde que alguém ousou falar em bem contra o mal.

Há pesquisas – como, por exemplo, Alcott e Gentzkow (2017), Mitozo, Massuchin e Carvalho (2017), Recuero, Zago e Soares (2017), Bovet e Makse (2019), Recuero e Gruzd (2019), Soares (2019) – que, com pertinência, exploram o potencial de se tratar a discussão política em termos de esquerda e direita, de apoiadores de um ou de outro candidato – afinal, esta é uma abordagem que pede atenção.

Entretanto, é interessante coproduzir dados que não incentivem essa divisão, ao não pressupor estas categorias, e tentar perceber algo que não seja esquerda e direita: a cartografia é interessada no que pesquisa e meu interesse é não incentivar a polarização por acreditar que o debate público – sim, é preciso acreditar em Habermas –, tão fundamental para a democracia e para o progresso social, acaba sendo simplificado e empobrecido quando os lados se veem em guerra, em disputa – além de, por isso mesmo, contribuir com a disseminação de notícias falsas, conforme apresentado ao longo do trabalho.

A dicotomia enseja formas de hierarquização, pois uma das duas partes é superior à outra. Conforme Maffesoli (2010), quando se vê o mundo separado entre bem e mal, justo e injusto, verdadeiro e falso, aquele que julga estar posicionado exatamente no lado do bem, do verdadeiro, do justo. Semioticamente falando, diz Bauman (2011), o bem não existe, é marcado pela oposição: é o negativo da imagem do mal. E Eco (2011) mostra que esse é o processo de “construção do inimigo”. Um modelo de entendimento para fugir da polarização é possível no conflito do bom e do mau – a partir da ótica do feio.

Em *The good, the bad and the ugly* (1966), de Enio Morricone, o personagem Tuco (Eli Wallach), o “feio”, diz que “no mundo existem dois tipos de pessoas – as que têm uma corda no pescoço e as que a cortam”. Um pouco depois, dirá que “no mundo existem dois tipos de pessoas – as que têm amigos e as que são solitárias”. E mais adiante que “no mundo existem dois tipos de pessoas – as que entram pela porta e as que entram pela janela”. Ao final do filme, Blondie (Clint Eastwood), o “bom”, seguirá este raciocínio: “no mundo existem dois tipos de pessoas – as que têm armas e as que cavam”⁹¹.

Ora, apesar da tentativa do “feio” de separar o mundo em dois, uma pessoa A que não habita com uma pessoa B o mundo dos *que entram pela janela* pode habitar com ele o mundo *dos que têm armas*; uma pessoa C pode habitar com ambos – A e B – estes dois mundos, mas não habitar com D o mundo *dos que têm amigos*; D pode habitar com todos os outros o mundo *dos que têm uma corda no pescoço*. Ou seja, a separação entre *nós* e *eles* se dá a partir dos critérios usados para tal: mudando os critérios, mudam também os conjuntos a que os elementos pertencem.

⁹¹ No original: “Those with a rope around their neck and the people who do the cutting”; “Those who have friends and those who are lonely”; “Those that come in by the door and those that come in by the window”; “Those with guns and those who dig”.



Adélio foi chamado de esquerdista, mas poderia ser de cristão, anti-maçonaria... seu adjetivo não foi construído à toa: este é o mundo que habita – *conforme quem acusa*.



Estar à esquerda ou à direita, ainda, depende do observador: quando percebemos acusações de Kim Kataguri ser comunista ou de Raquel Sherahazade ser de esquerda⁹², da

⁹² Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/kelly-matos/noticia/2019/05/kim-kataguri-danilo-gentili-e-janaina-paschoal-quem-sao-os-novos-alvos-dos-bolsonaristas-cjvzc7tqr06vt01mais50acp4.html>>. Acesso em 21 fev. 2020.

Folha de São Paulo ou da Globo serem “de direita”, essa pequena reflexão por si só lança a provocação de que se a informação ou a posição – que, se for pela perspectiva do devir, nunca são definitivas – sobre alguma questão incomodar demais, seu portador é inimigo – logo, é o contrário de si mesmo.



Ao se tuitar sobre um assunto, que às vezes pode ser um assunto do momento, um *trend topic*, se imagina que já haja ali um posicionamento sobre aquilo: se estou falando sobre o que estão falando é porque tenho algo a dizer, porque quero opinar sobre⁹³. Aparentemente, o *posicionamento*, então, deveria ser um ou outro. Mas não é somente o que foi percebido: há quem ignore as coisas e use o assunto para falar de algo aleatório e também há os que usam algo aleatório pra falar da facada – isso veremos principalmente mais adiante. Apesar de, sim, haver um clima de “Bolsonaro: ame-o ou odeie-o” há quem ignore completamente e simplesmente use o assunto como forma de dizer outra coisa.

⁹³ Não somente em *trends*, mas também usar uma *hashtag* é uma forma de se engajar ao assunto – materialmente, pela possibilidade de conexão ao todo, ao rizoma, e discursivamente por “entrar no assunto”.



Mas a saída da polarização não está apenas em perceber os isentos, os aleatórios, os habitantes de outros mundos. É possível de se ensaiar o seguinte: não há duas narrativas falsas concorrentes – “a esquerda mandou matar Bolsonaro” ou “a facada foi forjada para ganhar a eleição” – mas sim a mesma a narrativa sendo retroalimentada: *Adélio não agiu sozinho*. Neste percorrer a passo-de-formiga pela superfície, é possível de perceber não dois lados, mas apenas um.



Fita de Möbius, o objeto que só tem uma face (Google imagens)

Estas provocações não são dizer que “direita” e “esquerda” são iguais, equivalentes, faces de uma mesma moeda – isso contribuiria com o clima de polarização, ao comparar toda e qualquer mensagem a um grito de guerra de uma tribo ou de uma torcida de um time de futebol: tudo não passaria da defesa de um ponto de vista já dado e invalidaria a crítica do que é dito com uma tentativa de equilíbrio.

Outras pesquisas que mantêm os termos de direita e esquerda – como Bovet e Makse (2019), Bucci (2019) – buscam averiguar se o mecanismo que governa a difusão de notícias falsas não é diferente num lado ou outro. Da mesma forma, Pablo Ortellado, citado anteriormente, questiona se os polos são iguais e fala em “polarização assimétrica”. A

importância de se chamar atenção para isso está, novamente, em poder ver as mensagens não apenas como uma tentativa de confirmação de seu próprio ponto de vista – e, assim, talvez sequer se atentar para o que dizem as mensagens; isso aumenta o clima de desconfiança geral em relação ao outro. Mas, novamente, reafirmo a pertinência destas pesquisas para seus devidos fins, ou se criaria outra dicotomia: “no mundo existem dois tipos de pessoas – as que separam o mundo em dois e as que não separam”.

[...]

O Twitter, por sua limitação de caracteres, seu imediatismo, sua linguagem subversiva, que frequentemente ignora vírgulas ou a conjugação correta de verbos, dá uma ideia de “pronto-falei”: de urgência, de materialização do pensamento ainda-em-formulação – mesmo quando este pensamento vem responder algum *trend topic* ou se posicionar sobre algo. Parece que o que é publicado ali não é algo para ser lembrado, para ser revisto: parece que um *tweet* é algo provisório, e o Twitter uma sequência de pensamentos instantâneos, uma cascata de provisoriiedades que vão passando à nossa frente.

Uma das formas da cartografia frequentemente utilizadas para pesquisa em comunicação em mídias sociais – e, notadamente, o Twitter – é a Cartografia das Controvérsias⁹⁴. Esta derivação vem da Teoria Ator Rede (TAR), de Bruno Latour, que se atenta ao que escapa da sociologia estruturalista, ampla; ao invés de observar os macroprocessos do social, se concentra nos mediadores para descobrir suas características de fluxo, provisórias, em relação, conforme explica Lemos (2012, p. 36): “antes que seus atores assumam posições estáveis, resolvam suas polêmicas e terminem em ‘encaixapretamento’”.

A *estabilização* é a tendência das associações entre os actantes – “humanos” e “não-humanos” – da rede e o resultado do social em fluxo, após as controvérsias – neste momento é que a TAR se debruça, para perceber como posições morais, interpretações conflituosas ou mal-

⁹⁴ Nesta pesquisa estou utilizando o que é chamado de Cartografia das Diferenças: a tradução e interlocução de pesquisadores, principalmente da área da psicologia, das ideias de Deleuze e Guattari – que aproximo às de Flusser e de Benjamin.

entendidos se apresentam e quais encaminhamentos podem gerar antes da criação de uma “caixa-preta”.

Como no Twitter são deixados rastros, *tweets*, é possível de se cartografar as controvérsias em movimento e perceber a formação das redes que compõem o social, considerado sob a perspectiva de uma ontologia plana, que não diferencia humanos de não-humanos: há simetria, uma equivalência, entre estes actantes⁹⁵. A TAR, assim, diz Lemos (2012), aproveita este momento em que o social está aberto, não resolvido, para descrever as controvérsias antes que seus atores assumam posições estáveis.

Apesar de eu não fazer uso da Cartografia das Controvérsias, uma de minhas dúvidas ao começar a produzir dados empíricos era se eu encontraria notícias falsas no Twitter – afinal, ou a rede social as exclui ou o usuário se arrepende do que postou, ou os *bots* são desativados, certo? Entretanto, percebi que *tweets* com conteúdo falso ainda estavam lá e, principalmente – uma óbvia constatação, que justamente por isso deve ser dita – é que a narrativa de que Adélio não agiu sozinho *persistia* quando decidi pesquisar pela facada em Bolsonaro.

O assunto ainda não foi encaixapretado, mesmo que eu não tenha cartografado ao vivo.

O último conjunto de *tweets* que procurei foi exatamente o do dia 06 de setembro de 2018, dia da facada – pois seria o dia em que mais haveria material para percorrer. Esta circunstância serviu para poder ver o passado no encontro com o presente: o que foi visto anteriormente e os outros dias, mais breves, é o relampejo que fala Benjamin, conforme Rafele (2017, p. 123): “A imagem que o presente constrói do passado, dos retalhos do passado que não existem senão sob a forma de memória viva, presente e atual, é interpretação e atualização”.

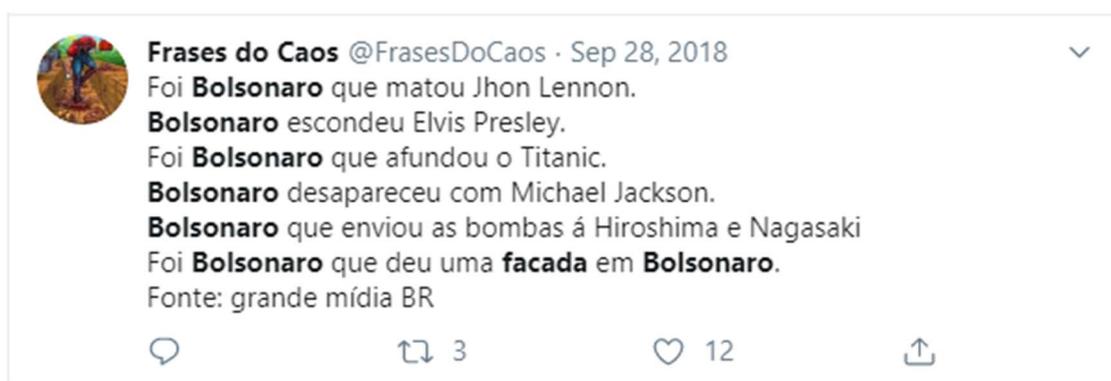
Um tópico interessante é que Adélio foi pouco citado⁹⁶ nos *tweets* do dia 06 de setembro: mesmo que tenha sido no dia do acontecimento, sua imagem circulou e seu nome não demorou a ser divulgado – como pode que o único responsável pela facada em Bolsonaro – que confessou ter feito isso e ter feito sozinho – é pouco citado nos *tweets*? Será coincidência que a narrativa de que ele não agiu sozinho persiste?

⁹⁵ De outra forma e por outro caminho, fiz uma provocação semelhante sobre perfis *bots* ou humanos.

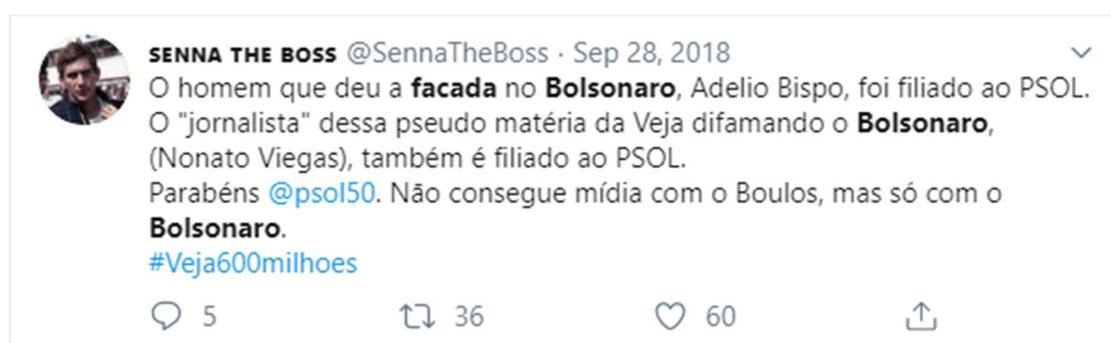
⁹⁶ Esta constatação é limitada tanto por minha percepção parcial e aleatória quanto pela disponibilidade material dos *tweets* – a partir dos termos que usei para pesquisar (facada Bolsonaro).

28 de setembro de 2018: Polícia Federal conclui que Adélio agiu sozinho

O relatório da Polícia Federal diz que Adélio havia tentado uma aproximação momentos antes da facada e que havia fotografado locais onde Bolsonaro poderia estar: “[...] elementos robustos de que houve uma decisão prévia, reflexiva e arquitetada por parte de Adélio para atentar contra a vida de Bolsonaro”⁹⁷. Foi descartada a participação direta de terceiros no dia e no momento da facada, mas a PF ainda iria aprofundar as investigações quanto a isso. Fiz a pesquisa “facada Bolsonaro” no Twitter optando pelo dia 27 até o dia 29 de setembro para garantir que “todo o dia 28” estaria ali. Não descartei coisas que achei nos dias 27 e 29.

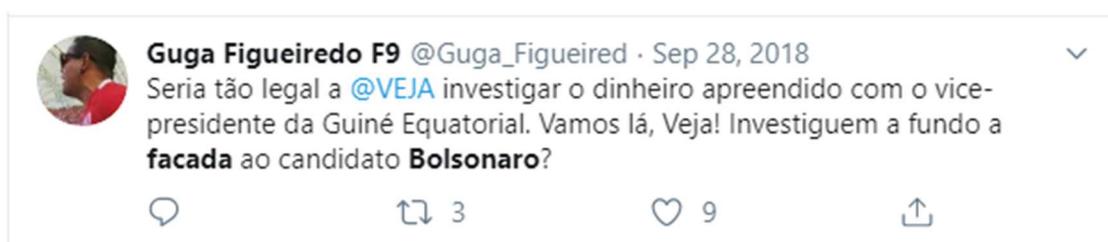


Citando a “grande mídia”, ironiza que Bolsonaro é culpado “por tudo”, até mesmo do crime de que foi vítima; naquele dia vários *tweets* acusavam a Globo News de dizer que Bolsonaro era culpado pela própria facada.

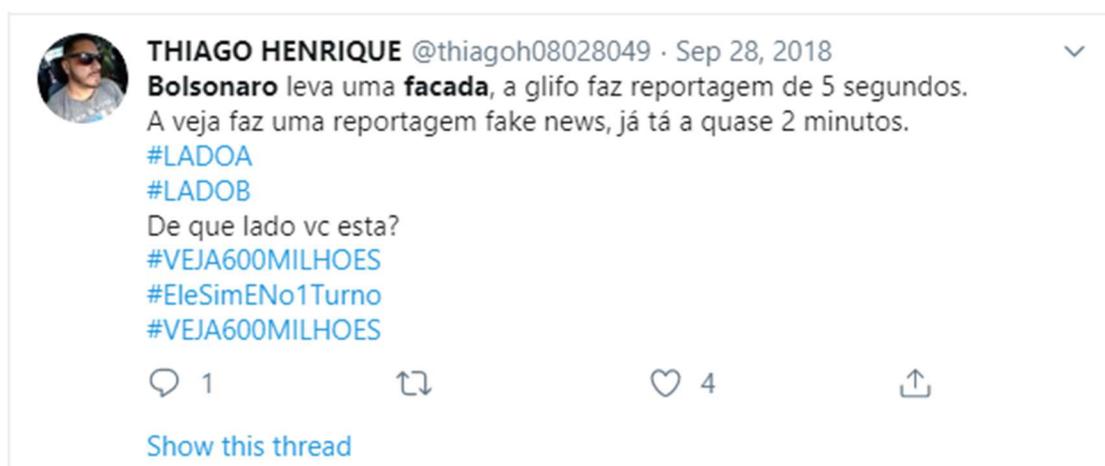


⁹⁷ Disponível em: < <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/09/28/pf-conclui-que-agressor-de-jair-bolsonaro-agiu-sozinho.ghtml>>. Acesso em 29 jan. 2020.

Aqui, confrontando minha hipótese, uma menção a Adélio Bispo, que lembra que foi filiado ao Psol, tal qual – segundo o *tweet* – o jornalista responsável por uma matéria da revista Veja sobre a separação litigiosa de Bolsonaro. É interessante perceber que havia uma *hashtag* – que diz que a revista recebeu 600 milhões de reais para falar mal de Bolsonaro⁹⁸ – que virou *trend topic* naquele dia; ao lembrar do partido de Adélio, ajudou a subir este assunto: como uma resposta pronta? Duas respostas: pelo dinheiro que a Veja teria recebido e pela suposta filiação partidária de Nonato Viegas – logo da Veja, que se acreditava ser “de direita”.



Agora foi citado esse assunto do dinheiro recebido pelo vice-presidente da Guiné Equatorial, além de pedir que a facada seja investigada a fundo – esse é o papel da Veja? São informações que vão sendo colocadas neste rizoma – para desviar atenção?



Além de afirmar que a matéria que a Globo fez sobre a facada teve cinco segundos – fui pesquisar para ver – novamente, cobra qual é o lado de quem está lendo – lembrando, duas vezes, da *hashtag* #VEJA600MILHÕES.

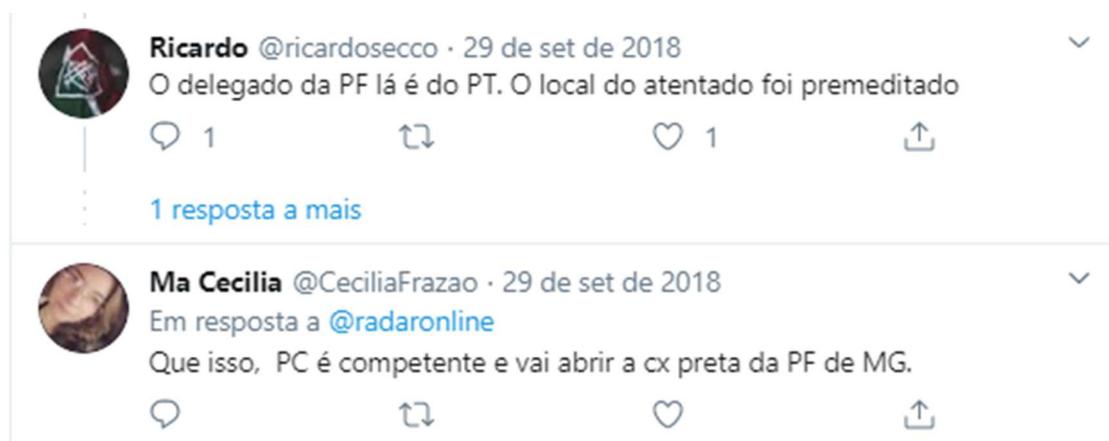
⁹⁸ Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/09/28/campanha-de-bolsonaro-fabricou-um-boato-e-o-usou-como-antidoto-contra-a-reportagem-da-veja/>>. Acesso em 20 fev. 2020.



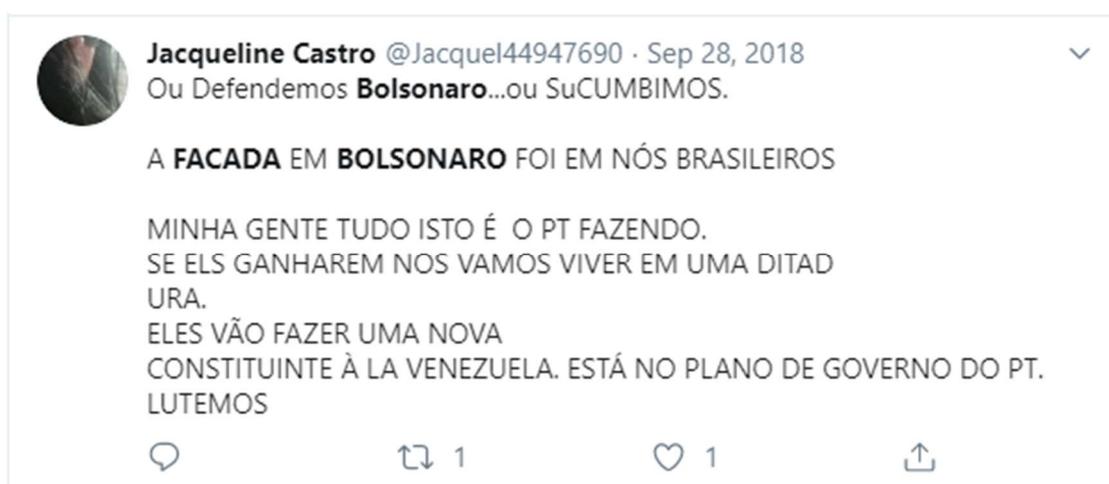
Pergunta quem mandou matar – sem citar Adélio –, menciona o tempo curto da matéria sobre a facada e “se fosse o Haddad”, seria diferente?



A conclusão do relatório da PF é de que Adélio agiu sozinho, entretanto, esta matéria diz que a Polícia Civil mantinha uma linha de investigação paralela. A linguagem usada não é inocente, buscava chamar atenção, caçar cliques para o que já era desconfiado – e para isso, o título basta.



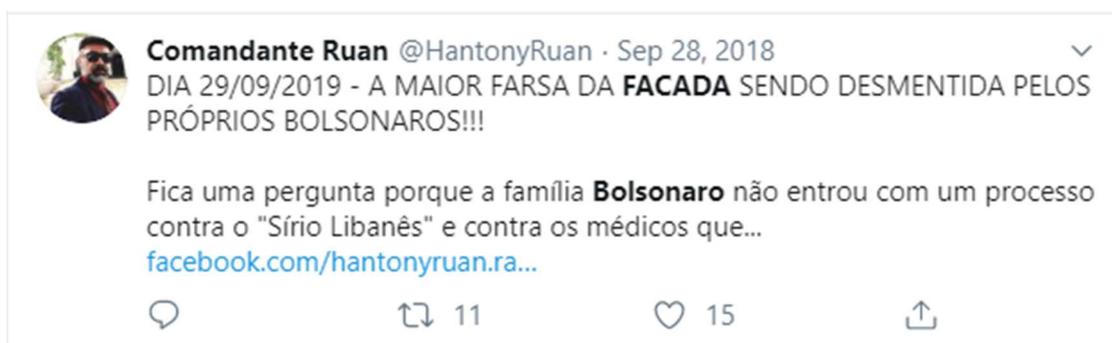
Agora a matéria da Veja, da grande imprensa, foi levada em conta. Outra instituição, a PF, é duvidada enquanto que a Polícia Civil ganha destaque – “é competente”.



É bom lembrar que ainda era época de campanha para a presidência em 2018, e este *tweet* traz o medo, o inimigo, a dicotomia. “Ou defendemos Bolsonaro ou sucumbimos”. Ainda não era o segundo turno, mas o inimigo já era o PT, nunca foi outro.



Quem deu a facada? Seu nome não é citado, mas há uma menção ao PT numa *hashtag* que não tem nada a ver com a facada, ou com Adélio.



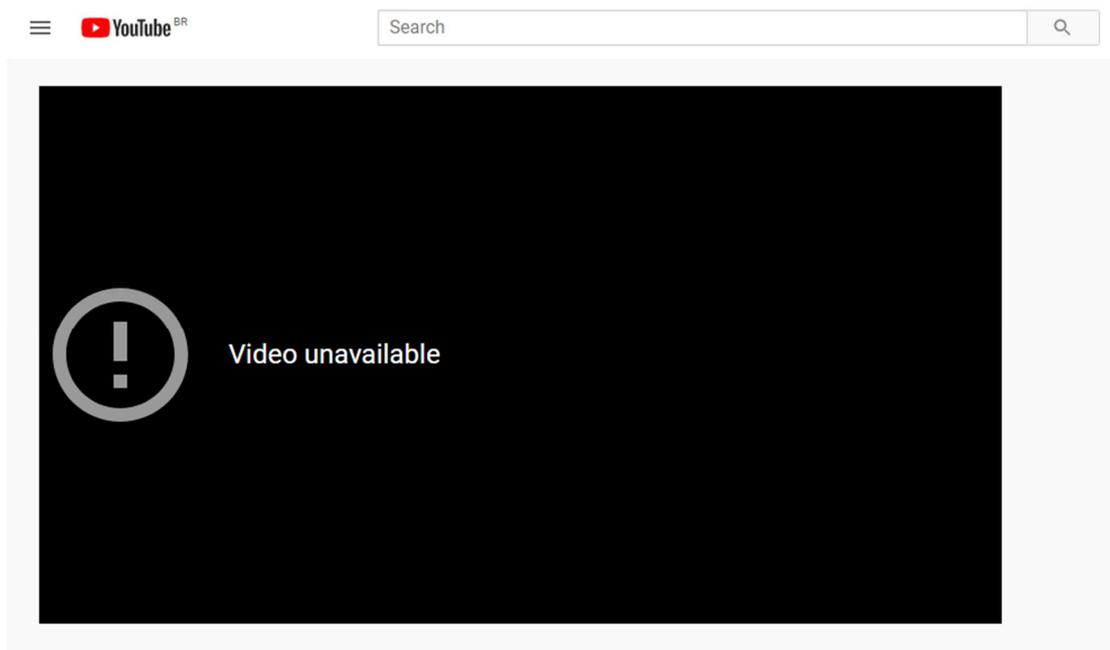
Este *tweet* leva para uma postagem no Facebook com um áudio supostamente vazado no hospital em que Bolsonaro estava internado, com o candidato gritando com seu filho Eduardo e xingando a enfermeira.



O dono do perfil no Facebook com esta postagem aparentemente é o mesmo do *tweet* que a remetia. O áudio é falso⁹⁹.



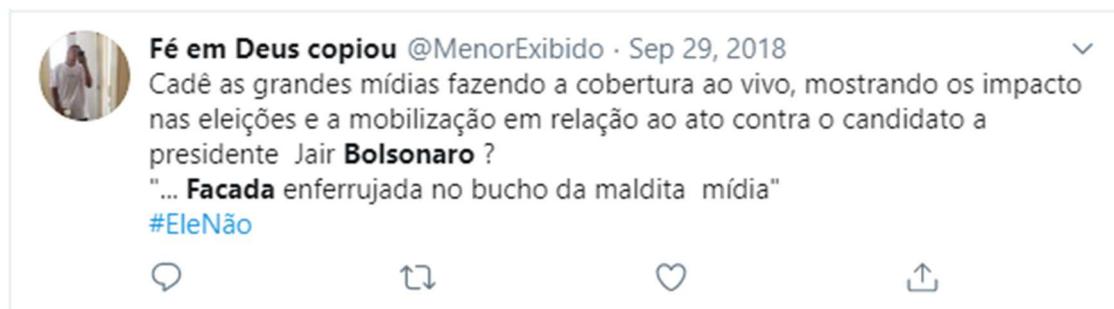
Esse *tweet* é do dia 27, um dia antes da polícia concluir o inquérito. Meio perdido, meio solitário, não há *hashtag* nem resposta que o ligue a nada: esta postagem veio “do nada”, aparentemente sem motivo, apenas para lembrar que a facada é uma farsa. Não entrei neste perfil dequeiroz para saber se é um *bot* desativado porque não é possível de saber que alterações a conta sofreu ao longo de mais de um ano. Mas abri o link¹⁰⁰ para ver a farsa desvendada.



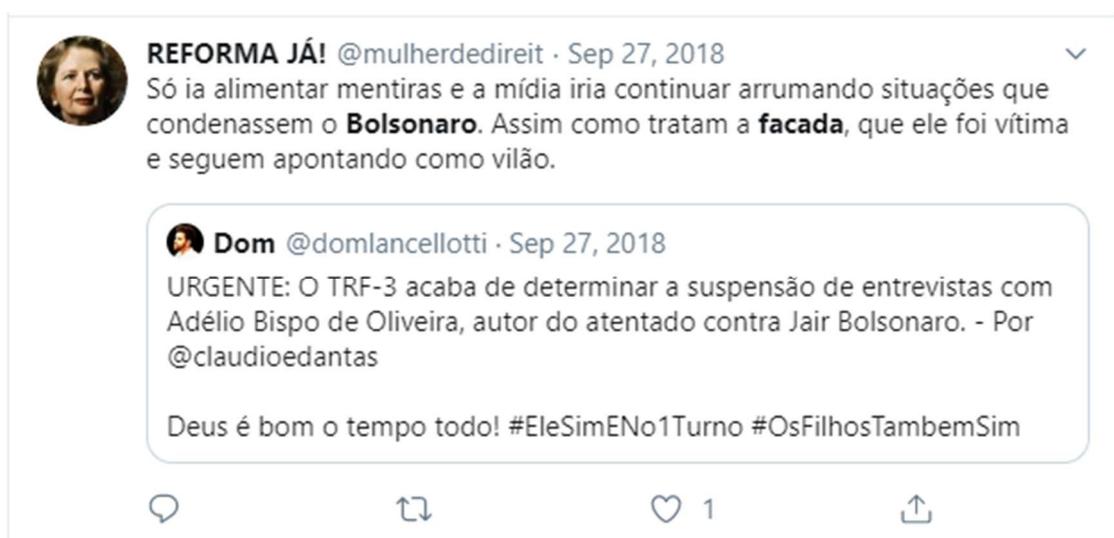
A verdade continuou escondida porque foi excluída, foi silenciada. Mas a acusação de farsa se mantém – não apenas materialmente.

⁹⁹ Disponível em: <<https://www.boatos.org/politica/audio-bolsonaro-enfermeira-teatro.html>>. Acesso em 12 dez. 2019.

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SLaPOqYq70s&feature=share>>. Acesso em 3 fev. 2020.



“Uma facada enferrujada” na “maldita mídia”, lembrando, provavelmente, das coberturas que foram feitas, ao vivo, durante as mobilizações para o impedimento de Dilma Roussef pela Globo News em 2016. Agora a Globo News não parece ser anti-bolsonaro como os *tweets* de 06 de setembro acusavam.



Este *tweet*, novamente do dia 27, não cita Adélio – também porque não precisa, seu nome está logo abaixo – mas é interessante que, além de novamente dizer que a mídia iria condenar Bolsonaro pela facada em si mesmo – que “seguem apontando como vilão” –, para este usuário Adélio *não precisa* falar: se é pra “alimentar mentiras”, Adélio calado é um poeta.

[...]

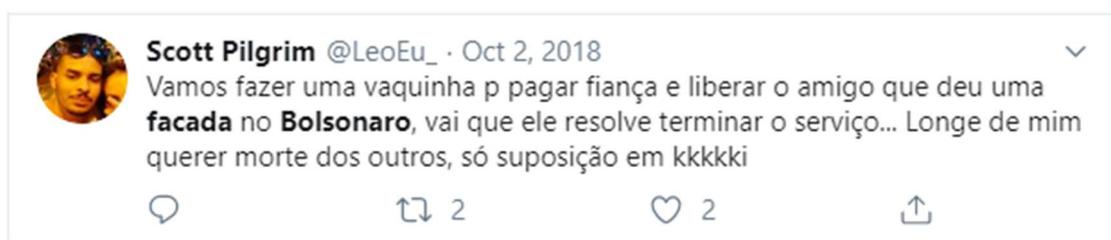
No dia 28 de setembro de 2018, Bolsonaro deu uma entrevista a José Luiz Datena diretamente da UTI do hospital onde estava internado. Possivelmente este tema marcou as postagens daquele dia muito mais do que a conclusão da polícia de que Adélio agiu sozinho. Além disso a *hashtag* #VEJA600MILHOES também ocupou boa parte da discussão que envolvia Bolsonaro.

02 de outubro de 2018: Adélio é denunciado por ataque

Poucos dias depois, o Ministério Público Federal apresentou uma denúncia contra Adélio Bispo de Oliveira pela facada em Bolsonaro: inconformismo político. O documento afirmava que o ataque foi planejado com antecedência e colocava em risco a democracia ao tentar matar um candidato à Presidência da República. Desde o dia do ataque a polícia investiga o caso, mas vem descartando o envolvimento de outras pessoas no crime. Um segundo inquérito foi aberto: “A medida seria uma cautela adicional para evitar críticas à apuração”¹⁰¹.



Se eu deixei entre aspas que a polícia esperava críticas sobre sua apuração para chamar atenção para a discordância com o resultado, este *tweet* mostra como as instituições modernas, como a imprensa e o Estado, podem ser vistas como “desalinhadas” ao poder que emanaria do povo – simbolizado pela internet.

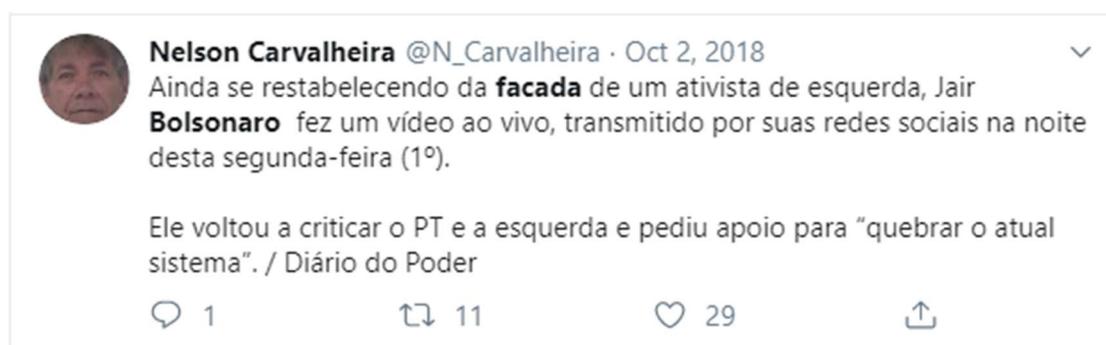


O discurso de ódio, que pressupus que sumiria, pelo “encaixapretamento” seja do arrependimento próprio ou de exclusão do Twitter, segue: ao menos neste *tweet* – lembrando do problema de sua representatividade.

¹⁰¹ Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/mpf-denuncia-autor-de-ataque-contr-bolsonaro/a-45734162>>. Acesso em 23 jan. 2020.



“O cara que está preso”, que não tem seu nome citado, nega algo que não se sabe o que pode ser – o “mandante”? “Mesmo com imagens”: sim, ele mesmo assumiu a autoria pela facada. O problema é o que “pode aparecer caso resolvam”: isso mostra que a certeza – na hipótese. Além disso, o *tweet* vem como resposta a “uma pauta de esquerda”, numa tentativa de simetria.



Um “ativista de esquerda”, que poderia ser qualquer um. Logo a seguir, fala do PT, da esquerda e do “sistema” que deve ser quebrado. Tudo dentro do mesmo *tweet*, que um olhar circular logo percebe.



Esse *tweet*¹⁰² chamou atenção e me demorei um pouco nele. O perfil¹⁰³ existe e a postagem¹⁰⁴ com os advogados continua lá. Mas não achei a foto de perfil como mostra ali no *tweet*, com o selo de #elenão. Me aproximo para perceber que o círculo da foto está um tanto quadriculado – não consigo perceber se é montagem, mas ao procurar por algo no Google¹⁰⁵ com os termos “ana beatriz facada advogados Bolsonaro”, percebo que o *tweet* de Ary_antiPT

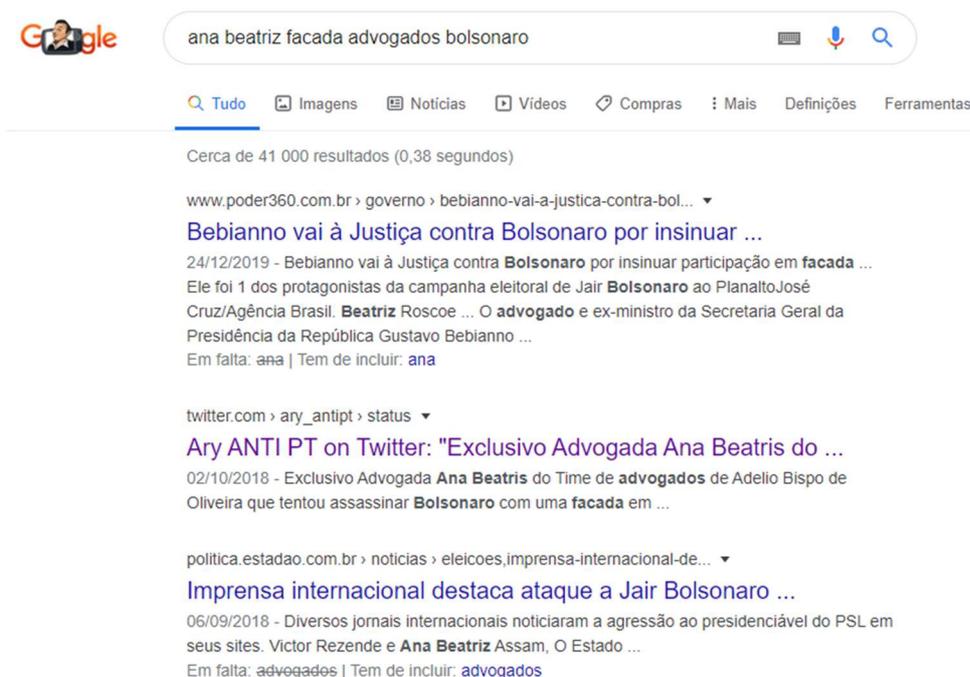
¹⁰² Disponível em: <https://twitter.com/ary_antipt/status/1047079122114154498>. Acesso em 21 fev. 2020.

¹⁰³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/anabeatriz20>>. Acesso em 21 fev. 2020.

¹⁰⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10210270098023497&set=a.10200162279894361&type=3&theater>>. Acesso em 21 fev. 2020.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://www.google.com/search?rlz=1C1SQJL_pt-BRBR839BR839&sxsrf=ALeKk01tpcPi9pdrohnKxyAv-Hdbv6FyHg%3A1582288253425&ei=fc1PXoTTGZKw5OUP95uM4As&q=ana+beatriz+facada+advogados+bolsonaro&oq=ana+beatriz+facada+advogados+bolsonaro&gs_l=psy-ab.3..35i39.19615.19615..19699...0.0..1.356.772.0j1j1l.....0....1..gws-wiz.3_p7DJIVVUA&ved=0ahUKEwjEhZyK0-LnAhUSGLkGHfcNA7wQ4dUDCAs&uact=5>. Acesso em 21 fev. 2020.

aparece entre os primeiros resultados. Por não haver qualquer notícia – ou mesmo acusação de algum site/blog menor julgo que é uma postagem falsa. Mas até chegar a essa conclusão, tive que pesquisar vários perfis¹⁰⁶ no Facebook e ainda assim encontrei as fotos que estão no *tweet* acusatório.

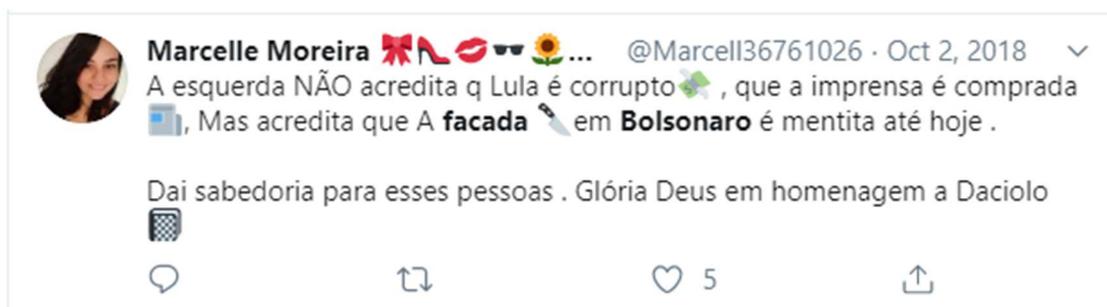


Os perfis existem, eles trabalharam na defesa de Adélio Bispo de Oliveira, mas nada indica que Ana Beatriz tenha dito que a “facada seria maior”. Ao combinar elementos verificáveis, materialmente disponíveis para pesquisar, não é difícil de concluir, após um usuário um pouco astuto encontrar o perfil da advogada no Facebook e confirmar que ela existe, que, sim, quer dar uma “facada maior”. Ou se poderia tirar qualquer conclusão algumas etapas antes de tal pesquisa.



¹⁰⁶ Tive que tomar cuidado, afinal, após a facada em Bolsonaro, muitos perfis de Adélio foram criados no Facebook <<https://noticias.uol.com.br/tecnologia/noticias/redacao/2018/09/06/facebook-e-inundado-de-perfis-fake-do-suspeito-de-esfaquear-bolsonaro.htm>>. Acesso em 12 jan 2020.

A Polícia Federal, por exemplo, *acha* isso. Mas a força desta instituição é pouco perto da dúvida. O “imbecil que deu a facada”, novamente, não tem seu nome citado: é só um imbecil, não pode ter agido sozinho.

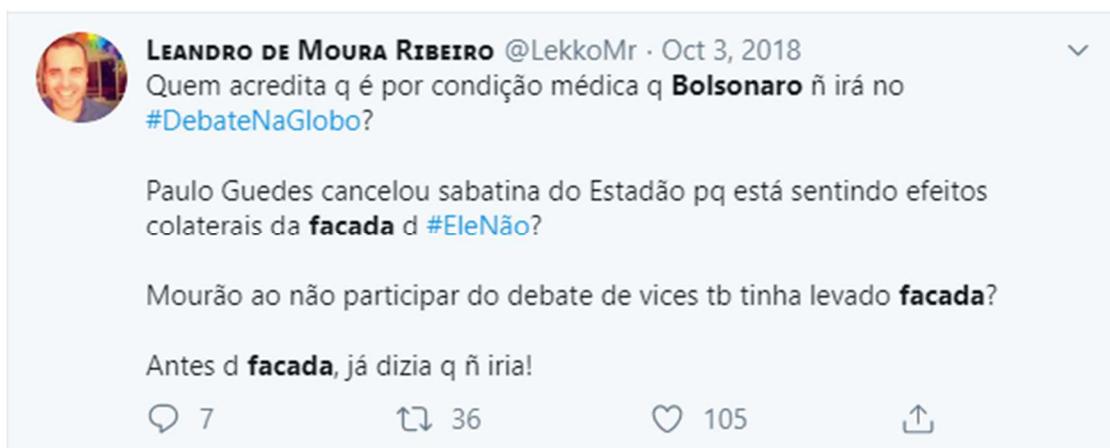


Este *tweet* faz uso de ideias prontas, amplas, representativas – a esquerda, a imprensa comprada – que remetem a identidades e essências. Até mesmo Lula *é* corrupto: esta seria sua essência, algo que lhe engloba por completo a ponto de não sobrar outra coisa – ou ao menos esta qualidade lhe resumir consideravelmente, tal qual a qualidade de “comprada” para a imprensa.



Ary_antiPT aparece novamente, reafirmando que “o time de advogados” prometeu dar uma facada maior – agora não foi apenas Ana Beatriz, como dito antes: é como se a partir do que foi dito antes pudesse agora falar outro algo (o time de advogados), como se aquela fosse uma verdade em que se pudesse fundamentar a próxima. Por pouco pude perceber que se tratava do mesmo perfil – seu arroba é memorável –, mas a impressão de uma outra pessoa tuitando isso causaria outra impressão – não seria difícil para um robô fazer isso.

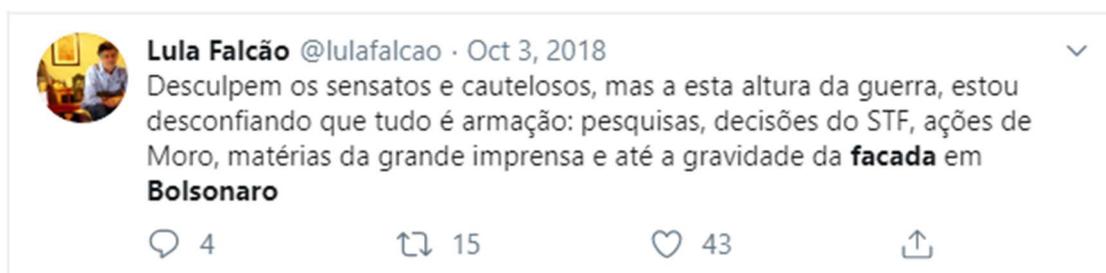
Novamente, pesquisei os termos “facada bolsonaro” com um dia a mais para garantir que a pesquisa do dia 02 de outubro não seria cortada por, sei lá, problema de fuso horário. Alguns *tweets* do dia 03 de outubro apareceram.



Foi noticiado que Bolsonaro não participaria do debate entre os presidentiáveis na Globo e as dúvidas e hipóteses começam a fazer sentido: curva da intenção de voto + debates + recusa de ir aos debates = facada como desculpa. Um olhar circular deste usuário lembra que Bolsonaro já havia dito que não participaria do debate: logo, neste raciocínio, a facada não é o motivo, afinal, outros possíveis participantes do debate também não vão, mesmo sem levar facada.



Só não vê quem não quer. Depois do olhar mágico relacionar os elementos e a lógica confirmar, fica clara a hipótese da armação.



“Desconfiando de que tudo é armação”. É preciso lembrar que nem todos os acontecimentos relativos à facada ou à campanha presidencial foram trazidos, e os que aqui estão, mesmo sem serem nem minimamente esgotados em suas possibilidades de problematização, já causaram muito estranhamento. E ainda não fazia nem um mês da facada.

É interessante perceber que a desconfiança se dirige para a imprensa, para a justiça, para a polícia (facada) – desde quando as instituições seriam assim tão maleáveis? Desde quanto ficamos tão desconfiados? Qual é a força, nesse sentido, de uma frase como “com Supremo, com tudo”?



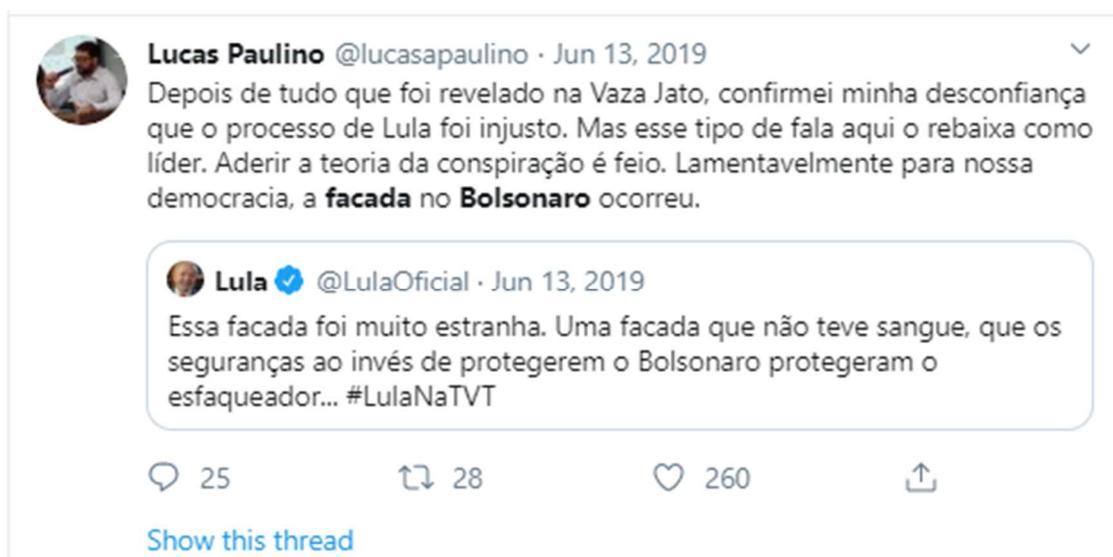
Retuitar um sentimento não quer dizer nada, mas é significativo, não? Retuitá-lo em primeira pessoa, assumindo que é assim que se sente: desconfiando de tudo.

[...]

A narrativa de que Adélio não agiu sozinho vai se adaptando conforme o próprio noticiário e os acontecimentos permitem: a não ida de Bolsonaro aos debates. A hipótese que já pode ser oficialmente chamada de falsa é uma: Adélio não agiu sozinho, mas também está aberta para ser reforçada – mas não negada, apesar das informações oficiais. Vamos a 2019.

14 de junho de 2019: Adélio é absolvido pela facada e internado

Seis meses se passaram e a Justiça Federal de Juiz de Fora (MG) absolveu Adélio Bispo de Oliveira por ser considerado inimputável pela Justiça: portador do Transtorno Delirante Persistente. Adélio, que acreditava que era o escolhido por Deus para salvar o Brasil de Bolsonaro – que seria integrante da Maçonaria – irá para uma instituição psiquiátrica. Bolsonaro afirmou que vai recorrer da decisão. "Tentaram me assassinar sim. Eu tenho a convicção de quem foi [o mandante], mas não posso falar", disse¹⁰⁷. Curiosamente – ou aleatoriamente, devido à imprevisibilidade dos termos usados para pesquisa –, encontrei poucos *tweets* desta vez. Novamente, alguns do dia anterior estão aí.



¹⁰⁷ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/06/14/justica-absolve-autor-de-facada-em-bolsonaro-e-determina-internacao.htm>>. Acesso em 30 jan. 2020.

Lula, “o representante da esquerda”, um homem do povo, durante a primeira entrevista desde que foi preso, também desconfia da facada, por elementos como os que foram citados por usuários comuns do Twitter. @lucasapaulino afirma a importância das revelações – que na época abalaram a República – das mensagens que questionavam a legitimidade da operação Lava-Jato – um “trunfo para a esquerda” –, mas desautoriza Lula e rejeita a narrativa de que a facada não tenha acontecido.

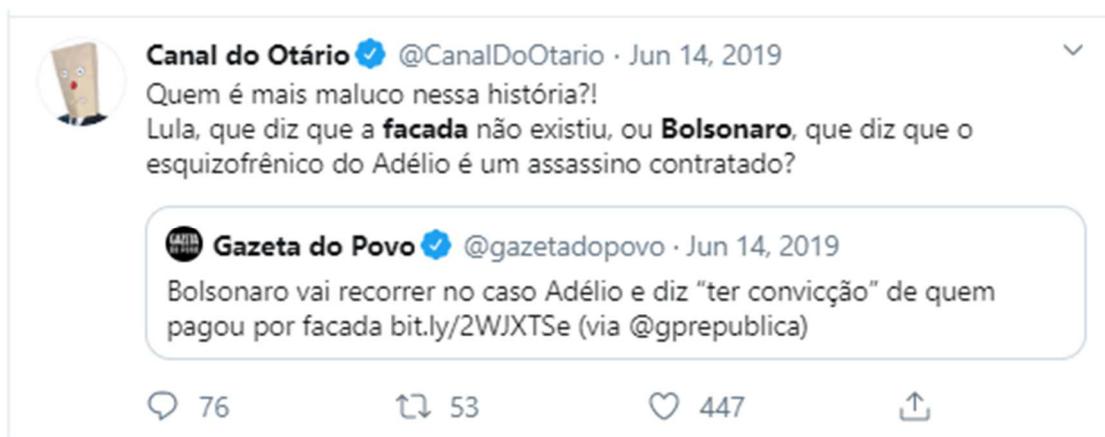


A insistência na qualidade “militante psolista” de Adélio, ali não nomeado; é interessante pensar na ideia de essências: ele foi filiado ao partido de 2008 a 2014, mas foi expulso; se a ideia é condenar o partido chamando-o de “militante psolista” – porque poderia ser qualquer um –, saber que o partido o expulsou não inocenta o partido – por supostamente não tolerar que ele esteja filiado? Novamente, outras qualidades de Adélio – poderia ser cristão, praticante de tiro, mineiro... – não foram ditas, mas a de “militante psolista” sim.



Fake da fake: não foi isso que Lula falou sobre a facada, mas não é difícil de se entender isso. Neste dia havia *hashtag* de apoio a Sergio Moro: neste *tweet*, Caio ConservativeCore coloca mentiras na fala de Lula contra duas coisas que estariam sendo apoiadas nas redes – Moro e Bolsonaro, uma dupla blasfêmia. Ainda, usa uma *hashtag* para se conectar a outro

assunto do dia. E o vídeo¹⁰⁸... não está mais disponível no Youtube, mas serve como apoio, como referente, ao que o *tweet* anuncia.



No dia 14, o *Canal do Otário* – um nome significativo para quem não acredita em nada, apenas se sente um otário em meio a tudo isso – rejeita ambas narrativas *fakes* como *simétricas*.

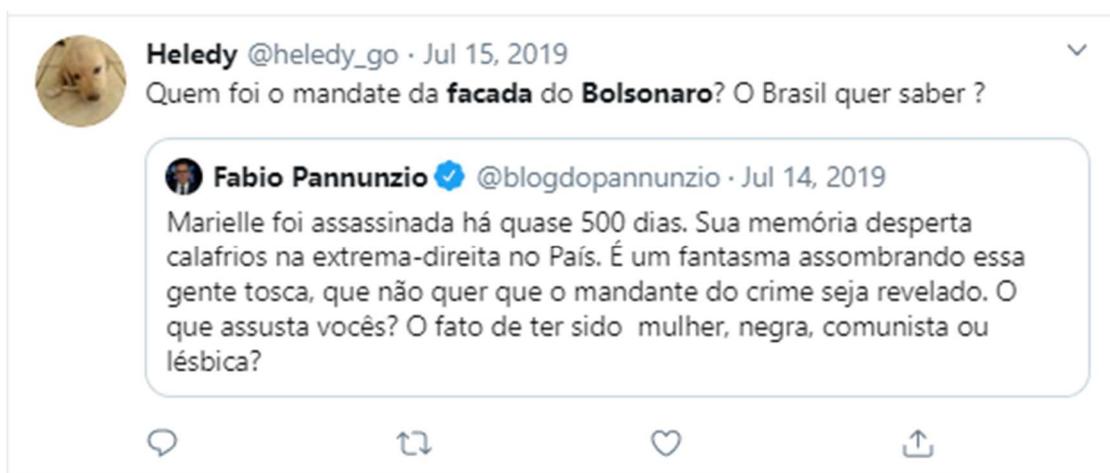
Em 1968 eu tinha mais de trinta anos, deixei o cabelo crescer, andava de japona e suéter, e entrei para uma organização de tendência maoísta. Mais tarde descobri que Mao tinha matado mais gente que Stalin e Hitler juntos, e não só, mas que entre os maoístas talvez estivessem infiltrados provocadores dos serviços secretos. Aí me dediquei só a trabalhar como jornalista à caça de complôs. Assim evitei cair na esparrela dos terroristas vermelhos (e eu tinha amizades perigosas). Tinha perdido todas as certezas, a não ser a de que sempre há alguém às nossas costas, enganando (ECO, 2017, p. 44).

16 de julho de 2019: Bolsonaro não recorre da decisão de absolvição de Adélio

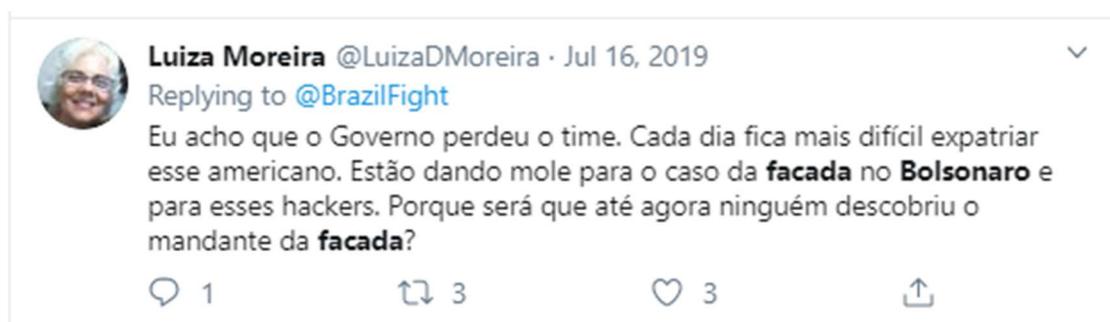
Não houve recursos por parte da defesa de Bolsonaro e a sentença transitou em julgado. O processo foi encerrado e Adélio Bispo de Oliveira não pode mais ser condenado pelo crime. A sentença não foi contestada¹⁰⁹. No dia 15 de julho, “disseram que o marqueteiro de Bolsonaro disse” que a eleição estava ganha após a facada. Algumas coisas apareceram a partir disso, mas ainda não se sabia da decisão da justiça, que seria no dia seguinte, para supor que as coisas estivessem em relação. Aleatório, absurdo: até que ponto aceitamo-lo?

¹⁰⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rWme5P88vsw>>. Acesso em 20 fev. 2020.

¹⁰⁹ Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-n%C3%A3o-recorre-de-absolvi%C3%A7%C3%A3o-de-esfaqueador/a-49614478>>. Acesso em 21 jan. 2020.



Neste dia anterior, este usuário respondia a pergunta pela morte de Marielle com a narrativa de que Adélio não agiu sozinho.



A (ainda) dúvida sobre a facada vira um motivo para se voltar também contra outras coisas que estariam incomodando. Nesta época começou a ter mais foco as matérias investigativas do The Intercept Brasil e também ao *hacker* que forneceu os grampos que denunciavam a parcialidade da investigação.



Novamente, a Polícia Federal é questionada. O link leva para um site¹¹⁰ que refaz essas perguntas e conclama a PF para resolver. Há uma tentativa de emular, neste site, uma certa

¹¹⁰ Disponível em: <<https://oalerta.com.br/2019/07/15/hacker-do-intercept-e-mandante-da-facada-de-bolsonaro-cade-a-policia-federal/>>. Acesso em 21 fev. 2020.

formatação jornalística: assinatura de quem supostamente escreveu aquilo, com data, possibilidade de comentar, até mesmo a cartola de “anúncio” para diferenciar o que é o material editorial e o publicitário...

Hacker do IntercePT e mandante da facada de Bolsonaro: cadê a Polícia Federal?



POR EMILY ALCÂNTARA
15/07/2019



Deixe um comentário

Essas são as duas perguntas que seguem no ar



Compartilhe nas redes sociais:



Quem hackeou celulares das maiores autoridades da Lava Jato?

Anúncios



Venha para a Costa do Sauípe



Anúncio A viagem perfeita para sua família com hospedagem e aéreo em até 10x sem...

Costa do Sauípe

Reservar agora

Quem mandou matar Jair Bolsonaro.

Essas são as duas perguntas que seguem no ar.

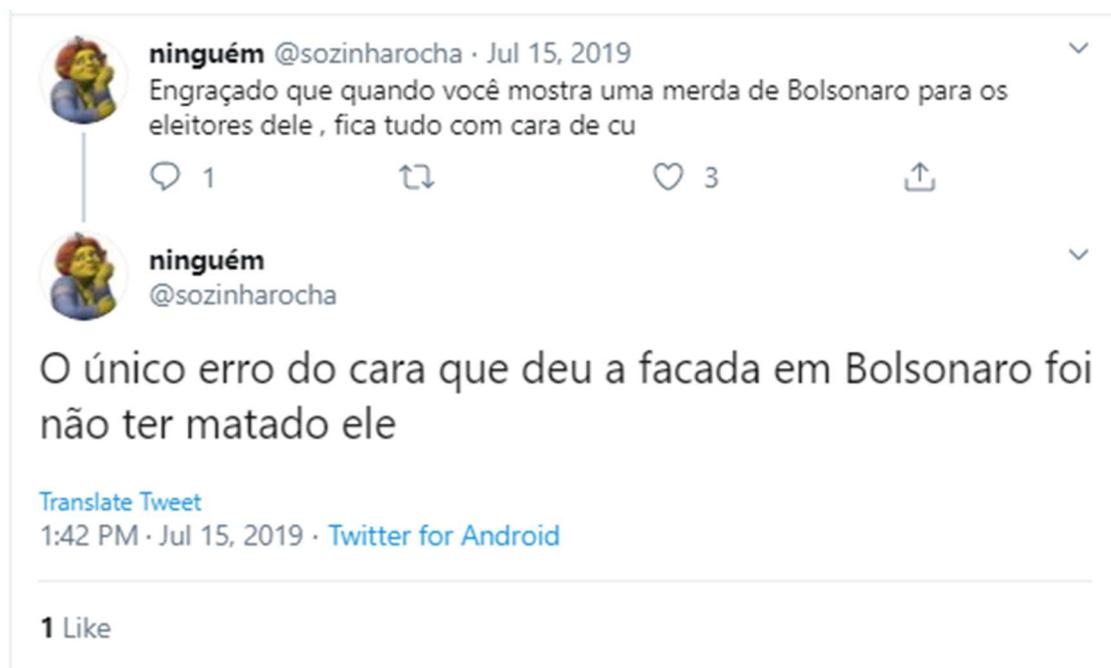
E que devem ser respondidas pela Polícia Federal.

PF, ainda confiamos em vocês!

Curta O ALERTA no Facebook: [clique aqui](#)

Apesar desta não ser a tarefa desta pesquisa, é interessante perceber neste material a confusão – no sentido de confundir mesmo – entre o que é uma matéria jornalística e a possibilidade de se tornar um jornalista simplesmente por escrever num site e por poder publicar algo num site: ali estão quatro frases mal pontuadas e mal escritas, que caberiam num *tweet* mas que não servem nem para dizer algo a mais do que foi dito no título e na linha de apoio – ou que poderia ser dito no *tweet*. Entretanto, a confiança de que o trabalho foi bem feito é

tamanha que termina a “matéria” com um ponto de exclamação. Perto disso, logo abaixo, o pedido para curtir a página do site no Facebook parece até singelo – para quem é piedoso.



A persistência do discurso de ódio, de um usuário chamado “ninguém”, de um arroba – que pode ser tanto uma pessoa quanto um *bot* – @sozinhosrocha, que retuíta seu próprio *tweet* – meio isolado, vem como que só pra lembrar disso, de seu único erro.



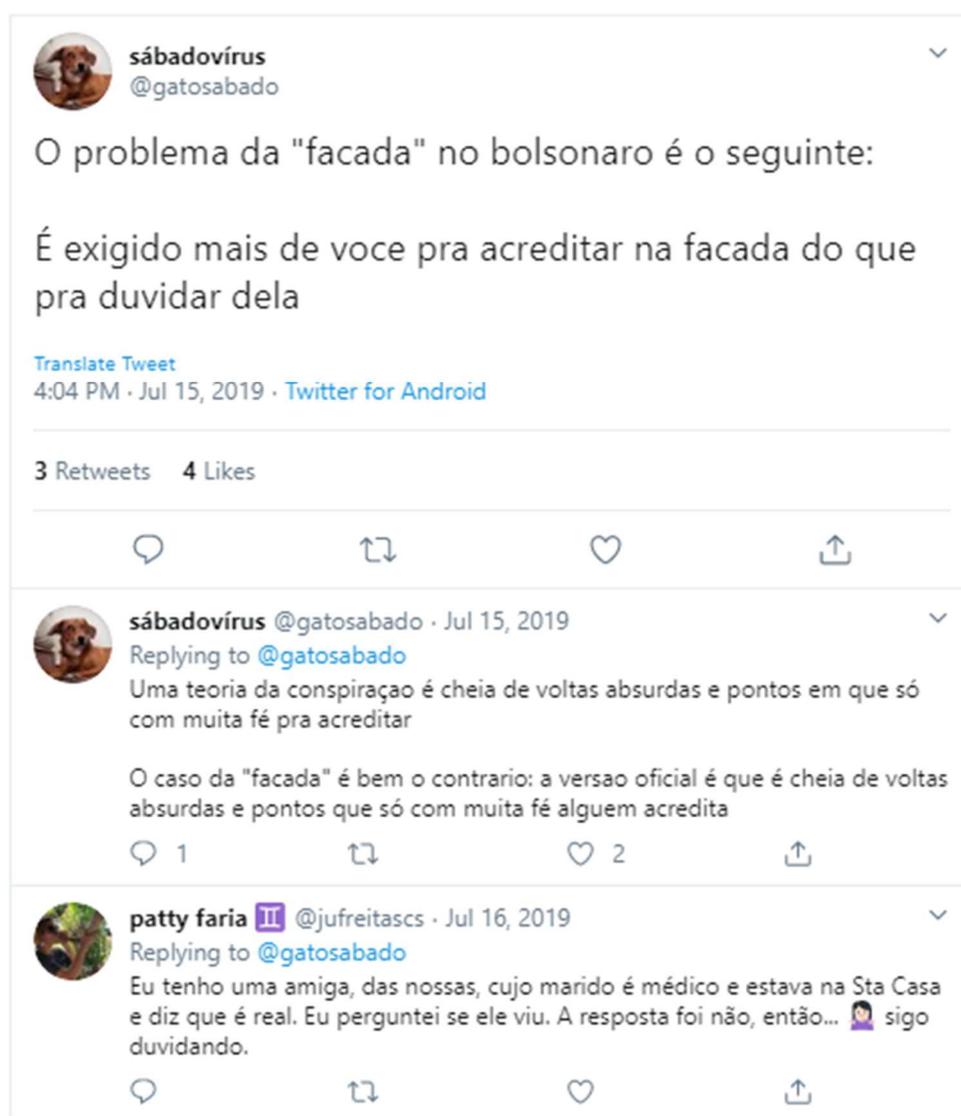
E mais um *tweet*, este com algumas curtidas, com o ódio não “encaixapretado”.



Mesmo com o processo encerrado, uma declaração que pode realimentar a narrativa de que Adélio não agiu sozinho.



Estas foram algumas reações à postagem do Diário do Centro do Mundo.



Este *tweet*¹¹¹ fornece uma chave de entendimento possível para a pós-verdade e a confusão informativa: são tantos detalhes que é mais fácil dizê-los do que verificá-los – se é possível verificá-los. Entre o dito e o verificado o espaço é incalculável. Verificamos o Twitter na fila do banco, no banheiro, na procrastinação da dissertação: o que pode ser visto é visto naquele hiato temporal possível, se é necessária verificação, esta talvez não aconteça. As hipóteses ali jogadas, entretanto, ficam como dúvidas. Além disso, a realidade aparece em sua crueza como absurda demais para ser credível: por isso a mentira é mais verossímil.

¹¹¹ Disponível em: <<https://twitter.com/gatosabado/status/1150843487186771969>>. Acesso em 20 fev. 2020.

08 e 09 de dezembro de 2019: nada de novo no *front*

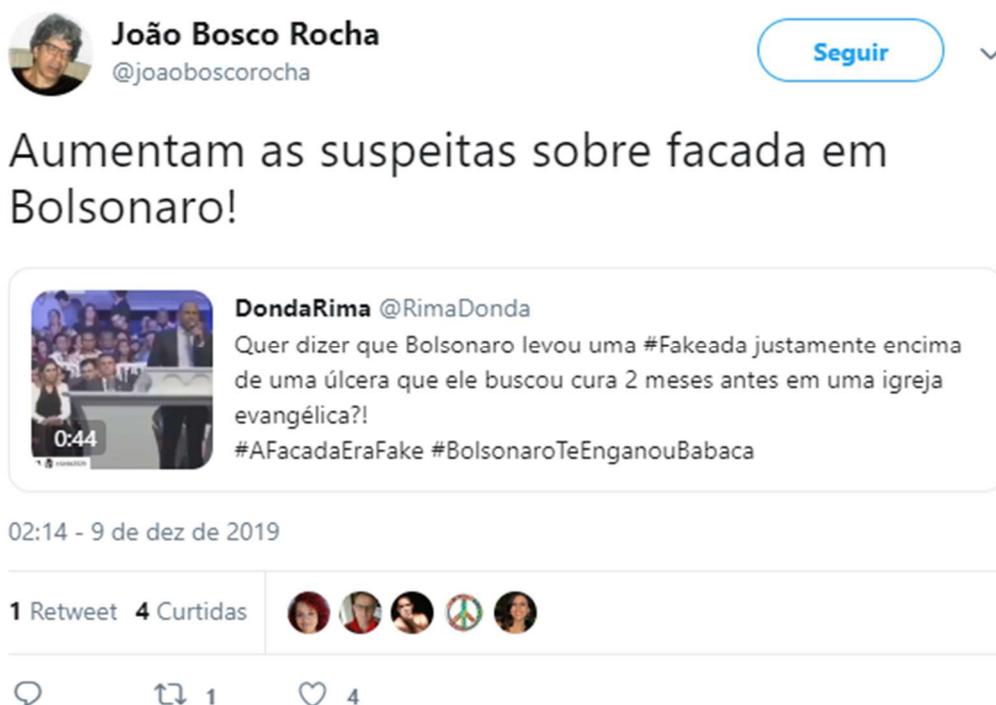


Teve dias, como este, em que, no momento em que pesquisei, só havia uma menção à pesquisa. Este vídeo tem quase um ano (22 de dezembro de 2018). A matéria do Diário Brasil Online também (31 de dezembro de 2018). Este *tweet* veio como se fosse uma lembrança, como se fosse um lembrete antes de iniciarmos um ano novo – “atenção, não esqueçam da grande farsa ainda não desvendada” – em meio ao caos informativo que poderia fazer com que os interessados se esquecessem e que contribui ainda mais com o caos informativo. Este *tweet*¹¹² veio como se fosse programado, como tivesse sido automático. Este perfil contava com apenas 14 seguidores, possivelmente por isso no momento da pesquisa não obtive muitos resultados. Ocorre também que pode ter acontecido dos *tweets* não conterem os termos de minha pesquisa e este *tweet* ser um ponto isolado. Parece absurdo? Até que ponto o aceitamos?

O mesmo não pode ser dito do dia seguinte. Encontrei um *tweet*¹¹³ que remete a outro mais antigo. Isso mostra como a conectividade do Twitter – seja pelos seguidores, pelo engajamento a uma *hashtag*, ou pela resposta remeter a um *tweet* anterior para se ter contato com outra cascata de informações que podem manter uma dúvida como a da facada em Bolsonaro, apesar das declarações oficiais – mantém elementos ligados de forma atemporal, prontos para serem acionados pelo olhar circular e para fazer relampejar passado e presente.

¹¹² Disponível em: <<https://twitter.com/JooBatista4011/status/1203894046546112515>>. Acesso em 21 fev. 2020.

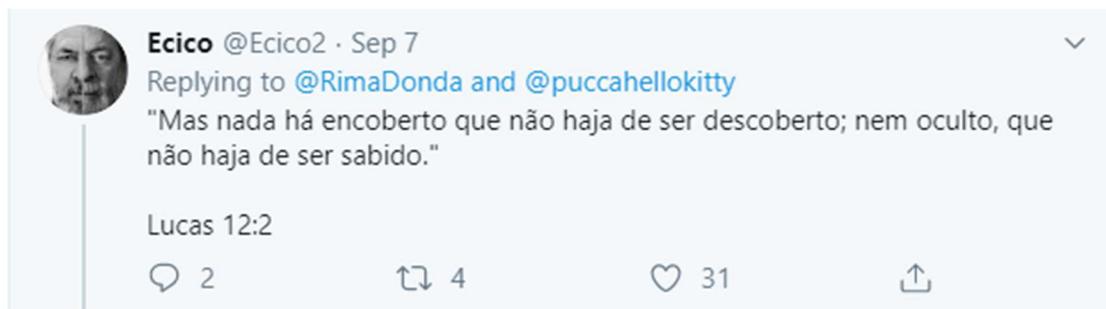
¹¹³ Disponível em: <<https://twitter.com/joaboscrocha/status/1203981225700024320>>. Acesso em 21 fev. 2020.



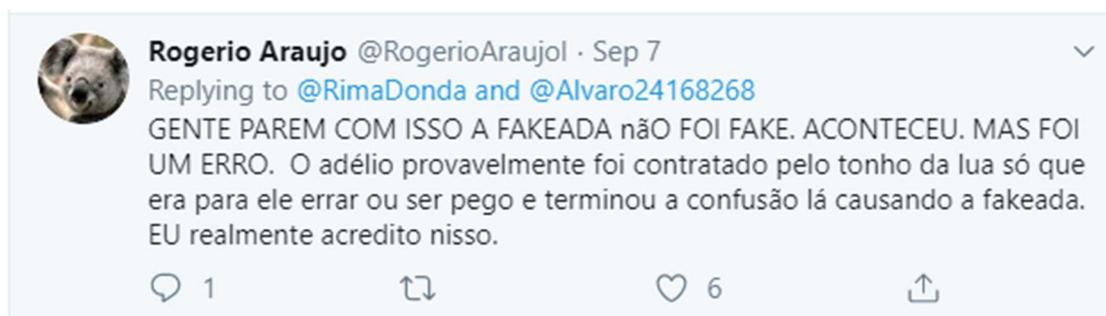
É um *retweet* de outro de 6 de setembro de 2019 (mas um assunto de 2018, que sugere que Bolsonaro teria uma úlcera ou outro problema no estômago – como câncer – e precisaria de uma intervenção cirúrgica, de qualquer forma, portanto, aproveitando a oportunidade e falsificando uma facada para ganhar a eleição). E a partir daqui muita coisa é encontrada.



As cascatas reafirmam aquilo que se suspeita ao se entrar num *tweet* como este: de que aquelas suspeitas que pareciam esquecidas, que imaginei que talvez nem existissem mais, materialmente, estão ali, e discursivamente estão prontas para recriar a dúvida.



A verdade, a verdade, sempre ela, por trás das aparências. Não é à toa que me ocupei tanto da verdade ao longo do trabalho: por mais fugidia que seja, invocamo-la diante de tudo.



“EU realmente acredito nisso”. É curioso ter que afirmar triplamente algo: primeiro, posta uma informação – a facada foi combinada; segundo, diz que “acredita nisso”; terceiro, não apenas acredita, mas acredita “realmente”. Não é significativo ter que chamar tanta atenção para aquilo que acredita como verdadeiro? É preciso gritar em meio a tanta confusão, chamar atenção para o que acredita ser a verdade, é preciso mostrar o que é verdadeiro em meio a tanto conteúdo questionável – já imaginar que exista conteúdo duvidoso é perceber o lugar em que se está falando como um lugar pouco confiável.



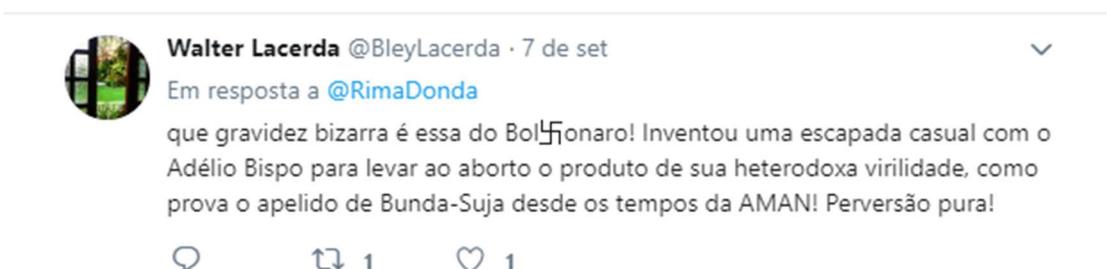
Uma informação que se quer acreditar, que traz uma mentira – a úlcera – com algo que se não pode ser uma “verdade incontestável” é uma constatação consideravelmente aceita – o ódio.



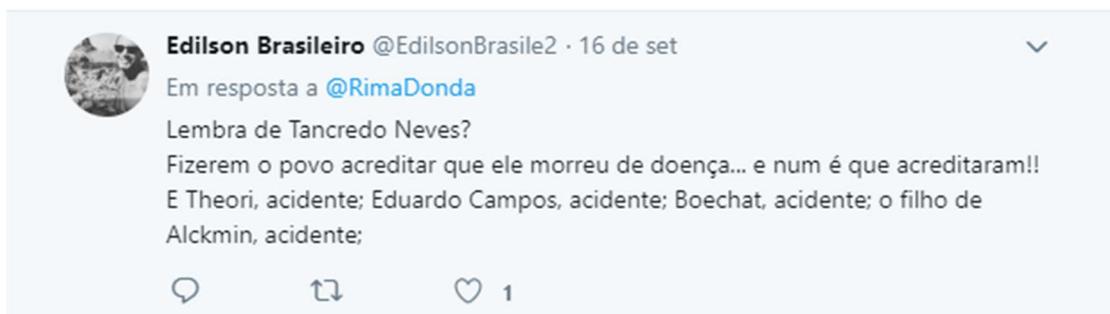
É interessante a frase “só não viu quem não quis” porque pressupõe que a verdade é fácil, que é simples, óbvia e evidente. Ou seja, não vê-la é não vê-la *intencionalmente*, não é acreditar numa narrativa alternativa, é negar aquilo que é certo, necessário: a verdade real oficial.



Este *tweet* apenas incorpora mais uma *hashtag* na resposta, mas fica disponível para quem quiser ver e remete a outros assuntos, torna-se mais um dado disponível e um nó na conversação para se chegar à facada. E ainda, se Bolsonaro é miliciano, trabalha com crime organizado, simular uma facada não é muita coisa. Logo, dá mais força ao argumento da fakeada.



Este usuário traz trocadilhos e insinuações que seduzem por sua provocação aos valores que Bolsonaro cultiva (virilidade); além disso, traz a informação de que seu apelido era “Bunda-Suja” quando estava na Academia Militar das Agulhas Negras – quem sabe se era mesmo? Como verificar? Entretanto, parece tão sedutor acreditar nisso como provocação ao capitão.



Uma coincidência? Acontece. Duas? Por que não? Três é meio difícil, mas se tiver quatro acho que há algo errado nisso tudo: o ser humano e sua interrupção não podem ser somente acidente, segundo essa organização mítica de eventos que têm em comum apenas a morte de pessoas públicas e uma hipótese como ligação. Até que ponto se aceita o absurdo?



Segundo este usuário, trata-se de um signo indicial. O corpo fala, a cara não mente: é câncer. A hipótese da úlcera é descartada: após ser incorporada à narrativa *fake*, evoluiu para câncer – a metástase está na *fake*, que incorpora e faz evoluir a hipótese, a dúvida, o não verificado, o apenas dito.



MINEIRO. @TFRACO1 · 7 de set

Em resposta a @RimaDonda

Em momento algum, tive dúvidas sobre essa farsa do atentado. O que chama atenção, e quantas pessoas e quem são os envolvidos nesta farsa. Levaram meses articulando e montando todo cenário para parecer real e enganar milhares. Só não conseguiu enganar todos. BOLSONARO É DIABÓLICO



Após tantos *tweets* e tanta certeza em torno disso, esta própria argumentação não se surpreende com a inverossimilhança que coloca como condição de possibilidade para seu discurso: seria mesmo possível que aquilo que diz tenha realmente acontecido?



Korrupte von Brasilien @StrassenRaub · 15 de set

Em resposta a @RimaDonda

Esse homem pré histórico está com Peritonite, o próprio médico oncologista admitiu aderência prévia, a tal "facada" foi uma jogatina para eleger, já que nenhum político declaradamente vendilhão privatista pró exploração levaria a eleição por meio de Voto e Debate de Verdade.



“Para fugir do debate”: uma ideia persistente ao longo do tempo. E que agora se casa com a do câncer – ambas não se excluem, mas se retroalimentam: mesmo sem relação, parecem verossímeis. A narrativa vem acalmar, dar sentido e unidade, a estas e outras dúvidas que poderiam ser incorporadas.

Estes dias, 08 e 09 de dezembro, diferentemente dos outros, foram consultados no Twitter quando não havia eventos relacionados à facada ou, às dúvidas sobre ela, para motivar sua menção. Vale dizer que repeti este procedimento em outros dias sem estes eventos relacionados e verifiquei que, sim, menções à facada e respostas a estas menções seguiam. A facada abriu possibilidades para ser relacionada a eventos diversos.



Tio Vitório pai de Jesus @reydinerfc · Dec 28

Esquerda: O **Bolsonaro** arquitetou a **facada** pra ganhar voto de pena e faltar debate

Direita: O Porta dos Fundos colocou fogo no próprio prédio pra se vitimizar
Reydiner: Todas as minha notas baixas são culpa do professor

O BRASIL É BOM DEMAIS PRA FANFIC



Aqui, neste dia 28 de dezembro de 2019 – citado apenas de forma ornamental –, percebo que a suspeita sobre a facada como armação se estende para outros acontecimentos: o incêndio na sede do Porta dos Fundos e também, agora em 2020, os tiros que Cid Gomes recebeu em cima da retroescavadeira. A facada, de acontecimento absurdo, difícil de acreditar, virou narrativa falsa que acalma as dúvidas e também uma lógica que pode ser replicada para o que quer que se duvide – “isso é falso, isso é *fake*”: porque passado e presente se encontram num relampejo. Interrompo esta pesquisa por aqui.

5 CONSTELAÇÕES FINAIS

Com esta dissertação, a partir dos *tweets* reunidos pela pesquisa “facada Bolsonaro” no Twitter, busquei me colocar em frente à cascata de informações para tentar entender o ambiente de confusão informativa que faz com que seja possível acreditar em *fakes* – afinal, por mais que saibamos da existência, sim, do ódio, da motivação mesquinha, temos amigos, conhecidos, que sabemos que não são máquinas programadas para apoiar conteúdo falso, que não queremos simplesmente ver como inimigos, mas entender como o absurdo se torna possível.

Pude ver que no vácuo de informações oficiais ou com certa credibilidade é possível “colar sentidos”, tentativos, forçados, talvez pertinentes, mesmo que notadamente falsos; mas não apenas na falta de informação oficial: uma *hashtag* pode ser usada como uma espécie de “contrainformação”, ou de “*overinformation*”, para confundir, minar o debate ou desviar atenção: dá trabalho e leva tempo verificar o que é duvidoso, isso muitas vezes não é feito.

Alguns aspectos relativos à materialidade do Twitter foram levantados, mas, também outras reflexões desta pesquisa podem transbordar a lógica desta mídia e serem usados para se trabalhar com as noções de notícia falsa, confusão informativa, polarização, pós-verdade. Apesar de meu interesse em não incentivar a abordagem da polarização, de dois lados em concorrência, com certa pertinência, é preciso reconhecer, como tantas pesquisas o fazem, a força da noção de guerra discursiva, de disputa de sentido: o próprio Adélio, o único culpado, é empurrado de “um lado para o outro” para invalidar seu inimigo – que, sim, existe.

A hipótese do silenciamento das menções a Adélio Bispo de Oliveira é uma potência a ser verificada por outras pesquisas, provavelmente com uma coleta mais precisa, seja no Twitter ou em outra mídia; ele penetra uma multidão de pessoas para esfaquear um candidato a presidente que era carregado por seus fãs e apoiadores; este ato, tão absurdo quanto improvável – um kamikaze que sai (praticamente) ileso após se atirar ao seu objetivo –, deveria lhe consagrar como anti-herói solitário, entretanto, não parece ser o suficiente para que Adélio seja lembrado; ele passa a ser chamado apenas de “alguém” ou de “militante” e a disputa é direcionada para outro plano em que o responsável sem méritos, a única pessoa a portar a faca e desferir o golpe, pouco importa. A guerra semiótica faz sentido e pode coexistir com as problematizações que fiz em torno da ideia de polarização.

Operei no vácuo e no hiato de outros trabalhos e de outras ideias, que me proporcionaram trabalhar a partir do que foi dito e do que não foi dito: nesta deambulação

errante, dialogar produtivamente com os materiais – *com e contra*, como diz Bachelard (1996) – foi o que tentei com as pesquisas anteriores e é o que espero que com essa seja feito, pois deve haver muitos hiatos para isso. Como diz Adorno (2003), o ensaio nunca diz tudo; e o mapa de entendimento aqui proposto a partir dessa experimentação é só um desenho possível, com potencial de virar rascunho para outro; e a observação de um mapa nunca é a experiência de percorrer seu território.

A cartografia foi interessante para poder falar de um ponto de vista que não busca se impor pela autoridade de um “nós acreditamos”, como se estivesse falando em nome de toda a ciência que despencaria sobre quem estivesse lendo – e escrevendo –, nem numa terceira pessoa indefinida, distante, que poderia ser qualquer uma, afinal. Denunciei a primeira pessoa, não de onde partiu tudo isso, mas onde esses fluxos se atravessam e se transformam; é uma forma de denunciar também toda a forma de escrita – de produção do conhecimento – como afetada, suja: absolutamente não cristalina – e essa é uma forma de se poder experimentar.



De início, achei que pesquisar sobre a facada em Bolsonaro fosse repetitivo, que estaria apenas a recuperar, requestrar ou manter uma discussão que poderia estar encerrada – ora, mas por que deveria ser assim? Se há uma persistência desse assunto é porque passado e presente não param de se encontrar em imagens, relampejantes e criadoras de sentido – que tanto contribuem nos confrontos discursivos, na confusão informativa e nas notícias falsas na política brasileira quanto são sintomas deste momento.

Foi justamente no confronto, por vezes provocativo e irônico, entre elementos aparentemente díspares – como citação a uma música, um filme, uma forma geométrica – que pude criar conhecimento e formas de entendimento sobre estes tempos de pós-verdade: dessa forma os próprios elementos de nossa cultura passam a exalar outros sentidos, no relampejar e no olhar circular, mágico.

Tudo o que vi no empírico não pude ver sozinho, zerado, sem ajuda de teorias e hipóteses teóricas que ajudaram a também moldar a realidade conforme a lógica proposta:

formataram o empírico. Da mesma forma não posso dizer que a teoria tenha sido puramente apriorística, sem contato com a realidade: o que é colocado aqui como teórico é – tentativamente – atualizado pela observação empírica. “Assim como é difícil pensar o meramente factual sem o conceito, porque pensá-lo significa sempre já concebê-lo, tampouco é possível pensar o mais puro dos conceitos sem alguma referência à facticidade” (ADORNO, 2003, p. 26).

O trabalho, se não pôde ser exaustivo no que se propôs refletir, foi continuamente tensionado por esta limitação – é o que como pesquisador posso fazer: perceber o que pode ser dito e até que ponto não posso dizer tudo. Foi na forma do ensaio justamente proposto por Adorno (2003, p. 30) – subvertendo a estrutura monográfica, “comparável ao comportamento de alguém que, em terra estrangeira, é obrigado a falar a língua do país” – que estruturei essa dissertação: os conceitos não eram, em geral, explicados de antemão, mas apresentados no momento em que eu os colocava para trabalhar, já mostrando a forma de se apropriar deles – afinal, não são estanques, é na forma como são usados que se materializam. Nem os conceitos estarão a salvo se o objeto falar; e esse objeto não tem cessado de falar.

Naquele velho esquema, comunicação é passar uma mensagem de um lado para o outro visando a obter *eficiência*, que poderia ser verificada e medida a partir dos efeitos gerados pelas lógicas da intenção: quanto menos ruído, menos perdas – uma busca por correspondência cristalina, transparência, entre emissor e receptor. Mas até que ponto a noção de canal, por onde as mensagens *passam*, não poderia ser pensada como *barreira*, onde a comunicação encontraria um obstáculo¹¹⁴? Até que ponto a comunicação não é, também, interferência?

O termo *information disorder*, de Wardle e Derakhshan (2017), atrai um manuseio semântico: poderia ser traduzido para *distúrbio de informações*: mensagens falsas e imprecisas, com ou sem intenção, em variados graus. Já vi ser traduzido para *desordem de informações* e ainda *confusão* ou *desordem informativa*: não poderia ser isso a amálgama de *fakes* com o noticiário e também o que resulta desta mistura e confusão? (1) desordem informativa como as informações desordenadas: desierarquizadas – não se distinguindo o que são *fakes*; (2)

¹¹⁴ É preciso dizer que esta ideia talvez não seria colocada nesses termos se não fosse o encontro, o relampejo, da subversão do termo *desordem informativa* com o conto *Sísifo Telecom*, de Fabrício Silveira (2018), e sua (não menos importante) discussão na disciplina de Estéticas da Comunicação, em 2018, no PPGCOM da Unisinos.

desordem informativa como *desordem que informa* – como uma barreira, uma interferência, uma sensação de pós-verdade. Não seria isso, talvez, uma forma de comunicação – suja?

Esta provocação tanto pode ser usada para se pensar no intencional, como foi visto ao se colocar mais informações na rede para causar mais confusão, quanto uma confusão que “acaba por se estabelecer”, mesmo que não intencionalmente. O caos sempre esteve aí, à espreita. Estes tempos de pós-verdade parecem propícios para trabalhar desta forma a comunicação, pois, se não pude encontrar tantas notícias falsas nesta pesquisa, ao menos foi possível passar por este ambiente em que uma *fake*, em meio à cascata de informações, não parece, assim, tão estranha, e pode até ganhar sentido e força a partir do olhar mítico, circular e de uma narrativa apaziguadora.

Parece meio inverossímil uma pessoa ir contra a multidão e sua resistência. O que poderia fazer alguém, sozinho, com uma *fake*, sem a colaboração do todo, sem uma ambiência que permita, sustente e invoque um ato aparentemente isolado? O absurdo: até que ponto o aceitamos?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003. (p. 15-45).

ADORNO, Theodor. Caracterização de Walter Benjamin. In: BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2012. (p. 11-24).

AGAMBEN, Giorgio. **Ideia da prosa**. Lisboa: Cotovia, 1999.

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. **Social Media and Fake News in the 2016 Election**. In: Journal of Economic Perspectives. v. 31, v. 2, Spring, 2017 (p. 211–236). Acesso em 28 nov. 2019.

ALZAMORA, Geane Carvalho; BICALHO, Luciana Andrade Gomes. A dinâmica transmídia de *fake news*: interações sociais em torno da concepção pragmática de verdade. In: XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_Z5Y0PUC80AOYRVKD_ACM6_27_6302_26_02_2018_14_47_23.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

AMARAL, Maria Cristina Guimarães Rosa do. A dessacralização da notícia compartilhada nas redes sociais: um estudo dos posts da página Caneta Desmanipuladora. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Caxias do Sul/RS – 15 a 17 de junho de 2017. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0283-1.pdf>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2018.

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

ANDERSON, Chistopher W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo Pós-Industrial**: adaptação aos novos tempos. In: Revista de Jornalismo ESPM, Ano 2, Número 5, Abr/Mai/Jun. 2013. São Paulo: ESPM, 2013.

ARENDT, Hannah. **Verdade e política**. Tradução de Manuel Alberto. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1995. Disponível em: <<https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/11/Verdade-e-politica.pdf>>. Acesso em 03 jan. 2019.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas**: o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. E-book.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Bauman sobre Bauman**: diálogos com Keith Tester. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BEHS, Micael Vier. **Disrupções e regulações em circuitos e circulações difusas: a construção do caso sobre o boato da bruxa de Guarujá.** 2017. Tese de doutorado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2017. 222 f. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6639/Micael%20Vier%20Behs_.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 8 ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política.** Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2012b.

BENTES, Ivana. Economia narrativa: do midiativismo aos influenciados digitais. In: XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_EOALLA0INYU2ZDP7787T_27_6783_26_02_2018_04_25_45.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

BOATINI JÚNIOR, Danton José. **O boato na era das redes sociais digitais: uma análise do caso Guarujá.** 2016. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Comunicação Social – PUCRS, Porto Alegre, 2016. 152 f. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/7171/2/DIS_DANTON_JOSE_BOATINI_JUNIOR_COMPLETO.pdf>.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação.** Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, n. 19. (p. 20-28). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 16 jun. 2019.

BORGES, Jorge Luís. Sobre o Rigor na Ciência. In: **História Universal da Infância.** Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOVET, Alexandre; MAKSE, Hernán. Influence of fake news in Twitter during the 2016 US presidential election. In: **Nature Communication**, v. 10 n. 7, 2019. (14 p.) Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41467-018-07761-2.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2019.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação** – E-compós, Brasília, v.14, n.1, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/download/665/503/>>. Acesso em 18 jun. 2019.

BRAGA, José Luiz. A prática da teoria na pesquisa em comunicação. In: **Galáxia.** (São Paulo, online), n. 41, mai-ago., 2019. (p. 48-61). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/n41/1519-311X-gal-41-0048.pdf>>. Acesso em 24 jun. 2019.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida. (Org.). **Mediação & mediação** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52. ISBN 978-85-232-1205-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

BRAGA, José Luiz. Interagindo com Foucault: os arranjos disposicionais e a comunicação. In: **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**. Vol. 6, nº 12, julho-dezembro/2018. (p. 81-91). Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/download/18081/PDF>>. Acesso em 18 jun. 2019.

BRAGA, José Luiz. Sobre mediação como processo interacional de referência. In: Trabalho apresentado no GT Comunicação e Sociabilidade do XV Encontro Anual da Compós – UNESP – Bauru, 6 a 9 de junho de 2006. **Anais eletrônicos...** Disponível em <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_446.pdf>.

BRAGA, José Luiz. Um conhecimento aforístico. **Questões Transversais**, v. 2, n. 3, jan-jun, 2014. (p. 44-53).

BRANDÃO, Carolina Gandon. *Fake news* e ciência: um mapeamento das produções científicas de 2005 a 2018. In: SILVA, Cássia Aparecida Lopes da; STEIGLEDER, Débora Gallas; ABREU, Luís Felipe; LEOBETH, Thaís. (Org.) III Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS. (p. 28-34) **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<https://semidiscomufrgs.wordpress.com/anais-edicoes-anteriores/edicao-2018/anais/>>. Acesso em 11 jun. 2019.

BUCCI, Eugênio. Seriam as fake news mais eficazes para campanhas de direita? – uma hipótese a partir das eleições de 2018 no Brasil. In: **Novos Olhares**, v. 8, n. 2, 2019 (p. 21-29). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/162062/158018>>. Acesso em 01 dez. 2019.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**: ensaio sobre o absurdo. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

CARDOSO, Rafael. Introdução. In: FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CARLÓN, Mario. Maquinismo, naturaleza y sociedad en el discurso de las cámaras de informes climáticos y de control de tránsito por televisión. In: **Cuadernos de Información y Comunicación**, vol. 13, 2008 (p. 131-141).

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de; BELDA, Francisco Rolfsen. Multiparcialidade, dialogia e cultura participativa como reação à pós-verdade: uma abordagem discursiva sobre o jornalismo. In: **Culturas midiáticas** – Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, Ano X, n. 18, jan-jun/2017. (p. 230-245). Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/download/35045/17899>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. rev. amp. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder**. Madri: Alianza, 2011.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, Júlio César de. Redes sociais como modelo de governança algorítmica. In: **MATRIZES**, v.12, n. 2, São Paulo – Brasil, maio/ago. 2018. (p. 165-191). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/140890/147048/>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

CHAGAS, Viktor; MITOZO, Isabele; SANTOS, João Guilherme Bastos dos; BARROS, Samuel; AZEVEDO, Dilvan.. A ‘nova era’ da participação política? WhatsApp e *call to action* nas consultas do e-Cidadania (Senado Federal). In: XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - MG, 11 a 14 de junho de 2019. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_JT1EOMKMML66U7OZDT8P_28_7653_20_02_2019_20_48_38.pdf>. Acesso em 5 jul 2019.

CORTÁZAR, Julio. **Final do jogo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. In: **Revista Digital do LAV** - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf_1>. Acesso em 18 jun. 2019.

DALMONTE, Edson Fernando; QUEIROZ, Caio Cardoso de. As canetas corretoras e o jornalismo em tempos de redes sociais. In: **Mídia e cotidiano**, Niterói-RJ, v. 12, n. 3, dez. 2018 (p. 223-244). Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/27112/16052> >. Acesso em: 17 mar. 2019.

D’ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018.

D’ANDRÉA, Carlos. Colaboração, edição, transparência: desafios e possibilidades de uma “wikificação” no jornalismo. **Brazilian Journalism Research**. Brasília, v. 2, n.1, 2009. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/193/192>>. Acesso em 18 jun. 2019.

DEBORD, Guy. Questões preliminares à construção de uma situação. In: JACQUES, Paula Berenstein (Org.). **Apologia da Deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**: 1972-1990. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. 2. ed. Porto: Rés, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol.1 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1997.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 21. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ECO, Umberto. Construir o inimigo. In: ECO, Umberto. **Construir o inimigo e outros contos ocasionais**. Lisboa, Gradiva, 2011. (p. 11-35).

ECO, Umberto. **Kant e o ornitorrinco**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ECO, Umberto. **Número Zero**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

ESTEVÃO, Flávia Gonçalves de Moura; FARIAS, Lídia. Conexão e “Pós-verdade”: Propagabilidade da Desinformação? In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville/SC – 2 a 8 de setembro de 2018. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2058-1.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma analítica da midiaticização. **Matrizes**, São Paulo, v.2, p. 89-105, 2008.

FELINTO, Erick. Oceano digital: imaginário marinho, tecnologia e identidade em Vilém Flusser. In: **Galáxia** (São Paulo, online). n. 39, set-dez., 2018. (p. 110-123). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/n39/1519-311X-gal-39-0110.pdf>>. Acesso em 18 jun. 2019.

FERNANDES, Carla Montuori; OLIVEIRA, Luiz Ademir de; GOMES, Vinícius Borges. Tensionamentos entre campos sociais: as *fake news* e a reconfiguração do campo comunicacional e político na era da pós-verdade. In: XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - MG, 11 a 14 de junho de 2019. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_DNGRMEF7ZR3MHMR3GHHS_28_7634_20_02_2019_13_14_44.pdf>. Acesso em 5 jul 2019.

FERREIRA, Jairo. As metamorfoses da circulação: dos fluxos às questões de reconhecimento. In: Paulo Cesar Castro. (Org.). **A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento**. 1ed. Maceió: EDUFAL, 2017, v. 1 (p. 109-124).

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições. In: BRAGA, José Luiz et al. **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2013.

FERRO, Jeferson. O index appeal – apontamentos sobre a questão da verossimilhança na era da pós-verdade. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba/PR – 4 a 9 de setembro de 2017. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0475-1.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**: esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

FILHO, Kléber Prado; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. In: **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 38, (p.45-59), jan-jun., 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004>. Acesso em 18 jun. 2019.

FLUSSER, Vilém. Sobre a escrita, complexidade e as revoluções técnicas – entrevista cedida a Miklós Peternák em Osnabrück, European Media Art Festival, Setembro de 1988. (Título

original: On writing, complexity and the technical revolutions). **Arquivo Vilém Flusser São Paulo**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8rtZXpMUIS8>>.

FLUSSER, Vilém. Sobre imagens técnicas, acaso, consciência e o indivíduo – entrevista a Miklós Peternák. Munique, 17 de Outubro de 1991. (Título original: On technical images, chance, consciousness e the individual). **Arquivo Vilém Flusser São Paulo**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IFCBzzMtdE8>>.

FLUSSER, Vilém. Interviewed by Miklós Peternák – I (1988, unpublished). In: **Intersubjectivity: media metaphors, play & provocation** - 6th international Vilém Flusser symposium & event series, Budapeste, mar. 1997. Disponível em: <<http://www.c3.hu/events/97/flusser/participantstext/miklos-interview.html>>. Acesso em 18 jul 2019.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2012.

FLUSSER, Vilém; BEC, Louis. **Vampyroteuthis infernalis**. São Paulo: Annablume, 2011.

FONSECA, Tania Maria Galli; COSTA, Luis Artur. As durações do devir: como construir objetos-problema com a cartografia. In: **Fractal**, Revista de Psicologia, v. 25, n. 2, mai/ago., 2013 (p. 415-432). Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4950/4792>>. Acesso em 18 jun. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 27 ed. São Paulo: Graal, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis, Vozes: 2014.

FONTOURA, Mariana Gomes da; AUGSTEN, Patrícia. A utopia do diálogo produtivo: uma reflexão sobre a formação dos posicionamentos políticos na lógica da exposição seletiva. In: 40º Congresso de Ciências da Comunicação – Curitiba-PR – 4 a 9 de setembro de 2017.

Anais eletrônicos... Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2981-1.pdf>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2018.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GADINI, Sérgio Luiz. O boato como estratégia folkcomunicacional: considerações sobre a presença e efeito de sentido do boato como dispositivo de folkcomunicação política. In: **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, Ano 11, n. 11, p. 71-88, jan-dez. 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/view/926/985>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. In: GILLESPIE, Tarleton; BOCZKOWSKI, Pablo; FOOT, Kirsten. (Org.). **Media technologies: essays on communication, materiality, and society**. Cambridge: MIT Press, 2014. p. 167–194. Disponível em: <https://www.microsoft.com/en-us/research/wp-content/uploads/2014/01/Gillespie_2014_The-Relevance-of-Algorithms.pdf>. Acesso em 24 jul. 2019.

GILLMOR, Dan. **We, the media: Grassroots journalism by the people, for the people**. Sebastopol: O'Reilly Media, 2004. E-book.

GOMES, Pedro Gilberto. Uma nova ética ou uma nova moral social vigente? In: GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiaticização: um conceito em evolução**. São Leopoldo: Unisinos, 2017b (p. 138-152).

GONÇALVES, Márcio Souza. Comunicação, cultura e verdade: dilemas e tensões. In: XXVII Encontro Anual da Compós, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo - SP, 06 a 09 de junho de 2017. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_5PSWQMJIAMEB1MPT7TE_26_5422_14_02_2017_13_38_56.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

GONÇALVES, Márcio Souza. Foram os aliens: verdade, crença e comunicação de massa. In: XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - MG, 11 a 14 de junho de 2019. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_GL4U0KKPDAZCRX18WA7B_28_7455_21_02_2019_11_21_47.pdf>. Acesso em 5 jul 2019.

GUIMARÃES, Patrícia Reis. “#Bolsomito2018: consumo e recepção de mensagens publicadas no perfil de Jair Messias Bolsonaro no Facebook In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville/SC – 2 a 8 de setembro de 2018. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0247-1.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HENN, Ronaldo Cesar; OLIVEIRA, Felipe Moura de. Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 22, n. 3, p. 77-95, 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/20560/13269>>. Acesso em 20 jul 2019.

HOUELLEBECQ, Michel. **Partículas elementares**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

IASBECK, Luiz Carlos A. Os boatos - além e aquém da notícia: versões não-autorizadas da realidade. In: **Lumina** – Facom/UFJF - v.3, n.2, p.11-26, jul./dez. 2000.

JACQUES, Paula Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2011.

JING, Tsai Yi; MAGALHÃES, Dandara. “Marielle, Presente”: o combate às fake news quando a verdade está ausente. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville/SC – 2 a 8 de setembro de 2018. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1717-1.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

KAPFERER, Jean-Noël. **Boatos: o meio de comunicação mais velho do mundo**. Portugal: Publicações Europa América, LDA, 1987.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, jan-abr, 2007. (p. 15-22). Associação Brasileira de Psicologia Social Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326394003>>. Acesso em 18 jun. 2019.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LAZER, David; BAUM, Matthew; BENKLER, Yochai; BERINSKY, Adam; GREENHILL, Kelly; MENCZER, Filippo; METZGER, Miriam; NYHAN, Brendan; PENNYCOOK, Gordon; ROTHSCCHILD, David; SCHUDSON, Michael; SLOMAN, Steven; SUNSTEIN, Cass; THORSON, Emily; WATTS, Duncan; ZITTRAIN, Jonathan. The science of fake news: addressing fake news requires a multidisciplinary effort. In: **Science**, v. 359, n. 6380, março de 2018. (p. 1094-1097). Disponível em: <<https://science.sciencemag.org/content/359/6380/1094/tab-article-info>>. Acesso em 29 out. 2019.

LEMOS, André. A comunicação das coisas: internet das coisas e teoria ator-rede – etiquetas de radiofrequência em uniformes escolares na Bahia. Apresentado no **SimSocial**, 2012. Salvador, Bahia, outubro, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: 34, 2008.

LOUREIRO, Eliana Regina Lopes. “Isso a Globo não mostra”: análise de conteúdo associada ao termo e sua ligação com as *fake news*. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville/SC – 2 a 8 de setembro de 2018. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1721-1.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 27 ed. São Paulo: Graal, 2013 (p. 7-34).

MAIA, Lídia Raquela Herculano. A política dos eleitores no Facebook dos candidatos: processos interacionais online nas eleições presidenciais de 2014. In: **Revista Compolítica**, 2019, vol. 9 (1). (p. 29-53). Disponível em: <<http://compolitica.org/revista/index.php/revista/article/download/197/224/>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

MALINI, Fábio. ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013. E-book. Disponível em: <http://www.liinc.ufrj.br/pt/attachments/316_A-internet-e-a-rua-.online.pdf>. Acesso em 17 jun. 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. 2. ed. São Paulo: Hacker, 2000.

MESSIAS, José. Gambiarra como mediação: um encontro entre materialidades da comunicação e filosofia da técnica a partir das mídias digitais. In: XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_N3C67QLLM01R0I7RX32W_27_6253_25_02_2018_20_18_39.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

MAFFESOLI, Michel. **Apocalipse**: opinião pública e opinião publicada. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Org. MAGRO, Cristina; PAREDES, Victor. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MITOZO, Isabele Batista. MASSUCHIN, Michele Goulart; CARVALHO, Fernanda Cavassana de. Debate político-eleitoral no Facebook: os comentários do público em posts jornalísticos na eleição presidencial de 2014. In: **OPINIÃO PÚBLICA**, Unicamp: Campinas, vol. 23, nº 2, maio-agosto, 2017. (p. 459-484). Disponível em: <https://www.cesop.unicamp.br/vw/1IMfzTaIwNQ_MDA_c962b_/12.pdf>. Acesso em 10 jun. 2019.

MORALES, Ana Galdámez. Posverdad y crisis de legitimidade: el creciente impacto de las fake news. In: **#RET Revista Española de la Transparencia**. n. 8, 1º semestre de 2019. (p. 25-44). Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6957887.pdf>>. Acesso em 12 dez. 2019.

MORIN, Edgar. **As duas globalizações**: complexidade e comunicação, uma teoria do presente. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, EDIPUCRS, 2007.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: neurose. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**: ou como filosofar a marteladas. 2. ed. São Paulo: Editora Escala, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. 3. ed. São Paulo: Editora Escala, 2011.

OTTE, George; VOLPE, Miriam Lúcia. Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin. In: **Fragmentos**, número 18, Florianópolis, jan-jun, 2000. (p. 35-47). Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/download/6415/5984>>. Acesso em 16 jun. 2019.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. (p. 109-130). Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos In: **Fractal**, Revista de Psicologia, v. 25, n.

2, mai/ago., 2013 (p. 391-414). Disponível em:

<<http://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4949/4791>>. Acesso em 18 jun. 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PARISER, Eli. The user is the content. In: PARISER, Eli. **The Filter Bubble: what the internet is hiding from you**. The Penguin Press: New York, 2011. (p. 47-76). Disponível em: <http://hci.stanford.edu/courses/cs047n/readings/The_Filter_Bubble.pdf>. Acesso em 10 jun. 2019.

PEIRCE, Charles Sandres. A fixação da crença. In: **BOCC – Biblioteca Online das Ciências da Comunicação**. Tradução de Anabela Gradim Alves, 2008 (23p.). Originalmente publicado em *Popular Science Monthly* 12, nov, 1877. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf>. Acesso em 20 out. 2019.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia?: implicações dos conceitos. In: **Esferas**. ano 2, n. 3, (p. 61-71), Brasília, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621>>. Acesso em 18 jun. 2019.

POLYDORO, Felipe. Realismo, verdade e política em vídeos amadores de acontecimentos. In: XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 07 a 10 de junho de 2016. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/artigo_compo_s2016final_3333.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2019.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

RAFELE, Antonio. As imagens dialéticas: mídia e consciência em Passagens de Walter Benjamin. In: **MATRIZES**. São Paulo, v. 11, n. 3, set./dez., 2017. (p. 115-127).

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RAMONET, Ignacio. **A explosão do jornalismo: das mídias de massa à massa de mídias**. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

RECUERO, Raquel. A conversação política na mídia social e as "fake news": desconfie do que você quer ouvir. In: **Medium**, 3 jul. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@raquelrecuero/a-conversa%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica-e-as-fake-news-desconfie-do-que-voc%C3%AA-quer-ouvir-130ea73dc438>>. Acesso em 5 jul 2019.

RECUERO, Raquel. GRUZD, Anatoly. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. In: **Galáxia**, n. 41, mai-ago., 2019. (p. 31-47).

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela; SOARES, Felipe Bonow. Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no Twitter. In: XXVI Encontro Anual da Compós, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo --- SP, 06 a 09 de junho de 2017. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/166193/001047200.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

RENARD, Jean-Bruno. Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. In: **Revista FAMECOS**. n. 32, PUCRS: Porto Alegre, abril de 2007. (p. 97-104). Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3421/2684>>. Acesso em 16 jul. 2019.

ROLNIK, Suely. Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil. In: ROLNIK, Suely: **Cartografia sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>>. Acesso em 28 jul 2019.

ROMANCINI, Richard; CASTILHO, Fernanda. Redes antissociais: a hashtag #escolasempartido no Twitter. In: XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_31GJGCFDAYQKL0YR P4TP_27_6346_18_02_2018_21_09_58.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

SANTOS, Allan. Memes de Internet como Mecanismos Contemporâneos de Expressão e Ação Política. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Caxias do Sul - RS – 15 a 17 de junho de 2017. **Anais eletrônicos...** disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0459-1.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

SEGABINAZZI, Tiago. **Extra-industrial**: em busca da essência do jornalismo pela existência de um outro. 2015. Monografia (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, jun. 2015. 219 f. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/handle/10737/861>>.

SEGABINAZZI, Tiago; MAZZARINO, Jane Márcia. Modernidade em movimento: jornalismo e tecnologias digitais. In: **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. Ano 14, n. 27 (2º sem. 2017). São Paulo: ALAIC. (p. 246-257). Disponível em: <<https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/1033/497>>. Acesso em 18 jun. 2019.

SEGABINAZZI, Tiago; MAZZARINO, Jane Márcia. Narrativas midiáticas contra-hegemônicas: jornalismo amador como afirmação identitária. In: **Comunicação & Sociedade**, v. 41, 2019. (p. 109-129). Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/7986/0>>. Acesso em 18 jun. 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Flusser e a cidade como Gesamtkunstwerk (obra de arte total). In: **Galáxia** (São Paulo, online). n. 39, set-dez., 2018. (p. 124-135). Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/34154>>. Acesso em 18 jun. 2019.

SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do jornalismo brasileiro**: as (in)certezas da mídia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Juremir Machado da. Fake news, a novidade das velhas falsificações. In: **As fake news e a nova ordem (des)informativa**. FIGUEIRA, João; SANTOS, Sílvio. Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra, 2019. Documento disponível para Kindle.

SILVEIRA, Fabrício Lopes da. O olhar etnográfico de Walter Benjamin. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador-BA – 1 a 5 de setembro de 2002. **Anais eletrônicos...** Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/131467036819540624755434523387115016002.pdf>>. Acesso em 16 jun. 2019.

SILVEIRA, Fabrício Lopes da. Sísifo Telecom. In: **revista gueto**: Edição especial Utopia/Distopia, Ká.Dingir.Ra, Selo Gueto Editorial, 2018. Disponível em:

<https://gueto.files.wordpress.com/2018/05/ebook_kadingirra.pdf>. Acesso em 28 fev. 2020. (p. 137-141).

SOARES, Felipe Bonow. Esfera pública e desinformação: estratégias de circulação e legitimação da desinformação. In: XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - MG, 11 a 14 de junho de 2019. **Anais eletrônicos...** Disponível em:

<http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_6QSEZ0LSD6DFKBL0LKLX_28_7805_22_02_2019_10_52_35.pdf>. Acesso em 5 jul 2019.

STRIPHAS, Ted. Algorithmic culture. In: **European Journal of Culture Studies**, v. 18, n. 4–5, p. 395–412, 2015. Disponível em:

<<http://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1367549415577392/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SUNSTEIN, Cass. **Echo chambers**: Bush v. Gore, Impeachment, and Beyond. Princeton University Press: Princeton, New Jersey, 2001.

TANDOC, Edson C.; WEI LIM, Zheng; LING, Richard. Defining “Fake News”. In: **Digital Journalism**. v. 6, n. 2, 2018. (p. 137-153). Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4948550/mod_resource/content/1/Fake%20News%20Digital%20Journalism%20-%20Tandoc.pdf>. Acesso em 18 out. 2019.

TEIXEIRA, Ana Paula de Moraes. Entre o verdadeiro e o falso: a manufatura da informação na era da pós-verdade. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba/PR – 4 a 9 de setembro de 2017. **Anais eletrônicos...** Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2680-1.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

TRÄSEL, Marcelo. **A pluralização no webjornalismo participativo**: uma análise das intervenções no Wikinews e no Kuro5hin. Porto Alegre: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Dissertação (Mestrado). 271 f. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/wiki_kuro.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2019.

TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Entrevistando planilhas**: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. 2014. 314 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, 2014.

VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**. Revista do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928/85961/>>.

VILLANUEVA-MANSILLA, Eduardo. Memes, menomas e LOLs: expressão e reiteração a partir de dispositivos retóricos digitais. In: **MATRIZES**, v.11 – n. 2, p. 111-133, São Paulo – Brasil, maio/ago. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/124091/133221/>>. Acesso em 18 jun. 2018.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. In: **Science**, v. 359, n. 6380, março de 2018. (p. 1146-1151). Disponível em: <<https://science.sciencemag.org/content/359/6380/1146/tab-pdf>>. Acesso em 30 out. 2019.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Council of Europe, October, 2017. Disponível em: <<https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>>. Acesso em 12 jan. 2020.

WINQUES, Kérley. Algoritmos, circulação e complexidade no jornalismo contemporâneo. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville/SC – 2 a 8 de setembro de 2018. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0392-1.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

WOLF, Mauro. **Teoria das comunicações de massa**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.